



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

FABIANA DE FREITAS BORGES

**DESINFORMAÇÃO ELEITORAL NOS MEIOS DIGITAIS
AS ESTRATÉGIAS PARA CRIAR DESCONFIANÇA NAS URNAS ELETRÔNICAS**

Dissertação de Mestrado

Abril de 2025



FABIANA DE FREITAS BORGES

**DESINFORMAÇÃO ELEITORAL NOS MEIOS DIGITAIS
AS ESTRATÉGIAS PARA CRIAR DESCONFIANÇA NAS URNAS ELETRÔNICAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Eco-UFRJ), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider.

Rio de Janeiro
2025

CIP - Catalogação na Publicação

d118d de Freitas Borges, Fabiana
DESINFORMAÇÃO ELEITORAL NOS MEIOS DIGITAIS AS
ESTRATÉGIAS PARA CRIAR DESCONFIANÇA NAS URNAS
ELETRÔNICAS / Fabiana de Freitas Borges. -- Rio de
Janeiro, 2025.
190 f.

Orientador: Marco André Feldman Schneider.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
2025.

1. Desinformação eleitoral. 2. Eleições 2022. 3.
Desinformação. 4. Urnas eletrônicas. 5. Confiança na
informação. I. André Feldman Schneider, Marco,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FABIANA DE FREITAS BORGES

**DESINFORMAÇÃO ELEITORAL NOS MEIOS DIGITAIS
AS ESTRATÉGIAS PARA CRIAR DESCONFIANÇA NAS URNAS ELETRÔNICAS**

Rio de Janeiro, 03 de abril de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **MARCO ANDRE FELDMAN SCHNEIDER**
Data: 03/04/2025 17:38:39-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider – Orientador - Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)

Documento assinado digitalmente
 **ARTHUR COELHO BEZERRA**
Data: 04/04/2025 09:13:47-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra - Avaliador interno - Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)

Documento assinado digitalmente
 **ANA REGINA BARROS REGO LEAL**
Data: 04/04/2025 05:40:58-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a. Dra. Ana Regina Barros Rêgo Leal – Avaliadora externa - Universidade Federal do Piauí (UFPI)

AGRADECIMENTOS

Muita gente esteve comigo durante esses dois anos intensos de dedicação a esta pesquisa, algumas, como meu pai e minha avó Hilda, apenas em memória e pensamentos, mas merecem estar presentes nesses agradecimentos por terem contribuído na minha formação pessoal. Meu pai me ensinou a gostar de política, era com ele que mais conversava sobre esse assunto. Minha avó, analfabeta, me ensinou o valor da leitura, com sua vontade de aprender.

Agradeço muito à minha mãe, Marta, que incentivou meu gosto pela leitura na infância e esteve ao meu lado com apoio e torcida em cada etapa dessa jornada. À minha irmã Luciana, maravilhosa e generosa, que me apoiou imensamente, assim como ao meu marido, Fábio, e à minha filha, Isabela, que precisaram ter muita paciência comigo e com minhas ausências. Ao Fábio também agradeço pela escuta de cada capítulo e opiniões.

Agradeço muito ao meu orientador, Marco Schneider, pelo apoio constante e por acreditar em mim o tempo inteiro. Meus agradecimentos também vão para a Banca Examinadora, Ana Regina Rêgo e Arthur Bezerra, que me ajudaram muito na Qualificação e no meu aprendizado.

Por fim, duas amigas queridas não podem faltar aqui: Gabriela Hilário e Anna Clara Sancho, que deram torcida, escuta e apoio em todos os momentos, acreditando em mim e me incentivando.

Obrigada!

“É a sua capacidade de discernir fatos que faz de você um indivíduo, da mesma forma que é a nossa confiança coletiva num conhecimento comum que faz de nós uma sociedade. O indivíduo que investiga é também o cidadão que constrói. O governante que deprecia quem investiga é um tirano em potencial.”

— Snyder, Timothy. Sobre a Tirania. 2017.

RESUMO

BORGES, Fabiana de Freitas. **Desinformação eleitoral nos meios digitais: As estratégias para criar desconfiança nas urnas eletrônicas**. 1ª ed. Rio de Janeiro. 03 abr. 2025.

A desinformação política é, atualmente, um dos maiores desafios da humanidade, especialmente em anos eleitorais, pois ameaça a democracia e pode deslegitimar eleições. No Brasil, em 2022, muitas pessoas se recusaram a aceitar os resultados eleitorais, convencidas de que as urnas eletrônicas haviam sido fraudadas – discurso que contribuiu para uma tentativa de golpe de estado. Esta pesquisa tem como objetivo compreender de que forma a desinformação sobre as urnas eletrônicas foi utilizada para desacreditar os resultados das eleições de 2022. Para isso, foram analisadas notícias sobre as urnas que passaram por checagem nas agências Lupa e Aos Fatos, a fim identificar as estratégias, narrativas e linguagens utilizadas nas mensagens que circularam *online*. O método adotado foi a Análise de Conteúdo, para examinar quem fala, o que está sendo dito e como a mensagem é comunicada. Os resultados indicam que a maior parte das informações coletadas era falsa, divulgada por pessoas comuns, sugerindo que as urnas foram fraudadas, distorcendo a realidade e utilizando o sensacionalismo ou denúncias para chamar a atenção. A pesquisa concluiu que há uma base forte e mobilizada de atores da desinformação, além de pessoas comuns que colaboram na disseminação de informações falsas na internet.

Palavras-chave: Urnas Eletrônicas, Desinformação Eleitoral, Confiança na Informação.

ABSTRACT

BORGES, Fabiana de Freitas. **Desinformação eleitoral nos meios digitais: As estratégias para criar desconfiança nas urnas eletrônicas.** 1ª ed. Rio de Janeiro. 03 abr. 2025.

Political disinformation is currently one of humanity's greatest challenges, especially in election years, as it threatens democracy and can delegitimize elections. In Brazil, in 2022, many people refused to accept the election results, convinced that electronic voting machines had been rigged—a narrative that contributed to an attempted coup. This research aims to understand how disinformation about electronic voting machines was used to discredit the results of the 2022 elections. To achieve this, news reports about the voting machines that were fact-checked by the agencies Lupa and Aos Fatos were analyzed to identify the strategies, narratives, and language used in messages circulating online. The method adopted was Content Analysis, to examine who is spreading the information, what is being said, and how the message is communicated. The results indicate that most of the collected information was false, disseminated by ordinary people, suggesting that the voting machines had been rigged, distorting reality, and using sensationalism or allegations to attract attention. The study concludes that there is a strong and mobilized base of disinformation actors, as well as ordinary individuals who contribute to the spread of false information on the internet.

Keywords: Electronic Voting Machines, Electoral Disinformation, Trust in Information.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 – Avaliação Geral do Governo Lula Como se informa sobre política.....	22
Figura 2 – Direcionamento para sites que desinformam.....	46
Figura 3 – Ataques contra as urnas eletrônicas por bimestres e Período Eleitoral.....	126
Gráfico 1 – Contagem de etiquetas.....	128
Gráfico 2 – Quem fala.....	129
Gráfico 3 – O que diz.....	129
Gráfico 4 – Como diz.....	130
Gráfico 5 – Estratégia.....	130

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Abin – Agência Brasileira de Inteligência

AfD – Alternativa para a Alemanha

Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações

BP – Brasil Paralelo

Cade – Conselho Administrativo de Defesa Econômica

Cais – Centro de Segurança de Inteligência Artificial

CIEDDE – Centro Integrado de Combate à Desinformação

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPF – Cadastro de Pessoa Física

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito

CTE – Centro de Transparência das Eleições

DF – Distrito Federal

EUA – Estados Unidos da América

FFAA – Forças Armadas Brasileiras

FespSP – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

FSP – Folha de São Paulo

FSP – Foro de São Paulo

GOP – Grand Old Party (Partido Republicano dos EUA)

IA – Inteligência Artificial

IPIE – Panel on the Information Environment

JP – Jovem Pan

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero

LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados

MBL – Movimento Brasil Livre

MSM – Mainstream Media

MPF – Ministério Público Federal

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OEA – Organização dos Estados Americanos

ONU – Organização das Nações Unidas

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PEC – Proposta de Emenda à Constituição

PIB – Produto Interno Bruto

PF – Polícia federal

PRF – Polícia Rodoviária Federal

PL – Projeto de Lei

PL – Partido Liberal

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSL – Partido Social Liberal

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SP – São Paulo

STF – Supremo Tribunal Federal

TPS – Teste Público de Segurança da Urna

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

TV – Televisão

UOL – Universo Online

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 COMPREENDENDO O FENÔMENO DA DESINFORMAÇÃO	17
2.1 Modos como nos informamos na internet: os desafios e as implicações políticas	17
2.2 Lucros e vantagens da desinformação política com o uso das novas tecnologias	31
2.3 Sites desinformativos, mídias tradicionais e economia da atenção.....	46
3 A MANIPULAÇÃO DA CONFIANÇA E DAS EMOÇÕES PARA GANHOS POLÍTICOS	59
3.1 As motivações para incertezas e crises de confiança no mundo atual.....	60
3.2 A construção das crenças e das desconfianças a partir das emoções e dos afetos	73
3.3 Confundir para conquistar: caos informacional e a perda da confiança nas instituições	91
4 ESTUDO DE CASO – A DESCONFIANÇA NAS URNAS ELETRÔNICAS MOTIVADA PELA DESINFORMAÇÃO	106
4.1 Os ataques às urnas eletrônicas para desacreditar as eleições	107
4.2 O Presidente Bolsonaro contra o STF e o sistema eleitoral	110
4.3 Metodologia	121
4.4 A coleta e a classificação das informações	125
4.5 Resultados	128
4.6 Análise dos resultados	131
4.7 Análise dos textos das postagens	133
4.8 Discussão sobre os resultados encontrados	138
5 CONCLUSÃO.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
ANEXOS.....	172
Publicações analisadas.....	172
Textos das postagens analisadas.....	181

1 INTRODUÇÃO

A desinformação política é vista como uma ameaça à democracia em vários países e, embora a mentira não seja uma novidade no mundo político, as novas tecnologias trouxeram outras formas de buscar informações, mas também muitos desafios. No Brasil, a desinformação sobre as urnas eletrônicas, aparelho implantado para informatizar o voto em 1996 e utilizado para captar e contabilizar os votos dos brasileiros desde então, contribuiu para trazer o caos ao país com acampamentos em frente aos quartéis do Exército pedindo anulação das eleições de 2022, além dos ataques aos prédios dos Três Poderes, em Brasília, em 8 de janeiro de 2023.

Desconfiar de um aparelho eletrônico é algo normal, visto que a maioria da população desconhece seu funcionamento e a engenharia de *softwares* e *hardwares* por trás de seu desenvolvimento. No entanto, o que se vê não é a desconfiança natural do desconhecido ou a curiosidade do funcionamento da máquina, tampouco a intenção de conhecer e entender para se sentir mais seguro. Ou seja, não é algo saudável como uma dúvida que pode te levar a descobrir coisas que não se tinha conhecimento, trata-se de uma ação coordenada por grupos interessados em minar a confiança da população na urna eletrônica, no nosso modelo eleitoral, nas instituições e na democracia.

Dessa forma, essa desconfiança não produz conhecimento, mas ignorância como produto. Um exemplo é a pergunta que foi muito difundida e ajudou a viralizar a controvérsia nas mídias digitais: “se invadem até os computadores da Nasa, como não conseguem invadir as urnas eletrônicas?” Sabemos que as urnas eletrônicas não possuem uma rede ligada a elas, e essa pergunta foi respondida inúmeras vezes por políticos, pela mídia tradicional, pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Tribunais Regionais Eleitorais (TREs) do país e por diversos especialistas da área¹. Porém, como essas instituições e especialistas tiveram sua credibilidade colocada em xeque, as respostas oferecidas não foram suficientes para eliminar a ideia de um hacker que pode manipular nossos votos.

A presente pesquisa busca compreender como foi possível criar desconfiança na lisura das urnas eletrônicas em grande parcela da população brasileira tantos anos após sua implantação sem a apresentação de provas. Por que, mesmo com *fact checking*, com a mídia tradicional oferecendo explicações de como as urnas funcionam, além de políticos, magistrados, especialistas e influenciadores desmentirem os boatos sobre as urnas, o aparelho continua sendo demonizado? Como as informações falsas conseguem se mostrar críveis, circular mais que as verdadeiras e criar narrativas nos meios digitais tão difíceis de serem

¹ Disponível em: <https://apps.tre-sc.jus.br/site/imprensa/noticia/2018/10/fake-se-invadem-ate-os-computadores-da-nasa-invadem-as-urnas-eletronicas/index.html>. Acesso em: 07/07/2024.

desmentidas? Por que as pessoas, mesmo sabendo que a desinformação existe, não conseguem se proteger adequadamente?

Tentativas de conter a desinformação têm sido desacreditadas como uma forma de ameaça à liberdade de expressão por empresários como Elon Musk, jornalistas como Alexandre Garcia, políticos como Jair Messias Bolsonaro e conspiradores como Alex Jones. No entanto, a desinformação política, no que tem de mais grave, não resulta de ações individuais de uma pessoa expressando suas opiniões na internet, mas de um sistema complexo que envolve articuladores astutos que utilizam as tecnologias atuais e a credulidade humana para nos convencer a votar ou não em alguém, a acreditar ou não em algo.

O circuito da desinformação envolve empresas que recebem verbas ou fecham contratos para espalhar informações falsas, congrega políticos que se elegem com auxílio de mentiras e usa de tecnologias avançadas e táticas militares de manipulação psicológica para moldar a opinião pública. Envolve também pessoas que se sustentam desses mecanismos que alimentam a desinformação, como funcionários das empresas, influenciadores, assessores políticos, entre outros. Logo, há muito dinheiro envolvido e gente lucrando com o engano da população. Dentro do sistema da desinformação política, o engano não aparece somente através da mentira pura e simples:

Não se trata de uma simples ação, e sim de um complexo de ações que constroem um cenário intencionalmente determinado. Desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade (Brisola e Bezerra, 2018, n.p).

Ou seja, a verdade retirada de contexto ou contada de maneira fragmentada pode enganar também e ajudar em narrativas conspiratórias que auxiliam grupos políticos a conquistar ou se manter no poder. E tentar desmentir uma meia verdade tende a ser mais difícil. É verdade que a Nasa foi invadida por hackers, esta informação foi veiculada na mídia², então, para conseguir explicar a diferença entre hackear uma rede de computadores e uma urna, é necessário entrar em pormenores de funcionamento de ambas, com detalhes técnicos que podem dificultar a compreensão ou, após criada a dúvida de que as urnas não são seguras, muitos vão ter resistência a explicações diferentes daquelas que já compreenderam com facilidade.

Uma das formas de blindar os cidadãos das informações seguras, baseadas em evidências, e manter a confiança no conteúdo desinformativo é minar a credibilidade dos meios

² Disponível em: <https://exame.com/ciencia/nasa-foi-hackeada-por-computador-de-us-35-normalmente-usado-por-criancas/>. Acesso em: 07/07/2024.

tradicionais de informação, seja a mídia, os pesquisadores, os professores e especialistas, e, no caso específico das urnas, no Supremo Tribunal Federal (STF) e no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que possuem membros em comum. Com a desconfiança estabelecida, o que os representantes dos grupos desacreditados dizem encontra uma barreira de resistência, pois estes passam a ser vistos como parte de um esquema que lucra enganando a população:

Os sites conspirativos e a mídia social tratam com desdém os jornais impressos ou a grande mídia (mainstream media – MSM), considerando-os a voz desacreditada de uma ordem “globalista”; uma “elite liberal”, cujo tempo já passou. Os “especialistas” são difamados como um cartel mal-intencionado, em vez de uma fonte de informações verificáveis (D’Ancona, 2018, p. 20).

As novas tecnologias e a forma que lidamos com elas têm profunda influência nesse descrédito aos especialistas. Facilita muito o fato de termos criado uma vida *online* em que passamos muito tempo interagindo, nos informando, conhecendo novos temas e conteúdos sem termos o conhecimento de como essas ferramentas funcionam e nem como podemos nos proteger de pessoas mal-intencionadas. A criação de narrativas desinformativas³, teorias conspiratórias e realidades paralelas encontram, nos meios digitais, mais facilidade em se propagar. Porém, as consequências podem extrapolar nossa vida *online* a partir do momento em que as informações que recebemos influenciam nossas decisões e nosso comportamento *offline*.

[...] a digitalização de toda a informação e a interconexão modal das mensagens criaram um universo midiático no qual estamos permanentemente imersos. Nossa construção da realidade e, por conseguinte, nosso comportamento e nossas decisões dependem dos sinais que recebemos e trocamos nesse universo. A política não é uma exceção a essa regra básica da vida na sociedade-rede na qual entramos em cheio (Castells, 2018, p. 26).

Com a desconfiança estabelecida nos tradicionais propagadores de conhecimento, novos atores surgem em cena, trazendo informações sem fonte nem comprovações, fornecendo dados que se mostravam inverídicos e mesmo assim continuavam circulando, e propagando opiniões pessoais como se fossem fatos. A facilidade com que uma informação pode chegar a milhões de pessoas rapidamente nas mídias digitais, mesmo sem ter sido desenvolvida com princípios éticos e por pessoas capacitadas, permitiu que conteúdos danosos chegassem sem barreiras na população. Os custos para alcançar o público também foram reduzidos e a produção de conteúdos ficou acessível a qualquer pessoa com um celular na mão e internet disponível:

De repente, você não precisava mais de um programa de rádio para levar a sua ideia a milhões de pessoas. Você só precisava de um tweet viral. Só precisava entender os desejos de um algoritmo do Facebook programado para impulsionar ideias ultrajantes e emocionalmente cativantes, enterrar sutilezas bem lá no fundo do seu feed, e

³ Nota: Neste trabalho, o uso da palavra ‘narrativa’ será para demonstrar um conjunto de informações que podem corroborar um entendimento coletivo sobre um determinado assunto. Narrativas podem ser construídas com informações falsas, mas também verdadeiras, fora de contexto ou meias verdades, pois são criadas com a intenção de reforçar uma ideia como, por exemplo, a de que as urnas eletrônicas foram fraudadas.

apresentar informações da sua avó conspiracionista e informações do New York Times no exato mesmo formato, dando a você a impressão de que eram basicamente iguais. (Donovan; Dreyfuss; Friedberg, 2022, p.17).

As novas mídias dão essa sensação de que todos podem e devem opinar sobre qualquer tema e pessoas opinando sobre assuntos que não dominam podem gerar desinformação e geram. Porém, esses casos de pessoas comuns desinformando é apenas parte de um sistema maior que possui uma série de novas formas de propagação e manipulação da informação e, nesse contexto, a pesquisa discute sobre esse novo cenário que envolve *bots*, *trolls*, fazendas de cliques e de conteúdos, sites hiperpartidários desinformativos, influenciadores políticos, empresas especializadas em conteúdos digitais, novas ferramentas de comunicação, bolhas informacionais e inteligência artificial, demonstrando que se trata de um sistema complexo, que age de forma a dificultar que o usuário de internet, que muitas das vezes não teve acesso à educação digital, consiga se proteger.

Todo esse cenário de novidades se desenvolve em meio a uma polarização política alimentada pela desinformação. No entanto, a polarização também funciona como alimentadora da desinformação, uma vez que mexe com nossos afetos, questões emocionais e de identidade. A escolha de um lado tem implicado em um comportamento de desdém ao pensamento diferente e de escolha dos meios em que se busca e se credita a informação consumida, especialmente após o crescimento da extrema-direita em vários lugares do mundo, que vem radicalizando o discurso anticomunista e conservador e direcionando a opinião pública para a desconfiança nas instituições, em especialistas, na ciência, nas universidades e na política em si. Para compreender esse lado emocional do consumo de informações, a pesquisa aborda outros termos relacionados, como pós-verdade, vieses cognitivos, identidade, teorias conspiratórias e autoridades cognitivas.

Após a compreensão tanto dos fatores políticos, tecnológicos e financeiros, como os emocionais e afetivos, a pesquisa coleta e analisa informações falsas sobre as urnas eletrônicas que passaram por checagem nas agências Lupa e Aos Fatos entre os anos de 2018 e 2022, a partir do método de Análise de Conteúdo, para compreender como as informações falsas se tornam confiáveis. A pesquisa possui natureza qualitativa e caráter exploratório e visa elencar quais as narrativas mais comuns utilizadas para desacreditar o sistema eleitoral brasileiro usando as urnas eletrônicas como o objeto que possibilita a fraude, além de mapear quem fala e quais as estratégias usadas para criar desconfiança na população, fazendo com que as eleições sejam contestadas por aqueles que acreditaram na teoria conspiratória.

A pesquisa se divide em 3 seções: A primeira busca uma compreensão sobre os mecanismos que envolvem a desinformação política na atualidade com o uso das novas

tecnologias, através do estudo de livros, artigos científicos e notícias. Os agentes da desinformação, suas estratégias e as novas possibilidades tecnológicas de propagação de informações também serão analisados, assim como as motivações políticas e financeiras por trás do engano.

É importante compreender a ameaça da desinformação, especialmente em anos eleitorais, e como ela pode interferir em nossas decisões políticas. A efetividade que vemos hoje nas narrativas de engano tem por trás o uso da tecnologia atual, de grupos diversos engajados e interesses financeiros, políticos e ideológicos, além de muito dinheiro envolvido, seja oriundo das verbas de campanha ou dos gabinetes de políticos, seja da verba de publicidade das *big techs*, que repassam parte deste valor aos criadores de conteúdo.

Com tanto dinheiro envolvido, a desinformação passa a ser atrativa a novos atores, que percebem como estamos vulneráveis a essas novas tecnologias por não compreendermos bem seu funcionamento e usam nossas vulnerabilidades e todo aparato tecnológico disponível para manipular a opinião pública com informações falsas e dividir a população, lucrando com isso. Esses novos atores podem ser antigos políticos ou pessoas desconhecidas que buscam reconhecimento ou uma fonte de renda.

A segunda seção visa a compreensão de fatores emocionais que envolvem a confiança na informação, como os nossos vieses, formação de crenças e identidades, as formas como estabelecemos confiança, autoengano, assim como falar do uso de teorias conspiratórias e pós-verdade. Além dos fatores relacionados à credibilidade, é importante também analisar a desconfiança e como ela é usada ou incentivada para a manipulação da opinião pública e a produção da ignorância, utilizando as decepções com os entes políticos e os problemas da sociedade atual, assim como os medos e os preconceitos, para direcionar esta confiança dos entes tradicionais de produção de conhecimento para outros atores.

O mundo atual trouxe novos desafios à humanidade e muitas pessoas estão perdidas, sem compreender questões importantes de sua vida. As novidades são muitas e as mudanças aconteceram muito depressa. Hoje, fazemos muita coisa de forma diferente, como nos comunicar, nos informar, nos relacionar e até as relações de trabalho mudaram bastante. A ascensão de minorias e de pessoas pobres, que passaram a ter acesso a bens e serviços antes exclusivos das classes e grupos sociais mais abastados também trouxe novos sentimentos como ressentimento, medo de perder espaço e poder e identitarismo.

Com a estagnação econômica das classes médias, as ameaças que muitos veem nas políticas de inclusão e o aumento das desigualdades, somados ao aumento da solidão, da ansiedade e outros sentimentos relativos ao momento atual, as soluções fáceis e os inimigos

comuns apresentados por populistas foram recebidos com maior facilidade por boa parte da população. Para alimentar esses sentimentos de indignação e medo, esses populistas usam de narrativas polarizadoras e estratégias como a guerra cultural, teorias conspiratórias e disseminação de conteúdos de ódio a determinados grupos, principalmente progressistas de esquerda.

A confiança que se tinha em instituições, na ciência, na imprensa, nos especialistas e nas universidades é direcionada a políticos, influenciadores e falsas autoridades cognitivas. As explicações simples e opiniões sem embasamento técnico ou científico passam a ser compartilhadas e seu contraditório é atacado. O cidadão que não teve acesso ao ensino de como funciona a política, os algoritmos das plataformas digitais nem sobre o funcionamento de seus cérebros e como nossos vieses podem ser usados para manipular nossa percepção de mundo fica vulnerável às narrativas de engano e de pessoas mal-intencionadas.

A terceira seção apresenta o estudo de caso, que é a desinformação sobre as urnas eletrônicas e como ela foi usada para desacreditar o sistema eleitoral. Apresenta também a análise de conteúdo de informações checadas por *fact checking* com etiquetas que apontam problemas na informação, podendo ser falsas, distorcidas ou até verdadeiras, mas com alguma parte falsa ou mal explicada. A partir dos conteúdos coletados é possível analisar os tipos de mensagens mais comuns utilizadas, as narrativas, as estratégias, quem compartilha informações falsas sobre as urnas e de que forma essas informações falsas são compartilhadas.

A urna eletrônica passou a ser utilizada no Brasil em 1996, sendo apresentada como uma solução para as inúmeras fraudes eleitorais detectadas no país com o uso das urnas de papel. A tecnologia não é questionada apenas por políticos mal-intencionados, mas há um debate sério entre especialistas sobre mais transparência e formas de auditoria. Porém, entre esses especialistas, não há provas de fraude, assim como defende o TSE. Essa controvérsia sobre a necessidade ou não de outras formas de auditar as urnas e oferecer mais certeza da lisura das eleições é legítima, porém, foi desvirtuada para interesses de políticos que usam essa discussão técnica como uma forma de gerar desconfiança na população e se beneficiar disso.

Para provar a lisura dos nossos mecanismos eleitorais, o TSE faz testes de segurança com profissionais externos, convida entidades para fiscalizar as eleições e busca mostrar o funcionamento das urnas, seus sistemas de segurança e como as contagens são realizadas, para facilitar a compreensão do eleitor. Ainda assim, é muita informação e nem sempre as pessoas têm acesso a elas, paciência para compreender ou vontade de entender.

Para manter a narrativa de que há fraude eleitoral, os agentes da desinformação fazem ataques constantes aos ministros do TSE e do STF, como se os magistrados fizessem parte de

um complô para fraudar eleições, unindo-se a esquerda e a governos internacionais. Assim, a pesquisa conclui que as narrativas relacionadas às urnas eletrônicas fazem parte de uma teoria conspiratória, pois possuem os elementos necessários para serem analisadas desta forma e oferecem a ideia de inimigos fortes que precisam ser combatidos, mobilizando as bases e mantendo-as em alerta constante. A pesquisa demonstra que os ataques de Bolsonaro ao sistema eleitoral e aos ministros do STF que foram presidentes do TSE durante seu mandato eram constantes e tinham como objetivo gerar desconfiança não só no sistema eleitoral como também nas pessoas envolvidas nas eleições.

Os resultados do estudo de caso sobre as urnas eletrônicas apontam que a maioria das informações coletadas eram divulgadas por pessoas comuns, sugeriam que as urnas eram fraudadas, distorciam a realidade e buscavam chamar atenção através do sensacionalismo ou de denúncias. A pesquisa também conclui que a mobilização dos afetos e das emoções negativas é de suma importância para a manutenção das narrativas da extrema direita e que a polarização colabora na forma que nos informamos e no que acreditamos.

Hoje, muitas pessoas se beneficiam desse caos informacional e da produção da ignorância na população, criando e propagando informações falsas e usando meios agressivos para viralizar essas informações, tornando a desinformação atrativa para pessoas mal-intencionadas. Sendo assim, a forma de combater a desinformação política precisa ser contundente e com atuação em diversas frentes, como educação, regulamentação das mídias sociais e da Inteligência Artificial, fortalecimento das instituições tradicionais de conhecimento e redução das verbas para a desinformação.

2 COMPREENDENDO O FENÔMENO DA DESINFORMAÇÃO

Pensar na importância da informação para a vida humana é uma maneira eficiente de entender o motivo da desinformação ser hoje uma grande preocupação de governos, estudiosos e líderes em vários lugares do mundo. Se o que sabemos ou achamos que sabemos interfere em decisões importantes, em como formamos opiniões e em escolhas que podem alterar o curso de nossas vidas, estar bem-informado é fundamental. Para o filósofo e documentalista Rafael Capurro, “a informação é tão necessária como a água. O direito à informação é como o direito à comida”.⁴ E a internet, que pode ser uma grande aliada no acesso à informação também oferece ferramentas para facilitar a disseminação de mentiras, teorias conspiratórias e narrativas falsas que tomam forma de verdade.

De acordo com Froehlich (2020), entramos na Era da Desinformação, pois “Embora a desinformação sempre tenha existido, estamos agora envolvidos em Guerras de Informação globais, onde a informação verdadeira é desafiada pelas variedades de ignorância e informações falsas”. Entre as características que o autor destaca neste momento que vivemos, está o ataque sofrido pelas informações baseadas em evidências:

A Era da Desinformação tem pelo menos duas dimensões: (1) a perpetuação da desinformação como estratégia política por meio de todas as formas de mídia; e (2) o ataque à informação confiável, baseada em fatos, razão e evidência, intensificada pela estrutura política que afirma que se o atual establishment político não concorda com isso, então é “notícia falsa”. Os desinformados não são meramente desinformados; muitas vezes afirmam que apenas sua “informação” é verdadeira e que visões contrárias devem ser rejeitadas (Froehlich, 2020, n.p).

A desinformação está presente em diversas áreas. No entanto, a desinformação política tem influenciado a opinião pública de várias formas, até mesmo na tomada de decisões sobre consumo e saúde, e é alimentada por entes que desinformam por motivos que tendem a ser financeiros, políticos ou ideológicos. Sendo assim, é importante entendermos os conceitos que envolvem a desinformação política, analisando as ferramentas, técnicas, estratégias e conteúdos, além de conhecer os agentes que atuam na disseminação de narrativas falsas que têm ameaçado a democracia de vários países.

2.1 Modos como nos informamos na internet: os desafios e as implicações políticas

Em janeiro de 2024, o Fórum Econômico Mundial publicou a pesquisa *Global Risks Report*, em que elegeu a desinformação como o maior risco para a sociedade nos dois anos posteriores e entre os dez principais riscos na década seguinte. O relatório é o resultado das percepções de quase 1.500 líderes globais de setores acadêmicos, governamentais,

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WDYX-gIM2mE>. Acesso em: 23/02/2024.

empresariais, comunidade internacional e sociedade civil. Entre os problemas que a desinformação pode causar na sociedade, de acordo com o documento, estão: ampliar as divisões políticas e minar a legitimidade de governos eleitos, instabilidades que podem levar à violência e polarização da percepção da realidade.⁵ A importância do tema se dá pelo fato de que cerca de 3 bilhões de cidadãos devem comparecer às urnas eleitorais entre 2024 e 2025, inclusive em países populosos como Estados Unidos, Indonésia, México e Índia.⁶

O relatório utiliza os termos em inglês ‘*disinformation*’ e ‘*misinformation*’, diferenciando a informação falsa disseminada com intenção de enganar ou sem. Muitas pessoas compartilham notícias enganosas acreditando que estão fazendo um bem, alertando sobre um perigo inexistente ou compartilhando uma indignação por algo que jamais aconteceu, simplesmente por acreditarem em algum conteúdo que receberam. No entanto, mesmo com boas intenções, esse compartilhamento auxilia no caos informacional criado por pessoas mal-intencionadas.

É fundamental refletir sobre a relação entre verdade e mentira em articulação aos pares ignorância e conhecimento, intenção e ingenuidade. Em que medida a produção de *fake news* e de desinformação em geral é conduzida predominantemente por gente mal-intencionada, que sabe o que faz, enquanto a difusão, o alcance que possa alcançar tem como base a ingenuidade, a ignorância ou ambas? (Schneider, 2022, p. 30).

As mentiras disseminadas, com intenção ou não de enganar, trazem danos sérios à sociedade, pois, geralmente são relacionadas a golpes financeiros, política, saúde, crimes contra a honra, entre outros assuntos importantes. Apesar de já haver investigações, pesquisas e estudos que demonstram ações orquestradas por grupos políticos, que contratam empresas para criar estratégias de manipulação da opinião pública, a participação popular auxilia na disseminação da informação falsa. A confiança presente quando a pessoa recebe a informação de um conhecido facilita a crença no conteúdo enganoso.

Retomando a relação entre desinformação e *misinformation*, se o potencial destrutivo da primeira é ampliado pela última, como visto, acrescentamos que essa ampliação se deve não só ao fator quantitativo da propagação, mas também ao qualitativo, talvez principalmente a este, se considerarmos que a informação inexata compartilhada entre pessoas que gozam de credibilidade umas em relações às outras – grupos familiares, amigos, correligionários etc. – amplia seu poder de convencimento e raio de alcance, numa espiral viciosa centrífuga. Em outras palavras, a *misinformation* fortalece a desinformação, ao ampliar a escala da circulação e a intensidade persuasiva da informação oriunda de fontes desinformadoras, confirmando crenças e preconceitos, alertando para algum perigo ilusório, ativando o comportamento de manada na sociedade (Mello e Schneider, 2021).

⁵ Global Risks Report 2024, p. 8. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_The_Global_Risks_Report_2024.pdf. Acesso em: 06/02/2024.

⁶ Idem, p. 8.

Os avanços tecnológicos e a polarização social também estão entre os riscos apontados pelo *Global Risk Report* (2024). Ambos são temas relacionados à desinformação: “À medida que a polarização cresce e os riscos tecnológicos permanecem sem controle, a ‘verdade’ será colocada sob pressão”.⁷ A divisão política que se desenhou em vários países nos últimos anos trouxe inúmeros problemas ao debate de assuntos importantes: “Na lógica dualista presente nas redes sociais, cada integrante de um polo pensa dentro de um pacote de valores políticos e morais que é o oposto ao seu antagônico” (Pinheiro-Machado e Scalco, p.53). Esses valores são explorados ao máximo com distorções da realidade e desinformação:

Em geral os fabricantes de informações falsas costumam concentrar o foco das narrativas em crenças e emoção, afastando a razão e os fatos. Os preconceitos são ativados, a polarização política e a identidade entram como vetores paralelos e são trabalhados em meio a uma total ausência de ética, com boa dose de cinismo, que procura seduzir e manipular indivíduos que tenham em seu âmago valores similares, porém silenciados por muito tempo (Rêgo e Barbosa, 2020, p. 31).

A divisão política invadiu os debates sérios, colocando indivíduos em lados opostos, de acordo com suas crenças. Em artigo que fala da polarização nas redes sociais sobre a Covid-19, Goulart e Munõz (2022) observaram a dicotomia entre esquerda e direita nos discursos de eleitores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, a partir da análise de conteúdos postados em grupos do Facebook:

Assim, de um lado, adeptos do chefe do executivo foram constantemente caracterizados como “cidadãos de bem”, “brasileiros de fé”, “de direita”; de outro, os opositores do mandatário foram representados por termos de acento pejorativo: “comunistas”, “esquerdistas”, “petralhas”. Além disso, os problemas do país foram reiteradamente atribuídos ao “comunismo” (Goulart e Muñoz, 2022).

Do outro lado, termos pejorativos como gado e bolsominions também são muito comuns. Essa divisão entre nós e eles não tem sido apenas a base da escolha do voto, mas também do que acreditar, qual conteúdo informativo se deve ou não consumir, em que instituição ou pessoa se deve ou não confiar. Essas escolhas ideológicas se entranharam em temas como urnas eletrônicas, vacinas, defesa dos direitos humanos, incentivos fiscais para a cultura, entre outros temas como economia, meio ambiente, educação, conflitos internacionais e até no consumo de determinado artista, filme, produto ou na escolha da torcida do reality show *Big Brother Brasil*, em que o público foi atrás de saber em quem os participantes votavam em seus perfis nas mídias sociais.⁸

Como uma resposta à postura adotada por eleitores e consumidores ou por necessidade de se posicionar, tanto políticos como artistas, profissionais de mídia e empresários podem

⁷ Idem, p. 7. Acesso em: 06/02/2024.

⁸ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/popnoticias/2024/1/5/bbb24-internautas-ja-descobrem-qual-participante-fez-l-quem-votou-bolsonaro-151706.html>. Acesso em: 11/02/2024.

apresentar comportamentos e falas polarizadores. Em 2024, os governadores Romeu Zema, de Minas Gerais, e Jorginho Mello, de Santa Catarina, anunciaram a desobrigação de carteira de vacinação para matrícula escolar em seus estados, atitude seguida por alguns prefeitos e vista como aceno a eleitores bolsonaristas em ano eleitoral. As medidas foram contestadas na justiça.⁹

No caso de artistas, vários demonstraram apoio aos seus candidatos, pedindo votos e se posicionando a seu favor, principalmente os dois primeiros colocados das pesquisas. Alguns empresários preferiam não expor publicamente seus apoios, outros se engajaram na campanha, como Luciano Hang, dono da Havan, e Flávio Rocha, da Riachuelo, duas grandes empresas do varejo. Ambos apoiavam o ex-Presidente Bolsonaro e arcaram com o ônus de se posicionar tão abertamente. Tanto no caso de empresários quanto de famosos, o posicionamento político gerou críticas e tentativas de boicote.

Em 2020, foram divulgadas listas com empresas apoiadoras de Bolsonaro com pedidos de boicote e tanto a Havan quanto a Riachuelo estavam entre elas.¹⁰ Após as eleições de 2022, influenciadores digitais que apoiavam o candidato derrotado fizeram campanhas de cancelamento a empresas que contratavam artistas que declararam apoio a Lula. A Mondelez Brasil foi alvo por contratar Felipe Neto¹¹ e a Piracanjuba, pela contratação de Ivete Sangalo.¹² Até pequenas empresas e profissionais autônomos tiveram seus nomes divulgados com pedidos de boicote ao seu sustento por serem identificados como petistas.¹³

A polarização política é comum em democracias. Porém, por conta da radicalização da extrema-direita, a divisão atual tem levado a rompimento de relações, desrespeito mútuo e violência. A pesquisa Edelman Trust Barometer, divulgada em 2023, colocou o Brasil em risco de polarização severa. Para 78% dos brasileiros que responderam à pesquisa, o país está mais dividido que no passado, ficando acima da média dos 28 países pesquisados, que é de 53%.¹⁴ Em uma pesquisa feita em 2022 pela Genial/Quaest, 90% dos que responderam afirmaram que o Brasil saiu dividido da eleição (Nunes e Traumann, 2023).

⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/02/05/bolsonaristas-jorginho-mello-e-zema-contrariam-lula-e-nao-exigem-carteira-de-vacinacao-para-matricula-escolar.ghtml>. Acesso em: 11/02/2024.

¹⁰ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/boicote-a-empresas-ligadas-a-bolsonaro-ganha-as-redes/>. Acesso em: 11/02/2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/bis-felipeneto>. Acesso em: 11/02/2024.

¹² Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/ivete-sangalo-faz-bolsonaristas-boicotarem-laticinios-da-marca-piracanjuba>. Acesso em: 11/02/2024.

¹³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/20/reserva-fantasma-e-ameaca-de-morte-comercios-sofrem-boicote-por-politica.htm>. Acesso em: 11/02/2024.

¹⁴ Disponível em: <https://www.edelman.com/trust/2023/trust-barometer>. Acesso em: 12/02/2024.

A divisão se reflete na maneira que os opositores políticos se informam e, nesse caso, ambos os lados podem ter a visão de mundo comprometida por causa das bolhas informacionais. Segundo o diretor da Quaest, Felipe Nunes, “os dois grupos vivem em bolhas informacionais diferentes capazes de dar a eles uma visão de como as coisas estão indo diametralmente opostas num tema que é objetivo, que é a economia”.¹⁵ Em seu livro, *Biografia do Abismo*, ele fala sobre como a polarização afeta nossas opiniões:

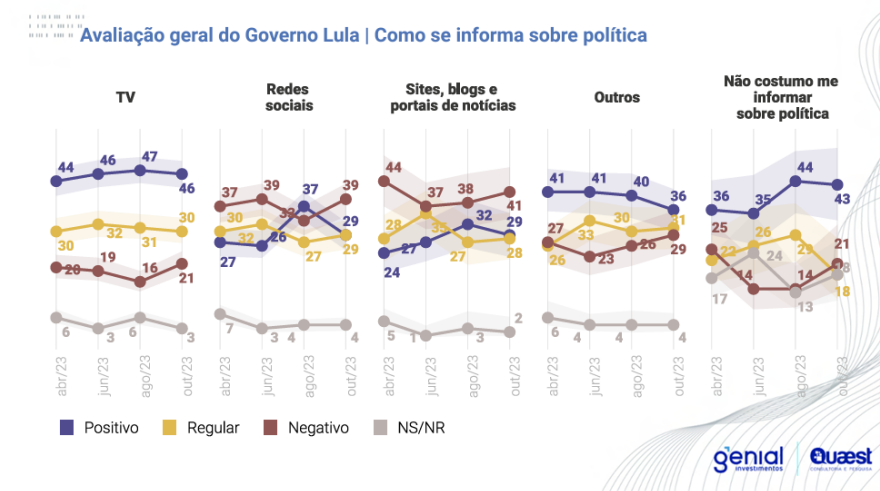
Na véspera do segundo turno, a pesquisa Genial/Quaest mostrou que 65% dos eleitores de Lula diziam que a economia brasileira tinha piorado no último ano, enquanto entre os eleitores de Bolsonaro apenas 11% viam a economia como pior. Bastou a eleição de Lula para que, seis meses depois, a avaliação objetiva do passado mudasse completamente. Em abril de 2023, apenas 20% dos eleitores de Lula passaram a dizer que a economia havia piorado nos últimos doze meses, enquanto 49% dos eleitores de Bolsonaro passaram a avaliar negativamente o passado econômico. Em poucos meses, a opinião dos dois grupos sobre os últimos doze meses se inverteu, uma mudança definitivamente mais brusca do que a realidade mostrada pelos indicadores econômicos. Num país de polarização radical, até o passado é discutível (Nunes e Traumann, 2023).

Em outubro de 2023, a Genial/Quaest também fez um recorte para entender a aprovação do Governo Lula a partir do meio em que o entrevistado se informava. O levantamento apontou que, dos que se informavam pela TV, 46% avaliaram a gestão como positiva e 21% como negativa. Entre os que se informavam pelas redes sociais, 39% apontaram como negativa e 29% como positiva. Mas, segundo o diretor da Quaest, essa diferença não se dá porque a TV oferece mais notícias positivas do Governo, mas porque, na internet, as pessoas buscam confirmar suas posições, fortalecendo o viés de confirmação. Ele dá como exemplo o grupo de pessoas que não têm o hábito de se informar sobre política e que os números de aprovação são mais próximos dos que assistem pela televisão.¹⁶ Os números de quem se informa por sites, blogs e portais de notícias são mais parecidos com os das mídias sociais (Ver figura 1).

¹⁵ Disponível em: <https://twitter.com/quaestpesquisa/status/1735670848927752360>. Acesso em: 12/02/2024.

¹⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2023/10/pesquisa-genialquaest-brasileiros-que-se-informam-pelas-redes-tem-visao-mais-negativa-sobre-o-governo-lula.ghtml>. Acesso em: 14/02/2024.

Figura 1- Avaliação geral do Governo Lula | Como se informa sobre política



Fonte: Jornal O Globo

A tecnologia atual favorece bastante as bolhas informacionais citadas pelo diretor da Quaest e altera nossa percepção da realidade. Plataformas como Google e Facebook utilizam algoritmos que segmentam usuários e enviam as informações de acordo com os conteúdos que já são consumidos por eles e podem enviar uma grande quantidade de informações diárias, verdadeiras ou não.

A convergência entre Big Data e marketing de consumidor agora fornece aos políticos ferramentas muito mais poderosas. Elas podem atingir microgrupos de cidadãos tanto para votos quanto doações, atrair cada um com uma mensagem meticulosamente aprimorada, uma que provavelmente nenhuma outra pessoa vai ver, pode ser um anúncio no Facebook ou e-mail de arrecadação de fundos. Mas cada uma permite aos candidatos silenciosamente vender múltiplas versões de si mesmos – e é uma incógnita qual dessas versões vai valer depois da posse (O’NEIL, 2020, p. 211).

Nos meios digitais, não temos acesso às mesmas informações e isso pode gerar distorções, já que podemos receber conteúdos com apenas um ponto de vista, retirando a possibilidade de compreensão do mundo em que vivemos. Segundo dados do Digital 2024: Global Overview Report, a internet atualmente consome 9 horas e seis minutos do dia do brasileiro, vencendo a TV, que toma nossa atenção por quatro horas e quatro minutos.¹⁷ Sobre o uso de mídias sociais, Brasil está em primeiro lugar, com uma média de 3 horas e 37 minutos por dia, sendo a média global de 2 horas e 23 minutos. Os usuários nem sempre têm noção de como seus dados são utilizados em plataformas de mídias como Google e Facebook para direcionar seus resultados de busca ou *timelines*.

Agora que o Google está personalizado para todos, a pesquisa “células-tronco” pode gerar resultados diametralmente opostos para cientistas favoráveis à pesquisa com células-tronco e para ativistas opostos a ela. “Provas da mudança climática” pode gerar resultados diferentes para um ambientalista e para um executivo de companhia petrolífera. Segundo pesquisas, a ampla maioria das pessoas imagina que os

¹⁷ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em: 18/02/2024.

mecanismos de busca sejam imparciais. Mas essa percepção talvez se deva ao fato de que esses mecanismos são cada vez mais parciais, adequando-se à visão de mundo de cada um. Cada vez mais, o monitor do nosso computador é uma espécie de espelho que reflete nossos próprios interesses, baseando-se na análise de nossos cliques feita por observadores algorítmicos (Pariser, 2012, p.5).

Eli Pariser, ativista digital e escritor do livro *O Filtro Invisível*, aponta diversos problemas da “bolha dos filtros”, que afeta a democracia, sistema em que a gente precisa enxergar as coisas pelo ponto de vista do outro (Pariser, 2012, p.7). O autor diz que as bolhas nos impedem de escolher como queremos viver, pois não nos permite ter ciência das opções existentes, já que quem escolhe o que vamos ver são os algoritmos de segmentação (Idem, p. 17 e 18). Mas ele diz que o problema mais sério é o de dificultar cada vez mais a discussão política:

Com o aumento do número de segmentos e mensagens, é cada vez mais difícil para as campanhas registrar quem está dizendo o que para quem. Em comparação, a TV é ridiculamente fácil de monitorar – basta gravar os anúncios da oposição em cada região. Mas como uma campanha pode saber o que seu adversário está dizendo se a propaganda é direcionada unicamente a homens brancos judeus entre 28 e 34 anos que afirmaram gostar do U2 no Facebook e fizeram uma doação para a campanha de Barack Obama? (Pariser, 2012, p. 141).

Pariser publicou seu livro poucos anos antes da controversa campanha do *Brexit*, no Reino Unido, em 2014, e de Donald Trump, nos Estados Unidos, em 2016. As duas campanhas usaram uma estratégia de segmentação com muitos estímulos a emoções como medo, raiva e indignação e contrataram os serviços da Cambridge Analytica, empresa americana acusada de utilizar dados de usuários do Facebook para traçar um perfil psicológico dos eleitores e usar em propaganda política: “Cambridge Analytica, em particular, alegou que tinha milhares de pontos de dados em cada eleitor americano, permitindo-lhe encontrar as sutis alavancas mentais para pressionar para formar opiniões” (Gehl; Lawson, 2022. p. 06).

O plano era focar em pessoas específicas, geralmente as indecisas e taxadas de influenciáveis, com conteúdos altamente direcionados, uma vez que a empresa possuía pontos psicológicos de usuários do Facebook obtidos a partir de um questionário respondido por alguns, mas que davam à Cambridge Analytica o acesso aos dados dos usuários e de seus amigos na plataforma. Os dados eram, em geral, curtidas, comentários, além de gostos particulares e hábitos. A segmentação impossibilitava saber o que o público recebia de propaganda para apresentar o contraditório ou desmentir, já que muitos conteúdos traziam informações contrárias aos adversários ou enganosas.

Como grande parte dessas atividades se passa nas redes sociais, isso implica, ao menos na aparência, uma comunicação entre pares, mais do que uma mensagem que venha do alto; esse tipo de propaganda viral escapa de qualquer forma de controle de checagem e dos fatos. Se por acaso algo tiver que ser revelado, sua paternidade poderá facilmente ser negada pelo ator político que está na origem do fato divulgado. (Empoli, 2021, p. 152-153).

Entre as propagandas impulsionadas estava a informação falsa de que a Turquia entraria na União Europeia, no Reino Unido, e campanhas contra a Hillary Clinton, candidata adversária de Trump, em que ela era chamada de desonesta, nos Estados Unidos. A empresa não precisou invadir o Facebook para obter os dados dos contatos de quem respondeu ao questionário, mesmo sem autorização, pois a plataforma permitia a coleta de dados dos amigos de quem assinasse os termos de permissão. O que não era permitido era o uso indiscriminado, pois, pelas regras, as informações deveriam ser usadas apenas para melhorar a experiência do usuário. Dessa forma, a Cambridge Analytica conseguiu, a partir de 270 mil pessoas que fizeram o teste de personalidade, dados de 87 milhões de usuários.¹⁸

O caso veio à tona em 2018, quando os jornais *The Guardian* e *New York Times* denunciaram o vazamento de contas do Facebook. O documentário *Privacidade Hackeada*, da Netflix, que fala sobre o assunto, mostra Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, respondendo pelo vazamento de dados no Parlamento americano. Ele alegou que sua empresa não teve participação no ocorrido. Também no filme, a alegação de ex-diretores da Cambridge Analytica era de perseguição. Afirmaram que os denunciantes queriam deslegitimar o *Brexit* e o Trump e, por isso, atacaram a empresa. Eles também alegaram que não trabalharam na campanha do *Leave*, no Reino Unido, o que foi desmentido pelos jornalistas que fizeram a denúncia. A empresa foi suspensa do Facebook e, após investigações enfrentadas nos Estados Unidos e Reino Unido, pediu falência. O Facebook também enfrentou investigações e processos em vários lugares:

O Facebook foi condenado em vários países, incluindo EUA, Inglaterra, Itália e Brasil, por ter permitido que a Cambridge Analytica coletasse dados de seus usuários, descumprindo legislações de cada país e os acordos internacionais de proteção de dados pessoais. A Cambridge Analytica foi condenada na Inglaterra e nos EUA e declarou falência em 2018, fechando suas portas (Rêgo e Barbosa, 2020, p. 106).

Após o escândalo, o Facebook alterou as políticas de privacidade, criando a aba “Atalhos de Privacidade” que permite ao usuário ter um controle maior sobre o compartilhamento dos seus dados e sobre os anúncios que aparecem em sua *timeline*.¹⁹ Em 2024, a empresa afirmou ter 40 mil pessoas trabalhando em segurança e informou ter investido 20 bilhões de dólares nesta área desde 2016. De 2018 até 2024, as leis de proteção de dados saltaram 60%, de 100 para 160 países, o que corresponde a 82% da população global.²⁰

¹⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/dados-de-87-milhoes-foram-usados-pela-cambridge-analytica-diz-facebook-22556605>. Acesso em: 11/03/2024.

¹⁹ Idem. Acesso em: 12/03/2024.

²⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/02/02/facebook-20-anos-caso-cambridge-analytica-fomentou-leis-para-garantir-privacidade-e-combater-desinformacao.ghtml>. Acesso em: 12/03/2024.

No Brasil, há informações de que a Cambridge Analytica tentou trazer seu método, entrando em contato com empresas e políticos, mas parece não ter conseguido êxito.²¹ Porém, um dos fundadores da empresa, Steve Bannon, esteve com Eduardo Bolsonaro e prometeu dar dicas para a campanha de 2018 de Jair Messias Bolsonaro. O próprio filho do ex-presidente contou que a ajuda não seria financeira, mas “dica de internet, de repente uma análise, interpretar dados, essas coisas”.²² Bannon foi estrategista da campanha eleitoral de Donald Trump:

Dentre as estratégias traçadas por Bannon durante o processo eleitoral de 2016, com o apoio das informações da Cambridge Analytica, vale destacar as táticas de guerrilha contra os opositores, disseminando notícias falsas a partir de boatos de difícil comprovação. Outra tática era criar ações a partir de bobos da corte, que chamavam a atenção dos públicos para temáticas irrelevantes, silenciando temas de grande importância (Rêgo e Barbosa, 2020, p. 112).

Mesmo sem a presença da empresa americana em solo brasileiro, houve, nas Eleições de 2018, investigações sobre uma grande campanha de desinformação política na internet. Em setembro de 2019, teve início a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News, que tinha como finalidade:

Investigar, no prazo de 180 dias, os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018; a prática de cyberbullying sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos; e o aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio.²³

A situação atual da CPMI é encerrada e não houve conclusões. Ainda assim, durante os trabalhos dos parlamentares, muitas acusações foram levantadas sobre o uso de plataformas para disseminação de notícias falsas no período eleitoral.

Uma das acusações investigadas na CPMI era de que a campanha do então candidato Jair Bolsonaro havia impulsionado ilegalmente mensagens em massa no WhatsApp. Em seu depoimento, Lindolfo Alves Neto, sócio da empresa Yacows, acusada de realizar os disparos, afirmou que prestou serviços para três campanhas: de Jair Bolsonaro, Henrique Meirelles e Fernando Haddad.²⁴

As acusações contra a Yacows tiveram início com uma reportagem da Folha de São Paulo de outubro de 2018, que dizia que empresários como Luciano Hang estavam comprando serviços de disparos de mensagens em massa pelo WhatsApp. Além da Yacows, a matéria diz

²¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/01/03/cambridge-analytica-no-brasil-emails-vazados-contam-historia-de-fracasso.htm>. Acesso em: 18/02/2024.

²² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/filho-de-bolsonaro-diz-que-marqueteiro-de-trump-vai-ajudar-seu-pai-22963441>. Acesso em: 18/02/2024.

²³ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292>. Acesso em: 03/03/2024.

²⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/19/socio-da-yacows-diz-que-empresa-fez-disparos-em-massa-para-bolsonaro-haddad-e-meirelles.ghtml>. Acesso em: 03/03/2024.

que pelo menos mais três empresas prestavam esse tipo de serviço: Quickmobile, Croc Services e SMS Market. Os preços eram diferentes se os disparos fossem para bases de usuários dos candidatos, entre R\$ 0,08 a R\$ 0,12, ou oferecidas pelas empresas, entre R\$ 0,30 a R\$ 0,40, segundo a matéria, que informava também que as bases muitas das vezes eram “fornecidas ilegalmente por empresas de cobrança ou por funcionários de empresas telefônicas”.²⁵

Além da ilegalidade na forma em que a base de usuários era criada, outras irregularidades foram apontadas pela reportagem: doação de campanha feita por empresas; uso de base de terceiros, também proibida pela legislação eleitoral; geração de números de telefone com códigos de áreas de outros países que escapam das regras de *spam* e de limitação de números de participantes de grupos da ferramenta e repasse automático de mensagens.

A reportagem, às vésperas do segundo turno das eleições, causou reações diversas, entre elas: Jair Messias Bolsonaro e Luciano Hang negaram envolvimento em disparos de mensagens e acusaram a Folha de São Paulo de mentir; partidos adversários como PT, PDT e PSOL pediram investigações, assim como o PSL, partido de Bolsonaro na época, também pediu; o WhatsApp banuiu as contas associadas às empresas suspeitas; foi solicitado pelo PSOL que, antes do 2º turno das eleições, o aplicativo restringisse o número de envio de mensagens, mas o pedido foi negado pelo TSE e pela empresa.²⁶

Na CPMI, Hans River do Nascimento, ex-funcionário da Yacows, que chegou a mover uma ação trabalhista contra a empresa, relatou mais uma possível ilegalidade cometida para a realização dos serviços: o cadastro de CPFs para registrar chips em nome de pessoas que ele acreditava não terem dado autorização: “Os chips, após serem testados, eram instalados em celulares e sincronizados a contas de WhatsApp criadas para enviar mensagens de propaganda. Cada CPF pode cadastrar mais de um chip, dependendo da operadora, o que multiplica o tamanho do cadastro”.²⁷

Hans também acusou a empresa de ser próxima ao PT, o que foi negado pelo partido, e negou ter repassado informações para a Folha de São Paulo, o que foi desmentido pela repórter Patrícia Campos Mello, com publicações das conversas entre os dois.²⁸ Em 2021, Hans foi condenado a pagar R\$50 mil por danos morais à Patrícia, por mentir ao dizer que a jornalista

²⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 03/03/2024.

²⁶ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/zapgate-saiba-tudo-o-que-ja-foi-publicado-sobre-o-assunto/>. Acesso em: 03/03/2024.

²⁷ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/02/11/depoente-detalha-na-cpi-envio-de-mensagens-em-massa-nas-eleicoes>. Acesso em: 03/03/2024.

²⁸ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/folha-mostra-mensagens-e-afirma-que-hans-river-mentiu-a-cpmi-das-fake-news/>. Acesso em: 03/03/2024.

havia oferecido sexo em troca de informações. No mesmo ano, Jair Messias Bolsonaro e seu filho, Eduardo Bolsonaro, também foram condenados a pagar indenizações por danos morais para a jornalista, por repercutirem as falas de Hans.²⁹

Em 2021, a campanha de Bolsonaro foi inocentada pelo Tribunal Superior Eleitoral por falta de provas da acusação de contratar empresas para disparo de mensagens no WhatsApp. As provas utilizadas na CPMI não haviam sido compartilhadas com o TSE até o momento da absolvição.³⁰ O WhatsApp admitiu, ainda em 2019, que houve envio ilegal de mensagens em massa nas eleições de 2018, com violações aos termos de uso do aplicativo. A empresa, que também faz parte da Meta, dona do Facebook, se posicionou contrária a grupos de transmissão, através do gerente de políticas públicas e eleições globais, Bem Supple, em uma palestra no Festival Gabo: “Vemos esses grupos como tabloides sensacionalistas, onde as pessoas querem espalhar uma mensagem para uma plateia e normalmente divulgam conteúdo mais polêmico e problemático. [...] Nossa visão é: não entre nesses grupos grandes, com gente que você não conhece: saia desses grupos e os denuncie”.³¹

Em seu livro *A Máquina do Ódio*, lançado em 2020, a jornalista Patrícia Campos Mello lamenta que o TSE tenha tratado a investigação aberta pela Polícia Federal apenas como uma matéria de jornal, negando pedidos de busca e apreensão nas empresas, quebra de sigilo bancário, telemático e telefônico dos donos (Mello, 2020, p. 50):

Mesmo depois que o WhatsApp admitiu que durante as eleições de 2018 a plataforma havia servido, de maneira ilegal, a envios em massa, a vontade de enterrar a história prevaleceu no Tribunal Superior Eleitoral. O TSE não ouviu os repórteres, os donos das agências nem o próprio WhatsApp no início da investigação (Mello, 2020, p. 18).

Em documento enviado à CPMI, o WhatsApp informou ter banido 400 mil contas no Brasil entre 15 de agosto e 28 de outubro de 2018. A empresa informou que proíbe uso de robôs para envio automatizado de mensagens e que aprimorou o produto: “Nós limitamos o encaminhamento de mensagens para cinco conversas por vez e incluímos rótulos de mensagem 'encaminhada' e 'altamente encaminhada' para ajudar os usuários a identificar conteúdo não pessoal”.³² Ainda assim, segundo levantamento do UOL, 85% das contas que usaram disparo em massa ligadas a Bolsonaro ainda estavam ativas em setembro de 2019.³³

²⁹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/justica-condena-homem-que-mentiu-sobre-patricia-campos-mello-a-pagar-indenizacao/>. Acesso em: 03/03/2024.

³⁰ Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-fev-09/nao-provas-disparos-massa-favor-bolsonaro/>. Acesso em: 03/03/2024.

³¹ Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/10/whatsapp-admite-envio-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-2018.html>. Acesso em: 03/03/2024.

³² Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/reuters/2019/11/19/whatsapp-baniu-400-mil-contas-do-brasil-durante-eleicoes-de-2018.htm>. Acesso em: 03/03/2024.

³³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/19/fake-news-pro-bolsonaro-whatsapp-eleicoes-robos-disparo-em-massa.htm>. Acesso em: 03/03/2024.

Nas eleições de 2020, o TSE proibiu o disparo de mensagens em massa³⁴, ainda assim, segundo investigação da Folha de São Paulo e denúncias de candidatos a vereador, pelo menos cinco empresas estavam oferecendo serviços de venda de dados de usuários com informações como número de WhatsApp, dados de pessoas que postavam determinadas *hashtags* no Facebook ou Instagram, e outras informações que possibilitariam formar um banco de dados para envio de propaganda de acordo com a cidade desejada, o que feria determinação do TSE, a Lei Eleitoral e a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Ofereciam também o serviço de envio automático de mensagens pelo Instagram ou Facebook.³⁵

O WhatsApp é o aplicativo mais popular do Brasil, presente em 99% dos aparelhos de celular, de acordo com pesquisa encomendada pela Revista Veja e publicada em agosto de 2022.³⁶ Muitas operadoras oferecem o *zero rating*, permitindo o uso do app ou até de outras mídias sociais sem descontar no pacote de dados, o que aumenta sua popularidade, porém, aumenta também os riscos de desinformação, já que o usuário, caso não tenha pacote de dados, pode ver somente os títulos de notícias sem saber se o texto tem relação com o que leu ou perdendo a explicação do que de fato aconteceu, assim como não terá como consultar outras fontes para checagem.

O WhatsApp é muito utilizado no compartilhamento de informações no Brasil. Pesquisa do Instituto DataSenado de 2019, que entrevistou 2.400 pessoas, mostrou que 40% dos que responderam decidiram seus votos com base em informações obtidas nas mídias sociais e 79% dos que responderam disseram sempre utilizar o WhatsApp para se informar, sendo essa, segundo a pesquisa, “a principal fonte de informação do brasileiro”.³⁷

As mensagens trocadas entre pessoas ou em grupos do WhatsApp e Telegram, outra plataforma de troca de mensagens, são criptografadas, o que é positivo por oferecer privacidade aos usuários. No entanto, o conteúdo criptografado não possibilita checagem das informações falsas que circulam pela plataforma.

Aplicativos de bate-papo estão transformando a dinâmica da disseminação de desinformação em uma rede e reconceitualizando seus métodos de rastreamento. A criptografia de ponta a ponta no WhatsApp permite que autores, receptores e compartilhadores de informações falsas ou incivilidade política escapem da visibilidade, pesquisa e da rastreabilidade. O que torna a mensagem política típica do WhatsApp distinta de outras mídias sociais é a combinação de narrativas de

³⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/12/15/tse-proibe-envio-em-massa-de-propaganda-por-aplicativos-nas-eleicoes-de-2022.ghtml>. Acesso em: 03/03/2024.

³⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/patriciacamposmello/2019/12/com-um-ano-de-atraso-tse-finalmente-proibe-disparo-em-massa-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 03/03/2024.

³⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/neuza-sanches/exclusivo-whatsapp-e-lider-e-esta-em-240-milhoes-de-celulares-no-brasil>. Acesso em: 05/03/2024.

³⁷ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>. Acesso em: 10/03/2024.

indignação moral, que não estão facilmente disponíveis para verificação de fatos, com táticas de disseminação dentro de pequenos grupos ou redes confiáveis para instigar a contaminação emocional (Santini et al, 2021).

A preocupação com a desinformação política aumenta em períodos eleitorais, já que a disseminação de notícias falsas tem sido amplamente utilizada em campanhas políticas nas mídias digitais e o controle é sempre muito difícil. Com a popularização da Inteligência Artificial Generativa, que pode gerar textos e criar imagens, sons e vídeos falsos a partir de conteúdos existentes, um novo sinal de alerta foi ligado para as eleições de 2024 e as seguintes. Já é difícil para o cidadão comum identificar a desinformação, assim como para as plataformas e checadores de notícias informarem para a população com a rapidez necessária que uma informação é falsa. Agora, com a popularização de conteúdos sintéticos, criados por IAs, a mentira se torna ainda mais convincente, especialmente pelo uso de *deep fake*.

Uma junção de *deep learning* (aprendizagem profunda) e *fake* (falso), essa tecnologia facilita a manipulação de imagens e sons fazendo parecer real. Com ela, é possível colocar em um vídeo palavras nunca ditas por um candidato com voz muito semelhante a dele ou mostrar este mesmo candidato em uma cena que nunca aconteceu ou local em que nunca esteve. E não precisa ter experiência com escrita de linhas de códigos para utilizar as ferramentas, hoje disponíveis e cada vez mais sofisticadas:

Não necessitando mais de conjuntos de habilidades específicas, interfaces fáceis de usar para modelos de inteligência artificial em larga escala já possibilitaram uma explosão de informações falsificadas e conteúdos chamados de 'sintéticos', desde clonagem sofisticada de vozes até websites falsos (Global Risks Report, p. 18).

Em 2023, a IA foi amplamente usada nas eleições presidenciais da Argentina. Em um vídeo, o peronista Sergio Massa aparecia usando cocaína, o que gerou acusações de que a campanha adversária estaria criando *deepfakes*. Segundo o jornal O GLOBO, “fontes da campanha do candidato da direita radical Javier Milei negaram a utilização da IA, mas admitiram que sistemas populares atualmente, entre eles Midjourney e Dall-e, são usados por apoiadores do líder do partido A Liberdade Avança”.³⁸

Com os riscos de distorções da realidade, as plataformas estão criando medidas para redução de danos. Em fevereiro de 2024, 20 empresas líderes em tecnologia, como Meta, X, Amazon, TikTok, Google e OpenAI firmaram acordo para detecção e combate a *fake news* geradas por IA nas eleições.³⁹ A Meta informou que já possui uma ferramenta que vai identificar e rotular imagens feitas a partir de Inteligência Artificial para Facebook, Instagram e Threads,

³⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/14/campanha-presidencial-na-argentina-usa-ia-em-grande-escala.ghtml>. Acesso em: 10/03/2024.

³⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/02/17/empresas-de-tecnologia-firmam-acordo-para-deteccao-e-combate-a-fake-news-geradas-por-ia-nas-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 10/03/2024.

no entanto, não há previsão para rotulagem de vídeos e áudios. Parceiros independentes também farão a checagem. Em 2023, a Meta determinou que anunciantes políticos e sociais serão obrigados a informar quando seus anúncios tiverem vídeos, imagens ou áudios criados por IA ou modificados digitalmente.⁴⁰

O medo ocasionado pelo desenvolvimento rápido das IAs cresce em vários lugares do mundo. Em 2023, o Centro de Segurança de Inteligência Artificial (Cais)⁴¹ divulgou uma carta com 350 signatários falando dos riscos sociais das IAs, incluindo a extinção da humanidade. Nomes como Sam Altman, criador do ChatGPT, Geoffrey Hinton e Yoshua Bengio, vencedores do Prêmio Turing em 2018, além de outras pessoas importantes dos meios tecnológico e acadêmico assinaram a carta.⁴² Ainda em 2023, os empresários Elon Musk, dono da Tesla, e Steve Wozniak, cofundador da Apple, assinaram outra carta, com mil signatários, pedindo uma pausa nos avanços das IAs por seis meses.⁴³

Em 2024, 800 pessoas, entre profissionais do mercado de IA, políticos e pesquisadores, assinaram uma carta pedindo urgência na regulação de *deep fakes*, por conta dos riscos à democracia que essa tecnologia traz. Assinam a carta representantes de empresas como OpenAI, Google DeepMind e Microsoft. Testes recentes demonstraram que as medidas tomadas pelas *Big Tech* para conter o uso indiscriminado de conteúdos sintéticos na desinformação eleitoral são insuficientes, o que aumenta a preocupação em um momento em que muitas eleições estão para acontecer. Um simples *print* de tela pode driblar a rotulagem de imagens feitas por IAs desenvolvida pela Meta. Uma imagem criada a partir da ferramenta DALL-E, por exemplo, tem uma marca d'água que não acompanha o conteúdo na captura de tela: “Há uma ‘luta de gato e rato’ pela frente para criar uma tecnologia de detecção e, depois, verificar como ela está sendo driblada por malfeitores, usando isso como insumo para criar uma nova versão”, disse George Valença, professor adjunto da UFRPE ao site Desinformante.⁴⁴

Para as eleições municipais de 2024 no Brasil, o Tribunal Superior Eleitoral tomou medidas e criou regras sobre o uso de IA pelas campanhas dos candidatos e para o combate à desinformação. No final de 2023, o Tribunal fez um acordo com a Anatel para a integração dos sistemas dos dois órgãos, fazendo com que a derrubada de sites com informações falsas seja

⁴⁰ Disponível em: <https://nucleo.jor.br/curtas/2024-02-07-meta-rotulos-ia-checagem/?ref=prensadao-newsletter>. Acesso em: 10/03/2024.

⁴¹ Disponível em: <https://www.safe.ai/>. Acesso em 16/07/2024.

⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/05/30/criador-do-chatgpt-e-outros-lideres-de-tecnologia-alertam-para-risco-de-extincao-da-humanidade-pela-ia.ghtml>. Acesso em: 12/03/2024.

⁴³ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/03/30/musk-cofundador-da-apple-e-mais-quem-apoia-pausa-nos-avancos-em-inteligencia-artificial.ghtml>. Acesso em: 12/03/2024.

⁴⁴ Disponível em: <https://desinformante.com.br/deepfakes-eleicoes/>. Acesso em: 14/03/2024.

mais rápida. Na assinatura do acordo, o Presidente do TSE, Alexandre de Moraes, falou sobre sanções ao uso de IAs para desvirtuar o pleito:

Não basta a prevenção. Não basta a regulamentação prévia. Há a necessidade de sanções severas, para que aqueles que se utilizam da inteligência artificial, para desvirtuar a vontade do eleitor e atingir o poder, ganhar as eleições, saibam que, se utilizarem disso e for comprovado, o registro será cassado, o mandato será cassado e que ficarão inelegíveis. Porque senão o crime vai compensar.⁴⁵

O TSE também publicou a Resolução nº 23.732, de 27 de fevereiro de 2024, na qual impõe regras para o uso de IAs, como a proibição de *deep fake*:

§ 1º É proibido o uso, para prejudicar ou para favorecer candidatura, de conteúdo sintético em formato de áudio, vídeo ou combinação de ambos, que tenha sido gerado ou manipulado digitalmente, ainda que mediante autorização, para criar, substituir ou alterar imagem ou voz de pessoa viva, falecida ou fictícia (*deep fake*).⁴⁶

Além disso, impôs transparência no uso de conteúdos criados por IAs e restrições no uso de *chatbots*, entre outras medidas para combate à desinformação, como a interdição de impulsionamento pago de conteúdo político-eleitoral.

Outra medida tomada pelo Tribunal foi a criação do Centro Integrado de Combate à Desinformação (CIEDDE), por meio da Portaria TSE nº 180/2024. O CIEDDE terá integrantes de outras instituições como MPF e a Anatel e as atribuições de

[...] combater: a desinformação eleitoral; as *deepfakes* – que são conteúdos construídos por meio de tecnologias que podem atribuir falsamente às pessoas falas, posicionamentos ou atos que não correspondem à realidade; e os discursos de ódio, discriminatórios e antidemocráticos na esfera eleitoral.

Além disso, vai auxiliar os Tribunais Regionais Eleitorais do país e organizar campanhas educativas.⁴⁷

2.2 Lucros e vantagens da desinformação política com o uso das novas tecnologias

A hipersegmentação das propagandas, o uso de grupos de transmissão em aplicativos de mensagens e conteúdos falsos gerados por IAs são apenas alguns exemplos de como a tecnologia vem sendo usada para criar e sustentar narrativas enganosas com a intenção de beneficiar políticos ou ideologias políticas. Para além das ferramentas, há um mercado que movimenta muito dinheiro.

No caso específico da desinformação política, são muitos os que se beneficiam do engano da população, desde as empresas contratadas para fazerem serviços variados até os

⁴⁵ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Dezembro/tse-e-anatel-assinam-acordo-para-reforçar-o-combate-a-desinformacao-com-uso-de-inteligencia-artificial>. Acesso em: 13/03/2024.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2024/resolucao-no-23-732-de-27-de-fevereiro-de-2024>. Acesso em: 14/03/2024.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2024/Marco/presidente-do-tse-inaugura-centro-integrado-de-combate-a-desinformacao>. Acesso em: 15/03/2024.

políticos que são eleitos com o auxílio de campanhas desinformativas, empresários que lucram com os projetos destes políticos, estrategistas de campanha e, na base, pessoas que ocupam cargos que não teriam caso esses políticos não fossem eleitos. As plataformas também lucram com conteúdos polarizadores, de ódio e falsos criados por influenciadores e gestores de páginas e grupos nas plataformas digitais, além dos donos e colaboradores das empresas que prestam esses serviços.

As vantagens pessoais, políticas e financeiras ajudam a movimentar e a explicar o mundo das narrativas falsas. Empresas como a Cambridge Analytica e a Yacows são contratadas para disseminar informações enganosas para obtenção de vantagens políticas em vários países. Um estudo da Universidade de Oxford referente ao ano de 2020 identificou que pelo menos 81 países utilizavam na época esse tipo de contratação para espalhar desinformação política. No estudo do ano anterior, eram 70, o que demonstra o crescimento do uso de mentiras e estratégias de manipulação política pelo mundo.

Essas empresas frequentemente criam contas falsas, identificam públicos para microdirecionamento ou usam estratégias de amplificação, como bots, para impulsionar a popularidade de certas mensagens políticas. Embora seja difícil rastrear evidências contratuais de empresas de contratação privada, descobrimos que quase 60 milhões de dólares americanos foram gastos em contratar empresas para propaganda computacional desde 2009 (Bradshaw; Bailey, Howard, 2021, p.1).

Os *bots* são “agentes automatizados programados para agir nas redes sociais, personificando o comportamento humano para influenciar discussões online” (Santini et al, 2021). Outra definição que explica como os *bots* agem é de que “são um tipo de programa de computador que realiza tarefas de forma autônoma, a partir de algoritmos, podendo criar contas e perfis falsos automatizados para promover um falso engajamento nas redes sociais” (Tavares e Borges, 2021).

Com as novas tecnologias ficando cada vez mais acessíveis, o número de sites, blogs, páginas de mídias sociais, bem como o uso de *bots*, ou robôs virtuais, aumentou. A grande quantidade de robôs engajados em um determinado tema pode conferir relevância a esse tema e simular engajamento em contas reais. Essas pessoas reais, ao compartilharem conteúdos impulsionados por *bots*, podem conferir credibilidade a essas informações. Dessa forma, é possível chamar a atenção das pessoas em um ambiente em que a atenção é muito disputada, desviar a atenção de assuntos importantes que não interessam a determinados grupos e políticos, e disseminar as informações que interessam, inclusive falsas:

Esses bots enganam, exploram e manipulam o discurso nas redes sociais com rumores, spam, malware, desinformação, difamação ou até mesmo apenas com barulho. Isso pode resultar em vários níveis de danos para a sociedade. Por exemplo, os bots podem inflar artificialmente o apoio a um candidato político; tal atividade poderia colocar em perigo a democracia ao influenciar o resultado das eleições (Ferrara et al., 2021).

Políticos e grupos que utilizam artifícios como *bots* para aumentar o engajamento de suas páginas, perfis ou publicações tentam passar para o público a ideia de que tudo é feito de forma orgânica, de que são as pessoas que estão interagindo com aquele conteúdo. Porém, existem formas de identificar o comportamento *bot*. Um estudo realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FespSP), em 2020, identificou que “mais de cinquenta por cento dos tuítes que usaram a hashtag #bolsonaroday no 15M foram postados por perfis automatizados ou robôs” (Kalil e Santini, 2020). A ocasião foi uma manifestação convocada pelo então Presidente da República Jair Bolsonaro para o dia 15 de março daquele ano e a *hashtag* havia sido lançada para o evento e obteve 1,2 milhão de menções e foi a mais compartilhada naquele dia. Os pesquisadores chegaram à conclusão de uso de *bots* a partir da análise das contas que usaram a *hashtag*. Para identificar os *bots*, foi necessário o uso de uma IA.

Outros levantamentos foram realizados para identificar o uso de robôs entre políticos. Em 2022, a plataforma Bot Sentinel analisou o crescimento das contas de políticos apoiadores de Bolsonaro no Twitter e identificou crescimento atípico em contas como da deputada Carla Zambelli, que costumava apresentar crescimento de 1.000 a 1.200 seguidores por dia e que, em dois dias, cresceu 62.148 seguidores. Também apontaram que 61 mil contas que passaram a seguir Bolsonaro haviam sido criadas no mesmo dia.⁴⁸ Outro levantamento feito pela plataforma Modash em 2024 concluiu que tanto Lula quanto Bolsonaro têm em torno de 15% de seguidores falsos e *bots* no Instagram. O método da plataforma é analisar comportamentos dos usuários tidos como “normais”, comparando-os com outros usuários do Instagram: “Os perfis que não atingem uma pontuação mínima são marcados como falsos”.⁴⁹

Alguns casos incomuns também podem denunciar o comportamento *bot*. Um exemplo é o de uma matéria de 2018 da Folha de São Paulo (FSP) sobre um salgado recheado com ovo cozido, o bolovo, que teve reações contrárias a ela e críticas. A forma que os comentários atacavam a matéria com defesa a Bolsonaro, que na época era candidato à Presidência, levou a questionamentos sobre robôs programados para reagir à palavra bolovo. O mesmo aconteceu com a palavra bolso também na FSP.⁵⁰ Essas palavras podem ter sido programadas para fazer os *bots* responderem porque poderiam ser formas pejorativas de se referir a Bolsonaro, como

⁴⁸ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/aliados-de-bolsonaro-tem-suas-contas-no-twitter-infladas-por-bots/>. Acesso em: 05/04/2024.

⁴⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2024/04/perfis-de-lula-e-bolsonaro-no-instagram-tem-percentual-similar-de-seguidores-fake-e-bots.ghtml>. Acesso em: 05/04/2024.

⁵⁰ Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2018/10/24/folha-publica-palavras-bolso-e-bolovo-no-twitter-e-respostas-sugerem-acao-de-robos-pro-bolsonaro/>. Acesso em: 09/04/2024.

‘bozo’, ‘biroliro’ e ‘bonossauro’. O próprio perfil do Facebook da Presidência bloqueava algumas dessas palavras em comentários.⁵¹

Com o avanço da Inteligência Artificial, está ficando cada vez mais difícil identificar o comportamento de *bots*, pois eles se comportam nas redes de maneira muito parecida com o ser humano e esse refinamento tende a ficar cada vez mais sofisticado:

Por exemplo, bots sociais podem buscar na web por informações e mídia para preencher seus perfis, e postar material coletado em horários pré-determinados, emulando a assinatura temporal humana da produção e consumo de conteúdo - incluindo padrões circadianos de atividade diária e picos temporais de geração de informação. Eles podem até mesmo se envolver em tipos mais complexos de interações, como conversas divertidas com outras pessoas, comentando em suas postagens e respondendo suas perguntas. Alguns bots têm como objetivo específico alcançar uma maior influência, reunindo novos seguidores e expandindo seus círculos sociais; eles podem buscar na rede social por pessoas populares e influentes e segui-las ou chamar sua atenção enviando-lhes perguntas, na esperança de serem notados. Para adquirir visibilidade, eles podem se infiltrar em discussões populares, gerando conteúdo apropriado ao tópico - e até mesmo potencialmente interessante - identificando palavras-chave relevantes e pesquisando online por informações que se encaixem naquela conversa. [...] Mecanismos ainda mais avançados podem ser empregados; alguns bots sociais são capazes de "clonar" o comportamento de usuários legítimos, interagindo com seus amigos e postando conteúdo tematicamente coerente com padrões temporais similares (Ferrara et al., 2016).

Plataformas, pesquisadores e profissionais de TI estão envolvidos em encontrar soluções para o problema e identificar a diferença entre seres humanos e robôs na internet. O X, antigo Twitter, é a mídia social em que o uso de *bots* tende a ser mais comum, especialmente pela dinâmica da plataforma, em que o uso de *hashtags* e os *trending topics* (assuntos mais relevantes do momento no X) dão mais visibilidade ao conteúdo. A empresa já tomou medidas para tentar conter o uso de contas automatizadas, uma delas, vista como extrema e que foi alvo de críticas, de limitar quantidade de visualizações de seus usuários.⁵² Em 2023, o Threads, mídia social da Meta criada para concorrer com o X, também informou aumento de contas automatizadas e que tomaria medida parecida com a da concorrente, limitando visualizações.⁵³ O Instagram, também da Meta, anunciou, no mesmo ano, novas ferramentas para exclusão em massa de *bots* e *spam* da plataforma.⁵⁴

Além do uso de robôs, também são contratadas fazendas de cliques ou *click farms*, em inglês, que são empresas que oferecem serviços para aumentar artificialmente o engajamento. “Com a mídia social, nossa atenção é um produto para anunciantes e profissionais de

⁵¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/biroliro-bolovo-bonossauro-as-palavras-bloqueadas-pelo-facebook-do-planalto-24264901>. Acesso em: 11/01/2025.

⁵² Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/265990-twitter-culpa-bots-ia-restricoes-pede-paciencia-usuarios.htm>. Acesso em: 09/04/2024.

⁵³ Disponível em: <https://desinformante.com.br/linha-do-tempo/threads-ataque-bots/>. Acesso em: 11/04/2024.

⁵⁴ Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/12/15/internet-e-redes-sociais/instagram-tera-novos-recursos-anti-spam-para-evitar-conteudos-indesejados/>. Acesso em: 12/04/2024.

marketing”, disse em entrevista para a CNN Brasil o fotógrafo Jack Latham, que fotografou cinco fazendas de cliques no Vietnã para a produção de seu livro *Beggar’s Honey*.⁵⁵ No caso dos *social bots*, as interações são feitas de forma automatizada. Já nas *click farms*, “trabalhadores são pagos para curtir, comentar e seguir perfis e vídeos/fotos em mídias sociais como Instagram, TikTok e YouTube” (Grohmann et al., 2022).

A matéria da CNN diz que a quantidade de fazendas de cliques explodiu, mesmo com regras e proibições, especialmente em países do Sul Global. São empresas pequenas com poucos funcionários em que vários aparelhos ficam conectados entre si e a um computador, e poucas pessoas conseguem operar até milhares de contas ao mesmo tempo, forçando engajamento. Um dos usos deste tipo de serviço é a desinformação, especialmente em períodos eleitorais. Latham conta sobre vídeos muito recomendados que ficam cada vez mais extremos e sobre algoritmos que segmentam esses conteúdos que são disseminados com a ajuda das fazendas de cliques: “A disseminação da desinformação é a pior coisa. Acontece no seu bolso, não nos jornais, e é assustador que seja adaptado ao seu tipo de neurose”.⁵⁶

A maioria dessas empresas está situada no Sul Global, especialmente no Sudeste Asiático e, mais recente, na América Latina. No Brasil, empresas que prestam esse tipo de serviço buscam pessoas desempregadas, com a promessa de ganhar dinheiro fácil na internet. Em 2022, o Instagram retirou do ar uma publicação patrocinada do vencedor do Big Brother Brasil, Arthur Aguiar, na qual ele dizia: “Existe uma ferramenta que é possível ganhar dinheiro seguindo e curtindo pessoas nas redes sociais. Eu não acreditava”.⁵⁷

Alguns influenciadores são contratados para fazer propagandas e convencer pessoas a trabalhar em fazendas de cliques e “o perfil de quem trabalha para as plataformas é de mulher, com histórico de trabalho informal, articulando trabalhos por plataformas, de cuidados e reprodutivo” (Grohmann et al., 2022), ou seja, pessoas que estão precisando de uma renda, às vezes por estarem desempregadas ou não poderem trabalhar presencialmente. Esses trabalhadores recebem centavos por microtrabalhos e, como o que fazem fere os termos de uso das plataformas, podem ter suas contas banidas. Pelo valor ser muito baixo, esses trabalhadores são incentivados pelas empresas a criar contas falsas ou *bots* para aumentar seus ganhos, podendo chegar a 500 contas administradas por um único trabalhador.⁵⁸

⁵⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/fotografo-registra-raras-imagens-das-sombrias-fazendas-de-cliques-do-vietna/>. Acesso em: 02/04/2024.

⁵⁶ Idem. Ibidem.

⁵⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/08/arthur-aguiar-faz-propaganda-de-servico-de-compra-de-seguidores-as-chamadas-fazendas-de-cliques.ghml>. Acesso em: 04/04/2024.

⁵⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/05/brasileiros-viram-bots-humanos-em-fazendas-de-clique-por-menos-de-1-centavo.shtml>. Acesso em: 15/04/2024.

As *click farms* costumam ser uma opção ao uso de robôs, pois podem agir em momentos em que as plataformas bloqueiam as contas automatizadas e surge a necessidade de comportamento humano para manter o falso engajamento com seguidores ‘reais’. O objetivo de políticos utilizarem os serviços dessas empresas é semelhante ao do uso dos *bots*: inflar o número de seguidores, curtidas e interações nas suas mídias sociais. No modelo de recomendação das mídias, conteúdos com mais interações tendem a ter maior relevância e possibilidade de serem disseminados. Além disso, passam a impressão de popularidade e de uma figura querida pelos eleitores, assim como podem conferir credibilidade a um candidato.

O uso de empresas para forjar engajamento fere os termos de uso das plataformas. Em 2022, foi noticiado que a Meta, dona do Instagram e do Facebook, estava processando duas empresas em São Paulo por oferecerem venda de seguidores.⁵⁹ Apesar de propagandas sobre ganhos com cliques serem comuns no Brasil, esta foi a primeira providência do tipo que a Meta tomou no país, segundo a notícia da Forbes. A forma mais comum que as plataformas usam para inibir o trabalho dessas empresas é com o bloqueio das contas dos usuários. Em 2023, a Meta informou ter feito uma operação em que removeu 7.704 contas do Facebook, 954 páginas, 15 grupos e 15 contas do Instagram que possuíam tanto indícios de uso de *bots* como de seguidores inautênticos que promoviam informações favoráveis à China.⁶⁰ Em mais um esforço para inibir o avanço de contas falsas, a empresa informou à Folha que, desde 2020, incluiu etapas adicionais de checagem de identidade quando identifica padrões suspeitos de comportamento inautêntico.⁶¹

Empresas como Dizu, Ganhar no Insta, Kzom, além das processadas pela Meta, MGM Marketing Digital e Igo Networks, estão entre as que oferecem o serviço no país e muitas das chamadas de trabalhadores são feitas nas próprias plataformas para atrair usuários. E o mercado de *likes* acabou criando e movimentando outros mercados, como o de vendas de perfis e de *packs* de fotos para publicação nos perfis falsos. Quanto mais dinheiro circula em torno de uma atividade, maior o número de pessoas interessadas. Como não existe uma lei que proíba empresas de vendas de cliques e seguidores, a pouca inibição por parte das plataformas não cria dificuldades para que essas empresas continuem se expandindo e usando as mídias sociais para lucrar com falso engajamento.

⁵⁹ Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/08/entenda-o-que-e-uma-fazenda-de-cliques-alvo-da-meta-no-brasil/>. Acesso em: 15/04/2024.

⁶⁰ Disponível em: <https://desinformante.com.br/meta-bots-chineses/>. Acesso em: 18/04/2024.

⁶¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/05/brasileiros-viram-bots-humanos-em-fazendas-de-clique-por-menos-de-1-centavo.shtml>. Acesso em: 15/04/2024.

Se chamar a atenção é o objetivo, o conteúdo ofensivo pode gerar engajamento justamente pela indignação que causa ou porque, na internet, os usuários que se identificam com o mau comportamento ou acham graça dele se sentem mais confortáveis em validá-lo. O algoritmo das mídias sociais não é programado para valorizar o conteúdo pela sua qualidade, mas por quantidade e tipo de interações e, se há muita gente interagindo, o entende como relevante e entrega para mais pessoas.

A maioria das plataformas se constrói em torno de uma crença supostamente neutra de que atenção significa valor. O Reddit e o Twitter exaltam postagens com base em quantos usuários as endossam com upvotes ou retuítes. O Facebook e o YouTube definem essa autoridade via algoritmos. As duas versões resumem todas as formas de atenção — positiva ou negativa, irônica ou sincera, tenha ela feito você rir ou se irritar, que favorece sua curiosidade intelectual ou seus instintos lascivos — em uma métrica só: sobe ou desce (Fisher, 2023, p. 79).

Com isso, o uso do comportamento *troll* também funciona para fazer um perfil ou conteúdo ser mais visto nas mídias sociais. No guia Falando Sobre Ataques Online e Trolls, elaborado em parceria da InternetLab com o projeto Redes Cordiais, o *troll* é definido como “o usuário que transgride as normas do aceitável no debate público através de um comportamento violento que busca, de forma performativa e intencional, desestabilizar um debate online e provocar as pessoas envolvidas” (Tavares e Borges, 2021, p. 9).

O uso de *trolls* para a disseminação de conteúdos políticos foi amplamente identificado nas eleições dos EUA em 2016 e divulgado em notícias de diversos jornais do mundo, inclusive com a acusação de uma fábrica de *trolls* russa, que tinha como objetivo pautar as discussões online no país e manipular o resultado das eleições.

Na matéria jornalística de 2017 intitulada “Robôs e ‘trolls’, as armas que Governos usam para envenenar a política nas redes”, o jornal El País cita alguns perfis em que russos se faziam passar por americanos e produziam conteúdos ultraconservadores, mas também preconceituosos, sempre com intuito de chamar a atenção da forma mais radical possível. Com a repercussão desses *posts*, que atraíam tanto apoiadores daquelas ideias como pessoas indignadas, conseguiram milhares de seguidores e repercussão na imprensa. Jornais como *The Washington Post* e *Los Angeles Times* fizeram matérias repercutindo as falas dos falsos eleitores de Donald Trump. Um desses *trolls* teve seus *tweets* compartilhados pelo filho de Trump, seu assessor de Segurança Nacional e sua chefe de campanha, segundo a matéria.⁶²

Uma das características dos *trolls* é coordenarem ataques massivos a pessoas que possuem posicionamento político diferente: “um ataque troll se caracteriza por ser um

⁶² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/22/tecnologia/1511352685_648584.html. Acesso em: 22/04/2024.

comportamento violento específico que tem como alvo um indivíduo, um grupo, uma ideia ou uma causa e cuja intenção é tanto atingir esse alvo quanto desestabilizar a conversa” (Tavares e Borges, 2021, p. 9). Mulheres e minorias tendem a ser as vítimas mais frequentes. Ataques a jornalistas também costumam ser comuns.

A matéria sobre os envios massivos de propaganda política pelo WhatsApp transformou a repórter Patrícia Campos Mello em alvo de inúmeras mensagens violentas, principalmente após a alegação de que ela teria se oferecido sexualmente em troca de informações ter sido repercutida por Bolsonaro e seu filho Eduardo. O segundo capítulo do seu livro *A Máquina do Ódio* se chama “Assassinato de Reputações: Uma Nova Forma de Censura”. Nele, Patrícia conta o quanto sua vida foi exposta e relata comentários que recebeu de *trolls*, a fim de rebaixá-la com ofensas sexuais, pois, em geral, mulheres tendem a ser atacadas dessa forma (Mello, 2020, p. 75):

[...] apesar de fazer uso de práticas violentas que podem configurar cyberbullying, assédio moral, importunação sexual ou doxxing, dentre outras formas de ataque, os trolls se diferenciam por adotar uma estratégia específica de comportamento violento com o objetivo de prejudicar seu alvo (Tavares e Borges, 2021, p.11).

Além de Patrícia, outras jornalistas sofreram ataques em massa por terem feito matérias negativas sobre Bolsonaro. A repórter conta, em seu livro, alguns casos de jornalistas mulheres atacadas após críticas direcionadas a elas por Jair Bolsonaro e seus filhos: “Quando o ataque vem do topo da hierarquia, ele funciona como uma autorização” (Mello, 2020, p. 92).

Em entrevista para a BBC em 2020, o professor da PUC-Rio, Rodrigo Nunes, afirmou que o ex-Presidente Jair Bolsonaro cresceu nas redes adotando a tática *troll*, sempre falando sobre temas polêmicos, mas com comentários que provocassem reações adversas para ganhar visibilidade:

Você perguntava para as pessoas qual era o atrativo dele e a conversa era sempre “Ah, ele fala o que todo mundo pensa”. Aí você apontava para alguma coisa que ele tinha dito, dizia que era grave, e recebia como resposta: “Ah não, mas ele está só brincando”, [...] Ou seja, é a figura que ao mesmo tempo fala o que todo mundo está pensando e está só brincando, a figura do troll, justamente, que está sempre nesse jogo dúbio, entre o que é brincadeira e o que é sério.⁶³

Já na esquerda, o deputado federal André Janones também resolveu adotar a postura provocativa na campanha para a Presidência de Lula em 2022, com a intenção de furar a bolha e atacar Bolsonaro, tendo êxito em alguns momentos, onde conseguiu alcançar mais visualizações que o candidato à reeleição.⁶⁴

⁶³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51511316>. Acesso em: 29/04/2024.

⁶⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/28/de-presidencia-avel-a-cabo-eleitoral-andre-janones-usa-perfil-troll-para-engajar-lula-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 29/04/2024.

A provocação vai além do virtual e vários políticos e influenciadores políticos cresceram nas mídias sociais tumultuando ambientes físicos. O deputado do PL de Mato Grosso Abílio Brunini é um dos que, em 2023, virou notícia algumas vezes por tumultuar sessões da CPMI do 8 de janeiro, chegando, inclusive, a ser expulso do local.⁶⁵ As provocações entre ‘bolsonaristas’ e ‘lulistas’ passaram a ser comuns e, nas eleições de 2022, levou a uma confusão no debate presidencial da Band em que Janones se envolveu em uma discussão com candidatos a deputado pelo PL, com ofensas trocadas de ambos os lados.⁶⁶

As plataformas de mídias sociais oferecem a possibilidade de denunciar contas com comportamentos ofensivos ou ilegais, mas nem sempre os resultados são positivos para quem denuncia. A justiça também é acionada em casos de calúnia, ameaça ou difamação, o que também não garante que os casos vão diminuir nem que o crime será punido. Às vezes, muitas pessoas entendem não valer à pena denunciar ou não conseguem processar ou identificar todos os *trolls*, que geralmente usam perfis falsos ou anônimos para seus ataques.

Dessa forma, mesmo podendo haver punições, esse tipo de comportamento permanece acontecendo, tentando calar vozes dissidentes e a imprensa e disseminando conteúdo odioso na internet. Na corrida eleitoral de 2020 nos Estados Unidos, novamente foram identificadas fazendas de trolls. Um relatório interno do Facebook que o *MIT Technology Review* americano recebeu de um ex-funcionário demonstrou que os conteúdos dessas fazendas alcançaram 140 milhões de americanos, quase metade da população do país.⁶⁷

A existência de *trolls* pagos não foi a única interferência externa identificada nas eleições americanas de 2016. O *The Guardian* e o *BuzzFeed* publicaram matérias, naquele mesmo ano, com a identificação de sites e páginas no Facebook de jovens da cidade de Veles, na Macedônia, que publicavam conteúdos políticos sobre os Estados Unidos. As intenções eram apenas financeiras e o uso de notícias com títulos sensacionalistas com a finalidade de gerar cliques, conhecidas como *clickbait*s, somada ao modelo de negócio do Google AdSense, que paga para colocar os anúncios das empresas nas páginas dos sites, mais o apelo que o nome de Donald Trump tinha para atrair esses cliques, apelidado de “Trumpmania” pelo jornal britânico, fizeram com que essas páginas atraíssem centenas de milhares de seguidores que eram direcionados para seus sites, que apresentavam notícias plagiadas de sites americanos de

⁶⁵ Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/politica-de-mt/tumulto-e-polmicas-marcam-1-ano-de-ablio-na-cmara/756619>. Acesso em: 29/04/2024.

⁶⁶ Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/janones-briga-com-adrilles-e-nikolas-durante-debate-e-band-mobiliza-segurancas/>. Acesso em: 30/04/2024.

⁶⁷ Disponível em: <https://mittechreview.com.br/relatorio-mostra-que-fazendas-de-trolls-alcancavam-140-milhoes-de-americanos-por-mes-no-facebook-antes-da-eleicao-de-2020/>. Acesso em: 30/04/2024.

extrema direita com títulos trocados para algo mais apelativo. Quanto mais gente entrava nos sites, mais dinheiro aqueles jovens ganhavam.

Foram mais de 150 domínios identificados pelo *The Guardian*, alguns com milhões de visualizações por mês. Alguns desses sites possuem até escritores contratados para produção de conteúdo. Já em um site com tendência de esquerda chamado *Bipartisan Report*, foram contratados 15 escritores *freelancers*, segundo o responsável pelo site disse ao jornal.⁶⁸

O *BuzzFeed* chama de “corrida do ouro digital” o que ocorreu em Veles. Os jovens da cidade, segundo a reportagem, descobriram, a partir de relatórios de lucros, que um usuário do Facebook americano vale quatro vezes o de outro país: “aprenderam que a melhor maneira de gerar tráfego é fazer com que suas histórias políticas se espalhem no Facebook – e a melhor maneira de gerar compartilhamentos no Facebook é publicar conteúdo sensacionalista e frequentemente falso que atenda aos apoiadores de Trump”.⁶⁹

Assim como Trump virou mania nos EUA e ajudou as pessoas que entenderam este fenômeno a lucrar, no Brasil, Jair Messias Bolsonaro, o homem que ficou conhecido como “Trump brasileiro”⁷⁰, também fez com que muitos apoiadores crescessem no mundo político ou nas mídias sociais. A ex-jornalista da Veja Joice Hasselmann e a ex-militante do Femen do Brasil Carla Zambelli são exemplos de influenciadoras que tiveram crescimento nas redes depois de se aproximarem de Bolsonaro, além de conseguirem mandatos legislativos.

Em 2019, Joice ganhou mais 2,4 milhões de seguidores nas mídias sociais e Zambelli ficou entre os três deputados com mais interações no mesmo ano.⁷¹ Alguns políticos com carreiras já consolidadas também se aproximaram de Bolsonaro e, com isso, ganharam mais visibilidade nas redes, inclusive quem já havia estado ao lado do PT em outras eleições, como Ciro Nogueira e Magno Malta. Além disso, muitos influenciadores e políticos apoiados por Bolsonaro conseguiram se eleger: foram 16 eleitos no Senado em 2022 e quatro dos cinco deputados federais mais votados do país, entre eles, Carla Zambelli.⁷²

No mercado de influenciadores digitais circula muito dinheiro, além dos benefícios que a fama pode oferecer. Muitos influenciadores políticos conseguem viver somente da renda dos

⁶⁸ Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/aug/24/facebook-clickbait-political-news-sites-us-election-trump>. Acesso em: 28/04/2024.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/craigsilverman/how-macedonia-became-a-global-hub-for-pro-trump-misinfo>. Acesso em: 28/04/2024.

⁷⁰ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/09/06/interna_politica,704385/bolsonaro-e-o-trump-brasileiro.shtml. Acesso em: 11/01/2025.

⁷¹ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/redes-de-bolsonaro-crescem-43-em-2019-e-somam-7314-milhoes-de-interacoes/>. Acesso em: 04/05/2024.

⁷² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/confira-os-principais-nomes-do-bolsonarismo-eleitos-ao-congresso/>. Acesso em: 04/05/2024.

seus vídeos e da ajuda que recebem dos seus seguidores em arrecadações por meio de pix ou sites como Apoia-se, divulgados como forma de compensação ao trabalho que fazem.

Um levantamento feito pelo Intercept Brasil em 2019 demonstrou que cinco dos dez canais que mais cresceram no ranking de recomendação do Youtube eram de extrema direita. A maioria tinha poucas recomendações do algoritmo até agosto e, a partir de setembro, passaram a receber mais de mil recomendações no Em Alta.⁷³ No entanto, muitos influenciadores políticos podem obter lucros com a desinformação, como dados enviados pelo Google à CPI da Covid em que constavam os dividendos de canais que propagavam informações falsas, como, por exemplo, do jornalista Alexandre Garcia, que teve rendimentos de quase R\$ 70 mil reais com 126 vídeos em seu canal do Youtube posteriormente excluídos por ele ou derrubados pela plataforma.⁷⁴ Outro relatório, produzido pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin) para a CPI do 8 de janeiro, informou que muitos influenciadores que participaram da invasão dos Três Poderes publicaram vídeos do ato e receberam dividendos do Youtube.⁷⁵

A adesão de influenciadores digitais tem sido de grande importância para a divulgação das informações de interesse dos governos. Essa estratégia foi amplamente usada por Jair Bolsonaro com sucesso. Os influenciadores convocavam para manifestações, repercutiam as falas do Presidente ou de seus correligionários e criticavam seus oponentes. O governo Lula também tem influenciadores que o apoiam, mas a extrema direita tem conseguido resultados melhores nas mídias sociais.

Talvez o sucesso da extrema direita na internet em vários países possa ser explicado, em parte, pelo ataque em várias frentes, se fazendo muito mais presente nas mídias digitais. Já foram citadas nessa pesquisa diversas ações e estratégias tomadas para a disseminação de seus conteúdos, candidatos e ideias: o uso dos algoritmos das plataformas para segmentação do público-alvo; de empresas de marketing digital dispostas a burlar regras eleitorais e das plataformas; o disparo em massa de informações falsas, tendenciosas e que desqualifiquem seus adversários; criação de grupos para disseminação de discursos de apelo emocional pelos próprios apoiadores entre seus contatos; uso de *deep fakes* ou vídeos editados para distorcer informações; engajamento falso através de *bots* e fazendas de cliques ou forjados com *trolls* e

⁷³ Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>. Acesso em: 04/05/2024.

⁷⁴ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/canais-na-internet-ganharam-dinheiro-com-fake-news-sobre-covid-informa-google-cpi.html>. Acesso em: 04/05/2024.

⁷⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/abin-afirma-a-cpi-que-influenciadores-digitais-incitaram-e-lucraram-com-81.shtml>. Acesso em: 04/05/2024.

*clickbait*s, além da participação massiva de influenciadores digitais, criando uma engrenagem produtiva que funciona 24 horas por dia sem deixar muito espaço para a ação dos adversários, que precisam estar sempre se defendendo ou se explicando de alguma acusação, verdadeira ou não, que se tornou viral.

Os pesquisadores Jonathan Corpus Ong e Vincent A. Cabañes, no estudo *Architects of Networked Disinformation* (Arquitetos da Desinformação em Rede, em tradução livre), realizado nas Filipinas, entrevistaram pessoas “que projetam campanhas de desinformação, mobilizam exércitos de cliques e executam técnicas inovadoras de ‘operações obscuras digitais’ e ‘embaralhamento de sinais’ para qualquer cliente político interessado” (Ong e Cabañes, 2018, p. 2). Dessa forma, puderam conhecer “o processo pelo qual pessoas comuns se tornam cúmplices no trabalho de engano, enquanto aspiram a ganhos financeiros ou buscam poder político e simbólico” (Ong e Cabañes, 2018, p.3). A partir dessas entrevistas, eles conseguiram traçar a hierarquia dos trabalhadores dessas campanhas.

Os autores dividem os participantes entre pagos e voluntários. No topo da hierarquia dos que recebem pelo seu trabalho, estão os Arquitetos Chefes da Desinformação, que fazem parte da elite da Publicidade e das Relações públicas e definem os objetivos da campanha. Abaixo, estão os Influenciadores Anônimos, pessoas que possuem páginas de conteúdos diversos, como entretenimento. Em seguida, aparecem os Principais Líderes de Opinião, com fãs altamente engajados nas mídias sociais. Por último, entre os pagos, estão os Operadores de Contas Falsas em Nível Comunitário, trabalhadores mais pobres subcontratados para amplificar o alcance e criar “ilusões de engajamento”. Já os voluntários são chamados de Intermediários *Grassroots*, ou ‘raiz de grama’, termo que tem relação com uma atuação nos locais ou nichos em que esses voluntários possam estar inseridos. No caso, são moderadores das *fan page* dos políticos, líderes de opinião e organizadores voluntários (Ong e Cabañes, 2018, p. 9).

Já um estudo da Universidade de Oxford de 2017 chama de *cybertroops*, ou tropas cibernéticas, os grupos que são contratados por governos para a manipulação da opinião pública e que

[...] utilizam uma variedade de estratégias, ferramentas e técnicas para manipulação de mídia social. Em termos gerais, as equipes têm uma estratégia de comunicação abrangente que envolve a criação de aplicativos governamentais oficiais, websites ou plataformas para a disseminação de conteúdo; usando contas – sejam reais, falsas ou automatizadas – para interagir com usuários nas redes sociais; ou criando conteúdo substantivo, como imagens, vídeos ou postagens de blog (Bradshaw e Howard, 2017, p. 9).

Esses grupos podem envolver jornalistas e líderes de opinião, como blogueiros, influenciadores e ativistas. Segundo o estudo, líderes que usam as tropas cibernéticas para

manipulação da opinião durante as eleições, tendem a continuar utilizando os serviços quando chegam ao poder (Bradshaw e Howard, 2017, p. 15). Essas campanhas podem usar *bots* ou seguidores humanos, falsos ou reais, para gerar engajamento, utilizam da segmentação do público-alvo e do comportamento *troll* como estratégia:

O assédio geralmente envolve abuso verbal, discurso de ódio, discriminação e/ou trolling contra os valores, crenças ou identidade de um usuário ou grupo de usuários online. O direcionamento individual difere das postagens de valência negativa nas redes sociais, já que o assédio geralmente se estende por longos períodos. Às vezes, o assédio ocorre durante eventos políticos importantes, como eleições (Bradshaw e Howard, 2017, p. 10).

Durante a CPMI das Fake News, uma expressão foi muito utilizada para nomear as tropas cibernéticas financiadas pelo governo Bolsonaro: gabinete do ódio. Segundo acusações da oposição e de ex-aliados do ex-Presidente, foi montada

[...] uma estrutura de comunicação complexa, tecida entre perfis falsos e verdadeiros nas redes sociais, que envolve a estrutura do Planalto, assessores especiais bem remunerados com o dinheiro público, militantes e apoiadores, além dos filhos do Presidente, atualmente parlamentares” (Filho e Siqueira, 2024).

Essa estrutura “desfere ataques ofensivos a diversas pessoas, às autoridades e às instituições, com conteúdo de ódio, subversão da ordem democrática e incentivo à quebra da normalidade institucional”.⁷⁶

As acusações são da existência de uma coordenação nacional de conteúdos produzidos por assessores de Bolsonaro, próximos ao seu filho, Carlos, que seria o articulador do gabinete do ódio. Esses conteúdos seriam desde construção de narrativas a ataques à honra de quem se posicionasse contrário aos ideais do grupo e eram espalhados por colaboradores existentes em vários estados, que administravam inúmeras páginas, perfis e grupos de WhatsApp. Segundo Joice Hasselmann, ex-líder do Governo Bolsonaro no Congresso:

Quando surgia alguma postagem ou hashtag ofensiva ao STF ou algum de seus membros, um dos integrantes do grupo retransmitia e em questão de minutos isso era disseminado pelas redes sociais e para inúmeros outros grupos, seja pela atuação de integrantes da organização, seja por utilização de robôs.⁷⁷

Em julho de 2020, o Facebook excluiu uma rede de 88 contas, páginas e grupos, muitos deles ligados a Bolsonaro, seus filhos e políticos do PSL por acusações de “comportamento inautêntico coordenado”. Segundo a plataforma, as contas vinham enganando a população desde as eleições de 2018 e pessoas fictícias simulavam a atividade de veículos da imprensa.⁷⁸ Páginas como Bolsonaro News e Bolsofeios, além de outras que se faziam passar por

⁷⁶ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detallham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 07/05/2024.

⁷⁷ Idem. Acesso em: 07/05/2024.

⁷⁸ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/facebook-derruba-rede-de-paginas-coordenada-por-funcionarios-da-presidencia-e-dos-gabinetes-de-flavio-e-eduardo-bolsonaro.html>. Acesso em: 07/05/2024.

jornalísticas como The Brazilian Post, The Brazilian Post ABC e Notícias São Bernardo do Campo estão entre as derrubadas. Tércio Arnaud Thomaz, que trabalhava no Palácio do Planalto, dois assessores ligados a Eduardo Bolsonaro, Eduardo Guimarães e Paulo Eduardo Lopes, além de assessores de deputados do PSL, eram os donos das contas.⁷⁹

Sobre o gabinete do ódio, Carlos Bolsonaro chegou a postar tweets em que chamou de “malabarismos da mídia” e “narrativa”, informando que ninguém havia apresentado as *fake news* postadas nas páginas derrubadas.⁸⁰ Já sobre a exclusão dos perfis, Flávio Bolsonaro alegou que estes eram de apoio espontâneo ao governo e criticou os bloqueios sem o direito de defesa.⁸¹

Em 2024, quando foram divulgados alguns detalhes das investigações sobre o escândalo da Abin Paralela, em que o governo usou a estrutura da agência e um aparelho israelense chamado *FirstMile* para vigiar pessoas de interesse, foi divulgado que Luiza Alves Bandeira, a pesquisadora que ajudou o Facebook com as informações que embasaram a decisão da derrubada das páginas bolsonaristas, foi monitorada no dia seguinte à divulgação do levantamento:

[...] a Abin utilizou o programa espião FirstMile para fazer duas consultas à localização de Luiza. Além do monitoramento, a agência produziu um levantamento com foto e informações da pesquisadora, salvo em dois arquivos no sistema do órgão intitulados “2020-07- Facebook rev” e “Atlantic”.⁸²

Reportagem de Juliana Dal Piva, no O Globo, em junho de 2020, contou sobre o entendimento de Carlos Bolsonaro do potencial das mídias sociais para o crescimento político de seu pai e sobre sua estratégia digital, que teve início bem antes das eleições. Ela conta que Carlos começou a recrutar jovens como José Mateus Sales Gomes e Tércio Arnaud Thomaz em 2013. Os jovens eram responsáveis pelas páginas “Bolsonaro Zueiro” e “Bolsonaro Opressor”, respectivamente, e foram precursores de várias outras que vieram depois. Foram feitas reuniões com jovens criadores de páginas desde 2017 e o próprio Carlos postou em seu Twitter ter visitado sete estados para reuniões que visavam “endireitar o Brasil”⁸³:

Quem esteve na reunião relata que, já pensando na eleição de 2018, a família discutiu a organização das páginas e a criação de grupos no WhatsApp e introduziu a estratégia sobre ataques a adversários. Segundo um dos que participaram da reunião, a produção de memes e ataques era parte da estratégia: obter uma estrutura de comunicação que pudesse ser operada diretamente, de ponta a ponta (Piva, 2020).

⁷⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/02/exclusivo-detalhes-ineditos-da-investigacao-do-facebook-que-derrubou-perfis-bolsonaristas.ghtml>. Acesso em: 07/05/2024.

⁸⁰ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 07/05/2024.

⁸¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53343107>. Acesso em: 07/05/2024.

⁸² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/03/01/abin-paralela-monitorou-pesquisadora-que-ajudou-a-banir-contas-nas-redes-sociais-ligadas-a-aliados-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 07/05/2024.

⁸³ Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/quem-sao-os-jovens-recrutados-por-carlos-bolsonaro-para-erguer-o-aparelho-digital-do-governo.html>. Acesso em: 07/05/2024.

O uso das mídias sociais para a expansão da extrema direita tem se consolidado como uma ameaça à democracia em diversos lugares do mundo. Mentiras e estratégias de enganação não são novidade na política, no entanto, as tecnologias atuais multiplicaram as estratégias e possibilidades de compreensão dos anseios e medos dos eleitores e, em vários países, estrategistas como Carlos Bolsonaro conseguem transformar políticos e candidatos vistos como pouco prováveis de vencer uma eleição em verdadeiras potências políticas.

Em seu livro *Engenheiros do Caos*, Giovani Da Empoli cita alguns desses estrategistas que ajudaram em campanhas políticas em alguns países. Entre esses personagens está Steve Bannon, que foi estrategista da campanha de Donald Trump, mas que esteve presente em outras campanhas políticas, mesmo que só colaborando informalmente, e que foi um dos entusiastas e financiadores da Cambridge Analytica. Empoli se refere a Bannon como o “Trotsky da revolução populista, misto de ideólogo e homem de ação que ambiciona, com seu ‘Movimento’, levar as massas europeias à revolta contra o que ele chama de ‘o partido de Davos’” (Empoli, 2021, p. 28).

Para alcançar seus objetivos, Bannon

[...] financiou *think thanks*, grupos de pesquisa destinados a estudar os malefícios do *establishment* em geral e da família Clinton em particular. Mobilizou blogueiros e *trolls* para dominar o debate nas redes sociais, participando do lançamento de uma sociedade de Big Data aplicada à política – a Cambridge Analytica [...] (Empoli, 2021, p. 30).

Outro engenheiro do caos foi Gianroberto Casaleggio, empresário e especialista em marketing digital morto em 2016, que gerenciou o blog de Beppe Grillo, com quem fundou o Movimento 5 Estrelas na Itália, em 2009, um partido político focado em oferecer o que outros partidos não ofereciam, como um produto criado a partir das necessidades dos consumidores: “o populismo tradicional que se casa com o algoritmo e dá à luz uma temível máquina política” (Empoli, 2021, p.45). Segundo Empoli, o partido surge como um movimento de base e seus militantes veem a internet como um sinônimo de participação da população na política. Porém:

[...] para a elite do próprio Movimento, encarnada pela “diarquia” Casaleggio/Grillo, as coisas são diferentes: internet é, antes de tudo, um instrumento de controle. É o vetor de uma revolução a partir do topo, que capta uma quantidade enorme de dados a fim de utilizá-los para fins comerciais e, sobretudo, políticos (Empoli, 2021, p. 54).

O livro fala também de outros articuladores políticos como Dominic Cummings, diretor da campanha do Brexit no Reino Unido, Milo Yiannopoulos, jovem homossexual defensor da liberdade de expressão irrestrita, e Arthur Finkelstein, um judeu homossexual que se tornou conselheiro de Viktor Orban, Primeiro-Ministro da Hungria, “o porta-estandarte da Europa reacionária” (Empoli, 2021, p. 20):

Juntos, esses engenheiros do Caos estão em vias de reinventar uma propaganda adaptada à era dos selfies e das redes sociais, e, como consequência, transformar a

própria natureza do jogo democrático. Sua ação é a tradução política do Facebook e do Google. É naturalmente populista, pois, como as redes sociais, não suporta nenhum tipo de intermediação e situa todo mundo no mesmo plano, com um só parâmetro de avaliação: os likes ou curtidas. É uma ação indiferente aos conteúdos porque, como as redes sociais, só tem um objetivo: aquilo que os pequenos gênios do Vale do Silício chamam de “engajamento” e que, em política, significa adesão imediata (Empoli, 2021, p. 20).

As estratégias e ações citadas na intenção de desinformar não acontecem em pontos isolados, mas em muitos países e as semelhanças ajudam a compreender que existem padrões que parecem inspirações ou repetições de modelos que funcionam e que usam bastante a internet como forma de disseminação dos ideais dos que as financiam.

2.3 Sites desinformativos, mídias tradicionais e economia da atenção

As mídias sociais têm auxiliado bastante na disseminação de informações enganosas e sido um ambiente propício às vantagens de políticos e influenciadores que se beneficiam desse ambiente de caos informacional. Porém, a indústria da desinformação também envolve sites especializados em divulgar informações falsas para a população, popularmente conhecidas como *fake news*. Esses sites lucram com as visualizações de suas páginas e recebem seu tráfego de fontes diversas, como em pesquisas em sites de busca, indicação de políticos e influenciadores famosos, links compartilhados por *bots*, em grupos políticos e por propagandas nas mídias sociais através de impulsionamento de conteúdo. Para isso, é comum o uso de títulos sensacionalistas conhecidos como *clickbaits*.

Figura 2 – Direcionamento para sites que desinformam



Fonte: Elaborado pela autora

“As *clickbait*s são definidas como técnicas de manipulação dos títulos e manchetes para estimular agressivamente a curiosidade e o clique para abrir o link, entre elas: prover somente uma parte da informação, sensacionalismo, entre outras” (Alves, 2024). A estratégia de empregar o sensacionalismo para atrair o público, mesma utilizada pelos jovens macedônios nas eleições americanas, também é usada por sites que imitam conteúdo jornalístico no Brasil e o uso de chamadas sensacionalistas funciona como um gatilho mental, com utilização de apelo emocional.

Em entrevista para a Folha de São Paulo em 2021, Júnior Melo, criador do Terra Brasil Notícias, site hiperpartidário que usa um *slogan* similar ao da candidatura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, “Deus acima de tudo e todos”, afirmou utilizar a mesma técnica dos jovens macedônios de requestrar notícias de outros sites para atrair seu público inserindo um título chamativo: “Nós praticamente não criamos, nós só reproduzimos [reportagens]...Por exemplo, pego um título ‘Daniel Silveira foi preso novamente’ – aí eu coloco uma pitada de irreverência...faço uma chamada... Eu pego a notícia, dou uma pesquisada, e reescrevo com viés conservador”.⁸⁴ A estratégia tem funcionado, pois, segundo a reportagem, o site chegou a 12,9 milhões de visitas em julho de 2021, um crescimento de mais de 90% em sete meses.

Sites desinformativos costumam ter seus conteúdos limitados por plataformas de mídias sociais, pois são frequentemente verificados por agências de checagem. No entanto, mesmo reduzindo seu alcance nas redes, o compartilhamento em massa em aplicativos de mensagens mantém esses sites com alta quantidade de visualizações.⁸⁵ Júnior afirma na entrevista para a Folha de São Paulo que participa de mais de 200 grupos de WhatsApp e Telegram, onde compartilha os conteúdos que faz pelo celular, no carro, deitado na rede e que, segundo ele, às vezes até escreve errado e depois ajusta.⁸⁶ A quantidade, nesses casos, tende a ser mais importante que a qualidade dos conteúdos.

Um levantamento feito pelo Radar Aos Fatos no primeiro mês da campanha eleitoral de 2022 em 578 grupos do Telegram e 285 do WhatsApp demonstrou que, em um mês, links que direcionavam para sites hiperpartidários foram compartilhados pelo menos 40.796 vezes, com textos que duvidavam de pesquisas de opinião, atacavam adversários políticos e repercutiam teorias conspiratórias.⁸⁷ A partir desses compartilhamentos, é difícil dizer a ressonância que

⁸⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/site-campeao-de-compartilhamentos-no-whatsapp-e-no-telegram-lidera-comunicacao-bolsonarista.shtml>. Acesso em: 15/06/2024.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/desinformacao-eleitoral-alcanca-30-milhoes-impulsionada-por-telegram-whatsapp-e-anuncios-do-google/>. Acesso em: 15/06/2024.

tiveram, pois podem ter sido enviados para grupos de família, de igreja, de amigos e individualmente. O Terra Brasil Notícias foi o que teve o maior destaque, com 14.064 compartilhamentos, quase 35% do total. Em um dos exemplos dados no levantamento está a informação de que a imprensa americana estava detonando o sistema de urnas eletrônicas, sem informar que se tratava de aparelhos que não são usados no Brasil.

Outro levantamento também menciona o site como um sucesso entre os compartilhados em grupos e canais bolsonaristas e de extrema direita nos aplicativos de mensagem. O laboratório NetLab, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, divulgou pesquisa, feita a partir do acompanhamento de 149 grupos do WhatsApp e 1.074 grupos e canais do Telegram nos meses de janeiro, junho e julho de 2021, demonstrando que o site, nos períodos das coletas, foi o campeão de compartilhamentos de *junk news* nos dois aplicativos.⁸⁸ O termo *junk news* engloba todo tipo de notícia de baixa qualidade, incluindo as falsas.

A pesquisa do NetLab traz alguns exemplos de informações veiculadas no site, todas relacionados à Covid-19. A defesa da cloroquina e da ivermectina, remédios que se mostraram ineficazes em pesquisas realizadas para o tratamento da doença, era feita com frequência no período da pandemia pelo Terra Brasil Notícias. Segundo o dono do site, em sua entrevista com a FSP, um conteúdo sobre ivermectina deu a eles um milhão de acessos em um único dia.⁸⁹

Júnior também já recebeu recomendação de seu site do ex-presidente Jair Bolsonaro, o que valida seu conteúdo frente aos seguidores do político. Bolsonaro, na publicação, coloca o número de acessos como uma forma de demonstrar a credibilidade do conteúdo. Além de receber a recomendação de Bolsonaro, o dono do site informou que também já foi compartilhado por políticos como General Girão e Carla Zambelli e comemora também ter sido recomendado por Sikêra Júnior, na época apresentador de um programa policiaisco na RedeTV.⁹⁰

Outro site que se destacou nas duas pesquisas, inclusive ficando em primeiro lugar nos acessos entre janeiro e maio de 2021 na pesquisa do NetLab, foi o Jornal da Cidade Online, que esteve entre os investigados na CPMI das Fake News e já possui condenações na justiça por desinformação, tendo sido processado por pessoas públicas que se sentiram caluniadas com o conteúdo publicado. Em 2019, o Aos Fatos publicou reportagem afirmando que notícias do Jornal da Cidade estavam sendo assinadas por personagens fictícios e não por jornalistas, pois

⁸⁸ Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/terra-brasil-not%C3%ADcias-os-donos-por-tr%C3%AAs-do-portal-de-junk-news>. Acesso em: 15/06/2024.

⁸⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/site-campeao-de-compartilhamentos-no-whatsapp-e-no-telegram-lidera-comunicacao-bolsonarista.shtml>. Acesso em: 15/06/2024.

⁹⁰ Idem.

os nomes não existiam e uma das fotos era retirada de banco de imagens e outra era uma foto modificada de uma escritora famosa.⁹¹

A credibilidade que a quantidade de acessos e a indicação de políticos influentes como Bolsonaro oferece a sites que demonstram falta de ética com a informação ao reproduzir notícias com títulos chamativos, usar nomes falsos para jornalistas e zelar mais pela quantidade do que pela qualidade do que informa, auxiliam no caos informacional atual. Enquanto a imprensa tradicional vem perdendo espaço e credibilidade, sites hiperpartidários crescem com informações incompletas, tendenciosas, ataques a adversários e desinformação. Como estratégias, tentam “propositadamente enganar a audiência com técnicas problemáticas, como a cópia de interfaces gráficas de portais jornalísticos, notícias fabricadas, imagens manipuladas, citações falsas e depoimentos inverídicos” (Alves, 2024).

Investir em sites como o Terra Brasil Notícias e o Jornal da Cidade pode dar mais retorno financeiro do que em um site jornalístico, pois essas empresas economizam ao não pagarem o salário de profissionais formados e com o tempo de apuração. O custo de oportunidade tende a ser reduzido, uma vez que este custo se refere ao valor perdido quando se escolhe entre alternativas diferentes.⁹² Investir em um veículo jornalístico envolve valores relativamente altos, entre eles, gastos com profissionais de prestígio para conquistar a credibilidade do público. E como criar um site passou a ser acessível a um número maior de pessoas, amadores e pessoas não comprometidas com a ética jornalística estão entre os que entraram no negócio.

Além do investimento menor, outra vantagem conferida a sites como o Terra Brasil Notícias é que o compartilhamento de notícias falsas pode ser maior do que o das verdadeiras, o que gera mais visibilidade e, consequentemente, mais renda. Segundo pesquisa realizada entre 2006 e 2017, publicada na Revista Science em 2018, numa análise de 126.000 rumores no Twitter, constatou-se que as informações falsas eram mais compartilhadas e se espalhavam mais rapidamente que as verdadeiras em todas as categorias de informação, se acentuando no caso de notícias políticas. O fato desse tipo de informação maliciosa apresentar alto grau de novidade e de reações emocionais é apontado pelo estudo como uma possível razão para o alto compartilhamento (Vosoughi et al, 2018). Ou seja, a falta de compromisso com os fatos

⁹¹ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/jornal-da-cidade-online-usa-perfis-apocrifos-para-atacar-politicos-e-magistrados/>. Acesso em: 16/06/2024.

⁹² Disponível em: <https://blog.toroinvestimentos.com.br/investimentos/custo-de-oportunidade/>. Acesso em: 05/07/2024.

possibilita a criatividade para inventar informações com potencial viral que a imprensa dificilmente conseguiria com informações verídicas.

As notícias falsas podem lembrar, pelo seu sensacionalismo e caráter de novidade, um boato que se espalha rapidamente e pode gerar danos à vida de alguém. Apesar das semelhanças, Ortellado (2018) diferencia a notícia falsa do boato a partir do que dá credibilidade a esses dois tipos de informação maliciosa:

Embora tenham elementos em comum, notícias falsas e boatos são fenômenos diferentes. Eles têm em comum o fato de tomarem mentiras ou especulações por verdades, mas enquanto no boato o que dá credibilidade à mensagem é o testemunho (de ter tido acesso a uma verdade oculta), na notícia falsa o que dá credibilidade à informação é o fato de supostamente ter passado por uma apuração jornalística. É por isso que na notícia falsa sempre teremos uma manchete, um lide, aspas com entrevistados etc. (Ortellado, 2018).

Porém, assim como um boato pode ter más intenções e consequências irreversíveis, a notícia falsa também possui esse caráter danoso:

Ainda que em alguns casos esse fato não seja explícito, as fake news são produzidas para fins diversos. É importante, neste momento, destacar a palavra “produzidas”. Diferente das notícias falsas não intencionais, produzem-se fake news tentando desarmonia e conflitos entre pessoas e grupos. Ademais, uma vez que esse tipo de notícia é disseminado, é pouco provável que se reverta todo dano causado (Caldas e Caldas, 2019).

Mello e Schneider reforçam a ideia de que a desinformação é produzida de maneira maliciosa com intenções que envolvem ganho financeiro, influência política ou o prazer de perturbar:

Desinformação é informação falsa, inexata ou enganosa, produzida com a intenção de provocar prejuízo público, social ou científico. Envolve um conjunto de ações intencionais que constroem cenários determinados, no intuito de moldar a opinião pública de acordo com o interesse de quem a produz, geralmente se utilizando de mecanismos para descontextualizar, fragmentar, manipular, distorcer fatos, tendo por objetivos o ganho financeiro; a influência política, tanto no país quanto no estrangeiro; ou o simples prazer de causar problemas (Mello e Schneider, 2021).

Para aumentar os ganhos, sites desinformativos geralmente usam de artifícios que agilizam a produção. Um desses artifícios são as fazendas de conteúdos ou *content farms*, que “são sites ou blogs que produzem textos em grande escala, geralmente em condições de trabalho extremamente precárias ou utilizando métodos de inteligência artificial, para receber grande quantidade de anúncios caça-cliques” (Alves, 2024). A Inteligência Artificial possibilita alcançar uma velocidade ainda maior e com custos menores, aumentando a quantidade de *junk news* na internet. Um levantamento feito pela NewsGuard em abril de 2023 em vários países identificou 49 sites, em sete idiomas, incluindo o português, que o conteúdo parecia ser total ou

quase todo produzido por “modelos de linguagem de inteligência artificial projetados para imitar a comunicação humana, aqui na forma de sites de notícias típicos”.⁹³

Segundo o levantamento, esses sites são saturados de anúncios e produzem conteúdos de vários segmentos, inclusive políticos, parte deles com narrativas falsas. São centenas de textos publicados por dia de forma insípida e com frases repetitivas, características da IA. A equipe do NewsGuard tentou identificar os proprietários dos sites pesquisados, mas a maioria não respondeu e os que responderam não deram respostas que indicassem que o conteúdo seria produzido unicamente por humanos. Um proprietário falou sobre a automação da produção, mas banalizou o uso. Boa parte das publicações mapeadas eram resumos de notícias publicadas em portais de notícias como a CNN e foram encontrados casos em que os jornalistas que assinavam não eram autênticos.

O prejuízo da imprensa tradicional não se dá apenas por copiarem seus conteúdos sem pagarem pelo uso. A internet conseguiu reduzir o público consumidor de jornais e outras mídias jornalísticas de diversas formas, entre elas, a quantidade cada vez maior de atores produzindo conteúdos noticiosos, a briga pela atenção do público e a disseminação da desconfiança em relação às mídias tradicionais: “A crise das notícias falsas se baseia na desconfiança em fontes tradicionais de mídia. As pessoas estão vendo notícias de fontes tradicionais com menos frequência e, cada vez mais, questionam se essas fontes fornecem informações confiáveis” (Feingold et al., 2018, p. 88).

Rêgo e Barbosa falam sobre essa crise midiática a partir do uso de ferramentas que facilitam a produção de conteúdos nem sempre factuais:

Nos dias atuais, porém, a política de verdade que envolvia o campo midiático e jornalístico, por exemplo, terminou sendo implodida por fatores diversos. Sinteticamente, podemos elencar, de um lado, a própria prática dos campos e, de outro, as possibilidades tecnológicas de desnudamento dos processos dos campos e, ademais, pelo empoderamento das massas, antes não autorizadas a produzir conteúdo, que passaram a se utilizar de ferramentas gratuitas em prol de suas crenças particulares ou coletivas, produzindo conteúdos nem sempre factuais e fazendo-os circular com grande velocidade pelas infovias (Rêgo e Barbosa, p. 61).

Castells fala sobre como este ambiente digital modificou a forma em que se consome a informação, gerando incerteza:

E como num mundo de redes digitais em que todos podem se expressar não há outra regra além da autonomia e da liberdade de expressão, os controles e censuras tradicionais se desativam, as mensagens de todo tipo formam uma onda bravia e multiforme, os *bots* multiplicam e difundem imagens e frases lapidares aos milhares, e o mundo da pós-verdade, do qual a mídia tradicional acaba participando, transforma a incerteza na única verdade confiável: a minha, a de cada um (Castells, 2018, p. 28).

⁹³ Disponível em: <https://www.newsguardtech.com/special-reports/newsbots-ai-generated-news-websites-proliferating/>. Acesso em: 23/06/2024.

Esta incerteza se manifesta na desconfiança das mídias tradicionais, em que os que buscam informações podem direcionar a confiança para outros meios, entre eles, influenciadores, sites hiperpartidários, grupos de WhatsApp ou de Facebook. Eli Pariser (2012, p.69) fala do potencial que a internet tem de ser um meio mais democrático que a imprensa tradicional por substituir seus fluxos unidirecionais, porém, alerta sobre este meio ainda não possuir os critérios mínimos para a boa informação, além das decisões comerciais se sobressaírem às decisões editoriais:

O problema é que, neste momento, estamos trocando um sistema que tinha um senso bem definido e debatido de suas responsabilidades e funções cívicas por outro que não tem qualquer senso ético. O Grande Placar está eliminando a barreira que existia entre as decisões editoriais e as operações comerciais (Pariser, 2012, p. 70).

A desconfiança na informação e o fato de muitas notícias serem de cunho negativo podem estar causando também uma redução no consumo das mídias tradicionais de notícias. De acordo com o Digital News Report 2024, elaborado pelo Instituto Reuters a partir de entrevistas com mais de 95 mil pessoas em 47 países, a proporção de brasileiros que evitam notícias às vezes ou com frequência é de 47%, tendo crescido em relação ao índice do ano anterior, que era de 41%. No Brasil, a amostra foi de 2.022 entrevistados (Newman et al, 2024, p. 118). O percentual de pessoas evitando notícias no mundo é de 39%, tendo crescido 3% desde a média do ano passado, e o Brasil está entre os países que tiveram aumento mais significativo (Newman et al, 2024, p. 11).

A pesquisa cita algumas razões para a crise atual das mídias tradicionais no mundo, em construção há algum tempo, porém,

muitos dos desafios imediatos são agravados pelo poder e pelas estratégias em mudança das grandes empresas de tecnologia rivais, incluindo as redes sociais, motores de busca e plataformas de vídeo. Algumas estão agora explicitamente despriorizando notícias e conteúdos políticos, enquanto outras mudaram o foco dos editores para os "criadores" e estão promovendo formatos mais divertidos e envolventes – incluindo vídeos – para manter a atenção dentro de suas próprias plataformas. Essas empresas privadas não têm nenhuma obrigação com as notícias, mas com muitas pessoas agora obtendo grande parte de suas informações através dessas plataformas concorrentes, essas mudanças têm consequências não apenas para a indústria de notícias, mas também para nossas sociedades (Newman et al, 2024, p. 10).

As plataformas podem alterar seus algoritmos para direcionar nossa atenção de acordo com seus interesses ou daquilo que acham importante e fazem esses movimentos com certa frequência. Em 2022, a Meta decidiu restringir os conteúdos de política no Facebook em pleno ano eleitoral no Brasil.⁹⁴ No início de 2024, ano eleitoral em diversos países, inclusive nos Estados Unidos, a mesma empresa criou uma configuração para restringir notícias políticas no

⁹⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/facebook-reduz-conteudo-politico-no-brasil-a-3-meses-da-eleicao.shtml>. Acesso em: 03/07/2024.

Instagram e no Threads, nos EUA.⁹⁵ Em 2023, o líder do Instagram, Adam Mosseri, disse que o Threads não era para notícias e política e que a empresa não faria nada para encorajar esse tipo de conteúdo.⁹⁶

O líder da plataforma fala sobre restrições de conteúdos como uma decisão de negócios e não leva a escolha dos usuários em consideração e, mesmo afirmando a importância que notícias e política têm na vida das pessoas, afirma que a receita obtida com elas não vale à pena:

Política e *hard news* são importantes, não quero insinuar o contrário. Mas, na minha opinião, do ponto de vista de uma plataforma, qualquer envolvimento ou receita incremental que elas possam gerar não vale de forma alguma o escrutínio, a negatividade (vamos ser honestos) ou os riscos à integridade que vêm junto com elas.⁹⁷

Ao longo dos últimos anos, várias mudanças foram anunciadas em algoritmos das plataformas digitais. Algumas positivas, outras negativas, mas até mesmo as positivas podem mudar, caso as plataformas assim decidam. As decisões tendem a ser comerciais ou com intuito de demonstrar boa vontade das plataformas com a ética, mas em momento algum as *big techs* entendem que a responsabilidade de qualquer dano causado por publicações em suas plataformas seja delas.

A Meta não é a única empresa que toma medidas ou planeja seus algoritmos para reduzir o financiamento das mídias tradicionais. O Google tem ampliado o uso de IA em buscas na plataforma, o que, segundo especialistas, pode ameaçar as receitas da imprensa. A empresa afirma que, nos testes, os usuários faziam mais buscas com a implementação desta tecnologia, porém, como as respostas aparecem geradas pela IA, em destaque, sem a necessidade de clicar no link para ler o conteúdo, há o temor por parte dos agentes da imprensa de que o dinheiro da publicidade nas páginas dos sites seja perdido dessa maneira, já que ter a resposta antes de clicar no link pode desestimular o clique.⁹⁸

De acordo com a Associação Nacional dos Jornais (ANJ), em nota à imprensa,

As mais graves preocupações da indústria jornalística estão se materializando no anúncio de que a inteligência artificial do Google vai apresentar resumos para as respostas dos usuários. Ainda que pretenda oferecer secundariamente links para quem deseja saber mais, é uma clara desvalorização das fontes originais que produzem aquele conteúdo. [...] Não só há aí mais uma potencial apropriação de direitos de autor alheios: é mais uma, e talvez a mais séria, ameaça à sustentabilidade do jornalismo. Trata-se ainda de uma frontal contradição aos argumentos do próprio Google, de que

⁹⁵ Disponível em: https://nucleo.jor.br/curtas/2024-03-26-threads-opcao-restringe-politica/?utm_source=substack&utm_medium=email. Acesso em: 03/07/2024.

⁹⁶ Disponível em: <https://www.theverge.com/2023/7/7/23787334/instagram-threads-news-politics-adam-mosseri-meta-facebook>. Acesso em: 03/07/2024.

⁹⁷ Disponível em: Idem. Acesso em: 05/07/2024.

⁹⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2024/05/google-integra-ia-generativa-as-buscas-com-promessa-de-acabar-com-trabalho-bracal.shtml>. Acesso em: 05/07/2024.

provê tráfego e receitas para os veículos, a fim de não estabelecer a devida remuneração dos conteúdos jornalísticos usados em sua busca.⁹⁹

Ao longo dessa pesquisa, foram apontadas várias medidas tomadas pelas plataformas de mídia digital para conter os danos de pessoas e grupos maliciosos, seja banindo páginas e perfis inautênticos ou que participavam de fazendas de cliques, excluindo *bots* e *trolls* ou limitando alcance de informações falsas. No entanto, como o modelo de negócios dessas *big tech* é relacionado ao tempo que as pessoas gastam nas plataformas recebendo propagandas, os interesses financeiros podem se sobressair ao interesse público da integridade informacional.

Em 2024, ano de eleições em vários países do mundo, a Meta anunciou que vai retirar do ar o CrowdTangle, ferramenta usada por pesquisadores, jornalistas e checadores de notícias para analisar informações falsas e discursos de ódio no Facebook e no Instagram. A empresa alega que disponibilizará outras ferramentas para raspagem de dados nas plataformas e que, para usar, será necessário solicitar o acesso e justificar o uso, o que preocupa especialistas, pois há necessidade do uso de ferramentas de raspagem para se fazer pesquisas, além de ajudar na localização e rastreamento dessas publicações.¹⁰⁰

A identificação tanto das informações fraudulentas quanto dos discursos de ódio para pesquisas, checagem ou denúncias é de suma importância para a sociedade, uma vez que esse tipo de conteúdo é nocivo, mas circula com facilidade pela internet. Conteúdos emocionais, como os discursos de ódio e as *fake news*, têm uma tendência maior de chamar a atenção e gerar engajamento, como mostrado nesta pesquisa quando *trolls* e *clickbaits* foram analisados. O engajamento dos usuários é o que financia os produtores de conteúdos nocivos, seja em sites hiperpartidários ou nas mídias sociais, e as próprias plataformas, que, além de lucrarem com as propagandas, também coletam dados valiosos a partir das interações:

Assim como o ódio, a mentira também gera “engajamento” nas redes: notícias falsas são compartilhadas por quem acredita nelas ou por quem as faz circular por má fé, interesse pessoal ou canalhice, e são refutadas, desmentidas e denunciadas por quem age em defesa da verdade dos fatos. Em ambos os casos, retomando o livro contábil das *big tech*, o engajamento é medido pela interação dos usuários da rede com esse conteúdo, que gera a produção de dados por meio de cliques, comentários, compartilhamentos e visualizações, novamente dilatando o *big data* das corporações da internet (Bezerra, 2024, p. 75).

A pesquisa da Reuters também identificou um crescimento do consumo de notícias através de vídeos do Youtube, utilizado por um terço da amostra, e TikTok, com 13%, que passou o X/Twitter na preferência do público. Os mais jovens são os maiores adeptos do vídeo

⁹⁹ Idem. Acesso em: 05/07/2024.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2024/03/meta-decide-desativar-ferramenta-de-monitoramento-para-facebook-e-instagram-e-especialistas-temem-apagao-nas-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 09/07/2024.

e o local mais comum de consumo é nas plataformas e não nos sites publicadores, o que dificulta ainda mais a monetização (Newman et al, 2024, p. 10).

Os conteúdos informativos publicados em plataformas de vídeos tendem a ter caráter mais opinativo e menos informativo, em muitos dos casos, são apelativos e tendenciosos, partindo dos mesmos princípios de sites hiperpartidários, com títulos chamativos e sensacionalismo, pois é uma forma mais fácil de engajar e fidelizar o seguidor. Os conteúdos são elaborados por equipes pequenas, nem sempre de profissionais e, em muitos dos casos, há apenas uma pessoa gerenciando o perfil ou canal.

Uma pesquisa realizada pelo *Panel on the Information Environment* (IPIE) com 412 pesquisadores acadêmicos de áreas como ciências sociais, humanidades e ciências da computação dos Estados Unidos, Europa e países como Brasil, Índia, China e Nigéria apontou os proprietários das redes sociais, políticos e governos como a maior ameaça a um ambiente noticioso confiável: "Uma das preocupações mais urgentes destacadas pela nossa pesquisa é a influência dos proprietários de plataformas de mídia social. O controle deles sobre a distribuição de conteúdo e as políticas de moderação impacta significativamente a qualidade e a integridade da informação. O poder sem controle dessas entidades representa um grave risco para a saúde do nosso ambiente global de informações", disse, em entrevista ao *The Guardian*, o cofundador do IPIE e professor de estudos de internet na Universidade de Oxford, Philip Howard.¹⁰¹

Os pesquisadores levantaram preocupações específicas com algumas plataformas, como o X, antigo Twitter, principalmente desde que o bilionário Elon Musk o comprou, e há relatos de promoção excessiva dos tweets de Musk. Outras preocupações levantadas são sobre a Meta dar menor atenção à moderação em países com idiomas diferentes do inglês e sobre pressões que o Tiktok poderia sofrer do governo chinês.

São as plataformas que controlam a distribuição dos conteúdos em suas mídias e fazem a moderação do que vemos ou daquilo que não vamos ver e, conseqüentemente, influenciam no que vamos acreditar. Esse é um poder que estamos dando a eles sem saber, quando aceitamos os seus termos de uso. É sabido que nem todo mundo lê esses termos de uso, mas, ainda que todos lessem antes de aceitar, não está escrito de forma clara que a plataforma em questão vai decidir que tipo de informação vamos ver e quais não vão aparecer e que, em troca deste uso, vou dar a eles todas as informações sobre a minha vida, inclusive dados íntimos, para que essas empresas lucrem com eles:

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2024/sep/24/social-media-owners-survey-misinformation-online-news>. Acesso em: 01/10/2024.

De posse desses dados pessoais, corporações multinacionais como Alphabet, Meta, e X Corp têm acumulado fortunas com o uso da inteligência artificial e técnicas de mediação e filtragem algorítmica de dados para microsegmentação de públicos, publicidade programática, impulsionamento direcionado de conteúdo, modulação comportamental e outros expedientes eticamente reprováveis (como a disseminação da desinformação), que servem não apenas para capturar a atenção de seus usuários, mas também para orientar escolhas de consumo, interferir em suas percepções políticas e, acima de tudo, mantê-los engajados na atividade “livre” de produção de dados. Quem não concordar com os unilaterais termos de uso e cessão de dados estará fora da plataforma (Bezerra, 2024, p. 26).

Em diversos países atualmente há a preocupação com as *big techs* no que diz respeito à privacidade dos cidadãos, respeito às leis vigentes nos países, discursos antidemocráticos e desinformação, entre outros problemas. Em agosto de 2024, a França prendeu Pavel Durov, fundador e dono do Telegram, por não colaborar com a polícia e permitir crimes em sua plataforma.¹⁰² No Brasil, no dia 30 do mesmo mês, o ministro do STF, Alexandre de Moraes, mandou retirar do ar a plataforma X, antigo Twitter, após a empresa não cumprir decisões judiciais, não pagar multas aplicadas pela justiça e não designar representante legal no país. Musk contou com o apoio de diversos parlamentares da extrema direita em sua briga com o ministro, mas precisou ceder e cumprir todas as decisões para que o retorno fosse ordenado por Moraes apenas no dia 08 de outubro.¹⁰³ O bilionário Elon Musk comprou o X e vem deixando claro que a sua intenção é usar a plataforma para seus objetivos políticos, com ataques ao STF e governos de países democráticos, como o do Reino Unido, apoio a partidos políticos de extrema direita, como ao AfD da Alemanha, considerado neonazista, entre outras ações.

As empresas que comandam as plataformas digitais possuem hoje um enorme poder, seja devido ao seu valor de mercado, pois muitas valem mais que o PIB de alguns países, seja pelo número de pessoas que participam delas, que também é maior que número de habitantes de países, entre outras questões. O poder que essas empresas exercem pode dar a seus donos a impressão de estarem acima das leis, especialmente em países como o Brasil, em que existe um número grande de políticos que defendem seus interesses usando o discurso de que o combate à desinformação pode ferir a liberdade de expressão ou interferir na inovação.

Em setembro de 2024, o Federal Trade Commission, órgão federal americano que tem a proteção ao consumidor entre suas atribuições, publicou um relatório baseado em questões enviadas pelo órgão a nove companhias: Amazon (dona do Twitch), Facebook, YouTube, Twitter/X, Snap, ByteDance (dona do TikTok), Discord, Reddit e WhatsApp. Entre as informações solicitadas estão:

¹⁰² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/08/26/franca-prende-dono-do-telegram.htm>. Acesso em 01/10/2024.

¹⁰³ Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnovicias/stf-autoriza-o-retorno-imediato-do-x-e-determina-que-anatel-adote-providencias-para-a-retomada-do-servico/>. Acesso em: 09/10/2024.

como as empresas coletam, rastreiam e usam informações pessoais e demográficas, como determinam quais anúncios e outros conteúdos são exibidos aos consumidores, se e como aplicam algoritmos ou análise de dados a informações pessoais e demográficas, e como suas práticas impactam crianças e adolescentes”.¹⁰⁴

O relatório descobriu que as empresas coletam e guardam uma quantidade enorme de dados de usuários e não usuários das plataformas e usam esses dados para ganhar bilhões de dólares ao ano, também aponta que as empresas não excluíram todos os dados dos usuários após solicitação. Para os pesquisadores, o modelo de negócios das empresas entra em conflito com a privacidade dos usuários e algumas delas implementaram tecnologias de rastreamento invasivo. Por fim, o relatório concluiu que os utilizadores têm pouca ou nenhuma forma de optar como seus dados serão utilizados pelas empresas.

Além dos problemas relacionados à privacidade, o relatório também aponta que as mídias sociais e serviços de streaming não fornecem proteção adequada a crianças e adolescentes e tratam esse público como adultos, já que não reconhecem a presença deles nas plataformas, e que a maioria permitia a entrada de menores em suas plataformas sem restrições de conta. Entre as recomendações do relatório estão a criação de legislações pelos congressistas para a proteção da privacidade dos cidadãos, exigências de ações por parte das empresas para proteger os usuários e sua vida privada e que examinem suas práticas relativas à segmentação de anúncios, assim como as empresas não ignorem a existência de menores de idade entre os usuários, para que forneçam medidas de segurança a este público.

Devido à enorme influência das mídias digitais na sociedade atual, tendo implicações reais na forma em que nos informamos e consequentemente nas decisões que tomamos, muitos países buscam medidas para que essas empresas tenham mais responsabilidade pelos conteúdos disseminados, como o PL 2630, que foi apresentado no Brasil em 2020, aprovado no Senado, mas contou com resistência de políticos e das plataformas na Câmara dos Deputados.

Em 2023, as *big techs* fizeram propaganda contrária ao PL 2630, que iria impor mais responsabilidades a essas empresas, como a de monitorar os conteúdos nocivos e retirá-los do ar antes que danos fossem causados a pessoas ou à sociedade. Segundo estudo conduzido pela NetLab, da UFRJ, as propagandas feriam inclusive os termos de uso das próprias plataformas, o que poderia configurar abuso de poder econômico (NetLab, 2023). A pesquisa reuniu dados de que o Google estava oferecendo respostas enviesadas nas buscas pelo tema e indicou páginas hiperpartidárias contrárias ao PL na primeira página da busca. Na época, o governo teve que intervir, a partir do Ministério da Justiça, para que um texto contrário ao PL colocado na página

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.ftc.gov/news-events/news/press-releases/2024/09/ftc-staff-report-finds-large-social-media-video-streaming-companies-have-engaged-vast-surveillance>. Acesso em: 07/10/2024.

principal do buscador fosse investigado como possível prática abusiva.¹⁰⁵ No momento em que escrevo, o PL ainda não foi votado e não há previsão para que essas empresas sejam regulamentadas.

A população hoje tem algo a oferecer de muito valor: sua atenção. Porém, boa parte não tem ciência do que as grandes empresas de tecnologia, os sites hiperpartidários, os influenciadores e *tiktokers* estão oferecendo em troca dessa atenção e nem como lucram com ela. A disputa para conquistar mais tempo do público em seus conteúdos é acirrada, visto que as opções disponíveis são muitas. Os mal-intencionados já perceberam que o uso da emoção, da indignação, de sensacionalismo e dos mecanismos tecnológicos atuais são grandes aliados na conquista de mais atenção e mais dinheiro. Todo esse cenário informacional caótico com muita informação disponível, *trolls*, *bots*, fazendas de cliques e de conteúdos, *fake news*, sensacionalismo, empresas de propaganda contratadas para disseminar conteúdos nocivos, tropas digitais, entre outros problemas, é o que eleitores brasileiros e de muitos países precisam enfrentar há alguns anos, principalmente em anos eleitorais, em que as verbas das propagandas aumentam.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/01/dino-pede-apuracao-sobre-possivel-pratica-abusiva-do-google-contr-pl-das-fake-news.ghtml>. Acesso em: 13/10/2024.

3 A MANIPULAÇÃO DA CONFIANÇA E DAS EMOÇÕES PARA GANHOS POLÍTICOS

Os lucros e vantagens que a desinformação política proporciona nos ajuda a compreender a razão de seu uso por políticos, jornalistas, influenciadores, marqueteiros de política e até empresários e artistas. Porém, essas vantagens não são conferidas ao cidadão comum, que, em certa medida, participa e colabora com o caos informacional compartilhando, curtindo e comentando as informações falsas.

Já vimos que os algoritmos das mídias sociais entregam mais os conteúdos que tiveram interações e, como a entrega é parte fundamental para o sucesso de qualquer propaganda, este engajamento ajuda a viralizar informações falsas e danosas. O encaminhamento também confere alguma credibilidade à informação e muitas delas são enviadas a contatos através dos aplicativos de mensagem. Mas por que cidadãos comuns aceitam participar de campanhas de engano coletivo? Como essas pessoas passaram a acreditar em dados falsos e a divulgá-los? Por que o cidadão não busca por informações confiáveis e confia nas falsidades que surgem no ambiente digital?

A tecnologia atual colabora com a polarização, com suas bolhas de filtros que confirmam nossas posições políticas, mas é a mobilização dos afetos que nos fazem, ao termos acesso a informações que desmentem nossos posicionamentos, rejeitá-las de imediato. Por mais que as pessoas se esforcem para encontrar motivos racionais de suas escolhas políticas, “a política é fundamentalmente emocional [...]. A partir desse primeiro reflexo emocional que marca nosso universo visual emocional, procedemos ao processo cognitivo de elaboração e decisão. A impressão vai se tornando opinião. E se confirma ou se desmente na elaboração do debate contínuo que acontece nas mídias sociais em interação com a mídia.” (Castells, 2018, p. 26).

O apelo às emoções da população através do pânico moral e a construção da ideia de um inimigo perigoso que quer destruir tudo de valor, que podem ser vistos em diversos conteúdos da extrema direita, têm levado cidadãos à polarização afetiva, que acontece “quando as diferenças ideológicas passam a vir acompanhadas por fortes emoções negativas em relação ao ‘outro lado’” (Assis e Cooper, 2024), levando, inclusive, pessoas e familiares a discussões, brigas e até o corte definitivo de relações. Dentro desse ambiente polarizado, as emoções são afloradas, narrativas são construídas e crenças pré-estabelecidas se fortalecem:

A massificação do acesso à internet e a polarização do debate público criaram um ambiente propício para a difusão de conteúdos informacionais que corroboram crenças previamente aceitas por usuários que se identificam com algum dos polos do debate. Assim, produzir esse tipo de conteúdo – verdadeiro ou não – tem um grande

potencial de atração de audiência seja com a intenção de convencimento ou de monetização (Ortellado, 2018).

As emoções são acionadas e convocadas para tomar conta das decisões e opiniões nas mídias digitais, porém, as mudanças sociais, econômicas e culturais vistas nas últimas décadas colaboram para a desconfiança mútua, o medo e a indignação com a política, sentimentos muito usados em informações falsas. São esses sentimentos, entre outros, que levam o cidadão comum a participar ativamente, interagindo com a desinformação política.

“A desilusão do cidadão com a política é coisa antiga; hoje em dia, ele está cada vez mais inquieto, raivoso, até desdenhoso” (Mounk, 2019, p. 16). A exploração da mídia de notícias ruins, a crise de representatividade e escândalos de corrupção corroboram nesta desilusão. No Brasil, escândalos como o Mensalão, Petrolão e Lava-jato viraram trunfos nas mãos de agentes da desinformação, que intensificaram seus esforços para minar de vez a confiança do eleitor na política. Muitas pessoas foram atraídas para páginas do Facebook e grupos do WhatsApp que utilizavam discursos rasos, polarizadores e raivosos contra os representantes políticos, principalmente da esquerda. Ideais anticomunistas e conservadores passaram a ser compartilhados nesses grupos que usavam de informações verdadeiras, meias verdades, mas também muitas falsidades para chamar a atenção e aumentar a indignação.

Com as narrativas falsas estabelecidas, várias instituições passaram a ser alvo de ataques, entre elas: imprensa, universidades, STF, Congresso Nacional, ONGs de diversas áreas de trabalho, além de especialistas de temas como saúde, clima ou qualquer outro que fosse do interesse de grupos políticos, especialmente da extrema direita. Com a política e as instituições virando alvos de ataques constantes, ganha força a narrativa de que a solução para a política está fora dela e, dessa forma, esses grupos envolvidos em desinformação política passaram a exaltar candidatos que se alegavam *outsiders*, ou que se colocavam como fiscalizadores, juízes, denunciadores ou representantes do povo.

Com a confiança abalada nas tradicionais fontes de informação, o direcionamento da atenção para conteúdos nocivos foi um movimento realizado por considerável parcela da sociedade. Os agentes da desinformação entenderam que era um bom negócio investir na desconfiança, na indignação, no caos informacional e se aproveitar da falta de educação política, digital, midiática e emocional para manipular a opinião pública.

3.1 As motivações para incertezas e crises de confiança no mundo atual

Nas últimas décadas, passamos por diversas mudanças na nossa sociedade. Essas mudanças ocorreram na comunicação, na economia, na cultura, nos costumes, entre outras, e

aconteceram em uma velocidade difícil de acompanhar. Além disso, assistimos a crises políticas, econômicas e midiáticas que nos levaram a momentos de desilusão, indignação e descrença. O esforço para acompanhar tantas mudanças e crises sem termos um preparo educacional nem emocional anterior, nossa falta de tempo para buscar a compreensão destes acontecimentos e a quantidade gigantesca de informações circulando vem deixando a população mais suscetível à desconfiança e a informações falsas:

Tensões geopolíticas subjacentes combinadas com o surgimento de hostilidades ativas em múltiplas regiões estão contribuindo para uma ordem global instável caracterizada por narrativas polarizadoras, erosão da confiança e insegurança. Ao mesmo tempo, os países estão lidando com os impactos de condições climáticas extremas sem precedentes, já que os esforços e recursos de adaptação às mudanças climáticas não atendem ao tipo, escala e intensidade dos eventos climáticos já ocorridos. Pressões do custo de vida continuam a impactar, em meio a uma inflação e taxas de juros persistentemente elevadas e incertezas econômicas contínuas em grande parte do mundo. Manchetes desalentadoras são sem fronteiras, compartilhadas regularmente e amplamente, e um sentimento de frustração com o status quo está cada vez mais palpável. Juntos, isso deixa amplo espaço para riscos acelerados - como desinformação e informações falsas - se propagarem em sociedades que já foram politicamente e economicamente enfraquecidas nos últimos anos (Global Risks Report 2024, p. 4).

Além da aceleração das mudanças, também assistimos, sem poder fazer muito a respeito, inúmeros escândalos vindos de grandes empresas, governos e instituições que estremeceram nossa confiança em setores importantes da sociedade:

Como a trama de alguma novela exagerada ou tragédia jacobina, os episódios de comportamento antiético têm ocorrido de forma intensa e rápida, desde os mais escandalosos, até criminais, aos simplesmente estúpidos e, infelizmente, rotineiros. Cada um desses episódios desgastou a confiança do público. O escândalo das despesas dos parlamentares britânicos; a falsa inteligência sobre armas de destruição em massa (ADM); o escândalo da carne de cavalo da Tesco; a extorsão de preços pelas grandes empresas farmacêuticas; o derramamento de óleo da BP Deepwater Horizon; as desonras do suborno da FIFA; o ‘dieselgate’ da Volkswagen; grandes violações de dados por empresas como Facebook e Cambridge Analytica, Sony, Target e Equifax; os Papéis do Panamá e do Paraíso e a evasão fiscal generalizada; a manipulação das taxas de câmbio pelos maiores bancos do mundo; o escândalo de corrupção na Petrobras no Brasil; a falta de uma resposta eficaz às crises de refugiados; e, por último, mas não menos importante, as chocantes revelações de abuso generalizado por padres católicos, outros clérigos e outras instituições de ‘cuidado’. Não é de se surpreender que mil manchetes lamentem que ninguém mais confia nas autoridades. Corrupção, elitismo, disparidade econômica – e as respostas fracas a tudo isso – abalaram a confiança tradicional nas velhas instituições tão ferozmente quanto um vento brutal açoitando antigos carvalhos (Botsman, 2018, p. 3).

O sentimento de impotência diante de tantas notícias negativas, a piora na qualidade de vida de muitos cidadãos, a preponderância na mídia de notícias ruins e a desilusão com a política e a economia têm levado discursos contrários à política e ao estado a prosperarem. Em países desenvolvidos, questões relacionadas à estagnação econômica da classe média, somadas ao aumento da imigração aumentou a insatisfação:

[...] uma grande parcela da classe média em redutos tradicionais da democracia liberal não consegue sair do lugar. E embora a desigualdade global tenha diminuído porque

os países pobres têm crescido muito mais rápido do que os ricos, a desigualdade em praticamente todas as sociedades – tanto as economias mais estagnadas do Ocidente afluyente como as economias mais dinâmicas do Sul Mundial – aumentou de forma visível (Mounk, 2019, p. 55).

Em seu livro *Ruptura* (2018), Castells aponta uma insatisfação popular com o modelo político de representação em países importantes, como Estados Unidos, Espanha, França e Reino Unido, ou seja, uma crise que não se concentra em um lugar apenas, e o autor aponta que essa insatisfação tem relação com mudanças radicais na vida dos cidadãos. No prefácio de seu outro livro *A sociedade em rede*¹⁰⁶, o sociólogo já apontava a desorientação com as mudanças radicais na comunicação e uma nova cultura “baseada na comunicação multimodal e no processamento digital de informações” nos Estados Unidos (Castells, 2022, p. 11), além de problemas relacionados às desigualdades do crescimento, da produtividade e do lucro em relação aos salários dos trabalhadores em anos anteriores à crise de 2008, assim como o aumento dos preços dos imóveis (Castells, 2022, p. 14) e das taxas de endividamento (Castells, 2022, p. 15).

Se por décadas, esse modelo de governo atendeu às necessidades dos cidadãos, a perda de qualidade de vida passou a ser sentida de forma acentuada: “Somente a entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho impediu uma queda no padrão de vida da maioria das famílias” (Castells, 2022, p. 16). Para Mounk (2019), essa desilusão com governos liberais levou a um desencantamento com a democracia:

Há um quarto de século, a maioria dos cidadãos das democracias liberais estava muito satisfeita com seus governos e o índice de aprovação de suas instituições era elevado; hoje, a desilusão é maior do que nunca. Há um quarto de século, a maioria dos cidadãos tinha orgulho de viver numa democracia liberal e rejeitava enfaticamente uma alternativa autoritária a seu sistema de governo; hoje, muitos estão cada vez mais hostis à democracia. E há um quarto de século, adversários políticos eram unidos em seu respeito mútuo pelas regras e normas democráticas básicas; hoje, candidatos que violam as normas mais fundamentais da democracia liberal ganharam grande poder e influência (Mounk, 2019, p. 19).

Em seu artigo de 2017 *The end of progressive liberalism* (O fim do liberalismo progressista, em tradução livre), Nancy Fraser cita a insatisfação com o modelo neoliberal como ponto de partida para “insurgências eleitorais” recentes como “o voto do Brexit no Reino Unido, a rejeição das reformas de Renzi na Itália, a campanha de Bernie Sanders pela nomeação do Partido Democrata nos Estados Unidos e o crescente apoio à Frente Nacional na França, entre outros” (Fraser, 2017):

Em todos os casos, os eleitores estão dizendo “Não!” à combinação letal de austeridade, livre comércio, dívidas predatórias e trabalhos precários e mal remunerados que caracterizam o capitalismo financeiro atual. Seus votos são uma

¹⁰⁶ Prefácio relacionado à edição de 2010.

resposta à crise estrutural dessa forma de capitalismo, que veio à tona com o quase colapso da ordem financeira global em 2008 (Fraser, 2017).

Fraser fala de uma insurgência popular que desafia os sistemas partidários que degradaram as condições de vida da população nas últimas três décadas (Fraser, 2017). No entanto, a filósofa aponta o neoliberalismo progressista, que une movimentos como feminismo, antirracismo, multiculturalismo e direitos LGBT a setores empresariais de alto nível e baseados em serviços como o alvo dessa revolta popular: “Ideais como diversidade e empoderamento, que poderiam, em princípio, servir a outros fins, agora embelezam políticas que devastaram a manufatura e o que antes eram vidas de classe média” (Fraser, 2017). A autora detalha seu argumento a partir de fatos históricos dos Estados Unidos:

[...]o ataque à seguridade social foi revestido por um verniz de carisma emancipatório, emprestado dos novos movimentos sociais. Durante os anos em que a indústria manufatureira entrou em colapso, o país fervilhava com discursos sobre “diversidade”, “empoderamento” e “não discriminação”. Identificando “progresso” com meritocracia em vez de igualdade, esses termos equiparavam “emancipação” à ascensão de uma pequena elite de mulheres, minorias e gays “talentosos” na hierarquia corporativa de vencedor-leva-tudo, em vez de com a abolição dessa hierarquia. Essas concepções liberal-individualistas de “progresso” gradualmente substituíram as compreensões mais amplas, anti-hierárquicas, igualitárias, sensíveis à classe e anticapitalistas de emancipação que floresceram nas décadas de 1960 e 1970. Com o declínio da Nova Esquerda, sua crítica estrutural da sociedade capitalista se desfez, e a mentalidade liberal-individualista característica do país se reafirmou, reduzindo imperceptivelmente as aspirações dos “progressistas” e autoproclamados de esquerda. O que selou o acordo, no entanto, foi a coincidência dessa evolução com a ascensão do neoliberalismo. Um partido determinado a liberalizar a economia capitalista encontrou seu par perfeito em um feminismo corporativo meritocrático focado em “assumir a liderança” e “quebrar o teto de vidro” (Fraser, 2017).

Discursos autoritários ou que separam a população, apontando inimigos como imigrantes, comunistas ou a ideia de que existem grupos que querem destruir as famílias, como homossexuais e feministas, ganharam força em diversos países e elevaram os níveis emocionais nos discursos políticos. As mídias sociais ajudaram a unir pessoas que possuíam pensamentos antidemocráticos, grupos separatistas ou de ódio que não viam espaço para expor suas opiniões. Essa união de pessoas com opiniões extremistas em comum facilitou a disseminação de conteúdos que não eram permitidos pelas mídias politicamente corretas:

Uma última mudança dominou o mundo no breve período de algumas décadas. Até recentemente, os meios de comunicação permaneciam domínio exclusivo das elites políticas e econômicas. Os custos associados a imprimir um jornal, dirigir uma estação de rádio ou operar uma rede de TV eram proibitivos para a maioria dos cidadãos. Isso permitiu ao establishment político marginalizar as opiniões extremas. A política permaneceu relativamente consensual (Mounk, 2019, p. 32).

Nos últimos anos, vemos notícias do aumento de grupos neonazistas, crescimento de partidos de extrema direita e símbolos supremacistas sendo expostos nas mídias, como, por exemplo, o gesto de ‘OK’ feito com os dedos pelo assessor de Bolsonaro, Filipe Martins. Esse gesto passou a ser usado por supremacistas brancos simbolizando ‘white power’ (poder branco,

em inglês)¹⁰⁷ e é uma forma de membros desses grupos se identificarem aos seus pares, uma demonstração de pertencimento. Vemos também candidatos que disseminam abertamente ódio a imigrantes vencendo eleições ou crescendo nas pesquisas em países democráticos. A mobilização dos medos, da indignação e a busca por culpados eleva os sentimentos identitários:

O multiculturalismo e a imigração, dimensões essenciais da globalização, induzem o chamamento à comunidade identitária. Nesse contexto, a desconfiança nos partidos e nas instituições, construídos em torno dos valores e interesses de outra época, deriva em uma busca por novos atores políticos nos quais seja possível crer. Em todas as sociedades, os setores sociais mais vulneráveis são os que reagem, movidos pelo medo, a mais poderosa das emoções, e se mobilizam em torno daqueles que dizem aquilo que o discurso das elites não lhes permite dizer. Daqueles que, sem rodeios, articulam um discurso xenófobo e racista. Daqueles que apelam para a força do Estado como forma de resolver as ameaças. Daqueles que simplificam os problemas mediante a oposição entre o em cima e o embaixo. E aqueles que denunciam corrupção em todo canto, embora em muitos casos eles e elas façam parte dessa mesma corrupção (Castells, 2018, p. 37).

Para Castells (2018), a falta de controle do cidadão sobre os inúmeros acontecimentos e a crise de representação, que eleva os sentimentos de indignação com as elites políticas, reforça a busca por identificação, fazendo com que cidadãos se fechem em seus grupos e rejeitem os que não pertencem a esses grupos:

A essa crise da representação de interesses se une uma crise identitária como resultante da globalização. Quanto menos controle as pessoas têm sobre o mercado e sobre seu Estado, mais se recolhem numa identidade própria que não possa ser dissolvida pela vertigem dos fluxos globais. Refugiam-se em sua nação, em seu território, em seu deus (Castells, 2018, p. 19).

Castells (2018) afirma que o ressentimento racial dos homens brancos teve influência na eleição de Donald Trump, que recebeu uma onda de votos de homens brancos do meio rural (Castells, 2018, p. 47), mas salienta que, embora os racistas tenham majoritariamente votado em Trump, nem todos os que fizeram essa escolha eram racistas, entre esses eleitores havia “pessoas atemorizadas pela rápida mudança econômica, tecnológica, étnica e cultural do país. Por isso os velhos brancos apoiaram Trump, para tentar preservar seu mundo, um mundo que em certos momentos viam desaparecer” (Castells, 2018, p. 47). O sociólogo afirma que o fato de diversos grupos étnicos reforçarem publicamente suas identidades e se colocarem como contestadores da identidade patriarcal do homem branco gerou um sentimento de exclusão nesse grupo que passou a sentir necessidade de afirmação da sua identidade (Castells, 2018, p. 51).

Levitsky e Ziblatt (2018) seguem o mesmo entendimento de que as mudanças sociais e culturais na sociedade americana tiveram papel importante na guinada do Partido Republicano (GOP) para a extrema direita. Segundo os autores, o Partido Democrata se diversificou nas

¹⁰⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/12/18/filipe-martins-condenado-por-que-gesto-de-ok-pode-representar-racismo.htm>. Acesso em: 13/01/2025.

últimas décadas enquanto o GOP se manteve homogêneo, com sua composição de eleitores brancos protestantes, um grupo antes dominante, mas que vem decaindo em número e “se instalou confortavelmente no Partido Republicano” (2018, p. 167).

Na Europa, o apelo étnico também funcionou. Nas propagandas disseminadas pela Cambridge Analytica a favor do *Leave* no referendo do *Brexit* havia inúmeras que incentivavam a revolta contra os imigrantes. A jornalista Carole Cadwalladr, do The Observer, conta em sua apresentação do Ted Talks que esteve na cidade de Abw Vale para compreender a razão do voto majoritário daquela população no *Leave*, para que o Reino Unido saísse da União Europeia. Lá, ela escutou pessoas dizendo que estavam cansadas de imigrantes e refugiados, mesmo não havendo naquela cidade um número significativo de imigrantes, mas era esse tipo de informação que aparecia em forma de propaganda para aqueles cidadãos no Facebook.¹⁰⁸

Tanto nos Estados Unidos, como no Reino Unido, no Brasil e em países da Europa e da América Latina, percebe-se o crescimento da extrema direita. Os discursos abraçam, em grande parte, essa parcela da população enraivecida com questões identitárias e econômicas. Junto a esse movimento, vimos crescer o número de teorias conspiratórias, desinformação e conteúdo de ódio a essas mesmas minorias que ameaçam a hegemonia do homem branco. Os ataques aos imigrantes, aos direitos das mulheres como o aborto legal e aos direitos da comunidade LGBT têm forte apelo entre esses grupos em diferentes países democráticos, sejam do Norte ou do Sul Global.

No Brasil, Jair Messias Bolsonaro, representante da extrema direita conservadora, ganhou notoriedade e chegou ao poder atacando com firmeza as minorias em diversos momentos. Por consequência disso, conquistou alguns grupos específicos e atraiu rejeição em alguns segmentos. Essas divisões identitárias, mesmo não sendo muito acentuadas em alguns casos, também se apresentam nas pesquisas de intenção de voto que fazem recortes por segmentos da sociedade.

Na pesquisa de segundo turno do Datafolha em 2018, Bolsonaro empatava tecnicamente com seu adversário Fernando Haddad entre as mulheres (42% x 41%) e vencia com ampla vantagem entre os homens (55% x 35%). Bolsonaro vencia em quase todas as faixas etárias pesquisadas, exceto entre 16 e 24 anos, em que empatava tecnicamente com Haddad. Entre os mais pobres, com rendimentos de até dois salários-mínimos, e os menos escolarizados, com ensino fundamental, Bolsonaro perdia. Entre as regiões, Haddad vencia apenas no Nordeste.

¹⁰⁸ Disponível em:

https://www.ted.com/talks/carole_cadwalladr_facebook_s_role_in_brexit_and_the_threat_to_democracy?subtitle=en&lng=pt-br&geo=pt-br. Acesso em: 22/09/2024.

Como o critério da religião também influenciou nas preferências da população, é importante relembrar que Bolsonaro esteve à frente entre evangélicos (59%) e kardecistas (48%), enquanto Haddad vencia entre os adeptos de religiões africanas (62%), ateus (61%) e agnósticos e sem religião (46%). Os candidatos empatavam tecnicamente entre católicos (44% para Bolsonaro e 43% para Haddad). Entre os heterossexuais, 50% escolheram Bolsonaro e 57% dos homossexuais escolheram Haddad. Não houve recorte racial nesta divulgação.¹⁰⁹

Em 2022, nas pesquisas para o segundo turno, o mesmo instituto de pesquisa trouxe o cenário em que Lula e Bolsonaro empatavam entre os homens e Lula vencia entre as mulheres. Bolsonaro se manteve vencendo com larga diferença entre os evangélicos (62%) e em todas as faixas acima de 5 salários-mínimos e Lula vencia entre os católicos (55%) e manteve a preferência entre os menos escolarizados, os mais pobres e vencia entre os pretos. Nas regiões, Bolsonaro vencia apenas no Centro-Oeste e no Sul e empatava tecnicamente com Lula no Sudeste e no Norte, regiões em que vencia em 2018. No Nordeste, Lula manteve-se à frente, assim como Haddad em 2018. Lula liderava nas faixas etárias 16 a 24 anos, 45 a 59 anos e entre os maiores de 60 anos, sendo que o público mais velho votava majoritariamente em Bolsonaro na pesquisa de 2018, chegando a 50%, 14 pontos à frente de Haddad.

No caso, outros institutos fizeram pesquisas com recortes específicos durante os dois períodos eleitorais com resultados que podem oscilar. As duas pesquisas aqui apresentadas foram escolhidas por serem mais próximas ao dia da eleição no segundo turno, do mesmo instituto, que é um dos maiores do país e que realizou pesquisas nas duas eleições.

Apesar de, no Brasil, haver algumas tendências nas escolhas dos votos relacionadas à identidade, há mudanças que podemos observar nas duas pesquisas, como a perda de apelo de Bolsonaro entre os mais velhos, apesar de não ter como saber se a diferença se projetou nas urnas nem qual seria a razão, principalmente porque o seu adversário era outro. Ainda assim, em alguns casos, como no dos evangélicos, vemos forte identificação deste público pelo candidato, em contrapartida, na região Nordeste, nas duas eleições, ele teve percentual inferior aos candidatos do PT.

Uma guinada à direita em alguns setores da sociedade foi observada nos últimos anos no Brasil, especialmente após as manifestações de junho de 2013, que começaram com a revolta pelo aumento das passagens em São Paulo e passaram a incorporar várias insatisfações do povo brasileiro. A direita conseguiu cooptar boa parte dos indignados com os problemas do país,

¹⁰⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em: 22/09/2022.

principalmente com o discurso anticorrupção contra o governo do PT. Muitas páginas foram criadas no Facebook, uma delas com um nome que representava parte da sociedade naquele momento, a Revoltados Online, que teve grande repercussão na época, chegando a 2 milhões de seguidores, mas, após bloqueio por discurso de ódio e homofobia, a página foi perdendo espaço.¹¹⁰ No entanto, inúmeras outras permaneceram ou surgiram depois.

Os frequentes protestos nas ruas conseguiram atrair muitos manifestantes e frases como “o gigante acordou” passavam a ideia de que os brasileiros finalmente estavam se preocupando em lutar por um país mais justo e por menos corrupção e regalias na política. Porém, os debates rasos, a falta de uma pauta clara e a violência de alguns grupos fizeram com que as manifestações esvaziassem:

As ondas de indignação são eficientes em mobilizar e compactar a atenção. Por causa de sua fluidez e volatilidade elas não são, porém, apropriadas para organizar o discurso público, a esfera pública. Elas são incontroláveis, incalculáveis, inconstantes, efêmeras e amorfas para tanto. Elas se inflam repentinamente e se desfazem de maneira igualmente rápida (Han, 2018, 21).

Para Han (2018), a indignação do cidadão enraivecido tem mais relação com o individualismo do que com a identificação com a comunidade:

A sociedade da indignação é uma sociedade do escândalo. Ela não tem *contenance*, não tem compostura. A desobediência, a histeria e a rebeldia – que são características das ondas de indignação – não permitem nenhuma comunicação discreta e factual, nenhum diálogo, nenhum discurso. A compostura, porém, é constitutiva para a esfera pública. A distância, porém, é necessária para formação da esfera pública. As ondas de indignação indicam, além disso, uma identificação fraca com a comunidade. Desse modo, elas não formam nenhum Nós estável, que apresentasse uma estrutura de zelo pela sociedade como um todo. Também o zelo do assim chamado cidadão enraivecido não é [um zelo] por toda a sociedade, mas sim, em larga medida, um zelo por si mesmo. Por isso, ele se desfaz de novo rapidamente (Han, 2018, p.22).

Quando as manifestações cessaram, restaram grupos, páginas e perfis radicalizados e disseminando o radicalismo nas mídias digitais. Para Miguel (2018), “a direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso” (Miguel, 2018, p. 19). O professor da Universidade de Brasília acredita que não existe no Brasil apenas uma direita, mas grupos diversos com a percepção de um inimigo em comum: “os setores mais extremados incluem três vertentes principais, que são o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo” (Miguel, 2018, p. 19). A partir dessas divisões, os discursos reforçam a família tradicional se contrapondo ao estado nas tarefas de proteção social (Miguel, 2018, p. 20), a religião como forma de manter o rebanho disciplinado, imunizá-lo contra discursos contraditórios e fornecer um importante capital aos líderes religiosos, os “novos coronéis da

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-65994351>. Acesso em: 27/09/2024.

política brasileira” (Miguel, 2018, p. 21), além da reciclagem do anticomunismo a partir do bolivarianismo venezuelano (Miguel, 2018, p. 22).

Outro ponto destacado por Miguel (2018, p. 23) é sobre a classe média brasileira, que passou a adotar o discurso da meritocracia, pois viu seus espaços sendo invadidos pela chamada nova classe C, que, por sua vez, passou a se ver como “capitalista em formação”, pois o estímulo ao consumo nesta classe social contribuiu para a penetração desta visão de mundo (Miguel, 2018, p. 23). Ao longo dos governos petistas, setores mais pobres da sociedade passaram a ter acesso a bens e serviços antes exclusivos à classe média e aos mais ricos, como andar de avião, TV à cabo, viagens ao exterior e, devido a programas de inclusão educacional, às universidades públicas e particulares, inclusive nos cursos mais disputados como Medicina, por exemplo.

A mesma classe média tradicional que se sentiu ressentida por deixar de “ser especial”¹¹¹ de uma hora para outra, pois ter acesso a bens e serviços perdeu a graça, já que poderia encontrar seu porteiro em Nova York, também teve que lidar com a inclusão dos direitos trabalhistas para as empregadas domésticas e com as cotas sociais e raciais nas universidades públicas:

A busca da distinção social é um componente central da dinâmica das sociedades contemporâneas, e o acesso ao consumo é uma das principais formas pelas quais essa distinção se manifesta. O efeito “simbólico” é um efeito sobre a percepção da própria posição na hierarquia social e, portanto, do sucesso ou fracasso como indivíduo (Miguel, 2018, p. 23).

O preconceito de classe passou a ser relacionado à corrupção do governo do PT, que, para uma parcela da sociedade, era o “único responsável pelos desvios éticos da política brasileira” (Miguel, 2018, p. 25). Talvez essa relação tenha sido feita por causa do apelo maior do partido entre os nordestinos, a parcela que recebia os menores salários, os negros e os menos escolarizados, ou seja, os mais pobres. A indignação contra o PT e, conseqüentemente, a esquerda, passou a dominar todos os grupos da direita. Os evangélicos e conservadores passaram a ver a esquerda como uma ameaça à família por causa de algumas pautas como direitos dos homossexuais e feminismo. Os anticomunistas viam no PT uma ameaça do Brasil ‘virar uma Venezuela’ e vários conteúdos, verdadeiros ou falsos, sobre o país vizinho começaram a surgir, assim como supostos grandes complôs da esquerda como o Foro de São Paulo e o Marxismo Cultural, passaram a ser muito divulgados.

A indignação contra a corrupção e tudo o que há de errado no país vira a indignação contra um único partido, o PT, que passa a representar o mal para esses grupos. As mídias digitais passaram a receber todo tipo de conteúdo contra a esquerda, o PT e os presidentes do

¹¹¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/80046-ser-especial.shtml>. Acesso em: 26/09/2024.

partido, Dilma Rousseff e Luís Inácio Lula da Silva, que iam desde informações verdadeiras e invenções descabidas das mídias sociais, até algumas informações distorcidas pela mídia tradicional:

Reportagens em jornais e redes de televisão, processos judiciais, investigações policiais e boatos gerados na internet retroalimentavam-se, gerando uma nuvem de informações verdadeiras, duvidosas ou indubitavelmente falsas que estigmatizava o PT – e, por consequência, toda a esquerda – como encarnação da desonestidade e do mal. Entre os rumores mais absurdos fabricados e disseminados na internet e a cobertura tendenciosa de jornais e emissoras de televisão não há uma fronteira e sim um continuum. A maior parte da mídia convencional não dava guarida aos boatos mais risíveis, embora alguns deles pudessem aparecer em veículos marginais que abandonaram a pretensão de credibilidade (como a revista Isto É). Mas o noticiário enviesado fomentava a visão maniqueísta do público e, assim, consolidava o ambiente mental que permitia que mesmo as falsificações mais disparatadas ganhassem foros de verdade (Miguel, 2018, p. 26).

As direitas do Brasil conseguiram captar bem os sentimentos mais negativos de uma sociedade indignada. Por mais que as razões de boa parte dessa indignação fossem legítimas, a ideia de escolher um culpado – a esquerda, no caso – facilitou o discurso. É sempre mais fácil falar dos problemas de uma sociedade quando se tem alguém ou algum grupo para se apontar o dedo e por isso a estratégia do bode expiatório costuma funcionar em diferentes países e momentos históricos.

Vários anseios movem as novas direitas e a análise desses sentimentos pode ajudar a compreender o fenômeno. Em seu livro *Ressentimento*, Kehl (2020) fala de um fator emocional que pode afetar sociedades modernas: o ressentimento social. A autora identifica a necessidade de eleger culpados quando a barra pesa (Kehl, 2020, p. 198) como uma das características deste ressentimento. Para a autora, este sentimento tem relação com a modernidade, em que grupos sociais possuem possibilidade de ascender ou em que há uma promessa de igualdade de direitos:

O ressentimento social manifesta a insatisfação dos grupos ou das classes para quem as promessas de igualdade de direitos entre todos os sujeitos nascidos na modernidade não se cumpriram como era esperado; só que a atitude ressentida, de passividade queixosa, torna os sujeitos impotentes como agentes da transformação política que lhes interessa (Kehl, 2020, p. 162).

O ressentimento é um dos sentimentos apontados como fruto da indignação por parte de cidadãos insatisfeitos, uma vez que o sentimento de injustiça se soma ao de impotência, devido ao fato de os estados democráticos liberais não nos oferecerem respostas adequadas aos problemas da sociedade:

A falência das propostas republicanas enfraquece as democracias e conduz ao ressentimento social justamente porque os que se sentem prejudicados não se percebem como coautores do pacto social - portanto, capazes de modificá-lo -, e sim como objetos passivos da proteção do Estado soberano (Kehl, 2020, p. 169).

O ressentimento social alcança também cidadãos das classes mais baixas. No entanto, o ressentido pode direcionar seus sentimentos negativos para os da própria classe, em vez de direcionar aos que governam:

Por isso a revolta desses grupos é submissa e se expressa na forma de atos reativos, protestos impotentes, mesmo que os sentimentos de injustiça e prejuízo que a motivam sejam justificados. A insatisfação transforma-se em ressentimento coletivo contra aqueles que representam, ao mesmo tempo, tanto os opressores quanto os ideais com que os de baixo se identificam. É provável que nesses casos a insatisfação de desloque e, em vez de atingir a classe governante, se volte contra a mesma classe. Se a elite dominante ocupa o lugar do ideal, os membros das classes subalternas interpretam sua própria miséria como fracasso; nessa lógica, é mais fácil culpar os companheiros da mesma condição social, vistos como concorrentes, que questionar as regras do jogo (Kehl, 2020, p. 167).

Kehl também aponta a falta de participação popular como um fator que favorece o populismo: “A fragilidade dos dispositivos de participação e intervenção nos assuntos da República favorece que seus membros identifiquem, inconscientemente, as autoridades do governo com as figuras protetoras da infância, que devem ‘naturalmente’ amar e proteger os filhos” (Kehl, 2020, p. 169). Essa busca por uma figura que represente os anseios de grupos que se sentem ressentidos pela falta de representação em muitos casos é direcionada a um líder carismático seguido por multidões:

Na política, a tradição de dominação paternalista-populista pela qual tentamos suprir a falta de um pai ideal também favorece as condições do ressentimento. Até o momento em que escrevo, parece que a sociedade brasileira não superou o desejo de servidão e proteção que nos faz transformar cada novo líder político, de porta-voz dos anseios e reivindicações emergentes, em um novo pai dos pobres. Tal dependência infantil funciona como autorização para que os governantes perpetuem o estilo de dominação cordial que nos é familiar (Kehl, 2020, p. 194).

Figuras como Donald Trump, Jair Bolsonaro e o *coach* Pablo Marçal são alguns exemplos de políticos que conseguiram atingir um alto nível de devoção por parte de seu eleitorado. Para muitas pessoas, eles eram as respostas para resolver o caos que o mundo se tornou. A ascensão deles foi rápida e as mídias sociais, o comportamento errático coberto de falas polêmicas e acusações para todo lado, a falta de compromisso com a verdade e a ética e a personificação do homem contra o sistema auxiliaram na construção da personalidade política de cada um deles. Araújo cita Eatwell e Goodwin para explicar a ascensão do populismo:

É o caso, por exemplo, da análise de Eatwell e Goodwin (2019) sobre o que chamam de fenômeno do “nacionalpopulismo”: a ascensão de líderes demagógicos que constroem sua popularidade com o uso de mentiras e apelos a emoções de ódio, medo e ressentimento junto a grupos que sentem que não são mais representados pelas elites políticas, econômicas e intelectuais. Os autores identificam as quatro palavras-chave que explicam esse fenômeno: a desconfiança dos políticos e das instituições democráticas, o temor da destruição das comunidades e da identidade histórica, o medo da privação com a globalização e o desalinhamento entre os partidos tradicionais e o povo (Araújo, 2024a).

O populismo de extrema direita tem sido observado em diversos países e muitos políticos considerados populistas conseguiram alcançar o poder. Para Mounk, "A rápida ascensão de déspotas afirmando serem os únicos a encarnar a vontade do povo é extraordinária, da perspectiva histórica" (Mounk, 2019, p. 50). Desde a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos, o tema ficou mais evidente, visto que se trata da maior potência econômica mundial, mas também devido ao seu histórico de país democrático. Trump passou a ser visto como a voz daqueles grupos que antes eram dominantes e passaram a se sentir deixados de lado.

A insatisfação com a política colaborou para que candidatos que se colocavam como antissistema ganhassem a atenção do povo. No Brasil, mesmo já tendo décadas de carreira na política, inclusive tendo conseguido eleger três filhos e a ex-mulher a cargos políticos, Bolsonaro conseguiu vender a ideia de ser um *outsider* justamente por conta de sua baixa produção como deputado e a promessa de mudar “tudo isso que tá aí”.

Populistas como Bolsonaro e Trump elegeram como inimigos do povo as instituições, a esquerda, o politicamente correto, a imprensa, entre outros. Para haver um herói, precisa ter um vilão e, se tiver mais vilões, melhor. Populistas costumam ser vaidosos, se vangloriam de seus atos, se autodenominam a voz do povo ou, em alguns casos, enviados por Deus. Por isso, tendem ao autoritarismo, principalmente quando contrariados:

Que tipo de candidato tende a dar positivo no teste do autoritarismo? Com grande frequência, os outsiders populistas. Populistas são políticos antiestablishment – figuras que afirmando representar a “voz do povo”, entram em guerra contra o que descrevem como uma elite corrupta e conspiradora. Populistas tendem a negar a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como antidemocráticos e mesmo antipatrióticos (Levitsky e Ziblatt, 2018, p.32).

Populistas não enxergam legitimidade e tentam tirar a credibilidade de todos os que o criticam. Trump sempre chamava de *fake news* notícias contrárias ao seu governo, assim como Bolsonaro fez duras críticas a inúmeros jornalistas que noticiavam fatos que o desagradavam, fazendo com que seus fãs atacassem esses profissionais como forma de intimidação: “Os populistas afirmam ser a verdadeira voz do povo. Açam que toda resistência a seu governo é ilegítima. E desse modo, com triste frequência, costumam ceder à tentação de silenciar opositores e destruir os centros de poder rivais” (Mounk, 2018, p. 73).

A ascensão de Bolsonaro se deu a partir de falas polêmicas em programas de TV como CQC e SuperPop, mas também nas mídias sociais, com suas ‘mitadas’ que geralmente eram falas preconceituosas ou raivosas e viralizavam. Trump também entendeu que o ideal era estar na mídia, não importando se estavam falando bem ou mal dele. Ambos entenderam que precisavam dominar a pauta, definir sobre o que todos estariam falando e que, de preferência,

falassem deles. Marçal seguiu a mesma cartilha em sua disputa pela prefeitura de São Paulo, em 2024.

Por estarem sempre em evidência com falas que, em alguns momentos, eram perigosas, como a promessa de Trump de construir um muro para impedir a entrada de mexicanos, ou ameaças disfarçadas de brincadeira, como quando Bolsonaro disse que ia fuzilar a petralhada, alguns especialistas defendiam que nem tudo o que eles diziam deveria ser levado a sério. No entanto, não há como saber que as promessas ou a discriminação contra minorias e imigrantes ficarão somente na palavra:

Embora muitos analistas assegurem que demagogos são “só falastrões” e que suas palavras não devem ser levadas demasiado a sério, um rápido exame dos líderes demagógicos mundo afora sugere que muitos deles de fato cruzaram a fronteira entre palavras e ação. É por isso que a ascensão inicial de um demagogo ao poder tende a polarizar a sociedade, criando uma atmosfera de pânico, hostilidade e desconfiança mútua. As palavras ameaçadoras do novo líder têm um efeito bumerangue. Se a mídia se sente ameaçada, pode abandonar o comedimento e padrões profissionais, num esforço desesperado para enfraquecer o governo. E a oposição pode concluir que, pelo bem do país, o governo tem que ser afastado através de medidas extremas – impeachment, manifestações de massa, até mesmo golpe (Levitsky e Ziblatt, 2018, p.79).

Apesar de dizer que são a voz do povo, populistas geralmente representam grupos. Ainda assim, vimos que a identificação das pessoas com políticos tem nuances nem sempre fáceis de explicar. Por exemplo, mesmo Bolsonaro tendo falas contundentes contrárias aos direitos de homossexuais, movimentos como o Gays com Bolsonaro apoiavam o ex-Presidente.¹¹² Bolsonaro sempre fez questão de expor esse apoio de grupos marginalizados como gays, negros e indígenas, mesmo não sendo muito representativo, no intuito de passar a impressão de que tinha apoio de todos os setores da sociedade. No entanto, como na fala em que disse que “minorias têm que se curvar às maiorias”, era difícil para ele esconder o caráter excludente do seu discurso:

O apelo ao povo é tão importante para quem ele exclui quanto para quem ele inclui. Quando os populistas invocam o povo, estão postulando um grupo interno – unido em torno de etnicidade, religião, classe social ou convicção política compartilhada – contra um grupo externo cujos interesses podem ser justificadamente negligenciados. Em outras palavras, estão demarcando as fronteiras do *demos*, defendendo, de modo implícito, que a consideração política é devida a alguns cidadãos mas não a outros (Mounk, 2018, p. 62).

¹¹² Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/15/noticia-diversidade,1391357/fundador-do-gays-com-bolsonaro-acabou-a-historia-que-gay-e-de-esquerda.shtml>. Acesso em: 25/10/2024.

Sobre a narrativa populista, ela evoca medo, nostalgia e o herói salvador – a figura paternalista que resolve tudo –, além de ter um discurso simples. O populista compreende a importância tanto da narrativa quanto da conexão com o público¹¹³:

Se olharmos para típicas narrativas populistas, então vemos que a evocação de uma crise ou declínio está sempre presente. É um dos elementos básicos das estruturas de argumentação populistas. Outros são, por exemplo, a noção de embate entre as pessoas comuns e a elite e a ideia de que as pessoas têm uma espécie de senso comum inerentes a seus julgamentos. Populistas também têm teorias conspiratórias sobre intrigas malignas das elites. E o discurso se torna muito moralizado.¹¹⁴

No Brasil e nos Estados Unidos, esses populismos estão sendo, neste momento que escrevo, liderados por Bolsonaro e Trump, viraram fenômenos políticos relevantes e ficaram conhecidos como bolsonarismo e trumpismo. Os pertencentes a esses movimentos formam uma militância ativa nas mídias digitais e nas ruas. Por isso, campanhas lideradas dentro destes movimentos possuem forte apelo e grande capacidade de ressonância:

a suposta disponibilidade de fartos recursos materiais e organizacionais não explicam o sucesso das direitas na opinião pública e sua capacidade de mobilizar uma quantidade significativa de pessoas para protestar contra governos de esquerda. Muitos outros fatores devem ser levados em consideração e dizem respeito à percepção de ameaças e oportunidades por parte da militância, a consolidação de laços e identidades comuns, mobilização de afetos e uso de redes sociais, sendo que, em determinadas circunstâncias, tais fatores foram mais importantes do que a posse de recursos abundantes. Afinal, como explicar o sucesso de Jair Bolsonaro em reunir em torno de si mais de 20% das intenções de voto para as eleições presidenciais de 2018 a despeito de contar com recursos materiais e organizacionais pífios em comparação com outros concorrentes? Não siga o dinheiro, siga a militância (Rocha, 2018, p. 52).

A militância é mobilizada por emoções diversas, além da ideia de um inimigo comum. A crença da necessidade desta mobilização tem sido incentivada na internet com desinformação e teorias conspiratórias, contando com um forte investimento financeiro, visto que, após se tornar presidente, Bolsonaro passou a contar com fartos recursos e faz parte de um partido com muitos políticos eleitos. Para explicar a participação de tantas pessoas de forma tão visceral em um movimento político, é preciso pensar em como nossas emoções e nossos afetos podem ser manipulados politicamente e como nos deixamos levar sem perceber por mentiras que nos separam do outro e da realidade.

3.2 A construção das crenças e das desconfianças a partir das emoções e dos afetos

Compreender os critérios de confiança na informação sobre política não é simples, pois passa por questões emocionais, identitárias, educacionais, além das mídias em que as pessoas se informam e bolhas sociais e informacionais em que podem estar inseridas. Com o acesso à

¹¹³ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/narrativa-populista-evoca-nostalgia-medo-e-her%C3%B3i-salvador/a-46080324>. Acesso em: 12/11/2024.

¹¹⁴ Idem.

internet cada vez mais constante, visto que basta acionar um dispositivo portátil que facilita o acesso a um mundo de informações das mais diversas, outras questões surgiram como o excesso de informação ou a aversão a certos tipos de notícias, a desinformação e até a mistura da desinformação com fatores emocionais, o que pode levar ao autoengano, teorias conspiratórias, dissonância cognitiva, pós-verdade e polarização afetiva.

O acesso a um mundo virtual com tamanha velocidade e intensidade trouxe mudanças e novas perspectivas para as sociedades. Para boa parte das pessoas, ter um celular com conexão à internet significou alterações na forma de conhecer e se relacionar com o outro, de se atualizar sobre o que acontece no mundo e na vizinhança, de trabalhar e estudar, entre outras coisas. Ou seja, muita gente passa boa parte da sua vida conectado ao mundo cibernético. Mas será que nossas mentes acompanharam a velocidade dessas mudanças? Para Capurro (2017), problemas físicos e psíquicos podem ser provocados pela influência que esse mundo digital ocasiona em nossas vidas:

As ações no cibernundo têm seus códigos digitais, mas esses influem também na vida no mundo físico de tal modo que quem tem um acesso limitado ao cibernundo experimenta esses limites negativamente em sua vida cotidiana no mundo físico. [...] No entanto, também se dá que quem vive permanentemente no cibernundo se submete a um regime espaço-temporal que pode provocar problemas de saúde física e psíquica. É por isso que creio necessitarmos de uma análise de patologias próprias da sociedade da informação e comunicação (Capurro, 2017, p. 55).

Apesar do acesso à internet nos ajudar em pesquisas, acesso a informações diversas, facilidade de conexão com pessoas distantes e melhora na velocidade de inúmeras tarefas, estar constantemente conectado pode causar diversos problemas para nossa saúde mental. O uso das mídias sociais consegue piorar a situação, visto que, como já apresentado nesta pesquisa, os algoritmos são programados para prender nossa atenção, fazendo com que horas do nosso dia sejam gastas somente navegando nas *timelines* ou assistindo a vídeos:

Caso você tenha se esquecido: feeds customizados se tornam otimizados para “engajar” cada usuário, muitas vezes com iscas de forte apelo emocional, levando ao vício. As pessoas não percebem como estão sendo manipuladas. O propósito da manipulação padrão é grudar cada vez mais as pessoas ali e fazê-las passar cada vez mais tempo no sistema (Lanier, 2018, p. 47).

Da mesma forma que podemos nos sentir conectados aos outros, também podemos nos sentir sozinhos, diferentes, isolados ou piorar nossas conexões no mundo real. Também é comum que as pessoas se comparem com a vida que o outro posta em suas redes e comece a achar que sua vida não é tão boa, o que pode gerar baixa autoestima, inveja, depressão e ansiedade. A pressão pelo corpo perfeito, pela vida social agitada ou por *status* social elevado pode aumentar com a constante exposição a realidades diferentes, recortes da vida de pessoas apenas com as partes boas e conteúdos de *coachs* ou blogueiros que mostram suas posses e

corpos esculturais (às vezes adulterados digitalmente ou com muitas cirurgias) inalcançáveis para a maioria.

A quantidade de amigos de uma mídia social nem sempre se reflete na realidade. Estamos conectados a tantas pessoas e nem por isso nos sentimos menos solitários. A pandemia de Covid-19 piorou a sensação de isolamento e solidão de muitas pessoas, que continuaram se sentindo assim após o retorno ao convívio social. Pesquisa realizada em 28 países pela consultoria Ipsos em 2020 apontou o Brasil como o primeiro no ranking dos que sentem solidão, com 50% dos que responderam declarando se sentirem sozinhos e metade deles disseram que a sensação havia piorado nos seis meses anteriores. Apesar de parte significativa dos respondentes terem achado o impacto positivo (21%), para 43% o impacto era negativo.¹¹⁵ No entanto, se sentir sozinho não é um problema isolado do período da pandemia e o uso em excesso das mídias sociais também vem sendo pesquisado como um fator que aumenta a sensação de solidão.¹¹⁶

Os efeitos da solidão podem ser psíquicos ou sociais. Em 2023, a Organização Mundial de Saúde lançou a Comissão Internacional para Conexão Social para combater o que caracterizou como “epidemia de solidão”. O alerta vem do diretor-geral da organização e líder da comissão, Tedros Adhanom Ghebreyesus:

As elevadas taxas de isolamento social e de solidão em todo o mundo têm consequências graves para a saúde e o bem-estar. As pessoas sem ligações sociais suficientemente fortes correm um maior risco de sofrer um acidente vascular cerebral, ansiedade, demência, depressão, suicídio e muito mais.¹¹⁷

Além de questões de saúde, os efeitos sociais também precisam ser analisados: “No debate público, o foco até agora está nos efeitos individuais da solidão. No entanto, as consequências sociais mais amplas da solidão são pouco discutidas e recebem pouca atenção política” (Neu, Kupper e Lumman, 2023, p. 7). Uma pesquisa feita na Alemanha em 2022 com 1.008 entrevistas em grupos focais com jovens entre 16 e 23 anos identificou que existe uma conexão entre solidão e atitudes autoritárias, mentalidade conspiratória e aprovação à violência política e que o apoio à democracia tinha relação com como os jovens se sentiam conectados à sociedade.

O estudo aponta que pessoas solitárias tendem a ter menos confiança nos outros e nas instituições, participam menos de eleições e tendem a votar em candidatos populistas (Neu,

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/brasil-fica-em-1o-lugar-entre-28-paises-em-ranking-dos-que-mais-sentem-solidao>. Acesso em: 02/11/2024.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/08/13/uso-em-excesso-de-redes-sociais-aumenta-a-sensacao-de-solidao.htm>. Acesso em: 02/11/2024.

¹¹⁷ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-11/oms-lanca-comissao-sobre-conexao-social-para-lutar-contra-solidao>. Acesso em: 02/11/2024.

Kupper e Lumman, 2023, p. 8). Nesse contexto, essas pessoas, principalmente jovens em busca de uma identidade, podem estar mais suscetíveis a se identificar com grupos extremistas: “Atores de extrema direita conhecem essa dinâmica e, por isso, oferecem vínculos e experiências grupais que podem ser especialmente atraentes para pessoas que se sentem solitárias e excluídas” (Neu, Kupper e Lumman, 2023, p. 8).

Sobre o estudo, o sociólogo e especialista em radicalismo Björn Milbradt, do Instituto Alemão da Juventude, acredita que a solidão é apenas um dos fatores que pode levar ao radicalismo político juvenil. Questões socioeconômicas, familiares e falta de pensamento crítico são alguns dos outros fatores citados que facilitam essa inclinação. Alertou também que é preciso ficar atento à questão do extremismo em jovens, citando a pesquisa Shell Jugendstudie, feita na Alemanha em 2019, que apontou que um terço dos jovens tinham tendência ao populismo de direita em suas atitudes e citou resultados eleitorais em que essa pesquisa se confirma. Ele vê o combate à solidão como um dos meios de evitar visões extremistas em jovens e vê a educação política e mais participação de jovens no processo democrático como outras ações que podem ser realizadas.¹¹⁸

Nos últimos anos, parte do crescimento da extrema direita pode ser explicado por conseguirem trabalhar tão bem nas mídias sociais os sentimentos mais negativos da sociedade. O forte apelo a questões emocionais negativas em momentos difíceis, seja do próprio indivíduo, como a solidão, seja da sociedade, como nas crises, auxilia na aceitação de discursos extremistas.

Já vimos nessa pesquisa alguns exemplos de sentimentos negativos utilizados para chamar a atenção das pessoas como a indignação popular, o ressentimento e preconceitos, além do medo de perdas financeiras e de *status* social. “Emoções negativas, como medo e raiva, vêm à tona mais facilmente e permanecem em nós por mais tempo do que as emoções positivas. Leva-se mais tempo para construir confiança do que para perdê-la” (Lanier, 2018, p. 29). Os sentimentos negativos também têm a capacidade de engajar mais, o que aumenta a possibilidade de que esses conteúdos alcancem cada vez mais pessoas:

A diretriz principal de gerar engajamento se retroalimenta, e ninguém percebe que as emoções negativas são mais amplificadas do que as positivas. O engajamento não tem o objetivo de servir a nenhum outro propósito particular além do próprio aprimoramento, e ainda assim o resultado é uma amplificação global e anômala das emoções “fáceis”, que por acaso são negativas (Lanier, 2018, p. 30).

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/solid%C3%A3o-amea%C3%A7a-a-democracia-afirma-estudo/a-68605596>. Acesso em: 09/11/2024.

Para Bezerra (2024), o ódio é um desses sentimentos amplificadores, que gera tanto identificação como engajamento:

O ódio é um afeto poderoso, que gera identificação com quem compartilha e indignação de quem não o compartilha (ou pior, é alvo dele). Por isso, tanto nas redes sociais quanto em sites de notícias [...], o discurso de ódio, comumente voltado contra grupos minorizados e vulneráveis (negros, indígenas, homossexuais, mulheres e minorias religiosas) e com viés político (no sentido de deslegitimar direitos) gera engajamento (Bezerra, 2024, p. 74).

Em 2019, na Nova Zelândia, um australiano chamado Brenton Tarrant invadiu armado uma mesquita com uma escopeta na mão e atirou para cima dos mais de 200 fiéis presentes, depois, pegou seu fuzil AR-15 e continuou a atirar, enquanto transmitia o massacre pelo Facebook, que era assistido por 200 pessoas. Foram 43 pessoas mortas com idades entre 3 e 77 anos. Depois, ele se dirigiu a outra mesquita, onde fez mais sete vítimas, até ser detido por um imigrante do Afeganistão e fugir em direção a outra mesquita, mas foi parado por dois policiais rurais, que o prenderam. O vídeo foi assistido por mais de quatro mil pessoas até ser derrubado pelo Facebook. Antes de fazer o ato, ele havia instigado outros participantes de seu grupo de ódio na internet a praticarem no mundo real o que conversavam *online*. Também postou um manifesto (Fisher, 2023, p. 301). Tarrant participava de um grupo de ódio no 8chan e aprendeu no YouTube a customizar as armas que usou no ataque. Outros dois ataques relacionados a grupos do 8chan aconteceram nos meses seguintes a esse crime, um em uma sinagoga na Califórnia e outro em um Walmart de El Paso, ambos nos Estados Unidos (Fisher, 2023, p. 305).

Em maio de 2022, Payton Gendron, supremacista branco de 18 anos, se dirigiu a um bairro de maioria negra em Buffalo, perto da fronteira dos Estados Unidos com o Canadá, foi a um supermercado, onde baleou treze pessoas, onze delas negras, dez morreram. Assim como Tarrant, Gendron também transmitia ao vivo o massacre, dessa vez pela plataforma Twitch. Acredita-se que ele também postou um manifesto *online* com 180 páginas.

Nos dois manifestos, há a justificativa dos crimes: brancos estão sendo reduzidos, substituídos por pessoas de cor, uma teoria conspiratória conhecida como ‘The Great Replacement’, ou A Grande Substituição, que é o “nome dado a um movimento extremista global que vem crescendo rapidamente na internet e que acredita firmemente que os europeus estão sofrendo o que chamam de “genocídio branco””.¹¹⁹ Segundo a reportagem da BBC, essa teoria foi introduzida pelo escritor francês de extrema-direita Renaud Camus, em um livro com

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61473291>. Acesso em: 10/11/2024.

o mesmo nome da teoria, em 2010, e adotada por ultraconservadores, mas estudiosos na própria matéria afirmam que essas ideias são bem mais antigas.

Essa teoria prega que as imigrações observadas nos últimos anos nos Estados Unidos e na Europa fazem parte de um plano das elites do mundo para substituir a população branca. As elites podem ser partidos de esquerda, grandes corporações ou entidades judaicas. O foco das teorias pode mudar de acordo com o momento e lugar. Atualmente, na Europa, o foco está nos muçulmanos, enquanto nos Estados Unidos, nos latinos e haitianos. Falas de Donald Trump na campanha de 2024 para a presidência americana, na qual saiu vencedor, sinalizam para esta teoria conspiratória, como “Eles estão envenenando nosso sangue”¹²⁰ ou “Eles estão tomando nosso país por dentro”.¹²¹ Trump também disse, durante um debate, que haitianos estavam roubando animais de estimação para comer. Quando o próprio presidente usa teorias conspiratórias para instigar medo e ódio, elas tendem a ser aceitas pelos eleitores mais leais e replicadas por políticos e formadores de opinião que o apoiam. Trump não falava abertamente sobre a teoria, mas sempre soltava frases que reforçavam essa narrativa.

No Brasil, o ex-presidente Jair Bolsonaro, seus filhos e aliados políticos, costumam utilizar teorias conspiratórias contra a esquerda. O já falecido conspiracionista Olavo de Carvalho colaborou também importando diversas teorias dos Estados Unidos para a realidade brasileira. Há teorias usadas por bolsonaristas sobre o uso do 5G chinês para espionagem e de que a China criou o coronavírus, de sobrenotificação de mortes por Covid-19, que as urnas eletrônicas são uma fraude, que cristãos são perseguidos pela esquerda, o interesse de grandes nações em retirar a soberania brasileira sobre a sua área da floresta amazônica (o Triplo A), globalismo, entre outras narrativas.¹²² A intenção é sempre a de criar um inimigo que precisa ser combatido. Porém, o medo e a raiva que essas teorias instigam contra inimigos imaginários podem levar a crimes de ódio e à violência política.

No Brasil, aconteceram casos em que o ódio político se manifestou de forma violenta, como na morte do guarda municipal Marcelo de Arruda, em 2022, no Paraná, no dia em que comemorava seu aniversário, que tinha como tema o então candidato à presidência do PT, Luís Inácio Lula da Silva, o que irritou o bolsonarista e antipetista Jorge Guarinho, que invadiu a festa, discutiu com o aniversariante e seus familiares e depois retornou para continuar brigando e assassinou o petista. Esse foi apenas um dos casos. Outro caso foi uma tentativa de atentado

¹²⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y-kOX2dyk_g. Acesso em: 10/11/2024.

¹²¹ Idem.

¹²² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/teorias-conspiratorias-mobilizam-bolsonarismo-com-explicacoes-simplorias-da-realidade-1-25072853>. Acesso em: 11/11/2024.

à bomba em um aeroporto em Brasília, também em 2022, além de outros episódios violentos no Brasil, que fazem parte de um contexto de fragilidade democrática, especialmente no período em que Bolsonaro era Presidente e que vimos o próprio governo e políticos governistas colaborando nessa fragilidade, o que se refletia na sociedade:

Ataques sistemáticos às instituições democráticas; aumento vertiginoso de denúncias de intolerância religiosa, racial e de orientação sexual; queda nos índices de liberdade de expressão e de imprensa: os dados são variados e apontam todos na mesma direção. Um dos diagnósticos mais preocupantes é o da antropóloga Adriana Dias: de acordo com monitoramento realizado por ela, entre 2015 e 2021 o número de células neonazistas no Brasil aumentou de 75 para 530. (Mandelli, 2022).¹²³

O discurso bélico de nós contra eles fomentado por Bolsonaro e seus apoiadores, entre eles muitos políticos eleitos, atçou os mais radicais a terem atitudes hostis contra a imprensa ou pessoas com pensamentos divergentes. Na internet, muitas pessoas foram atacadas pela simples manifestação de suas preferências políticas e, em muitos casos, após críticas partindo do próprio presidente ou de políticos de sua base:

É impossível negar a influência dos discursos extremistas governistas nessa conjuntura, que funcionam como autorização para que a não aceitação do outro e de seus valores políticos, religiosos, culturais e morais se intensifique. E é preciso reforçar também que o Brasil não é exceção nessa escalada: o exemplo mais evidente é o dos Estados Unidos, onde tanto a eleição quanto o término do mandato do ex-presidente republicano Donald Trump foram marcados por episódios de violência, com destaque óbvio para a invasão do Capitólio em janeiro (Mandelli, 2022).

Com o estímulo de sentimentos como medo e ódio e a ideia de que o outro é uma ameaça, o que poderia ser visto como uma concorrência eleitoral, passa a ser questão de vida ou morte, de preservação de valores fundamentais, da família e da religião. Com tanta coisa valiosa em jogo, as hostilidades se agravam. Para Fisher (2023), essa hostilidade é instintiva:

O preconceito e a hostilidade sempre avivaram esse instinto. Tribos de caçadores-coletores às vezes competiam por recursos ou por território. A sobrevivência de um grupo podia exigir a derrota de outro. Por conta disso, os instintos de identidade social nos conduzem à desconfiança e, se necessário, a mobilizações contra quem é do exogrupo. Nossa mente incita esses comportamentos dando estímulo particular a duas emoções: medo e ódio. Ambas são mais sociais do que se imagina. O medo de uma ameaça física de causas externas nos leva a ter um sentimento maior de camaradagem com o grupo do qual fazemos parte, ou endogrupo, como se corrêsemos para nossa tribo para nos sentirmos seguros. Também nos deixa mais desconfiados e mais dispostos a ferir aqueles que percebemos como diferentes. Pense na reação aos ataques do 11 de Setembro: uma maré de fervor patriota com a bandeira em riste e um acordo de empatia, mas ao que se seguiu um pico de crimes de ódio contra muçulmanos (Fisher, 2023, p. 49).

Nossa mente pode se enganar e nos enganar de diversas formas, porém, não aprendemos em lugar nenhum a como nos proteger dos nossos próprios pensamentos e instintos. Nós ouvimos mais que devemos confiar em nossas intuições do que duvidar delas, e por isso

¹²³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/07/brasil-onde-o-odio-corroi-a-democracia.shtml>. Acesso em: 10/11/2024.

tendemos a não desconfiar de nossas ideias e opiniões, quando deveríamos cultivar o hábito de repensar o que pensamos, buscar mais elementos e ouvir outras opiniões. Não aprendemos na escola a entender como nosso cérebro funciona e sobre sua evolução, nem na igreja, nem em lugar nenhum. Só temos esse aprendizado quando buscamos por ele ou se nossa profissão exige, o que é um problema, visto que a educação emocional pode ajudar a compreendermos comportamentos violentos, o que os motiva e como combatê-los.

No mundo virtual, surgem outros elementos, pois, a quantidade de informações sobre o adversário político pode ser contínua, principalmente entre participantes de grupos *online*. Entre informações falsas e verdadeiras, além de distorções e meias verdades, é percebida a tentativa de demonizar o adversário, que representa uma ameaça:

São instintos profundamente sociais, e por isso é garantido que plataformas de mídias sociais, quando transformam cada clicar ou arrastar em ato social, vão trazê-los à tona. E como essas plataformas promovem qualquer postura que gere mais engajamento, em geral elas produzem esses instintos na sua forma mais extremada. O resultado pode ser uma realidade artificial na qual o endogrupo sempre é virtuoso, mas é perseguido, o exogrupo sempre é uma ameaça assustadora, e praticamente tudo que acontece se torna uma questão de nós contra eles (Fisher, 2023, p. 50).

Algumas teorias conspiratórias usadas pela extrema direita envolvem crianças, pois é uma forma de gerar sentimentos de repulsa e urgência. Um exemplo é a ex-ministra da Mulher Damares Alves, que, fazendo campanha para Bolsonaro em 2022, disse em um culto possuir denúncias de crianças violentadas na Ilha de Marajó, no Pará. Ela deu detalhes bem específicos como crianças tendo dentes arrancados para fazer sexo oral e que comiam comida pastosa para o intestino ficar livre para o sexo anal, porém, não conseguiu comprovar as denúncias e foi denunciada pelo Ministério Público Federal. No entanto, as falas da então ministra são as mesmas de uma história que circula desde 2010 no 4chan.¹²⁴

Sobre o arquipélago, a ministra já havia dito que as meninas lá eram violentadas porque eram pobres e não usavam calcinhas e insistiu que um bebê, que havia sido internado e possuía fissuras anais, havia sido estuprado, mesmo após a perícia constatar que não eram fissuras de estupro, mas normais em recém-nascidos que evacuam várias vezes ao dia.¹²⁵ Então, ela colocou o Bolsonaro como o salvador das criancinhas: “Bolsonaro disse: ‘Nós vamos atrás de todas elas’ [crianças], e o inferno se levantou contra esse homem. A guerra contra Bolsonaro,

¹²⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/noticia/2022/10/suposta-violencia-infantil-citada-por-damares-circula-como-ficcao-na-internet-desde-2010.ghtml>. Acesso em: 11/11/2024.

¹²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/10/17/damares-e-o-marajo-cronologia-da-relacao-da-ex-ministra-e-o-arquipelago-com-piores-idh-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 11/11/2024.

que a imprensa levantou, que o Supremo levantou, que o Congresso levantou, acreditem, não é uma guerra política. É uma guerra espiritual”¹²⁶, disse, durante o culto.

Na mesma rede social, o 4chan, nasceu uma teoria conspiratória americana que conversa com a narrativa de Damares Alves, o QAnon, em que o Anon vem de anônimo, ou seja, a pessoa que a postou não se identifica, e Q passa a ideia de alguém que tem acesso a documentos confidenciais do governo, o que não pode ser comprovado:

o QAnon não é apenas uma única teoria da conspiração; ao invés disso, ele reempacota uma coleção de tropos conspiratórios clássicos para uma era política e cultural moderna, oferecendo uma conspiração "tenda grande" especialmente notável por sua adaptabilidade (Fitzgerald, 2022).

Tão adaptável que se espalhou por diversos países da América Latina.¹²⁷ A teoria descrita a seguir ganhou inúmeros adeptos e muitos deles participaram da invasão ao Capitólio, em protesto à derrota de Trump nas eleições de 2020:

o mundo é controlado por um grupo sombrio de adoradores de Satanás e pedófilos, e esse grupo inclui democratas de alto escalão como Joe Biden, Hilary Clinton, Barack Obama e George Soros, além de várias celebridades influentes (incluindo Oprah Winfrey e Tom Hanks) com inclinações liberais/democratas. Além de administrar uma rede global de pedofilia, os membros desse grupo executam e comem suas vítimas infantis para extrair o composto químico "adrenocromo", que é usado para manter os políticos e celebridades artificialmente jovens. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, é (ainda) o salvador e está agindo para expor esse grupo, embora esteja limitado pelo "deep state" (estado profundo) liberal/democrata. O momento de triunfo chegará quando Trump finalmente tiver sucesso em sua cruzada contra o deep state, expondo o grupo em um evento conhecido como "a Tempestade", que acabará com o encarceramento em massa dos adoradores satânicos pedófilos em Guantanamo Bay (Fitzgerald, 2022).

Os textos do 4chan são narrativas fictícias publicadas por pessoas anônimas sem necessidade de indicação de provas ou indício de veracidade. Ou seja, não deveríamos dar qualquer credibilidade ao que é escrito ali. “Tipicamente, as teorias da conspiração não se baseiam em evidências que resistam ao escrutínio, mas isso não as impede de ganhar projeção” (Lewandowsky e Cook, 2020). Algumas pessoas podem tratar essas histórias como reais, principalmente as que já possuem tendência a conspirações. No entanto, o que vemos são candidatos e governos resgatando essas histórias para uso político, no intuito de se beneficiar em eleições e criar uma ideia de guerra espiritual ou luta do bem contra o mal, o que não é incomum na história da política mundial. Teorias conspiratórias sempre existiram, mas conseguem se espalhar mais rapidamente hoje com as mídias sociais.

No Manual das Teorias da Conspiração (2020), Lewandowsky e Cook relembram de algumas conspirações que realmente existiram, como a da indústria do tabaco para impedir que

¹²⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/noticia/2022/10/suposta-violencia-infantil-citada-por-damares-circula-como-ficcao-na-internet-desde-2010.ghtml>. Acesso em: 11/11/2024.

¹²⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53980307>. Acesso em: 12/11/2024.

as pessoas soubessem dos males do cigarro à saúde, por exemplo. Ou seja, segundo os autores, conspirações existem e um ceticismo saudável em relação às informações que recebemos pode levar à descoberta dessas conspirações. Já teorias contra vacinas ou sobre a crise climática podem fazer com que as pessoas tomem decisões perigosas e o pensamento conspiratório tende a ser “hipercético em relação a toda informação que não favoreça a teoria, por interpretar excessivamente as evidências que apoiem uma teoria preferida e pela incoerência” (Lewandowsky e Cook, 2020).

Para os autores, as pessoas têm dificuldades de acreditar que grandes eventos podem ter causas ordinárias, como a morte da Princesa Diana. Além disso, elencam mais três razões para que as pessoas acreditem em conspirações: sentimento de impotência, explicações para eventos improváveis e contestação da política dominante (Lewandowsky e Cook, 2020). Michael Butter, especialista em teorias conspiratórias, em entrevista à BBC, cita as três suposições básicas presentes em cada teoria conspiratória: 1- Assumem que nada acontece por acaso, ou seja, que tudo foi planejado por agentes poderosos conspiradores; 2- Assumem que temos que olhar por trás da cortina, pois as coisas realmente importantes estão acontecendo em segredo; 3- Afirmam que tudo está conectado.¹²⁸ Os adeptos dessas teorias tendem a não aceitar o contraditório:

A atitude conspiratória gera um elemento fundamental na postura de quem se torna adepto delas: é que não há possibilidade de um contraditório, de uma contra-argumentação baseada em evidências, pois a conspiração é sempre secreta, escondida, portanto, não necessita de evidências, de fundamentação em fatos, para que se acredite nela (Araújo, 2024b).

A reportagem da BBC cita como uma das razões para que as pessoas acreditem em teorias conspiratórias o viés de intencionalidade, uma tendência que temos de ver intenção em tudo o que acontece.¹²⁹ Vieses cognitivos são atalhos mentais, feitos por nosso cérebro, e, nos estudos de desinformação, percebemos como esses atalhos podem nos levar a acreditar em teorias conspiratórias ou mentiras:

A centralidade da ação dos indivíduos na conformação da desinformação vem sendo destacada nos estudos do chamado viés cognitivo, ou viés de confirmação, ou ainda dissonância cognitiva. Trata-se de uma tendência do ser humano a formar suas crenças e visões de mundo sem se basear na razão e nas evidências, isto é, nos fatos, num esforço para evitar descontentamento psíquico (Araújo, 2024a).

Além do viés de confirmação e de intencionalidade, existem outros meios que temos de reforçar nossas crenças de forma praticamente automática, sem percebermos a influência desses

¹²⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgr4g3m39nlo>. Acesso em: 12/11/2024.

¹²⁹ Idem.

efeitos quando decidimos se algo é verdadeiro ou falso, o que dificulta aceitarmos que a informação que temos é falsa:

A desinformação é surpreendentemente resistente à correção ou retratação. Em alguns casos, as refutações acabam reforçando as concepções equivocadas. Esses reforços irônicos de informações falsas são conhecidos como efeitos de "retorno" ou "boomerang". Mesmo quando as correções não têm esse efeito reverso, as pessoas frequentemente se apegam à desinformação frente a uma retratação, um fenômeno conhecido como Efeito de Influência Contínua (Lewandowsky, Ecker e Cook, 2012).

O Manual da desmistificação explica o efeito da influência contínua como “confiança contínua na informação incorreta que continua presente na memória e no raciocínio das pessoas depois que uma correção confiável foi apresentada” (Lewandowsky et al., 2020). Também explica outro efeito relacionado à familiaridade de uma informação, o efeito da verdade ilusória: “Uma informação repetida tem mais chances de ser percebida como verdadeira do que uma nova informação porque ela se tornou mais familiar” (Lewandowsky et al., 2020).

Esta persistência na desinformação também tem relação com as simplificações feitas pelos nossos vieses:

Uma explicação para os efeitos persistentes da desinformação envolve a ideia de que as pessoas constroem modelos mentais de eventos em andamento. Se uma parte central do modelo é invalidada, as pessoas ficam com uma lacuna em seu modelo, enquanto a informação invalidada permanece acessível na memória. Quando questionadas sobre o evento, as pessoas frequentemente utilizam a desinformação ainda prontamente disponível, em vez de reconhecerem a lacuna em sua compreensão (Lewandowsky, Ecker e Cook, 2012).

O fato de nossa mente buscar conforto no conhecido, faz com que seja mais fácil acreditar na desinformação que esteja de acordo com nossas crenças e que tenhamos resistência ao contraditório. Mas existem casos em que a correção de uma informação falsa pode reforçar aquela crença:

correções de percepções políticas equivocadas foram eficazes apenas quando apoiavam a orientação política da pessoa. No entanto, quando a correção conflitava com a ideologia da pessoa, às vezes ocorria um “efeito de retrocesso da visão de mundo”, no qual a correção causava uma adesão ainda mais forte à desinformação (Lewandowsky, Ecker e Cook, 2012).

Uma teoria conspiratória que prosperou no Brasil, especialmente entre conservadores, e que conseguiu implantar medo e até mesmo desespero em muita gente foi a do Marxismo Cultural, importada dos Estados Unidos: “Segundo os extremistas de direita, o ‘marxismo cultural’ teria se infiltrado nas sociedades ocidentais com o objetivo final de destruir suas instituições e valores tradicionais através do estabelecimento de uma sociedade global, ‘igualitária’ e ‘multicultural’” (Caunur e Regis, 2022). Essa teoria, assim como a da ideologia de gênero, faz parte da guerra cultural travada pela extrema direita:

A guerra cultural é uma matriz de produção em série de narrativas polarizadoras cuja radicalização crescente engendra sem trégua inimigos imaginários, mantendo a militância em estado permanente de excitação. Sua força consiste em associar a ação

política à dinâmica das redes sociais, produzindo um curto-circuito no sistema político representativo por meio do engajamento típico do universo digital (Rocha, 2024, p. 19).

Sobre a ideologia de gênero, “a extrema-direita brasileira alega que uma doutrinação comunista domina as práticas docentes e que o ambiente escolar é responsável pela difusão da “ideologia de gênero”, que confronta os valores da família tradicional” (Caunur e Regis, 2022). Essa teoria inclui crianças em seu repertório, pois a narrativa em torno da proteção das crianças funciona com conservadores, como já visto nesta pesquisa. Porém, o resultado é o constante ataque a professores e instituições de ensino. Muitos alunos passaram a gravar e enfrentar seus professores em salas de aula, políticos e influenciadores da extrema direita começaram a invadir escolas e campi, pais também se envolveram em brigas com professores ou gravaram vídeos com críticas a livros ou conteúdos, além de muitas informações falsas. Também começaram a surgir propostas legislativas para impedir a livre prática docente, como o que ficou conhecido como Escola Sem Partido, Projeto de Lei 7180/14, que foi engavetado, mas voltou a tramitar em 2024:

O PL altera o artigo 3º da Lei 394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ao propor incluir, entre os princípios do ensino, o respeito às convicções das e dos estudantes, de seus responsáveis, priorizando os valores de ordem familiar sobre a educação escolar em temas como moral, sexual e religiosa. A autoria do projeto é do ex-deputado federal Erivelton Santana (PSC-BA), que também é pastor evangélico.¹³⁰

A guerra cultural se apresentou nas eleições de 2018 e 2022 com muitas invenções, como o kit gay, a mamadeira erótica e o Foro de São Paulo na primeira, e as ameaças de que, se vencesse, Lula fecharia igrejas, transformaria o país ‘em uma Venezuela’ e legalizaria o aborto na segunda. No caso, o ‘kit gay’, apelido pejorativo dado por quem se posicionava contrário ao projeto, já vinha sendo usado contra o governo do PT desde antes do veto do projeto Escola sem Homofobia, em 2011, após os conservadores acusarem o governo de estimular a homossexualidade e promiscuidade entre crianças, no entanto, o material seria destinado a professores e não havia previsão de ser distribuído entre alunos.¹³¹

Bolsonaro chegou a fazer vídeos em que mostrava o livro *Aparelho Sexual e Cia* como parte dos livros distribuídos pelo governo, alegando ser destinado a alunos de quatro a seis anos, no entanto, o livro não fazia parte do material e, mesmo após a resposta do Ministério da Educação com essa informação, Bolsonaro continuou mostrando as partes que achava polêmicas e informando que o PT distribuía o livro, sem mostrar nenhuma prova além da

¹³⁰ Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/apos-anos-engavetado-pL-escola-sem-partido-tem-sua-admissibilidade-aprovada-em-comissao-da-camara1>. Acesso em: 13/11/2024.

¹³¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghml>. Acesso em: 15/11/2024.

existência dele, sendo que não seria algo difícil de provar, já que não tem como o governo esconder algo assim.

A mamadeira em formato de pênis foi uma invenção descabida que surgiu na internet, quando um vídeo mostrando o objeto foi publicado com a informação de que estava sendo distribuído em creches, sem nenhuma prova além da existência do objeto. Já o Foro de São Paulo seria o local em que os comunistas se reuniam para conspirar e encontrar formas de dominação do mundo. Criado pelo Partido dos Trabalhadores em 1990, o FSP promove reuniões com legendas de esquerda da América Latina e Caribe para tratar das pautas que são importantes para a esquerda, é possível encontrar as atas e cartas das reuniões, mas é visto como se fosse uma reunião de conspiradores, principalmente após inúmeras ofensivas de Olavo de Carvalho ao encontro. A BBC News fez uma matéria em 2019 explicando o motivo de o FSP ser mais importante para a direita do que para a esquerda:

Segundo Denis Rosenfield, professor de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e fundador do Instituto Millenium, defensor de pautas liberais, "o Foro de São Paulo hoje é muito mais uma necessidade da extrema-direita do que da esquerda. Olavo de Carvalho e sua turma vão brigar com quem? Com o Rodrigo Maia? O pensamento deles funciona com base nessa conspiração, em que há um grande projeto de dominação das esquerdas cujo centro de comando é o Foro. É contra esse inimigo que essas pessoas se orientam e se unem".¹³²

Segundo a reportagem apurou, o FSP “nunca se vertebrou como uma Internacional Comunista, como a direita gosta de dizer”¹³³, há uma pluralidade de correntes políticas, o que dificulta tomada de decisões como a condenação do regime cubano, por exemplo, com o risco de esvaziar o fórum. Mesmo “no seu auge, entre 2008 e 2009, quando os partidos de alguns presidentes participavam do FSP, nunca houve 'exportação' nem 'importação' de modelos, houve intercâmbio de opiniões”.¹³⁴ A reportagem também falou sobre a falta de participação de líderes políticos no evento. Mas manter esse inimigo vivo era importante para Olavo de Carvalho, que insistia em uma CPI para investigar o FSP.

Uma guerra cultural como a que a extrema direita diz lutar precisa de um inimigo forte para mobilizar ao máximo soldados valentes dispostos a lutar contra os males que uma derrota poderia ocasionar. Por isso, insistir em conspirações secretas de líderes da esquerda com a ajuda de grupos armados, falar de elites mundiais que controlam as mídias e traficam crianças e evocar uma luta espiritual do bem contra o mal são algumas narrativas utilizadas para que as bases se mantenham buscando sempre informações sobre os próximos passos dos inimigos

¹³² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/07/24/por-que-o-foro-de-sao-paulo-e-mais-importante-para-a-direita-do-que-para-a-esquerda.htm>. Acesso em: 15/11/2024.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Idem.

(deixa de ser uma disputa política entre adversários, pois há muito mais em jogo que uma eleição). Os preocupados em combater os males que acreditam que a esquerda almeja encontram essas informações do que seus inimigos estão tramando em grupos de WhatsApp e Facebook, sites hiperpartidários, entre outras mídias extremistas. Com isso, passam a fazer parte de uma câmara de eco:

A câmara de eco é um termo cunhado a partir de uma analogia aos sons que reverberam em um invólucro oco, como os sinos, e servem para descrever um espaço de mídia vinculado e fechado que tem o potencial de ampliar as mensagens entregues ali e isolá-las das mensagens que as contradizem.¹³⁵

Rocha aponta para uma contradição relacionada à ideia antissistema que a extrema direita tenta passar e o chamado à participação política constante:

Eis o paradoxo: a guerra cultural recusa decididamente a política representativa, mas, ao mesmo tempo, torna o ato político a razão de ser do dia a dia da militância conectada o tempo todo em múltiplos grupos de WhatsApp, em diversos aplicativos e numa miríade de canais do YouTube (Rocha, 2024, p. 19).

Outra contradição é que a ultradireita também costuma se reunir. A repórter Juliana Dal Piva fez um levantamento de que somente o Eduardo Bolsonaro participou de 125 reuniões com a ultradireita.¹³⁶ As relações e articulações internacionais da extrema direita acontecem frequentemente. Logo, é estranho construir a narrativa de que o outro grupo se reunir é uma conspiração que deve ser investigada e quando seu grupo se reúne é algo normal ou até louvável.

A participação da militância em câmaras de eco interfere no acesso a informações que possam oferecer o contraditório, checagem ou uma visão mais completa dos fatos. Os que participam de grupos e páginas fechadas e recebem exclusivamente ou a maior parte das informações nessas fontes, passam a viver em outra realidade. Podemos somar a isso nossos vieses cognitivos, que facilitam a confiança em narrativas da guerra cultural, teorias conspiratórias e na desinformação, além de dificultar a aceitação dos fatos alheios às narrativas aceitas como verdade, pois “o ser humano tem uma tendência de recusar fatos que contradizem suas crenças ou ideias, aquilo em que acredita, tem uma tendência a buscar o conforto psíquico” (Araújo, 2021). Ao analisar o totalitarismo, Arendt (2012) apontou que as ideologias podem buscar alterar a percepção da realidade a partir de uma lógica própria, distinta da experiência:

Como as ideologias não têm o poder de transformar a realidade, conseguem libertar o pensamento da experiência por meio de certos métodos de demonstração. O pensamento ideológico arruma os fatos sob a forma de um processo absolutamente lógico, que se inicia a partir de uma premissa aceita axiomáticamente, tudo mais sendo deduzido dela; isto é, age com uma coerência que não existe em parte alguma no terreno da realidade. [...] Uma vez estabelecida a sua premissa, o seu ponto de partida,

¹³⁵ Disponível em: <https://desinformante.com.br/camaras-de-eco-filtro-bolha-e-polarizacao-do-que-estamos-falando-e-como-se-relacionam/>. Acesso em: 16/11/2024.

¹³⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/juliana-dal-piva/2023/08/07/eduardo-bolsonaro-fez-125-reunioes-com-ultradireita-na-america-latina-e-eua.htm>. Acesso em: 16/11/2024.

a experiência já não interfere com o pensamento ideológico, nem este pode aprender com a realidade (Arendt, 2012, p. 628).

Após Donald Trump ser eleito presidente dos Estados Unidos pela primeira vez, o secretário de imprensa da Casa Branca fez uma declaração de que o público presente na posse de Trump havia sido “a maior audiência de todos os tempos em uma cerimônia de posse, presencialmente e em todo o mundo, ponto-final” (D’Ancona, 2018, p. 23), mesmo com imagens comprovando que a posse de Barack Obama tinha concentrado público maior. Ele afirmou que o novo tipo de piso dava um efeito de destaque para áreas vazias, o que não convenceu a imprensa. Ao ser questionada, a assessora de Trump, Kellyanne Conway, indicou que a informação não se tratava de uma mentira, eram apenas “fatos alternativos” (D’Ancona, 2018, p. 24). Ao citar uma informação verificada como falsa como uma interpretação da verdade, segundo D’Ancona (2018), a funcionária do alto escalão da Casa Branca reconhecia “a alvorada da era da pós-verdade” (Idem).

Para Araújo (2021) a pós-verdade não é a mentira como a que sempre tivemos na sociedade, tampouco deve ser confundida com o que conhecemos como *fake news*, apesar de haver relação, mas é um fenômeno novo e desafiador:

A expressão pós-verdade surgiu para caracterizar o momento contemporâneo em que há uma gigantesca disseminação de informações falsas, que estão moldando a tomada de decisão das pessoas (na hora de votar, de decidir pela adesão ou não a blocos econômicos, de tomar cuidados com a saúde), em quantidade e velocidade nunca vistas e, também, de maneira anônima, apócrifa, sem identificação de autoria. Mas a novidade é que há, por parte das pessoas, um desprezo, um desdém, um desinteresse pela veracidade das informações recebidas e compartilhadas. As pessoas recebem a informação, muitas vezes sabem que é falsa, mas elas compartilham assim mesmo, elas não se importam (Araújo, 2021).

Segundo o autor, hoje há mais possibilidade de se checar uma informação do que em qualquer outro momento, mas, ainda assim, as pessoas não o fazem (Araújo, 2021). O ato de checar informações que contradizem crenças pré-estabelecidas vão de encontro às políticas da pós-verdade que, segundo D’Ancona, em seu estado mais puro é “o triunfo do visceral sobre o racional, do enganosamente simples sobre o honestamente complexo” (D’Ancona, 2018, p. 29). O autor também enxerga o fenômeno como uma novidade e o diferencia das mentiras contadas por políticos:

No entanto, as mentiras, as manipulações e as falsidades políticas não são o mesmo que a pós-verdade. A novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência. A mentira é considerada regra, e não exceção, mesmo em democracias; como é o caso da Polônia, onde o partido nacionalista no poder, Prawo i Sprawiedliwość (Lei e Justiça), disseminou mentiras de modo rotineiro a respeito de homossexuais, de refugiados que espalhavam doenças e da colaboração entre comunistas e anticomunistas. Não esperamos mais que nossos políticos eleitos falem a verdade: isso, por enquanto, foi eliminado do perfil do cargo ou, no mínimo, relegado de forma significativa da lista de atributos requeridos (D’Ancona, 2018, p. 34).

Para Schneider, o fenômeno tem relação com a confiança conquistada por fontes de informação duvidosas:

Pós-verdade, assim, diz respeito menos à veracidade da informação e mais à credibilidade das fontes de informação fantasiosa e reacionária. Essas fontes se multiplicam e são eficientes na indução ao consumo de coisas, modos de vida e visões de mundo, que por sua vez se tornam novos dados, e assim por diante. O apelo emocional gera mais engajamento e lucro que o compromisso com a verdade (Schneider, 2022, p. 62).

As vantagens que a pós-verdade e a desinformação conferem aos políticos que fazem uso desses recursos são conferidas nos inúmeros eleitos que usaram da difamação de adversários, da criação de inimigos comuns e de mentiras descaradas em seus discursos. Para D’Ancona “Ao recompensar com o sucesso político aqueles que mentem, eximindo-os das tradicionais expectativas de integridade, nós nos apartamos dos deveres da cidadania” (D’Ancona, 2018, p. 60). Ao mesmo tempo em que o fenômeno da pós-verdade precisa, para se manter forte, de seu uso por membros da sociedade, está nas mãos do cidadão comum a possibilidade de mudar esse cenário que foi desenhado contra a verdade factual.

O cenário de guerra cultural dificulta que o cidadão comum escolha por informações confiáveis em vez daquelas fontes em que já depositou sua confiança e que partilham de sua visão de mundo: “A epistemologia da pós-verdade incita que aceitemos que existem ‘verdades incomensuráveis’ e que a conduta prudente consiste em escolhermos lados, em vez de avaliarmos evidências” (D’Ancona, 2018, p. 90). Dessa forma, conteúdos desinformativos e que se utilizam da pós-verdade e de elementos da guerra cultural tendem a ser polarizadores. Essa divisão da sociedade entre ‘bandidos e mocinhos’ tem sido usada por líderes populistas como Bolsonaro e Donald Trump em seus discursos:

Quando não conhecemos quem pensa diferente, ele se torna estranho, oposto. É uma circunstância na qual líderes populistas transformam o contrário em um “outro”, alguém que não só representa uma ameaça a seus valores e visões de mundo, como, no limite, põe em risco sua própria sobrevivência (Nunes e Traumann, 2023, p. 95).

Essa não compreensão do outro é reforçada pelos conteúdos a que estamos submetidos na internet, que não são os mesmos e dificultam a compreensão do outro, o diálogo e a empatia:

Vale repetir: sua compreensão sobre os outros vem sendo prejudicada porque você não sabe o que eles viram em seus feeds. O inverso também se aplica: a empatia que os outros podem lhe oferecer é deficiente porque você não tem como saber o contexto em que é compreendido [...]. Sua capacidade de conhecer o mundo, de saber a verdade, tem sido degradada, assim como a capacidade do mundo de conhecê-lo. A política e a economia ultrapassaram os limites da realidade; a primeira assumiu uma condição assustadora, enquanto a segunda se tornou insustentável: dois lados da mesma moeda (Lanier, 2018, p. 163).

Para Rosanvallon “Não há política se as ações não podem ser inscritas em uma mesma narração e representadas em uma cena política única” (Rosanvallon, 2022, p. 42). A política envolve múltiplos interesses, principalmente em países grandes e multiculturais como o Brasil,

logo, a resolução dos problemas tende a ser mais complexa e é preciso maior cooperação entre políticos e cidadãos para alcançarmos soluções. No entanto, para Nunes e Traumann (2023), a polarização “deixa as pessoas cada vez mais radicais em suas visões e menos dispostas a ceder, a buscar acordos e chegar a meios-termos” (Nunes e Traumann, 2023, p. 179). Para os autores, “movimentos radicais que prometem soluções simplistas para problemas complexos” (Idem) podem ser adotados pelas pessoas e “a governança se torna mais difícil” (Idem).

Segundo Nunes e Traumann (2023), “O Brasil saiu da eleição de 2022 socialmente dividido e afetivamente polarizado” (Nunes e Traumann, 2023, p. 133). Os autores também tratam de diferenciar a polarização entre PT e PSDB por anos com o que vimos na eleição entre Lula e Bolsonaro: “De 1994 a 2006, as eleições brasileiras foram marcadas por um antagonismo partidário entre PT e PSDB. Os partidos estavam polarizados, mas a sociedade, não” (Idem). O ano de 2022 teve uma eleição que uniu e separou grupos, com a ideia de que havia muito mais em jogo do que o modo de se governar o país para ambos os lados:

O resultado não foi decidido por temores sobre a capacidade do candidato X em tocar bem a economia, controlar a inflação ou gerar empregos. Foram os medos de que o eleito em outubro de 2022 mudaria a legislação sobre o aborto, fecharia igrejas, destruiria a floresta amazônica, interviria no Supremo Tribunal Federal, censuraria as redes sociais ou restringiria os direitos de minorias que ressaltaria o caráter de tudo-ou-nada na eleição. Muitos eleitores de 2022 votaram como se sua sobrevivência estivesse sob ameaça (Nunes e Traumann, 2023, p. 95).

Existem controvérsias se o que temos no Brasil é uma polarização, pois há diferenças nos comportamentos de bolsonaristas e pessoas da esquerda, em que os primeiros tendem a ser mais viscerais e não aceitaram, por exemplo, a derrota de seu candidato, pedindo golpe de estado para impedir que o adversário governasse e tentando efetivamente dar um golpe, como visto no dia 8 de janeiro de 2023. Parte da discordância vem do pensamento de que deveria existir um equilíbrio nos comportamentos dos dois lados para que se aceite a ideia da polarização. Para Assis, “devemos lembrar que há mais de um tipo de polarização. A polarização política se refere às preferências por ideologias, partidos e candidatos, enquanto a afetiva diz respeito a sentimentos profundos de aversão ou desconfiança em relação àqueles com opiniões opostas” (Assis, 2024).¹³⁷ Neste caso, a animosidade parte de ambos os lados:

Um exemplo atual da intensificação da polarização afetiva é o cenário da ascensão de Pablo Marçal na corrida à prefeitura de São Paulo. Com seu discurso agressivo, desvinculado de propostas, ele mobiliza uma base inflamada e alimenta a aversão e a desconfiança entre diferentes grupos. [...] Ao mesmo tempo, a cadeirada que Marçal levou do também candidato José Luiz Datena durante debate televisivo provocou aplausos de seus detratores – uma amostra de que a violência política, consequência da polarização afetiva, vem sendo legitimada pela sociedade (Assis, 2024).

¹³⁷ Disponível em: <https://diplomatie.org.br/polarizacao-nao-se-restringe-as-urnas/>. Acesso em: 18/11/2024.

Outro indicativo desta polarização afetiva tem relação às diferenças adotadas pelos dois grupos, na intenção de se distanciar do outro, extrapolando a esfera política e invadindo áreas como o consumo, as artes e até mesmo as famílias:

A disputa passou a ser sobre a forma como cada lado enxerga o mundo, como quer que os próprios filhos sejam criados, quais lugares vai frequentar, que estilos de música ouvir, que roupa usar, em que escolar estudar. A disputa política deixou de ser apenas um ato eleitoral e passou a ser um ato identitário, presente no cotidiano do consumo, do estilo de vida, hábitos e escolhas. A disputa eleitoral transbordou para o cotidiano (Nunes e Traumann, 2023, p. 160).

Miguel (2019) defende que a polarização política existe, mas que é assimétrica, já que a esquerda brasileira, representada na figura do Partido dos Trabalhadores nesta disputa, adotou há muito tempo um programa de conciliação, sem ameaças à democracia nem desafiando o capitalismo, mas a direita radicalizou, rompendo com a conciliação e recusando o diálogo: “Assimétrica ou não, a polarização leva à redução da possibilidade de debate entre grupos políticos concorrentes e, por isso, é um componente presente na definição de fake news” (Miguel, 2019).

No Brasil, essa polarização não começou a ser sentida em 2022. Sempre houve, por uma parte da população, uma desconfiança em relação ao Partido dos Trabalhadores: “Uma vez que o PT se estabelece como uma força política que solidifica sua base eleitoral na população, os eleitores que se opõem a essa força semeiam sentimentos de rejeição ao partido, o que leva à formação de uma identidade que se define por tal rejeição: o antipetismo” (Nunes e Traumann, 2023, p. 13). Com escândalos como Mensalão, Lava-Jato e Petrolão e a intensa repercussão midiática dada pela grande imprensa, que na maior parte do tempo se posicionava contrária ao partido, o antipetismo ganhou força, passou a ser um sentimento que misturava emoções negativas.

Vimos, ao longo de anos, esse sentimento sendo construído, ganhando adeptos, narrativas falsas e verdadeiras, com o foco, inicialmente, na corrupção, nos gastos públicos, na aproximação com países como Cuba e Venezuela e os empréstimos do BNDES a esses países. Porém, essa força cresce e ganha novas narrativas a partir das teorias conspiratórias da guerra cultural, com o apoio das igrejas e trazendo pautas como crianças, aborto, drogas e pânico moral relacionado à comunidade LGBT, reforçando as emoções negativas em relação ao PT, à esquerda e, conseqüentemente, ao ‘outro lado’.

Do outro lado, a rejeição a Jair Bolsonaro e suas pautas também eram antigas. O candidato sempre defendeu abertamente a Ditadura Militar. A rejeição a ele aumentou quando começou a ganhar projeção em programas de TV como SuperPop e CQC, que costumavam convidá-lo porque suas opiniões polêmicas chamavam a atenção do público. Caso contrário,

por que o convidariam? A internet ajudou a espalhar suas falas mais absurdas, na maioria das vezes com ataques a minorias e nem sempre quem compartilhava era a favor, muitos o faziam por indignação, por não acreditar no que ouviam. Era incomum políticos fazendo ataques como os que ele fazia com tanta tranquilidade naquele momento.

Com a campanha para a Presidência em 2018, a rejeição a Bolsonaro aumentou. Naquele ano, uma campanha surgiu chamada #elenão, em que mulheres foram às ruas em várias cidades demonstrar indignação pela candidatura do então deputado por causa de suas falas misóginas. Porém, também aumentou o seu número de fãs, pois a direita já vinha se radicalizando e ele personificava o ódio ao PT, o que atraiu antipetistas raivosos. Bolsonaro governou nos quatro anos que se seguiram com polêmicas, uma pandemia conduzida por ele de forma contrária ao entendimento científico e problemas econômicos, ambientais e diplomáticos.

O ano de 2022 foi o embate entre essas duas figuras que dividiam opiniões e conseguiam ser muito amadas e muito odiadas por milhões. A eleição foi acirrada, com pouca diferença entre os dois:

eleições acirradas tendem a produzir contextos de isolamento, em que as pessoas ficam menos propensas a ouvir o outro lado, reforçando suas bolhas de convivências e seus vieses de confirmação. Nesse contexto de isolamento, ter um candidato com chances de vencer gera uma sensação de pertencimento no grupo, uma identidade que não pode ser ignorada ou abandonada facilmente. A consequência direta disso é um aumento de preconceito, discriminação e violência contra o adversário (Nunes e Traumann, 2023, p. 95).

Para a ONU, a polarização política tem sido uma barreira na cooperação entre países: “Só um quinto da população na América Latina acredita nas instituições e no governo; para Pnud, isso influencia numa ‘crise de desenvolvimento’ na região” além de representar desconfiança na democracia.¹³⁸ A instituição aponta que o multilateralismo e acordos entre os países são fundamentais para a melhora da qualidade de vida da população. Ou seja, as disputas políticas emocionais e ideologias extremistas podem dificultar a colaboração, a conversa e alianças importantes, trazendo problemas na política externa também.

3.3 Confundir para conquistar: caos informacional e a perda da confiança nas instituições

Como visto no capítulo anterior, a guerra cultural, teorias conspiratórias, a pós-verdade, vieses cognitivos e a polarização afetiva têm contribuído para que as pessoas acreditem em informações falsas. Dessa forma, como os critérios tendem a ser mais emocionais, mostrar o

¹³⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2024/03/13/polarizacao-politica-e-principal-barreira-para-cooperacao-e-crescimento-de-idh-no-mundo-afirma-orgao-da-onu.ghtml>. Acesso em: 19/11/2024.

contraditório dificilmente funciona. No entanto, há também um esforço para o direcionamento da confiança das fontes tradicionais de informação – academia, imprensa, instituições, cientistas, especialistas – para agentes que atuam em prol da desinformação, que podem ser políticos, influenciadores, sites hiperpartidários e falsas autoridades cognitivas.

O Global Risks Report 2024 aponta para os riscos da desconfiança nas fontes tradicionais de informação: “Uma desconfiança crescente em relação às informações, bem como aos meios de comunicação e governos como fontes, aprofundará as visões polarizadas – um ciclo vicioso que pode desencadear agitações civis e possivelmente confrontos” (Global Risks Report, 2024, p. 18). Para Schneider, uma desconfiança, quando sadia, é positiva, o problema é o direcionamento da confiança para fontes ruins de informação:

Na realidade, um certo ceticismo em relação a especialistas em geral é até sadio, principalmente àqueles elencados pela grande mídia corporativa, vide o rol de economistas de plantão dos telejornais brasileiros, sempre prestes a legitimar “tecnicamente” o desmonte do serviço público e políticas econômicas antipopulares. O problema é quando essa sadia desconfiança se converte em ceticismo dogmático e adesão acrítica a fontes de informação embusteiras. Pior ainda é quando essas fontes, graças às plataformas digitais e suas redes (que também ganham dinheiro com isso), multiplicam bolhas de usuários, cujo viés de confirmação – tendência psicológica a só acreditarmos no que confirma nossas crenças e expectativas e em recusar tudo o mais – favorece o auto engano coletivo (Schneider, 2021).

Na lógica que impera na era da pós-verdade, busca-se pela confirmação das crenças pré-estabelecidas e é interessante, para políticos demagogos, que seu eleitorado se informe preferencialmente nas fontes ideológicas que corroboram suas ideias. Trazer à tona os fatos e a realidade que possam confrontar essas narrativas de guerra cultural ou teorias conspiratórias que dão vantagens políticas e esses grupos não seria o ideal para eles. Dessa forma, a indicação é que se voltem contra setores e profissionais especializados.

Para D’Ancona (2018) “uma crescente suspeita de que fontes tradicionais de autoridade e informação eram duvidosas, mercenárias ou até totalmente fraudulentas” (D’Ancona, 2018, p. 42) foi importante para a vitória do *Brexit*. A extrema direita tem utilizado em vários países essa narrativa anti-intelectual para direcionar a confiança dos eleitores para outras fontes que possam oferecer as ‘verdades’ nas quais os adeptos desta vertente política devem acreditar:

Surgem novos acordos sociais em torno da verdade que nem sempre têm a factualidade como ponto de partida. Valores, crenças e experiência foram novamente acionados e os lugares de emissão de discursos e narrativas que alcançaram credibilidade migraram da Ciência, da academia, do jornalismo, das instituições judiciárias para a internet, seus blogs, sites e portais, que simulam as operações de construção de verdade, ou seja, se passam por sites científicos ou jornalísticos ou situam-se em falas de si, que reverberam somente valores e experiências pessoais sem nenhuma necessidade de comprovação do que se afirma. (Rêgo e Barbosa, 2020, p. 162).

Como visto no exemplo do *Brexit*, essa estratégia de colocar em xeque as fontes tradicionais de informação tem funcionado. Donald Trump, nos Estados Unidos, Jair

Bolsonaro, no Brasil, e o ex-presidente das Filipinas Rodrigo Duterte, são alguns exemplos de líderes que utilizaram mídias hiperpartidárias e pessoas de influência em suas campanhas e durante seus mandatos. Logo, há forte investimento em jornalistas, influenciadores, sites, páginas e grupos fornecedores de informações que não condizem com os fatos. O especialista passa a ser visto como um pedante:

Os sites conspirativos e a mídia social tratam com desdém os jornais impressos ou a grande mídia (mainstream media – MSM), considerando-os a voz desacreditada de uma ordem “globalista; uma “elite liberal”, cujo tempo já passou. Os “especialistas” são difamados como um cartel mal-intencionado, em vez de uma fonte de informações verificáveis (D’Ancona, p. 20).

A democratização e o acesso que a internet trouxe para a humanidade gerou esse desafio para os formadores da opinião pública que passaram a ser desacreditados em vez de questionados. Estes questionamentos seriam plausíveis visto que em muitos casos podem ser profissionais com interesses escusos ou servindo a interesses que podem modificar a forma em que entendem e repassam as informações. Afinal, nem sempre temos como saber se aquele especialista convocado pela mídia é realmente imparcial em sua análise ou se o peso dado por determinada mídia a especialistas que divergem (se realmente divergem) é o mesmo. No Brasil, a mídia tradicional é controlada por poucas famílias e que representam a parcela mais abastada da sociedade: “O monopólio da fala reduz a diversidade da narrativa, deixando prevalecer poucas versões discursivas, muitas vezes forjando um consenso a partir da agenda da mídia” (Rêgo e Barbosa, 2020, p. 79).

A internet possibilitou que pessoas comuns tivessem acesso a um mundo de informações, além de oferecer formas para que todos possam opinar. Há sempre o convite para deixar um comentário, além de ser muito simples produzir um conteúdo para as mídias sociais, seja um texto, imagem, áudio ou vídeo. De expectadores passivos de artistas, jornalistas e políticos, passamos a seres ativos em um ambiente em que podemos ser ouvidos, mostrar nossa indignação, nossas opiniões e até nos profissionalizar. Mas a mesma internet que abre espaço para que vozes de minorias antes silenciadas possam expor suas dores, sua memória e reivindicar seus espaços e direitos também dá lugar a supremacistas, neonazistas e todos os tipos de preconceituosos que desejam eliminar o outro e expor seu ódio *online*.

A mesma internet que oferece espaço para profissionais especializados darem dicas preciosas sobre saúde, educação, exercícios, nutrição, entre diversos outros temas, também abriga pessoas ignorantes que opinam sobre temas que não sabem e charlatões de todo tipo que lucram com produtos ineficazes, falsos, ou com quantidades de seguidores e visualizações. E vira algo impraticável corrigir cada erro, invenção, mentira ou golpe em um ambiente sem controle como é a internet. Todos nós somos afetados de alguma forma por esse novo modo de

consumir e produzir informação. Mas, em vez de termos mais acesso às boas informações, os algoritmos nem sempre nos encaminham para quem tem conhecimento sobre o que fala:

Um elemento fundamental da ideologia do Vale do Silício é a sabedoria das multidões: não confiem nos especialistas, as pessoas comuns sabem mais. O fato de andar por aí com a verdade nos bolsos, na forma de um pequeno aparelho brilhante e colorido no qual basta apoiar o dedo para ter todas as respostas do mundo, influencia inevitavelmente cada um de nós (Empoli, 2021, p. 74).

De acordo com o relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), realizado em 2021, 67% dos estudantes brasileiros de 15 anos não sabia a diferença entre fato e opinião em um texto, bem acima da média dos outros 79 países pesquisados, que foi de 53%.¹³⁹ Esse dado demonstra a deficiência na nossa educação no entendimento do que lemos. Não entender a diferença do tipo de informação que recebemos pode implicar na não compreensão dos acontecimentos, fazendo com que opiniões possam ser tomadas como verdade, quando elas podem estar erradas:

verifica-se uma profusão de conteúdos baseados em opinião, muitas vezes de pessoas sem qualquer conhecimento no assunto, que também está relacionada a esse processo. Não que os meios de comunicação de massa tenham sempre dito apenas a verdade, mas eles representavam instituições, com possibilidade de serem responsabilizados por seus conteúdos, diferente do que ocorre nos ambientes digitais atuais nos quais conteúdos falsos, boatos e distorções são compartilhados. Agora, o que se tem são notícias, fotos, sem link válido, que imitam a informação institucional, peças individualizadas, isoladas, sem contexto, sem data, sem autoria (Araújo, 2021).

Charaudeau diferencia a opinião pessoal – que é própria do sujeito – da comum, que é partilhada com outros sujeitos ou pode até ser universal (Charaudeau, 2022, p. 33). No entanto, para o autor, opinião não é um conhecimento:

O *saber de opinião* é um julgamento pessoal ou coletivo que um indivíduo faz sobre os seres ou os acontecimentos quanto ao seu valor. Ele nasce de um processo de avaliação que leva o indivíduo a se posicionar. A opinião não é um conhecimento, mas um ponto de vista sobre as verdades do mundo (Charaudeau, 2022, p. 32).

Nessa sociedade da opinião, muito se fala sobre a liberdade de opinião e expressão, visto que hoje há grande quantidade de crimes contra honra ou discriminações nas mídias sociais e que, quando punidos pela justiça, a liberdade de se dizer o que pensa é conclamada como direito. Agentes da desinformação usam as liberdades individuais como desculpa para continuarem usando as mídias sociais para seus propósitos, mesmo quando o que é dito pode causar danos à sociedade, como foi visto na pandemia da Covid-19, em que diversas informações danosas de saúde eram excluídas pelas plataformas, ou nas eleições de 2022, quando teorias conspiratórias sobre urnas eletrônicas fraudadas eram retiradas do ar pela justiça eleitoral. Para Arendt (1967) essa liberdade é uma farsa quando não está apoiada nos fatos:

¹³⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/ocde-67-dos-estudantes-brasileiros-de-15-anos-confundem-fato-e-opinioao>. Acesso em: 24/11/2024.

Ainda que se deva distingui-los, os factos e as opiniões não se opõem uns aos outros, pertencem ao mesmo domínio. Os factos são a matéria das opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e diferentes paixões, podem diferir largamente e permanecer legítimas enquanto respeitarem a verdade de facto. A liberdade de opinião é uma farsa se a informação sobre os factos não estiver garantida e se não forem os próprios factos o objecto do debate. Por outras palavras, a verdade de facto fornece informações ao pensamento político tal como a verdade racional fornece as suas à especulação filosófica. (Arendt, 1967).

Logo, opiniões diferentes podem estar pautadas nos fatos sem necessariamente uma delas ser falsa. Mas, no mundo virtual polarizado, os espaços para as divergências ficam cada vez menores. Os debates são muito focados em impor um ponto de vista e os fatos são selecionados para reforçar as opiniões, sendo ignorados ou distorcidos quando as desmentem. Dessa forma, há um aumento na busca por criadores de conteúdo, jornalistas e influenciadores que compartilham dos mesmos pensamentos e menos aceitação das informações passadas pelas mídias tradicionais, que nem sempre trarão conforto psíquico:

Os nossos dados mostram, mais claramente do que nunca, como esta mudança é fortemente influenciada pelos hábitos das gerações mais jovens, que cresceram com as redes sociais e hoje muitas vezes prestam mais atenção nos influenciadores ou celebridades do que nos jornalistas, mesmo quando se trata de notícias (Newman et al., 2023, p.10).

Neste contexto, há também o culto ao amadorismo, “uma certa celebração de conteúdos amadores que acaba por anular a distinção entre o profissional e o amador, o que leva ao enfraquecimento de jornais, indústria musical, cinematográfica e jornalística, com consequente desaparecimento de padrões profissionais e filtros editoriais e o enaltecimento do plágio e da pirataria” (Araújo, 2024a). A confiança em amadores tem como base o compartilhamento de ideologias ou pensamentos iguais, mas também há casos em que amadores conseguem convencer o público que dominam um assunto, mesmo não tendo domínio real. Uma estratégia é usar de estudos científicos ou notícias para embasar seus pontos de vista, mesmo quando o conteúdo não diz exatamente o que este amador citou, pois ele mostra somente o título ou uma citação. Muitos se apresentam como autoridades em assuntos que não entendem, como o conspiracionista da extrema direita Olavo de Carvalho, que vendia seus cursos sobre Kant, enquanto especialistas diziam que ele não havia entendido o pensador alemão.¹⁴⁰

O direcionamento da confiança para amadores e impostores também se dá devido à crise de credibilidade que tem sido vista há alguns anos em autoridades cognitivas. Essa suspeita tem sido incentivada pela extrema direita com seus ataques constantes. Bolsonaro, enquanto presidente, atacou jornalistas e empresas de mídia, instituições como STF e Anvisa, e buscou desacreditar qualquer um que contradissesse as narrativas utilizadas por sua base

¹⁴⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-dizem-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419>. Acesso em: 24/11/2024.

governamental. Além dele, políticos de sua base, influenciadores, jornalistas e sites partidários, além de seus seguidores mais fiéis compartilhavam frequentemente ataques e informações falsas sobre instituições, aumentando essa crise de credibilidade:

Diante da crise de credibilidade de autoridades cognitivas modernas basilares como a universidade e a imprensa, e mesmo os poderes legislativo e judiciário, emergem miríades de pseudo-autoridades cognitivas populistas, do tipo mais reacionário, nas mídias e redes sociais digitais, nos poderes executivos e, cada vez mais, no legislativo e no próprio judiciário. São personagens geralmente carismáticas, dotadas de temperamento sanguíneo, que apresentam soluções fáceis para problemas complexos, recorrendo ao medo, ao desespero, ao preconceito e à ignorância, avessas a um compromisso intelectual sério com o debate racional, calcado em argumentos e evidências demonstráveis e falseáveis, para além do conhecimento tácito, dos costumes ou das crenças (Schneider, 2022, p. 79).

Autoridades cognitivas são “Especialistas considerados não apenas confiáveis, mas também influentes no pensamento de outras pessoas” e possuem credibilidade e expertise (Rieh, 2010). Rieh (2010) diferencia a autoridade epistêmica ou cognitiva da autoridade deôntica. A primeira é alguém ou alguma instituição que exerce esse papel de influência da sociedade, a segunda é quem está em papel de autoridade, como um pai, um rei, um líder, entre outros exemplos. Além disso, a autoridade cognitiva estabelecida pode conferir autoridade a outros: “Essa regra – confiar em quem é confiado por aqueles em quem se confia – é um elemento central da autoridade cognitiva” (Rieh, 2010).

Rieh (2010) diz que a “avaliação da credibilidade e da autoridade cognitiva deve ser entendida como um **processo contínuo e iterativo**, e não como um evento de avaliação único”. A autora também afirma que esses julgamentos são feitos pelas outras pessoas “em função de seus objetivos e motivações na busca pela informação” e dependem de fatores como crenças acumuladas, conhecimentos existentes e experiências anteriores das pessoas. Lisboa e Benetti também sinalizam a importância da perspectiva do outro para que a credibilidade seja percebida: “A credibilidade tem uma natureza intersubjetiva: para ser um predicado, não pode ser uma qualidade auto-atribuída, mas se forma no contexto de uma relação e é dependente da perspectiva de outro sujeito” (Lisboa e Benetti, 2015).

Os atalhos mentais, segundo Rieh (2010) costumam ser usados na avaliação da credibilidade:

Pesquisas sobre credibilidade indicam que as pessoas nem sempre se dedicam ao esforço cognitivo necessário para realizar julgamentos analíticos detalhados sobre o conteúdo e as fontes. Em vez disso, elas frequentemente confiam em atalhos mentais (ou heurísticas) – regras gerais baseadas em experiências anteriores, que se refinam ao longo do tempo (Rieh, 2010).

A autora acrescenta que “As heurísticas são frequentemente utilizadas de forma inconsciente, o que pode levar as pessoas a aceitar uma mensagem como confiável sem identificar os motivos específicos dessa aceitação” (Rieh, 2010).

Sem uma análise crítica sobre a autoridade que fornece a informação, ela fica comprometida, pois analisar o autor e checar as informações são ações importantes para ajudar a identificar a desinformação e se proteger dela. Se nosso inconsciente é utilizado e nossas crenças acumuladas são acessadas quando julgamos a credibilidade de uma autoridade, tendemos a dar crédito a alguém de forma mais emocional e menos racional. Os atalhos mentais e nossos vieses têm sido utilizados por agentes da desinformação para incentivar a credibilidade em fontes ruins de informação e também para desacreditizar as autoridades cognitivas tradicionais. A polarização afetiva também pode ser acionada, pois, segundo Rieh (2010), “As pessoas não avaliam credibilidade de forma isolada”, e acrescenta que “Interações sociais e engajamentos devem ser considerados no entendimento da construção e avaliação da credibilidade” (Rieh, 2010).

No mundo virtual, diversos temas que requerem conhecimento técnico, mesmo os mais sérios e difíceis, têm sido tratados por falsas autoridades cognitivas, que criam sua reputação através de falsidades ou do apelo emocional. Nesses casos, a credibilidade é percebida a partir das crenças e opiniões compartilhadas, dos vieses de confirmação, da polarização, ou seja, as pessoas depositam sua confiança e percebem como autoridade apenas pessoas ou instituições que partilham dos mesmos valores e pensamentos e não aceitam a autoridade quando a informação não condiz com a crença pré-estabelecida:

Pseudo ou falsas autoridades cognitivas parecem ter as mesmas qualidades de credibilidade, expertise e confiabilidade, mas, ao serem examinadas criticamente, falham nessas qualidades e buscam impor uma agenda partidária, independentemente da verdade, evidências, lógica ou fatos. Infelizmente, essas condições não impedem os crentes de aceitá-las. Essas autoridades podem se manifestar de diversas formas, como programas ou organizações de notícias, líderes religiosos ou plataformas de mídia social, que criam, propagam, autorizam e legitimam notícias falsas, que os adeptos partidários estão dispostos a aceitar e perpetuar por meio de uma forma de autoengano coletivo, ao mesmo tempo em que desacreditam fontes e autoridades cognitivas de informações ou conhecimentos genuínos e verificados (Froehlich, 2019).

Para Froehlich (2019), as pseudo-autoridades cognitivas são uma das principais forças por trás das histórias falsas, pois “elas possibilitam a criação e disseminação de fake news reais (como a propaganda), principalmente por meio do autoengano coletivo, além de desacreditarem notícias autênticas”. O autor explica a diferença entre conhecimento primário e secundário, em que o primeiro é o que temos como provar ou observar diretamente e o segundo é aquele que não temos como observar e que precisamos aprender de outras pessoas e confiar “em sua percepção, lógica, raciocínio ou experiência” (Froehlich, 2019). Sendo assim, sempre vamos precisar de uma autoridade cognitiva para acessar informações, pois não há a possibilidade de

observarmos tudo. O problema está no fato de muitas pessoas confiarem em falsas autoridades cognitivas, principalmente quando se trata de informações importantes.

Uma das razões para que pessoas deem credibilidade às pseudoautoridades é o autoengano que, para Froehlich (2019), “não é uma forma de informação falsa, mas um método de aceitar e internalizar informações falsas”. O autor cita alguns fatores do autoengano:

fatores psicológicos, motivações e autoengano coletivo se alimentam mutuamente em um ciclo de reforço, tão forte que pode ser equivalente a um culto. Esse processo dialógico (em que pseudoautoridades cognitivas enganam e se autoenganam, enquanto seus ouvintes as “validam” por meio de boca a boca e associações com grupos de pensamento semelhante) é reforçado pela repetição, pelo efeito Dunning-Kruger¹⁴¹, pela agnotologia (o estudo da ignorância fabricada) e outros fatores (Froehlich, 2019).

O autoengano pode ser também coletivo: “O autoengano de grupo é um processo dialógico em que o grupo absorve e perpetua crenças falsas, reforçadas por seus elementos e resultados coletivos” (Froehlich, 2019). As mídias sociais podem colaborar para o autoengano coletivo, como vimos em grupos de WhatsApp das pessoas insatisfeitas com a derrota de Bolsonaro, em que havia o compartilhamento de diversas informações sobre intervenções internacionais no Brasil. Em uma delas, que chegou a virar piada nas mídias sociais, a cantora Lady Gaga aparecia como uma ministra que tomaria as providências contra a alegada fraude eleitoral em 72 horas.¹⁴² As 72 horas também viraram piada nas redes, pois inúmeras pessoas se mantiveram acampadas em frente a quartéis acreditando que esse seria o período em que a fraude que acreditavam ter acontecido se relevaria, sendo que o prazo se esgotava e se renovava constantemente, sem que nada acontecesse nesse sentido.¹⁴³

As falsas autoridades cognitivas tendem a fingir conhecimento, no entanto, muito do que vemos são suas opiniões e crenças sendo compartilhadas. Charaudeau (2022) diferencia os saberes de conhecimento e de crença, sendo o primeiro caso saberes que “tendem a estabelecer uma verdade relativa à existência dos fatos do mundo, propondo explicações sobre os fenômenos que são produzidos nele” (Charaudeau, 2022, p. 28), nesse caso, o sujeito é apenas um portador deste saber. O saber científico, segundo o autor, é um saber de conhecimento: “No saber científico, o mundo se impõe ao sujeito; no saber de crença, é o sujeito que se impõe ao mundo, seja para descrevê-lo (*saber por experiência*), seja para julgamentos (*saber de opinião*)” (Charaudeau, p. 31).

¹⁴¹ Nota explicativa: Efeito Dunning-Kruger se refere a quando uma pessoa superestima suas habilidades cognitivas, trata-se de um viés cognitivo definido em um estudo conduzido por David Dunning e Justin Kruger.

¹⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/11/04/e-fake-que-imagem-em-que-aparece-lady-gaga-mostre-conversa-entre-bolsonaro-e-ministra-sobre-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 27/11/2024.

¹⁴³ Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/politica/2023/so-mais-72-horas-acampamento-bolsonaristas-radicaiz/>. Acesso em: 27/11/2024.

A demonstração de um conhecimento tende a ser algo positivo em nossa sociedade, então, muitas pessoas, por motivos diferentes, podem buscar essa aparência do saber sem necessariamente ter passado por todo o processo que o conhecimento exige:

O desejo de todos é falar “com conhecimento de causa”, isto é, conforme um tipo de saber. A maior parte do tempo, nas discussões cotidianas, trocam-se saberes de crença que circulam entre as diversas categorias de opinião. Assim se estabelecem acordos e desacordos, convivências e oposições, controvérsias e polêmicas, visto que qualquer troca verbal tem a finalidade de convencer, persuadir ou seduzir seu interlocutor, seja ele singular ou plural (Charaudeau, p. 36).

Dessa forma, pessoas compartilham nas mídias sociais suas crenças e opiniões e, em alguns momentos, podem acreditar que possuem o conhecimento, quando tudo o que sabem foi aprendido com falsas autoridades cognitivas ou em grupos que compartilham desinformação e, assim, acabam colaborando com o caos informacional e a produção da ignorância. O descrédito nas tradicionais fontes de informação colabora muito para este cenário, visto que até professores e universidades hoje são vistos com desdém por muitos seguidores da ideologia da extrema direita, no entanto, são os professores os profissionais que auxiliam na formação de qualquer outro profissional, inclusive, a formação das autoridades cognitivas. Além dos especialistas, as instituições tradicionais de conhecimento também vêm enfrentando ataques e desconfiança:

Em sociedade, portanto, são eleitas instituições que terminam por alcançar em determinadas temporalidades o lugar de emissoras de uma verdade aceita socialmente. Dentro do regime de historicidade da modernidade e a partir dos valores, alavancados por ela, como a objetividade e a imparcialidade em alguns casos, é que a ciência e os demais campos que se constituíram e circundantes ao campo da ciência, terminaram conquistando um *locus veritas*, tais como a academia, o jornalismo, o Direito e a História. Entretanto, esse lugar encontra-se em permanente tensionamento e, na atualidade, em confronto com narrativas que procuram desacreditá-los (Rêgo e Barbosa, 2020, p. 61).

Nessa nova era informacional, essas instituições são postas em dúvida por políticos demagogos que precisam dominar a narrativa para a manutenção do domínio sobre os medos, as emoções e a indignação de seus eleitores. Esses políticos preferem eleger suas próprias autoridades cognitivas, como Alex Jones para Donald Trump e Olavo de Carvalho para Bolsonaro, além de cortar a mediação e se relacionar diretamente com seu público:

Bolsonaro, cuja candidatura foi alicerçada no uso deliberado de mentiras veiculadas por mídias sociais (em especial *WhatsApp* e *YouTube*) e que recusou qualquer tipo de debate ao longo da campanha, transformou-se no emblema local de uma nova era, na qual o jornalismo profissional é marginalizado e o líder político se relaciona de forma imediata com uma multidão não mais de cidadãos, mas de “seguidores”, usando um discurso que não é desafiado por qualquer checagem factual, muito menos por discursos opostos – tal como Donald Trump, que é uma inspiração óbvia para a estratégia política que adotou (Miguel, 2019).

Essa possibilidade que as mídias digitais oferecem de o político se aproximar do seu público pode ter vantagens no sentido de abrir um diálogo importante entre eleitor e eleito. No entanto, como há nessa relação uma real possibilidade do uso de mentiras e manipulação, se faz

necessário que existam formas de se confirmar o que é dito. Antes, com a figura do mediador feito pela imprensa, era possível fazer uma análise de falas que distorcem ou não condizem com a realidade. Hoje, não há esse filtro:

A comunicação digital se caracteriza pelo fato de que informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários. Elas não são dirigidas e filtradas por meio de mediadores. A instância intermediária interventora é cada vez mais dissolvida. Mediação e representação são interpretadas como não transparência e ineficiência, como congestionamento de tempo e de informação” (Han, 2018, p. 34).

Líderes populistas podem, a seu favor, usar dessa aproximação com o público para minar a checagem das informações por parte dos intermediários, que desmascarariam as mentiras e relevariam falhas em seus discursos:

A tarefa do populismo é simplificar a todo custo, comprimir fatos inconvenientes em uma forma preordenada ou excluí-los totalmente. O jornalismo tem como tarefas revelar a complexidade, a nuance e o paradoxo da vida pública, desmascarar a transgressão e – o mais importante de tudo – regar as raízes da democracia com um fornecimento constante de notícias confiáveis. Exatamente quando a confiança na mídia é mais requerida, ela, de acordo com pesquisas de opinião mundiais, caiu ao menor número de todos os tempos (D’Ancona, 2018, p. 45).

Relembrando que existe o conhecimento primário e secundário, logo, não temos como averiguar tudo o que acontece e nem sempre saberíamos das informações se não fossem as autoridades cognitivas ou os intermediários, como a mídia, para nos informar. Precisamos de informações confiáveis para tomarmos decisões importantes, cuidados com a saúde, entre outras coisas. No caso do jornalismo, ele exerce esse papel de intermediário a partir de princípios e técnicas profissionais:

Tal como outros sistemas de expertise no mundo contemporâneo, o jornalismo exige de seu público a confiança naquilo que ele lhe fornece. Normalmente, o leitor do jornal ou espectador do telejornal não tem como averiguar por conta própria a veracidade das informações que lhe são apresentadas, tanto quanto o passageiro do avião em geral não domina a física que explica como a aeronave levanta voo. Eles acreditam em competências que não são suas. No caso da aeronáutica, existem agências de certificação e de fiscalização que avalizam a confiança do cliente. No caso do jornalismo, esta garantia seria dada pelos veículos concorrentes (Miguel, 2019).

Para Miguel (2019), a concorrência funciona como uma fiscalização, pois haverá um constrangimento se profissionais de outras empresas não validarem ou chegarem aos mesmos resultados. Lisboa e Benetti (2015) defendem que “o discurso jornalístico deve prover evidências acerca da sua autoridade e de suas intenções, que servem como um guia para o leitor formar juízos sobre seus relatos. A credibilidade percebida será resultado de uma intensa e permanente negociação de sentidos entre o jornalismo e seu público (Lisboa e Benetti, 2015). As autoras defendem que o uso de recursos como fontes especializadas, fotografia e os detalhamentos dos eventos fortalecem a credibilidade jornalística (Lisboa e Benetti, 2015):

O conhecimento produzido pelo jornalismo também se torna confiável na medida em que cria métodos e processos de apuração que sustentam a veracidade dos seus relatos, que envolvem rigor e pluralismo de visões, objetividade e clareza na apresentação e

descrição dos fatos, imparcialidade na seleção do que deve ser relatado (Lisboa e Benetti, 2015).

No entanto, apesar do objetivo jornalístico ser se aproximar ao máximo da verdade factual, ou seja, relatar os acontecimentos e dar os elementos para que o público faça um juízo de valor a partir do que foi apresentado de forma isenta, essa isenção não é alcançada. É importante frisar que jornalistas são seres humanos e as mídias são empresas, que precisam fechar as contas no fim do mês e almejam lucros. Sendo assim, existem interesses, vieses e até erros não intencionais. Ainda assim, “sempre foram instituições com sede, registro, funcionários contratados e, para a construção de sua credibilidade, nunca puderam inventar fatos completamente falsos, sob pena de serem responsabilizados e desacreditados” (Araújo, 2024a). Ao contrário das falsas autoridades cognitivas que podem até ser anônimas ou empresas com registro fora do país em que não é possível identificar nem responsabilizar quem produz os conteúdos. Dessa forma, é difícil até mesmo identificar quais são os interesses por trás desses agentes que produzem informação sem profissionalismo ou compromisso com a ética e com a sociedade. O fato de a mídia ter interesses é constantemente usado para desacreditá-la:

o discurso do poder instituído parte de uma base real – a de que a imprensa, diferentemente do que afirma, tem interesses e, especialmente no caso brasileiro, não age de acordo com os princípios que propaga – para espertamente generalizar a desqualificação automática e absoluta de tudo o que partir dessa fonte, como de qualquer outra que possa representar crítica. No entanto, sem essa hipótese de crítica – isto é, sem esse filtro que a atividade jornalística representa, quando exercida eticamente –, é impossível imaginar qualquer mudança (Moretzsohn, 2019).

Em diversos momentos, a mídia brasileira se posicionou e mostrou seus interesses. Exemplos não faltam, como na ditadura militar, em que muitas empresas de mídia deram apoio aos governos militares, assim como no auxílio da criação e crescimento do antipetismo. Para Miguel (2019), “Os meios de comunicação de massa foram parceiros essenciais da empreitada, ao lado – e este é o ponto que interessa aqui – das fábricas de fake news”. Ele fala sobre o posicionamento da grande mídia brasileira na prisão de Luís Inácio Lula da Silva e no impeachment de Dilma Rousseff, em que, para os grandes jornais, tudo parecia correr dentro da normalidade, além de participarem ativamente da agenda da direita para tirar o partido do governo: “Todos os principais veículos, incluindo jornais, revistas, emissoras de rádio ou TV e grandes portais de notícias, participam deste esforço” (Miguel, 2019):

Na prática, formou-se no Brasil uma triangulação entre aparelho repressivo, mídia e fábricas de fake news. Informações contrárias a Lula e ao PT eram vazadas por policiais, procuradores ou juízes e repercutidas com alarde no noticiário; ou, então, a informação, apresentada como um furo de reportagem, motivava uma investigação da polícia ou do ministério público. Isso criava o clima de opinião propício para que organizações da extrema-direita produzissem seu próprio material – versões exageradas das notícias iniciais ou simples mistificações –, ancoradas na credibilidade original dos funcionários públicos e do jornalismo profissional. A mídia gerava, portanto, o ambiente para que as fake news prosperassem. Sem a reiterada afirmação

de que Lula era o chefe e o PT, uma quadrilha criminoso, as histórias sobre seus filhos serem proprietários de grandes empresas ou ele possuir contas bilionárias no exterior teriam mais dificuldade para se propagar (Miguel, 2019).

Ironicamente, é da direita que vem a maior resistência às informações divulgadas na grande mídia, que foi duramente atacada nos últimos anos, especialmente no governo Bolsonaro. O termo ‘globalixo’, antes usado pela esquerda, passa a ser amplamente utilizado pela extrema direita, que por várias vezes pregou o boicote à emissora de TV por veicular notícias que contrariavam Bolsonaro. E, com a confiança abalada nas mídias tradicionais, o aumento gigantesco de novos *gatekeepers* e outros tipos de concorrência (até mesmo fora do jornalismo, como o entretenimento *online* e as mídias sociais), o jornalismo passa não só por uma crise de credibilidade como também financeira. No entanto, o reforço da credibilidade jornalística e o apelo ao profissionalismo se fazem necessários à sua sobrevivência:

Para o jornalismo profissional, resta uma situação de profunda ambiguidade. O ambiente que garantia seu quase-monopólio do provimento de informações foi erodido, logo suas condições de financiamento também. Essa crise de financiamento empurra as empresas para a venda de influência política. Mas a concorrência de novos agentes as obriga a reforçar o apelo ao profissionalismo específico que o distinguiria. A “credibilidade” pode ou não ser moeda corrente na relação entre jornalismo e público, mas é o estandarte que opera no próprio campo para marcar seu diferencial e o argumento central de autoridade de que ele dispõe (Miguel, 2019).

Além da importância do papel do jornalismo em trazer os fatos de forma profissional, com empresas que precisam zelar pela sua reputação e credibilidade e que possui técnicas de apuração, escrita, com elementos que favorecem a verificação e a credibilidade, há também o papel de *gatekeeper*, fundamental em um mundo tão lotado de informações. Para Miguel (2019) essa abundância de informações pode levar ao desconhecimento: “De fato, a disponibilidade quase inesgotável de informação pode levar a níveis antes inimagináveis de alienação” (Miguel, 2019). Para o autor, a multiplicidade de *gatekeepers* pode ter vantagens e desvantagens: “Se a multiplicidade de *gatekeepers* permite equalizar um pouco a disputa pela construção dessa agenda, isso é bom. Mas se serve apenas por nos tornar menos conscientes dela, por nosso isolamento em nossas próprias bolhas, isso é ruim” (Miguel, 2019).

De acordo com Bezerra (2024), a hiperinformação, ao contrário de nos deixar mais conscientes, pode causar inclusive problemas mentais como compulsão e ansiedade:

O revés da economia da atenção aplicada às redes sociais e outras plataformas [...] é o seu contrário [...] uma “riqueza de informação” que engendra em uma “pobreza de atenção”: eis a atual condição da hiperinformação, que causa nos indivíduos desatenção, incapacidade de concentração, compulsão e ansiedade. Uma vez que as pessoas são constantemente lembradas, notificadas e cutucadas em um ecossistema que traz a informação a granel, se torna cada vez mais difícil manter o foco em atividades que requerem concentração (Bezerra, 2024, p. 71).

Um dos papéis do jornalismo e das autoridades cognitivas estabelecidas é o de formar uma sociedade mais consciente e informada sobre os mais diversos assuntos. A educação que

recebemos não nos dá base para a compreensão sobre como as informações podem ser manipuladas ou distorcidas, principalmente nos dias atuais em que houve muitas mudanças em como nos informamos. Também demonstramos pouca consciência da importância e do impacto que as informações têm nas nossas vidas e na sociedade. Infelizmente, os cidadãos dão pouca importância à informação, tanto que muitos não querem pagar por ela e também não atentam para as credenciais de quem as informa.

Enquanto as autoridades cognitivas têm como papel compartilhar conhecimento, as falsas autoridades cognitivas produzem caos informacional, confusão e desinformação. Há muito se sabe que gerar dúvida e desconfiança sobre determinados temas pode gerar lucros a grandes empresas, como a indústria do tabaco, que, quando foi divulgado que o cigarro poderia causar doenças graves, usou do artifício de contratar pesquisadores e gerar dúvidas na sociedade contra a comunidade médica e científica que divulgavam informações sensíveis ao negócio dessas empresas:

Como a indústria poderia se defender quando a grande maioria dos especialistas independentes concordava que o tabaco era prejudicial, e seus próprios documentos mostravam que eles sabiam disso? A resposta foi continuar promovendo a dúvida e, para isso, recrutar cientistas cada vez mais renomados para ajudar (Oreskes e Conway, 2010, p. 24).

Uma das estratégias utilizadas era fazer com que a imprensa discutisse o tema como se fosse uma controvérsia que deveria ser debatida mostrando todos os lados, de maneira balanceada, quando, na verdade, já havia um consenso científico e a produção de dúvidas sobre esse consenso servia aos interesses da indústria:

Quando direcionadas aos jornalistas, entretanto, as perguntas tendenciosas funcionavam: elas convenciam pessoas que não sabiam o contrário de que ainda havia muita dúvida sobre o assunto. A indústria percebeu que era possível criar a impressão de controvérsia simplesmente fazendo perguntas, mesmo que já soubessem as respostas e estas não favorecessem sua posição. Assim, a indústria começou a transformar o consenso científico emergente em um “debate” científico acalorado. O apelo ao equilíbrio jornalístico (e, possivelmente, o grande orçamento publicitário da indústria) aparentemente ressoava com escritores e editores, talvez devido à influência da Doutrina da Imparcialidade (Oreskes e Conway, 2010, p. 18).

Outro exemplo de estratégia tomada pela indústria é conhecido como *cherry picking* (colheita de cereja, em tradução livre), que significa selecionar a dedo os dados que vai divulgar. É uma forma desonesta e tendenciosa de usar dados verdadeiros, porém, sem dar muitas explicações, para fortalecer a narrativa que favorece a indústria. Assim, gerando confusão e dúvida, a partir de várias estratégias feitas por empresas de relações públicas e com a ajuda de cientistas, a indústria do cigarro agiu para reverter os danos causados pela divulgação dos males deste vício. Hoje, essas estratégias são amplamente usadas por empresas do petróleo e outras,

que tentam negar sua relação com o Aquecimento Global, por exemplo. Como resposta, a agnotologia surge como um estudo da produção intencional de ignorância:

Em síntese, dedica-se a estudar os fenômenos da desinformação deliberada produzida culturalmente e socialmente com o intuito claro de promover um processo de ignorância social e coletivo, tendo a dúvida como motor desse processo de construção de outras versões que se afastam da factualidade, muitas vezes inegável e redundantemente visível (Rêgo, 2019).

Essas empresas contrataram cientistas, profissionais de marketing, relações públicas e jornalistas para gerar incertezas na sociedade e continuarem com seus negócios que, segundo consenso científico, fazem mal à saúde ou ao meio ambiente. Além disso, “vários institutos *think tanks* criam formas e fórmulas de construção de pseudoverdades a partir da utilização artificial de métodos utilizados no campo científico” (Rêgo, 2019). Há também a produção da ignorância nas escolas, tendo a demonização da figura do Paulo Freire como exemplo, pois foi um professor que pautou seus métodos de ensino na educação crítica e autônoma, “que ameaça as intenções da dominação medíocre e conservadora que hoje tenta se impor em nosso país, a partir da cooptação das mentes e corações abertos a esse tipo de discurso” (Rêgo, 2019).

Em novembro de 2024, o Intercept Brasil publicou uma reportagem que mostra que o Brasil Paralelo (BP) está captando patrocinadores para bancar a parceria entre o BP e escolas. O BP é uma empresa ultraconservadora produtora de vídeos negacionistas que relativizam a história e buscam narrativas de produção de ignorância em diversos temas, desde a Ditadura Militar até o Aquecimento Global:

Funciona assim: pagando um valor superior a mil reais (em valores de 2022), os chamados Membros Mecenias bancam “bolsas” para “melhorar a educação e a cultura” no Brasil. Na prática, esse dinheiro custeia assinaturas da Brasil Paralelo para escolas e instituições filantrópicas exibirem seus documentários e cursos para os alunos.¹⁴⁴

Não é a primeira vez que ouvimos falar no BP em escolas. O Governo do Estado de São Paulo, governado pelo bolsonarista Tarcísio de Freitas, também disponibilizou, no mesmo ano, um material de sugestão aos professores, feito pela Secretaria de Educação, com links para vídeos do BP. Antes disso, o mesmo governo havia disponibilizado material elaborado pelo Movimento Brasil Livre (MBL), que é um movimento político de extrema direita. Ou seja, não são empresas de educação. Para piorar, o material enviado pela secretaria buscava substituir os livros didáticos. Após repercussão negativa de retirar os livros didáticos, o governo voltou atrás,

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/11/27/brasil-paralelo-mecenias-escolas-ongs/>. Acesso em: 30/11/2024.

mas manteve esse material. Porém, após a reportagem do O Globo, retirou também os links para o site do BP, assim como havia retirado do MBL.¹⁴⁵

No caso do BP, essa parceria com escolas oferece lucros à empresa, porém, o discurso para a venda é de que precisam parar a doutrinação da esquerda nas escolas, uma das principais narrativas da guerra cultural, já citada nesta pesquisa. Inclusive, um dos documentários que a matéria afirma que foi enviado como material é um filme sobre a doutrinação da esquerda nas universidades brasileiras. Porém, é exatamente o que eles acusam a esquerda de fazer, que esse projeto providencia: “Não era só uma parceria educacional; parecia uma tentativa de doutrinação. E isso me deixou muito desconfortável, porque eu não queria que minha filha fosse exposta a esse tipo de ideologia sem um contexto mais amplo e crítico”¹⁴⁶, disse uma mãe à reportagem, afirmando que eles forçavam muito a barra para que esses conteúdos fossem assistidos.

O BP é mais um exemplo de produção intencional de ignorância, porém, com um projeto poderoso de invadir escolas públicas e particulares com seus vídeos muito bem-produzidos com informações tendenciosas, *cherry picking* e narrativas negacionistas. A doutrinação que tanto acusam foi a forma que encontraram de crescer financeiramente e se estabelecer como narrativa única, contrastando com as pesquisas, documentos e especialistas em História, Ciências, entre outros temas que eles podem se arriscar a falar. Eles tentam implantar a desconfiança nas autoridades cognitivas de diversas áreas, como se todos fizessem parte de complôs da esquerda, para, dessa forma, direcionar a confiança dessas pessoas para suas narrativas falsas.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/05/06/depois-de-aula-com-material-do-mbl-rede-estadual-de-sp-usa-brasil-paralelo-como-material-pedagogico.ghtml>. Acesso em: 30/11/2024.

¹⁴⁶ Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/11/27/brasil-paralelo-mecenas-escolas-ongs/>. Acesso em: 30/11/2024.

4 ESTUDO DE CASO – A DESCONFIANÇA NAS URNAS ELETRÔNICAS MOTIVADA PELA DESINFORMAÇÃO

O Brasil viveu uma tentativa de golpe de estado em 2022. É o que diz uma investigação da Polícia Federal que envolve militares das Forças Armadas, políticos, empresários e outros cidadãos. O desfecho desta tentativa de golpe foi a invasão dos prédios dos Três Poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – no dia 8 de janeiro de 2023, após a derrota de Jair Messias Bolsonaro e da vitória de Luís Inácio Lula da Silva para a presidência do país, que culminou na prisão de vários invasores, do ex-Ministro da Justiça do Governo Bolsonaro e de agentes de segurança, na destituição temporária do governador do Distrito Federal e em um decreto de intervenção federal.

Várias narrativas motivaram que pessoas comuns tomassem a decisão de invadir os prédios dos três poderes, quebrando o que viam pela frente e gritando palavras de ordem, entre elas, a de que Lula era um criminoso que não poderia governar o país, que o país viraria comunista e que as eleições foram fraudadas, pois as urnas eletrônicas não eram seguras. Com essa teoria conspiratória das urnas circulando há anos, muitas pessoas já acreditavam nela ou pelo menos tinham ouvido falar algo a respeito.

O investimento na teoria conspiratória de que as urnas eram inseguras foi forte, utilizando todo o aparato tecnológico das mídias sociais, influenciadores, políticos e selecionando cada informação que pudesse colaborar com a narrativa, além de robôs e sites hiperpartidários. Mas teve também colaboração de parte da população, não sendo possível saber em alguns episódios se seria um caso de *misinformation*, termo em inglês usado para quando a pessoa que desinforma não tem a intenção de enganar, ou se seria mesmo desinformação, quando há intenção do engano.

A urna eletrônica foi escolhida como objeto de pesquisa neste estudo porque as informações falsas que circularam foram vistas por milhões de pessoas. A escolha também se deu devido ao dano causado à sociedade e ao estado democrático de direito, aos objetivos por trás da teoria e aos ganhos financeiros e políticos envolvidos.

Houve um enorme esforço por parte de instituições como STF e TSE, da mídia e de membros da sociedade civil para defender o sistema eleitoral dos ataques constantes recebidos. As empresas de *fact checking* fizeram muitas checagens, os tribunais eleitorais fizeram inúmeros esclarecimentos, mostraram o funcionamento das urnas e seus mecanismos de segurança e transparência, e houve também muitas instituições validadas para fiscalizar as

eleições¹⁴⁷. Ainda assim, essas ações não foram suficientes para convencer parte da população, que continuou acreditando na tese de fraude, mesmo sem provas.

4.1 Os ataques às urnas eletrônicas para desacreditar as eleições

Desde quando as urnas eletrônicas começaram a ser atacadas, o TSE, a imprensa e as agências de checagem publicaram conteúdos com explicações e detalhes sobre seu funcionamento para facilitar a compreensão e aumentar a confiança¹⁴⁸. Era importante para o momento explicar que fraudar as eleições não seria algo simples, já que diversos mecanismos de segurança eram criados, inclusive através do Teste Público de Segurança da Urna (TPS) realizado por equipes de investigadores profissionais em tecnologia. No entanto, até mesmo esses testes puderam ser usados para manipulação de informações, como os realizados em 2017, que encontraram falhas, e tanto essas falhas como o posicionamento do líder da equipe de profissionais favorável ao voto impresso foram utilizados pela deputada Bia Kicis em seus ataques às urnas eletrônicas¹⁴⁹.

O então professor da Unicamp Diego de Freitas Aranha coordenou, em 2017, os testes de vulnerabilidade das urnas eletrônicas e conseguiu encontrar falhas: “No último dia de testes tivemos progressos. Conseguimos, por exemplo, alterar mensagens de texto exibidas ao eleitor na urna para fazer propaganda a um certo candidato. Também fizemos progresso na direção de desviar voto de um candidato para outro, mas não tivemos tempo de testar esse tipo de ataque”.¹⁵⁰ Cinco anos antes, ele havia encontrado outra vulnerabilidade, em que seria possível dizer em quem os eleitores votaram, pela ordem da votação. No ano seguinte, as equipes exitosas que encontraram vulnerabilidades em 2017, foram convidadas para repetir os testes: “A decisão do TSE de realizar o teste de segurança em ano anterior às eleições, bem como o convite aos testadores para constatação posterior das ações adotadas pelo TSE, comprova a importância do TPS para que as contribuições trazidas sejam tratadas em tempo hábil à realização das eleições”.¹⁵¹

As vulnerabilidades encontradas teriam sido sanadas em ambas as ocasiões, 2012 e 2017. Ainda assim, o professor defende que, para haver mais transparência e segurança, o ideal

¹⁴⁷ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-conheca-as-entidades-que-podem-fiscalizar-e-auditar-o-processo-eleitoral-911834>. Acesso em 12/04/2025.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/fato-ou-boato/>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/professor-critica-kicis-por-usar-frustracao-de-cientista-politicamente/>. Acesso em: 26/12/2024.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/03/06/teste-feito-por-equipe-da-unicamp-revelou-falhas-de-seguranca-nas-urnas-eletronica>. Acesso em: 26/12/2024.

¹⁵¹ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Fevereiro/tse-autoriza-repeticao-de-testes-de-seguranca-nas-urnas-eletronicas>. Acesso em: 26/12/2024.

seria acrescentar o modelo físico, impresso, ao pleito, pois acredita que o elemento humano continua sendo um risco.¹⁵² No entanto, ao ter seu nome usado pela deputada, o professor a respondeu indignado, pois, segundo ele, ela usou politicamente um desabafo de um cientista sobre uma questão técnica, sendo ela uma defensora de um governo anticiência: “Essa trupe não está interessada no consenso científico em torno de um registro físico, fosse o caso não interditavam o debate com alegação vazia de fraude dia-sim-dia-não”.¹⁵³

Quando o PL, partido de Bolsonaro, contestou as eleições de 2022, alegando que “as urnas cujos modelos anteriores a 2020 não gerariam arquivos de log que permitam saber, pelo nome do arquivo, a qual urna ele se refere”¹⁵⁴, o professor Aranha foi entrevistado sobre o assunto pela BBC e criticou o relatório do partido: “Os dados que mais importam, que são os votos, não estão nos arquivos log. Eles estão em outros arquivos. E não houve nenhuma menção a uma suposta irregularidade com relação a esses dados”.¹⁵⁵ Ele também falou sobre a contradição do argumento, já que a contestação era direcionada apenas aos votos em Bolsonaro, pois as urnas usadas no primeiro e segundo turno eram as mesmas e, havendo falhas, deveria haver a contestação em todo o pleito.

Sobre o relatório, o Presidente do TSE, Alexandre de Moraes, determinou que os questionamentos sobre as urnas contemplassem também o primeiro turno, mas o PL insistiu em contestar somente o segundo. No primeiro turno, o partido elegeu a maior bancada das eleições, com 99 deputados. O relatório tinha, além dessa lacuna no argumento, o fato de desconsiderar a distribuição de diferentes modelos em cada estado. Especialistas consultados pela Folha afirmaram que, ao contrário do que o documento informava de que não havia como identificar essas urnas, era possível identificar a partir de outros meios: “diferentemente da afirmação do parecer, a falha apontada não impossibilita a vinculação do arquivo gerado pela urna (conhecido como log da urna) com sua urna física correspondente”.¹⁵⁶ O PL foi multado por má-fé pelo TSE por unanimidade e o pedido foi negado pela corte por falta de indícios e circunstâncias que o justificassem.

O voto impresso auditável, conforme alguns especialistas e políticos defendem, seria mais uma forma de transparência das eleições, no entanto, há também interesses políticos não

¹⁵² Disponível em: <https://revistaquestaodeciencia.com.br/index.php/artigo/2020/12/03/seguranca-e-vulnerabilidade-das-urnas-eletronicas>. Acesso em: 26/12/2024.

¹⁵³ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/professor-critica-kicis-por-usar-frustracao-de-cientista-politicamente/>. Acesso em: 26/12/2024.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63724600>. Acesso em: 26/12/2024.

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/pl-ignora-moraes-e-insiste-em-contestar-resultado-apenas-do-2o-turno.shtml>. Acesso em: 26/12/2024.

relacionados à segurança e à transparência na campanha a favor do voto impresso, sendo essas narrativas mais focadas em descredibilizar o processo eleitoral:

Apesar dos benefícios, a tecnologia das urnas eletrônicas é alvo recorrente de críticas e ataques que têm por objetivo desvirtuar (ou tornar sem credibilidade) o sistema de votação. No primeiro caso, muitas pessoas não cofiam no processo eletrônico, seja por falta de transparência ou pela falta de mecanismos de auditoria, e sugerem a evolução do sistema ou a volta do modelo tradicional, baseado exclusivamente em papel. Já no segundo caso, há suspeitas de governos, partidos e outras instituições que tentam tirar proveito das fragilidades do sistema eletrônico de votação em benefício próprio, ou seja, para manter a influência ou o controle de um estado através da manipulação de parte dos votos (Ferrão *et al.*, 2019).

Ao defender o sistema atual de votação, o Ministro do STF Luís Roberto Barroso afirmou que nunca foi comprovado nenhum tipo de fraude nas urnas eletrônicas e criticou o modelo anterior: “Fraude havia no tempo do voto impresso, manual. Aliás, a história da República brasileira é a história de fraudes eleitorais sucessivas, seja no preenchimento das cédulas, seja no lançamento do mapa”.¹⁵⁷ A fala do ministro conversa com a do ex-Presidente do TSE Carlos Mário da Silva Velloso, em artigo em que justificava a implantação das urnas eletrônicas: “Essas fraudes ocorrem, sobretudo, na apuração dos votos. Se eliminássemos a apuração, ou seja, se afastássemos a mão humana da contagem dos votos, estaríamos eliminando a fraude, assim realizando a verdade das urnas” (Velloso, 2021).

No ano de 1994, dois anos antes da implantação das urnas eletrônicas, um caso de fraude eleitoral virou notícia no Rio de Janeiro, em que os problemas aconteceram justamente na apuração dos votos. Na época, o atual ministro do STF e então juiz e presidente da 25ª Zona Eleitoral, Luiz Fux, afastou 60 conferentes, prendeu três e teve que andar com escolta armada, pois passou a ser ameaçado de morte, por conta da quantidade enorme de irregularidades que viu.¹⁵⁸ Foi identificada uma organização criminosa que atuava em diferentes localidades do Brasil, que fraudavam os votos e beneficiavam candidatos. O resultado desta eleição para presidente, governadores, deputados e senadores teve atrasos de semanas por causa das irregularidades:

Na época, os brasileiros marcavam seus votos em cédulas de papel e as depositavam em urnas. Após a abertura das urnas, os votos eram contados por escrutinadores em mesas repletas de cédulas, vigiados por fiscais de todos os partidos. Em seguida, era elaborado um mapa com os resultados de cada urna. Nesta etapa, o escrutinador mal-intencionado poderia subtrair votos de um político e aumentar os de outro, sem mudar o total de votos de uma mesma urna.¹⁵⁹

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/fraude-havia-com-voto-impresso-diz-barroso-sobre-seguranca-em-urna-eletronica/>. Acesso em: 27/12/2024.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2022/07/fraudes-na-eleicao-de-1994-mostram-como-era-apuracao-antes-da-urna-eletronica.ghml>. Acesso em: 27/12/2024.

¹⁵⁹ Idem.

Outra forma de fraudar os votos era quando os dados do mapa eram passados para o computador e essa foi a forma de fraude mais comum na 25ª Zona Eleitoral. Após a implantação das urnas eletrônicas, ela passou por diversas alterações para aumento de segurança e transparência e, em 2020, contava com 94 sistemas de segurança.¹⁶⁰ O TSE sempre investiu em propaganda sobre o uso das urnas, mas precisou intensificar os esforços quando elas passaram a ser contestadas por políticos eminentes, como Aécio Neves, que pediu auditoria das eleições de 2014, em que saiu derrotado por Dilma Rousseff, e Jair Bolsonaro, quando venceu as eleições, em 2018.

Não foram constatadas irregularidades na auditoria realizada pelo PSDB, a pedido de Aécio Neves. Anos depois, Aécio comentou não acreditar em fraudes nas urnas, mas fez críticas às formas de auditoria, o que conversa com a opinião de alguns especialistas que defendem que a urna eletrônica seja mantida, mas com o voto impresso adicionado a ela.¹⁶¹ Essa é uma discussão que deve continuar na nossa sociedade e que deve ser realizada sem o uso de desinformação, com ética e com a intenção clara de melhoria nos nossos mecanismos de transparência.

No entanto, para os que precisam levantar dúvidas do sistema eleitoral com intenções de ganhos políticos, pouco importa o modelo de votação. Questionar as eleições alegando fraudes tem se tornado comum entre políticos em vários países, com diferentes modos de se votar: “O americano Donald Trump, a peruana Keiko Fujimori, o boliviano Carlos Mesa, o mexicano López Obrador, o israelense Benjamin Netanyahu e os brasileiros Aécio Neves e Jair Bolsonaro. Todos questionaram o resultado das eleições em seus países e passaram a falar, sem comprovação, de fraudes”.¹⁶² De acordo com especialistas ouvidos pela BBC sobre o uso de contestação das eleições como estratégia política, as intenções tendem a ser “mobilizar sua base de apoio, ampliar seu raio de poder e questionar a legitimidade dos seus adversários”.¹⁶³

4.2 O Presidente Bolsonaro contra o STF e o sistema eleitoral

No documentário “8/1: A democracia resiste”, disponível no canal de streaming Globoplay, alguns entrevistados informaram que o prédio mais destruído nos ataques antidemocráticos de oito de janeiro foi o do Supremo Tribunal Federal. O ódio dos bolsonaristas

¹⁶⁰ Disponível em: <https://www.jota.info/casa-jota/eleicao-urna-eletronica-94-sistemas-seguranca>. Acesso em: 27/12/2027.

¹⁶¹ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/07/09/interna_politica,1284983/eleicoes-aecio-neves-afirma-nao-acreditar-em-fraudes-nas-urnas-em-2014.shtml. Acesso em: 27/12/2024.

¹⁶² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57466366>. Acesso em: 27/12/2024.

¹⁶³ Idem.

ao STF não surgiu do nada, foi alimentado por Bolsonaro durante os quatro anos de seu governo, assim como por políticos, sites, jornalistas e influenciadores de sua base, que atacavam a instituição e ministros específicos, como Luiz Edson Fachin, Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes, que receberam ofensas direcionadas ou veladas do Presidente. Eleitores mais fiéis participaram da disseminação de ódio ao STF repercutindo essas informações, mas também em protestos com placas pedindo o fechamento do Supremo, o impeachment de ministros e comemorando notícias falsas sobre a prisão de Alexandre de Moraes, entre outras ações¹⁶⁴.

Para analisar de forma cronológica a escalada de tensão entre bolsonaristas e o STF, foi utilizada, além de outras notícias veiculadas na mídia, a Linha do Tempo de Ameaças à Democracia do Governo Bolsonaro, elaborada pelo Instituto Democracia em Xequê.¹⁶⁵ Essas informações podem auxiliar a compreender como o discurso de Bolsonaro, muito raivoso e com direito a insultos e ameaças, ajudaram na construção do ódio de seus seguidores ao órgão e como o ex-presidente e seus apoiadores utilizaram inúmeras estratégias e falas para desacreditar o sistema eleitoral. O monitoramento das falas do Presidente sobre o STF é importante porque, segundo Kalil e Santini (2020):

o tipo de desinformação que tem maior repercussão e impacto na opinião pública e no comportamento coletivo são aquelas produzidas e disseminadas pelos governos e chefes de estado, devido à visibilidade, alcance e poder simbólico que possuem. Além disso, os governos e chefes de estado contam com a cobertura constante da imprensa e mídia tradicional, que divulga seus discursos e falas ampliando ainda mais o alcance de suas mensagens (Kalil e Santini, 2020).

Em outubro de 2019, Bolsonaro postou um vídeo em que hienas, representando instituições como STF, OAB e CNBB atacavam um leão, que seria o Presidente. Ele pediu desculpas após reações negativas¹⁶⁶.

O ano de 2020 marcou o agravamento da crise entre o Executivo e o Judiciário, pois, além dos ataques ao sistema eleitoral, houve muitas divergências sobre a condução da pandemia de COVID-19. Em fevereiro, Bolsonaro convocou seus seguidores para manifestações após o General Heleno criticar o judiciário e o legislativo¹⁶⁷. Em março, Bolsonaro disse de forma categórica que venceu as eleições de 2018 no primeiro turno e que tinha provas¹⁶⁸. No mesmo

¹⁶⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonaristas-comemoram-falsa-prisao-de-moraes-em-porto-alegre>. Acesso em: 12/04/2024.

¹⁶⁵ Disponível em: <https://8-de-janeiro.institutodx.org/>. Acesso em: 22/12/2024.

¹⁶⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/29/bolsonaro-pede-desculpas-ao-stf-e-diz-que-video-com-leao-e-hienas-foi-um-erro.ghtml>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁶⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/26/bolsonaro-e-fortemente-criticado-apos-divulgar-video-com-chamado-para-manifestacao.ghtml>. Acesso em: 12/05/2025.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51810489>. Acesso em: 12/04/2025.

mês, o STF proibiu Bolsonaro de fazer campanha para que a população fusesse o isolamento¹⁶⁹. Em abril, Alexandre de Moraes desautorizou o Planalto em relação a medidas de isolamento, o que irritou muito Bolsonaro e seus seguidores¹⁷⁰. No mesmo mês, ao participar de uma aglomeração, Bolsonaro insuflou a população dizendo que ‘agora é o povo no poder’, em ato a favor da intervenção militar¹⁷¹.

Em maio de 2020, o ex-presidente disse em outra manifestação que chegou no limite e não tinha mais conversa¹⁷². Aconteceu também neste mês a manifestação dos 300 do Brasil em frente ao STF¹⁷³. Em junho, apoiadores de Bolsonaro jogaram fogos de artifício contra o prédio do STF, pregando o fechamento do órgão e do Congresso Nacional¹⁷⁴. Em setembro, o STF desagradou novamente Bolsonaro, julgando o voto impresso como inconstitucional¹⁷⁵. Em novembro, Bolsonaro disse que o voto impresso será uma realidade em 2022 e defendeu o modelo de votação em outra entrevista¹⁷⁶. Em dezembro, ele ameaçou que se não fosse com voto impresso, não haveria eleição¹⁷⁷.

O ano de 2021 foi marcado pelo aumento de ataques de Bolsonaro ao TSE e ao STF e seus ministros, além de novas ameaças à democracia por parte do então Presidente da República. Em janeiro, após a invasão do Capitólio americano, Bolsonaro disse que se não tivesse voto impresso, aconteceria o mesmo no Brasil¹⁷⁸. Em outro momento, no mesmo mês, disse que o povo viveria em uma democracia somente se as Forças Armadas deixassem¹⁷⁹. Em

¹⁶⁹ Disponível em: <https://exame.com/brasil/stf-proibe-que-bolsonaro-faca-campanha-para-populacao-furar-isolamento/>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷⁰ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/09/interna_politica,843318/alexandre-de-moraes-desautoriza-planalto-em-relacao-a-medidas-de-isola.shtml. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷² Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/chegamos-ao-limite-nao-tem-mais-conversa-diz-bolsonaro-em-manifestacao>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/grupo-300-protesto-supremo.htm>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷⁴ <http://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/14/grupo-de-apoiadores-de-bolsonaro-lanca-fogos-de-artificio-contr-o-predio-do-stf.ghtml>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/09/15/stf-julga-inconstitucional-o-voto-impresso-bandeira-historica-de-bolsonaro.htm>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷⁶ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/11/4890280-bolsonaro-afirma-que-voto-impresso-deve-ser-uma-realidade-em-2022.html>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷⁷ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/bolsonaro-sobre-2022-se-nao-tiver-voto-impresso-pode-esquecer-eleicao>. Acesso em: 12/04/2025.

¹⁷⁸ Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-sem-voto-impresso-em-2022-vamos-ter-problema-pior-que-dos-eua/>. Acesso em: 13/04/2025,

¹⁷⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/18/quem-decide-se-um-povo-vai-viver-numa-democracia-ou-numa-ditadura-sao-as-suas-forcas-armadas-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 13/04/2024.

fevereiro, ele disse que se dependesse dele, não seria esse regime que viveríamos no país, se referindo à democracia¹⁸⁰.

Março de 2021 foi um mês importante: o Ministro Edson Fachin anulou as condenações de Lula, deixando-o elegível¹⁸¹; Bolsonaro disse que bastava usar sua caneta Bic para implantar uma ditadura no país¹⁸²; o Ministro da Defesa, General Fernando Azevedo e Silva deixou o cargo alegando ter “preservado as Forças Armadas como instituições de Estado”. Essa declaração, na avaliação de alguns senadores, foi preocupante, pois poderia indicar uma tentativa de interferência de Bolsonaro sobre as Forças Armadas¹⁸³.

Em abril de 2021, Bolsonaro fez ameaças de usar o artigo 142, com intervenções através das Forças Armadas, caso houvesse revolta popular por causa da fome¹⁸⁴. Bia Kicis, aliada de Bolsonaro, lançou ofensiva nas mídias sociais a favor de sua emenda do voto impresso e chamou o TSE de máfia¹⁸⁵. Já em maio, Bolsonaro fez novas ameaças de não haver eleições caso não fosse com o voto impresso e disse que se a emenda fosse aprovada, o STF não iria derrubá-la¹⁸⁶. Disse também que só Deus o tiraria do cargo de Presidente¹⁸⁷. Ainda em maio, Bolsonaro chamou Lula de maior canalha do Brasil e disse que tiraram ele da cadeia para que vencesse as eleições por fraude, caso os votos não fossem auditáveis. Setores da população simpáticos a Bolsonaro, em resposta, gritavam “eu autorizo”, frase usada por bolsonaristas autorizando o presidente a dar um golpe, ao que ele respondeu que o momento estava maduro e que não ousassem confrontar ou roubar a liberdade do povo¹⁸⁸. Ao mesmo tempo em que todos estes ataques aconteciam, o TSE comemorava os 25 anos da implantação das urnas eletrônicas¹⁸⁹.

¹⁸⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/se-tudo-depender-de-mim-nao-seria-este-regime-diz-bolsonaro-24891463>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/08/fachin-anula-condenacoes-de-lula-relacionadas-a-operacao-lava-jato.ghtml>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸² Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/como-e-facil-impor-uma-ditadura-no-brasil-diz-bolsonaro,f3e050c4c116cab263fecadd2e758128v7bl5tad.html>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/30/senadores-querem-esclarecimentos-sobre-suposto-plano-de-golpe-por-parte-de-bolsonaro>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸⁴ Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/04/23/bolsonaro-ameaca-acionar-forcas-armadas-se-caos-for-instaurado-por-cao-da-fome.ghtml>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/em-ofensiva-por-voto-impresso-bia-kicis-reuita-post-sobre-mafia-do-tse>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸⁶ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4923798-bolsonaro-sobre-voto-impresso-promulgando-nao-vai-ser-derrubado-nao.html>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸⁷ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/so-deus-me-tira-daqui-diz-bolsonaro-ao-falar-de-voto-impresso/>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/em-encontro-com-ruralistas-bolsonaro-sem-mascara-volta-a-causar-aglomeracao.shtml>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁸⁹ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Maio/urna-eletronica-25-anos-lancado-em-1996-equipamento-e-o-protagonista-da-maior-eleicao-informatizada-do-mundo>. Acesso em: 13/04/2025

Em julho de 2021, Bolsonaro disse que só passaria a faixa se as eleições fossem limpas¹⁹⁰. Ainda em julho, disse que o Ministro Barroso interferiu no Legislativo sobre o voto impresso e ameaçou não disputar as eleições se o voto não fosse impresso¹⁹¹. No fim de julho, Bolsonaro convocou a imprensa e seus seguidores para apresentar as provas de fraudes nas eleições de 2014 e 2018, no entanto, apresentou apenas vídeos antigos que circulavam na internet¹⁹².

O mês de agosto foi marcado por momentos de tensão elevada entre Bolsonaro e o STF, que abriu inquérito contra o então presidente por ataque às urnas após a live de julho¹⁹³. Bolsonaro faz nova ameaça de não respeitar a Constituição após se tornar alvo do inquérito¹⁹⁴. A Câmara dos Deputados rejeitou o voto impresso¹⁹⁵ e, no dia da votação, houve um desfile de blindados do Exército na Praça dos Três Poderes, o que foi considerado uma tentativa do Planalto de intimidar o Congresso no dia da votação da PEC¹⁹⁶. Ainda em agosto, Bolsonaro disse que as FFAA deviam total apoio às decisões do Presidente¹⁹⁷ e também compartilhou mensagem em lista de transmissão no WhatsApp em que falava sobre ser possível e necessário um contragolpe, convocou seguidores para ato em setembro¹⁹⁸ e voltou a sugerir que não aceitaria os resultados das urnas, alegando que seu destino seria vitória, prisão ou morte, disse não querer rupturas, mas que tudo tinha limite¹⁹⁹.

Setembro foi o mês das manifestações antidemocráticas, convocadas pelo Presidente para o feriado da Independência do Brasil. Na época, o Presidente se via politicamente isolado por causa das falas autoritárias e da crise da COVID-19, por isso, tinha a intenção de posar ao

¹⁹⁰ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-so-passara-faixa-presidencial-se-eleicoes-forem-limpas>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹¹ Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-cogita-desistir-da-eleicao-de-2022-se-nao-tiver-voto-impresso-29062022/>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹² Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/29/apos-tres-anos-falando-em-fraudes-eleitorais-bolsonaro-faz-live-com-noticias-falsas-e-admite-nao-ter-provas-das-acusacoes.ghtml>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹³ Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-ago-02/tse-instaura-inquerito-envia-noticia-crime-stf-bolsonaro/>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹⁴ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4941803-investigado-pelo-stf-bolsonaro-volta-a-ameacar-as-eleicoes-de-2022.html>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹⁵ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-08/camara-dos-deputados-rejeita-pec-do-voto-impresso>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹⁶ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4942946-desfile-de-tanques-provoca-constrangimento-na-esplanada.html>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4943305-bolsonaro-forcas-armadas-devem-apoio-total-as-decisoes-do-presidente.html>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹⁸ Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/bolsonaro-envia-mensagem-no-whatsapp-sobre-provavel-e-necessario-contragolpe-e-chama-para-ato>. Acesso em: 13/04/2025.

¹⁹⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/nao-desejo-provocar-rupturas-mas-tudo-tem-limite-diz-bolsonaro-em-nova-ameaca-golpista.shtml>. Acesso em: 13/04/2025.

lado de milhões de pessoas para mostrar sua força política²⁰⁰. Para o dia da manifestação, o STF mobilizou a segurança do prédio e monitorou as falas antidemocráticas do Presidente. Já havia naquele momento o temor de que manifestantes invadissem o prédio ou jogassem bombas.²⁰¹

Bolsonaro disse que as manifestações seriam um ultimato ao STF, citando um ou dois ministros²⁰². Em Caruaru, falou em ruptura e defendeu que os ministros fossem enquadrados pela população²⁰³. Líderes do Centrão ameaçaram sair da base de Bolsonaro e não aprovar medidas facilitadoras de sua campanha, como o rombo dos precatórios para aumento do Bolsa Família, se ele não colocasse fim nos ataques ao Supremo²⁰⁴. Um dia antes do evento, Bolsonaro assinou decreto que dificultava remoção de conteúdos das mídias sociais²⁰⁵.

No dia 07 de setembro, Bolsonaro fez ameaças ao STF dizendo que aquele poder poderia sofrer algo que ele não queria. Ele também disse que não cumpriria decisões do Ministro Alexandre de Moraes e que nunca seria preso, chamou Alexandre de Moraes de canalha e opressor do povo brasileiro e repetiu que só Deus o tiraria da Presidência²⁰⁶. Em ato em SP, criticou o sistema eleitoral, dizendo que não podia participar de uma farsa patrocinada pelo presidente do TSE²⁰⁷.

Após a manifestação, o TSE criou o Centro de Transparência das Eleições (CTE), com a participação de especialistas, sociedade civil e instituições públicas na fiscalização e auditoria das eleições e convidou as Forças Armadas para participar.²⁰⁸ Ainda no mês de setembro, houve uma articulação do ex-Presidente Michel Temer para que Bolsonaro e Alexandre de Moraes se falassem por telefone e Bolsonaro divulgou uma carta oficial em que negava a intenção de agredir os Poderes.²⁰⁹ Após a carta, a base bolsonarista continuou mobilizada para criticar os ministros do STF e o sistema eleitoral.

²⁰⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/na-paulista-bolsonaro-repete-ameacas-golpistas-ao-stf-e-diz-que-canalhas-nunca-irao-prende-lo.shtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²⁰¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58430586>. Acesso em: 22/12/2024.

²⁰² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/em-nova-ameaca-bolsonaro-diz-que-manifestacoes-serao-ultimato-ministros-do-stf-1-25183582>. Acesso em: 15/04/2025.

²⁰³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-faz-nova-ameaca-de-ruptura-e-fala-em-enquadrar-ministros-do-stf-no-7-de-setembro.shtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²⁰⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/stf-e-centrao-avisam-planalto-que-7-de-setembro-golpista-ira-afetar-bolsonaro-para-2022.shtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²⁰⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/09/06/bolsonaro-assina-mp-que-dificulta-remocao-de-conteudo-das-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²⁰⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/na-paulista-bolsonaro-repete-ameacas-golpistas-ao-stf-e-diz-que-canalhas-nunca-irao-prende-lo.shtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-cria-comissao-para-ampliar-transparencia-do-processo-eleitoral/>. Acesso em: 22/12/2024.

²⁰⁹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/na-companhia-de-temer-bolsonaro-fala-por-telefone-com-alexandre-de-moraes/>. Acesso em: 22/12/2024.

Em fevereiro de 2022, Bolsonaro criticou o STF dizendo não haver diferença entre uma ditadura feita pelas armas e pela caneta²¹⁰. O TSE divulgou as respostas de todos os questionamentos das FFAA sobre o sistema eletrônico de votação, após retirarem o sigilo do documento, por decisão dos ministros Barroso, Fachin e Moraes, depois das perguntas terem sido vazadas e por questões de transparência²¹¹. Após uma motociata, atacou o acordo do TSE com o WhatsApp para conter desinformação²¹².

Em maio, Bolsonaro fez live com o General Heleno em que atacou o processo eleitoral e disse que seu partido iria contratar uma empresa para fazer auditoria das eleições, que as FFAA levantaram fragilidades nas urnas e pediu ao TSE para divulgar as sugestões dos militares²¹³. O ministro Edson Fachin respondeu a esses questionamentos dizendo serem “opinião”, desmentindo as informações de que existia uma sala escura de apuração no TSE e de que os TREs não participam da contabilização dos votos.²¹⁴ Disse também que alguns documentos foram classificados de caráter reservado pelo próprio Ministério da Defesa.²¹⁵

A extrema direita repercutiu a rejeição do TSE às sugestões dos militares, mesmo após a resposta do órgão. Bolsonaro, em live no mês de junho, disse que o Ministério da Defesa foi convidado pelo TSE para a Comissão da Transparência, mas que o TSE não queria conversa com a Defesa²¹⁶. Ele continuou o mês fazendo novos ataques ao TSE e STF: disse que surgiu uma nova classe de ladrão que rouba a liberdade e falou em ir à guerra se preciso²¹⁷; que havia uma fraude em que as urnas autocompletavam o número 13 quando se apertava o 1 e reclamou da cassação por desinformação do deputado estadual do Paraná Fernando Destito Francischini, chamou o Ministro Fachin de marxista-leninista e disse que os militares encontraram centenas de instabilidades nas urnas e que não cumprirá decisão do TSE²¹⁸. Em outro momento, voltou a atacar o órgão e disse que complicaria entregar a presidência se Lula ganhasse na dúvida²¹⁹.

²¹⁰ Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/02/10/no-h-diferenca-entre-ditadura-feita-por-armas-e-por-canetas-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²¹¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-divulga-respostas-as-forcas-armadas-sobre-sistema-eletronico-de-votacao/>. Acesso em: 15/04/2025.

²¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/1523731714688980/>. Acesso em: 15/04/2025.

²¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fV3TDNkPikY&t=636s>. Acesso em: 15/04/2025.

²¹⁴ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-responde-a-questionamentos-da-defesa-sobre-o-sistema-eleitoral/>. Acesso em: 22/12/2024.

²¹⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-diz-que-nao-se-opoe-a-divulgacao-de-documentos/>. Acesso em: 22/12/2024.

²¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHTMYmvwxEO&t=180s>. Acesso em: 15/04/2025.

²¹⁷ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/se-precisar-iremos-a-guerra-diz-bolsonaro-a-apoiadores-em-discurso>. Acesso em: 15/04/2025.

²¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/07/bolsonaro-repete-em-evento-oficial-fake-news-que-levaram-a-cassacao-de-deputado-aliado.ghtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²¹⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/06/12/se-ganhar-na-suspeicao-da-duvida-ai-complicar-diz-bolsonaro-sobre-lula.htm>. Acesso em: 15/04/2025.

Em junho, Bolsonaro enviou mensagem no WhatsApp com alegações sem provas de fraudes e pediu que fosse repassada ao máximo. O receptor era o empresário Meyer Nigri, que respondeu em seguida já ter repassado para vários grupos. Bolsonaroistas como o ex-militar Ailton Barros, os políticos Cabo Gilberto e Coronel Menezes divulgaram a mensagem via Facebook. Léo Índio, primo dos filhos de Bolsonaro, publicou no Instagram e o deputado André Fernandes disparou a mensagem no Telegram, que foi direcionada a chats extremistas.²²⁰

O mês de julho também teve acontecimentos importantes. Após o Ministro Edson Fachin dizer que temia que se repetisse no Brasil o que aconteceu no Capitólio, Bolsonaro o atacou dizendo que ele já sabia que Lula ia vencer e que Lula seria o candidato do Ministro, que o tirou da cadeia²²¹. O então presidente sinalizou que entregaria o país ‘bem lá na frente’ para um presidente que continuasse o que ele começou e que estavam prontos para defender a Pátria do obscurantismo²²².

No dia 18, aconteceu a reunião de Bolsonaro com embaixadores de vários países do mundo em que ele fez ataques ao sistema eleitoral brasileiro, utilizando informações já desmentidas como falar sobre um acesso indevido feito ao sistema do TSE, sendo que o órgão já havia afirmado que não houve interferência nos resultados, disse também que só dois países usavam urnas eletrônicas, o que também já tinha sido desmentido pelo TSE, que informou que 23 países usam para eleições gerais e 18 para regionais²²³. Na ocasião, Bolsonaro utilizou a estrutura do Palácio do Planalto, da TV Brasil, uma estatal, para transmitir ao vivo o evento e só permitiu a entrada da imprensa com a condição de que transmitisse o evento na íntegra e ao vivo. O TSE respondeu todas as alegações de Bolsonaro aos embaixadores.²²⁴

Em agosto, Bolsonaro atacou o Ministro Barroso por ter se reunido com líderes dos partidos antes da PEC do voto impresso e o chamou de criminoso, também atacou Alexandre de Moraes dizendo que seus inquéritos eram ilegais e imorais e disse que o TSE não é transparente em relação ao processo de votação²²⁵. Em entrevista no Jornal Nacional, disse que

²²⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/08/24/mensagem-de-bolsonaro-com-conteudos-falsos-foi-replicada-por-aliados-e-abasteceu-canais-extremistas.ghtml>. Acesso em: 28/12/2024.

²²¹ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/governo/bolsonaro-sugere-que-edson-fachin-ja-sabe-o-resultado-das-eleicoes-1.2695901>. Acesso em: 15/04/2025.

²²² Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2022/noticia/2022/07/08/durante-solenidade-militar-no-rio-bolsonaro-fala-em-entregar-pais-para-um-presidente-bem-la-na-frente.ghtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²²³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/18/bolsonaro-reune-embaixadores-para-repetir-sem-provas-suspeitas-ja-esclarecidas-sobre-urnas.ghtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²²⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/tse-responde-20-declaracoes-de-bolsonaro-a-embaixadores-leia/>. Acesso em: 29/12/2024.

²²⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-chama-barroso-de-criminoso-e-critica-moraes-por-perseguido-implacavel/>. Acesso em: 15/04/2025.

respeitaria as eleições desde que fossem limpas e que a transparência seria decidida, em parte, pelas Forças Armadas, e voltou a citar de forma distorcida o inquérito do acesso indevido ao sistema do TSE²²⁶.

Em setembro, Bolsonaro criticou Alexandre de Moraes pela controversa ação do ministro contra um grupo de empresários que defenderam um golpe de estado no caso de vitória de Lula em conversa no WhatsApp e subiu o tom chamando o ministro de vagabundo²²⁷. Esta abertura de inquérito recebeu críticas até mesmo fora do campo bolsonarista, por se tratar de conversas particulares. No ato de 7 de setembro, Bolsonaro fez campanha política, puxou coro machista, disse que a eleição era uma luta do bem contra o mal, chamou Lula de ladrão e quadrilheiro e comparou as esposas dele e do adversário, afirmando que a sua era uma mulher de Deus. No evento, havia inúmeras faixas antidemocráticas e contra o STF²²⁸. Por questões de segurança, a localização dos ministros do STF na data foi colocada em sigilo. Bolsonaro usou de desinformação para dizer que as FFAA poderiam fechar seção eleitoral e alegou que o TSE pretendia proibir pessoas de usarem verde e amarelo nas eleições, o que não era verdade²²⁹.

Em outubro, mês das eleições, Bolsonaro fez motociata e disse que não tinha como não vencer com pelo menos 60% dos votos, mesmo com as pesquisas dizendo o contrário. Atacou novamente as urnas e pediu que eleitores ficassem nas seções eleitorais para fiscalizar as apurações. Bolsonaro criticou Alexandre de Moraes por decisão que impedia o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e a Polícia Federal de investigar os institutos de pesquisa Ipec, Datafolha e Ipespe. O ministro alegou a falta de competência dos dois órgãos para isso, pois cabe à Justiça Eleitoral este tipo de investigação e mandou apurar abuso de poder político, abuso de autoridade e desvio de função. Aos gritos, Bolsonaro chamou Moraes de patife e moleque, após o ministro autorizar a quebra do sigilo bancário do Coronel Mauro Cid,

²²⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/bolsonaro-no-jornal-nacional-moraes-vai-chegar-a-bom-termo-teremos-eleicoes-limpas-diz-presidente-em-entrevista.ghtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²²⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/21/moraes-arquiva-investigacao-contras-eis-empresarios-que-discutiram-golpe-de-estado-em-mensagens-de-whatsapp.ghtml>. Acesso em: 26/01/2025.

²²⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/09/07/bolsonaro-usa-7-de-setembro-para-fazer-campanha-puxa-coro-machista-e-reune-multidoes-em-atos-com-faixas-antidemocraticas.ghtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²²⁹ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/29/interna_politica,1399630/bolsonaro-usa-fake-news-para-dizer-que-forcas-armadas-podem-fechar-secao-el.shtml#google_vignette. Acesso em: 15/04/2025.

ajudante de ordens do Presidente.²³⁰ Ele afirmou que Moraes queria eleger Lula para empossar Geraldo Alckmin, então candidato a vice-presidente²³¹.

A campanha de Bolsonaro acusou rádios de não passarem as propagandas deles e as rádios acusadas se defenderam afirmando que não tinham recebido as informações da campanha ou que receberam fora do prazo ou de forma desorganizada²³². No dia do segundo turno das eleições, a Polícia Rodoviária Federal fez operações em estradas do país causando transtornos a quem ia votar, especialmente em locais em que as pesquisas apontavam Lula como favorito. Existia uma proibição do TSE que foi descumprida pela PRF e mais de 500 operações foram realizadas, um terço delas no Nordeste. O então diretor do órgão havia declarado voto em Bolsonaro em suas mídias sociais e foi intimado por Alexandre de Moraes.²³³ Após a derrota de Bolsonaro, seus apoiadores radicais acamparam em frente ao Quartel-General do Exército em Brasília²³⁴.

Em novembro, Bolsonaro passou a ficar recluso e fez poucas aparições. No dia 1º, fez seu pronunciamento sem reconhecer a derrota e disse que defendia manifestações pacíficas. No dia seguinte, pediu que apoiadores desbloqueassem as vias, pois várias estradas e ruas foram bloqueadas por bolsonaristas descontentes²³⁵. Vários políticos, influenciadores e jornalistas bolsonaristas criticaram o sistema eleitoral e o TSE por perseguição, entre eles, Nikolas Ferreira, Flávio Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Gustavo Gayer e Marcel Von Hattem. No dia 10, o perfil do Twitter das Forças Armadas reforçou que não excluía possibilidade de fraudes em seu relatório, porém, informou que também não apontou irregularidades nem inconsistências nas urnas ou no processo eleitoral, essa ambiguidade de informações fez com que a base bolsonarista utilizasse este parecer para reforçar a narrativa de fraude eleitoral²³⁶.

Em dezembro, começaram a repercutir em páginas, grupos e perfis bolsonaristas posts favoráveis às ocupações das portas dos quartéis. O artigo 142 da Constituição também voltou a ser usado de forma distorcida pelo grupo, colocando as Forças Armadas como as salvadoras do Brasil e mantendo as pessoas nas portas dos quartéis. Nos grupos, era alimentada a ideia de que

²³⁰ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5042824-aos-gritos-bolsonaro-ataca-moraes-e-diz-que-ministro-cometeu-crime.html>. Acesso em: 27/12/2024.

²³¹ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/09/5040565-seja-homem-uma-vez-na-vida-diz-bolsonaro-a-alexandre-de-moraes.html>. Acesso em: 15/04/2025.

²³² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/campanha-de-bolsonaro-diz-que-rádios-deixaram-de-passar-propagandas-do-presidente/>. Acesso em: 15/04/2025.

²³³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/07/sob-comando-de-bolsonaro-um-terco-das-blitzes-da-prf-no-segundo-turno-ocorreu-no-nordeste.ghml>. Acesso em: 26/01/2025.

²³⁴ Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/politica/2023/so-mais-72-horas-acampamento-bolsonaristas-radicaais/>. Acesso em: 15/04/2025.

²³⁵ Idem.

²³⁶ Disponível em: <https://x.com/DefesaGovBr/status/1590708866395693057>. Acesso em: 15/04/2025.

eles precisavam se manter acampados, que haveria uma intervenção e essa seria uma forma de apoio. Aquelas pessoas passaram a receber muitas informações falsas que alimentavam suas esperanças, como a prisão de Alexandre de Moraes e a cassação do diploma de Lula, que não aconteceram. O silêncio de Bolsonaro era criticado por uns e visto como estratégico por outros²³⁷.

No dia 12, foi realizada a diplomação do Presidente Luí Inácio Lula da Silva. No mesmo dia, Bolsonaro se reuniu com apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada e um religioso fez orações, porém, o presidente não discursou. Na noite do dia 12, seguidores de Bolsonaro tentaram invadir a sede da PF, em Brasília, local onde estava o Cacique José Acácio Serere Xavante, que havia sido preso naquele dia a mando de Alexandre de Moraes por atos antidemocráticos. Eles chegaram a queimar ônibus e carros no local. Ninguém foi preso²³⁸.

Doze dias depois, na véspera do Natal, um explosivo foi encontrado em um caminhão com querosene no Aeroporto de Brasília. George Washington de Oliveira Sousa foi preso horas depois, acusado de ser o autor da tentativa de atentado e confessou que havia participado dos ataques à sede da PF no dia 12. Ele era atirador registrado e estava em posse de um arsenal. Outros dois homens foram presos depois por participação no crime, um deles era o blogueiro Wellington Macedo de Souza, ex-assessor do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. A intenção, segundo George Washington, era criar o caos para que houvesse um decreto de estado de sítio²³⁹. No dia 30, Bolsonaro saiu do Brasil e foi para os Estados Unidos, sem reconhecer a derrota²⁴⁰.

Segundo estudo realizado pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital do Grupo de Políticas Públicas para o Acesso à Informação da Universidade de São Paulo, Bolsonaro atacou as urnas eletrônicas 183 vezes durante seu mandato:

Entre os ataques de Bolsonaro, as afirmações falsas mais frequentes foram: "a urna eletrônica não é segura" (80 vezes, ou 43,72%); "a urna eletrônica não é auditável" (57 vezes, ou 31,15%); "o código-fonte do software de votação não é aberto à comunidade" (22 vezes, ou 12,02%); "só o Brasil utiliza urna eletrônica, ela é desatualizada" (22 vezes, ou 12,02%); e "a urna eletrônica é projetada por empresas privadas" (2 vezes, ou 1,09%) (Silva, 2023).

²³⁷ Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/politica/2023/so-mais-72-horas-acampamento-bolsonaristas-radicais/>. Acesso em: 15/04/2025.

²³⁸ Idem.

²³⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/25/bolsonarista-que-montou-explosivo-em-brasilia-foi-autuado-por-terrorismo-em-depoimento-disse-que-queria-dar-inicio-ao-caos.ghtml>. Acesso em: 15/04/2025.

²⁴⁰ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-viaja-aos-eua-para-n%C3%A3o-passar-faixa-a-lula/a-64229906>. Acesso em: 15/04/2025.

Outra informação divulgada pelo estudo é que a maioria dos ataques aconteceram entre maio e agosto de 2021, totalizando 105 ataques (57,38% do total), sendo os anos com eleições, 2020 e 2022, com menor incidência, com 10,38% do total). O estudo também analisou as 270 informações checadas como falsas pelo TSE entre 2019 e 2022:

Das notícias alertadas pelo TSE, as afirmações falsas mais frequentes foram: "a urna eletrônica não é segura" (173 vezes, ou 64,07%); "o código-fonte do software de votação não é aberto à comunidade" (58 vezes, ou 21,48%); "a urna eletrônica não é auditável" (25 vezes, ou 9,26%); "a urna eletrônica é projetada por empresas privadas" (10 vezes, ou 3,70%); e "só o Brasil utiliza urna eletrônica, ela é desatualizada" (4 vezes, ou 1,48%)" (Silva, 2023).

As informações falsas analisadas pelo TSE demonstram semelhanças com os ataques de Bolsonaro às urnas eletrônicas, segundo o estudo.

As falas de Bolsonaro, por vezes, eram reproduções de posts virais da internet, assim como ele também alimentava seus seguidores com conteúdos contrários às urnas. Além de Bolsonaro, pelo menos mais 44 deputados federais fizeram ataques às urnas, segundo levantamento do jornal O Globo.²⁴¹ De acordo com o relatório da Polícia Federal divulgado em fevereiro de 2024, o grupo bolsonarista que tentou um golpe de estado se dividia em seis grupos, sendo um deles de desinformação, responsável pela produção, divulgação e amplificação de informações falsas e tinha o objetivo de estimular que seguidores permanecessem nas portas dos quartéis.²⁴²

4.3 Metodologia

O objetivo deste trabalho é investigar como a produção da desconfiança e a desinformação foram utilizadas para fazer as pessoas acreditarem que as urnas eletrônicas foram fraudadas nas Eleições de 2022. Para compreender o fenômeno, é necessário conhecer as técnicas utilizadas para o engano, as vantagens de quem engana, além das emoções que podem estar envolvidas no cidadão comum que interage ou até participa da desinformação sobre as urnas eletrônicas. Conceitos como autoridade, relevância e credibilidade também são abordados para enriquecer a base teórica da investigação. Nas duas primeiras seções deste estudo, vimos as questões citadas, além do uso da tecnologia como facilitadora da disseminação de informações falsas. Agora, precisamos entender como essas informações são, na prática, divulgadas.

²⁴¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/08/27/assim-como-bolsonaro-ao-menos-44-deputados-federais-fizeram-ataque-as-urnas.ghtml>. Acesso em: 29/12/2024.

²⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/02/08/pf-diz-que-bolsonaro-ex-ministros-e-militares-atuavam-em-seis-nucleos-em-tentativa-de-golpe-de-estado-entenda.ghtml>. Acesso em: 29/12/2024.

Para isso, foi realizada análise de conteúdo de informações falsas desmentidas por agências de checagem no intuito de compreender as narrativas, os gatilhos mentais, as expressões e o apelo às emoções utilizados nesses conteúdos. A escolha de estudar informações falsas se deu no intuito de conhecer e categorizar os tipos mais comuns de falsidades e analisar possíveis padrões.

Esta é uma pesquisa qualitativa, “uma vez que entram em jogo anotações para descrever e compreender uma situação, mais do que números para enumerar as frequências de comportamentos” (Jaccard; Mayer, 2008, p.266). Trata-se também de uma pesquisa exploratória, que, de acordo com Gil, tem o objetivo de “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2002, p. 41).

Moraes (1999) diferencia a abordagem qualitativa da quantitativa em relação ao planejamento e à construção da pesquisa no decorrer do estudo, conforme as descobertas são feitas:

Numa abordagem quantitativa, dedutiva, de verificação de hipóteses, os objetivos são definidos de antemão de modo bastante preciso. Constituem parte essencial do planejamento inicial que precede e orienta as fases posteriores da pesquisa, especialmente a definição dos dados e os procedimentos específicos de análise. Numa abordagem qualitativa, construtiva ou heurística, esta construção, ao menos em parte, pode ocorrer ao longo do processo. Nesta abordagem, assim como as categorias poderão ir emergindo ao longo do estudo, também a orientação mais específica do trabalho, os objetivos no seu sentido mais preciso, poderão ir se delineando à medida que a investigação avança (Moraes, 1999).

A coleta de informações foi feita nas agências Lupa e Aos Fatos com filtro nos anos de 2018 a 2022 e que tenham recebido qualquer etiqueta que não identifique o conteúdo como verdadeiro. As checagens podem ser falas de políticos, influenciadores, jornalistas ou até mesmo de pessoas comuns que postaram algo nas suas mídias sociais ou enviaram uma mensagem pelo WhatsApp que chegou a um número de pessoas suficiente para ser checado por pelo menos uma das agências. Sites hiperpartidários também costumam ter seus conteúdos analisados.

A seleção das duas agências se deu porque ambas são reconhecidas pelo seu trabalho e são signatárias da Internet Fact-Checking Network (IFCN), que orienta e treina checadores em vários países. Também possuem um bom volume de informações checadas sobre urnas eletrônicas, o que oferece diversidade de dados para a análise. Nas eleições de 2018 e de 2022, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) firmou parceria com agências de *fact checking* para conter a disseminação de informações falsas e ambas estavam presentes. Outra parceria importante foi

feita com o Facebook, que contratou as duas agências para restringir os conteúdos falsos em sua plataforma.

O marco temporal é importante porque a construção da narrativa contra as urnas não se inicia nas eleições de 2022, nem em 2018, mas começa a ganhar relevância a partir das afirmações de Jair Bolsonaro de que venceu no primeiro turno as eleições de 2018, mas que, por motivo de fraude nas urnas, sua vitória só se deu no segundo turno.²⁴³ A partir de então, inúmeros ataques foram feitos para desacreditar o sistema eleitoral, seja às urnas eletrônicas ou ao STF.

O método escolhido para analisar o material coletado é a Análise de Conteúdo (AC), que, segundo Bardin, “aparece como um conjunto de técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens” (Bardin, 1977, p. 38). O material foi classificado em categorias para a compreensão de como as mensagens são elaboradas para surtir efeito no público-alvo. Pois, segundo Bardin, “É o método de categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas da mensagem” (Idem, p. 37).

Segundo Moraes, é possível categorizar seguindo seis critérios:

Esta classificação se baseia numa definição original de Lasswell, em que este caracteriza a comunicação a partir de seis questões: 1) Quem fala? 2) Para dizer o quê? 3) A quem? 4) De que modo? 5) Com que finalidade? 6) Com que resultados? Utilizando esta definição podemos categorizar os objetivos da análise de conteúdo de acordo com a orientação que toma em relação a estas seis questões (Moraes, 1999).

O conteúdo será analisado a partir de três questões:

1- Quem fala? – Segundo Moraes, essa questão

visa a investigar quem emite a mensagem. Este estudo, naturalmente será efetuado a partir da mensagem, a partir da qual se procurará determinar características de quem fala ou escreve, seja quanto à sua personalidade, comportamento verbal, valores, universo semântico, características psicológicas ou outras (Moraes, 1999).

Para essa pesquisa, a importância de saber quem fala se dá porque tanto pessoas que teriam vantagens com a desinformação como pessoas comuns disseminaram falsidades sobre as urnas e colaboraram na desconfiança no aparelho e no processo eleitoral brasileiro. Além disso, é possível identificar falas de políticos e de falsas autoridades cognitivas.

2- Para dizer o quê? – “O estudo se direciona para as características da mensagem propriamente dita, seu valor informacional, as palavras, argumentos e idéias nela

²⁴³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-diz-que-foi-alvo-de-fraude-e-pede-mobilizacao-a-eleitores.shtml>. Acesso em: 30/06/2024.

expressos” (Moraes, 1999). Nessa questão, procuro compreender, além da mensagem, quais as estratégias que o autor da mensagem falsa está utilizando, seja de forma explícita ou que tenha relação com o contexto de outras mensagens sobre o tema.

- 3- De que modo? - Em que “o pesquisador estará voltado à forma como a comunicação se processa, seus códigos, seu estilo, a estrutura da linguagem e outras características do meio pelo qual a mensagem é transmitida” (Moraes, 1999). Nesse tipo de avaliação, podemos compreender o caráter sensacionalista, alarmista ou de autoridade na forma que a mensagem é transmitida.

As outras três questões não entram na análise de conteúdo, mas não deixam de ser importantes e analisadas ao longo do estudo. A questão “a quem?” foca no receptor e este estudo já citou os grupos e páginas bolsonaristas, locais onde essas informações costumam ser divulgadas inicialmente. Muitos dos integrantes desses grupos disseminam essas informações em outros grupos (que podem ser familiares, da igreja, de amigos) ou em perfis pessoais. O perfil de quem recebe ou consome desinformação sobre as urnas não é detalhado neste estudo, pois a coleta realizada não permite conhecer os receptores das mensagens. No entanto, essas mensagens geralmente são criadas para atingir simpatizantes de Jair Bolsonaro, antipetistas, eleitores indecisos e pessoas vulneráveis a essas mensagens.

A questão “com que finalidade?” questiona os motivos das mensagens e já entendemos que elas fazem parte de uma teoria conspiratória que objetiva desacreditar o processo eleitoral no Brasil, com a intenção de beneficiar a extrema direita. Já a questão “com que resultados?” não será tratada porque não foi possível, nesta pesquisa, dimensionar o alcance das informações falsas, já que muitas delas não estão mais disponíveis, outras foram reproduzidas em vários perfis, páginas e grupos, logo, por mais que as agências coloquem em alguns casos a quantidade de interações ou visualizações que essas informações falsas checadas tiveram até o momento da checagem, não seria o suficiente para ter essa dimensão de resultados.

Os textos das postagens checadas também foram coletados, para, a partir desse entendimento, definir estratégias utilizadas e buscar compreender como essa teoria conspiratória é disseminada nesses conteúdos checados, analisando o que o conteúdo coletado apresenta em termos de argumentos, como essas mensagens são passadas e seu conteúdo. No entanto, como muitas mensagens não estão mais disponíveis e outras são imagens ou vídeos, somente as partes dos textos que foram disponibilizadas pelas agências de checagem foram utilizadas.

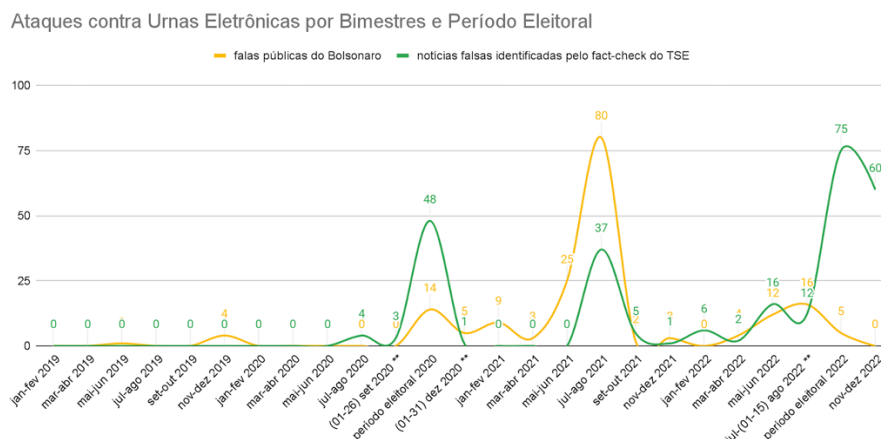
A pesquisa parte da premissa de que as falas do ex-presidente Jair Bolsonaro contra as urnas influenciaram na desconfiança de seus eleitores no processo eleitoral e motivaram protestos por parte deles. Além disso, motivaram também que muitos ajudassem a espalhar a narrativa de fraude eleitoral. Essa desconfiança levou a muita revolta por parte dos mais indignados e a manifestações de rua, e colaborou para que os ataques aos prédios dos Três Poderes acontecessem em 8 de janeiro de 2023.

4.4 A coleta e a classificação das informações

A coleta das informações para a análise foi realizada a partir da área de pesquisa nos sites das duas agências Lupa e Aos Fatos da palavra-chave **urna**. Todas as etapas de inclusão e exclusão foram realizadas de forma manual. Foram retiradas checagens que não fossem informações falsas sobre as urnas, especificamente, pois surgiram como resposta conteúdos que possuíam a palavra, porém, não condiziam com o desejado. Um exemplo é um especial produzido pela Lupa chamado Mitos eleitorais, que não foi usado na coleta por não se tratar de uma checagem de conteúdo específico, mesmo se tratando de correções de mitos sobre as eleições. Também foram retirados os conteúdos que não eram checagens de informação nem verificação. Todas as informações checadas e seus links estão disponibilizados nos anexos.

A url do resultado das buscas no site da Lupa é a seguinte: <https://lupa.uol.com.br/busca/urna>. No site do Aos Fatos, a url do resultado das buscas é a seguinte: <https://www.aosfatos.org/noticias/?q=urna&page=1>. Durante a coleta, descobri alguns conteúdos checados que não apareciam na lista do link de resultados da Lupa e do Aos Fatos. Tomei a decisão de incluir estes conteúdos na coleta pois isso não interfere negativamente na amostra, pelo contrário, acrescenta novas checagens para serem analisadas. Elas fazem parte do período de recorte.

A seleção das informações foi um pouco demorada, pois era necessário entrar em cada conteúdo para analisar se fazia sentido para a análise. Os anos coletados foram: 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022. Porém, em ambas as agências, não há resultados para o ano de 2019 e não sei informar o motivo. No estudo do Monitor do Debate Político no Meio Digital, mencionado no capítulo anterior, também não foram encontradas notícias checadas pelo TSE no período, apesar de haver falas de Bolsonaro sobre o tema, como mostra a figura abaixo, retirada do estudo:

Figura 3 – Ataques contra Urnas Eletrônicas por Bimestres e Período Eleitoral

Fonte: Monitor do Debate Político no Meio Digital, 2023

O importante para esta análise é possuir um bom volume de informações checadas para ter uma diversidade de dados e, dessa forma, compreender como essas narrativas se apresentam para o público. Foram encontradas, no total, 160 respostas compatíveis após as exclusões devidas, sendo 83 da Lupa e 77 do Aos Fatos.

Porém, 40 checagens, 20 de cada agência, tinham o mesmo conteúdo analisado tanto pela Lupa quanto pelo Aos Fatos. Sendo assim, contabilizei apenas uma vez cada conteúdo e cheguei ao número de 140 checagens para analisar. As etiquetas encontradas na amostra foram: ‘Falso’ (informação completamente incorreta), ‘Distorcido’ (distorções e manipulações dos fatos), ‘Não é bem assim’ (tem elementos verdadeiros, mas foi manipulada ou tirada de contexto), ‘Insustentável’ (não há evidências que sustentem a afirmação), ‘Verdadeiro, mas’ (a informação é verdadeira, mas possui um detalhe não explicado) e Verdadeiro/Falso (se trata de uma informação que começa verdadeira, de que um hacker invadiu o sistema do TSE, mas parte para uma mentira, de que teve acesso ao código-fonte, o que pode possibilitar a troca dos votos ou a mudança no código). Em dois casos, não havia etiqueta.

A primeira classificação foi para entender quem divulgou a mensagem. Como se trata de uma pesquisa exploratória, a classificação das categorias foi feita a partir do que era encontrado nos conteúdos analisados. Nem sempre é possível saber quem divulgou, pois, em muitos casos, as mensagens circulam anonimamente. Nesses casos, as agências usam termos como “circula pela internet”. Optei por classificar como “Circula nas redes”. O termo “circula pelo WhatsApp” também é usado pelas agências e eu usei apenas WhatsApp. Em casos em que são pessoas desconhecidas que aparecem nos conteúdos, como em vídeos ou posts em perfis pessoais, usei Pessoa desconhecida.

O ex-presidente Jair Bolsonaro ganhou uma categoria com seu nome, porque há forte influência de suas falas em seus seguidores e porque há um peso maior quando a desinformação é passada pelo próprio Presidente da República. A maneira escolhida de categorizar essa questão foi analisando cada checagem e vendo, nas informações passadas pelas agências, quem era o emissor. Em muitos casos as mensagens são divulgadas e repassadas por muitos autores, logo, para escolher um autor apenas, optei por dar maior importância quando se tratava de um político ou pessoa conhecida por causa da ressonância e da confiança que essas pessoas podem conferir à mensagem.

As classificações de quem fala são as seguintes: 1- Artista; 2- Bolsonaro; 3- Circula nas redes; 4- Empresário; 5- Influencer; 6- Página de Facebook; 7- Pessoa desconhecida; 8- Político / Candidato; 9- Se coloca como autoridade; 10- Site hiperpartidário; 11- WhatsApp.

Precisamos entender também o que dizem as mensagens. Os conteúdos encontrados são, em geral, para reforçar a ideia de que as eleições não são seguras. Quando as mensagens são polarizantes ou trazem o medo do comunismo ou do PT, utilizei a classificação Guerra Cultural. Quando a mensagem tenta convencer de que existe uma fraude, uso Urnas são fraudadas, o que é diferente de Apelo ao voto impresso, que significa apenas a defesa desse modelo de votação. Críticas às urnas sem a insinuação de que há fraude também têm classificação própria. Uso Ataque hacker para classificar conteúdos que falam sobre hacker, pois nem sempre se trata de uma acusação de fraude. Também separei Contra instituição de Contra Ministro do STF.

As opções de classificação são: 1- Apelo ao voto impresso; 2- Ataque hacker; 3- Contra instituição; 4- Contra Ministro do STF; 5- Crítica às urnas; 6- Dá instrução errada; 7- Guerra cultural; 8- Urnas são fraudadas.

Para compreender como as mensagens são passadas, classifiquei as estratégias de convencimento mais encontradas. Em um dos casos, não consegui identificar a estratégia porque o conteúdo não está mais disponível, era um vídeo, e a checagem não trouxe elementos suficientes para uma classificação. Essa parte da análise ajuda a compreender como essas teorias conspiratórias buscam se afirmar como verdade. Erros nas urnas ou no processo da eleição comumente são usados para reforçar a ideia de fraude, há também o apelo à autoridade para legitimar a mensagem, assim como a invenção de que algo saiu na imprensa, quando pode ser uma manipulação de uma mídia ou uma informação que nem sequer foi veiculada em lugar nenhum. Há casos em que as pessoas acreditam haver fraude quando nada de errado aconteceu, mas pareceu errado e gerou desconfiança e é muito comum que eleitores comecem a buscar esses erros, indo conferir boletins de urna, se seu voto foi computado e, como não entendem do processo eleitoral, podem agir por ignorância. Logo, há muita desinformação que aparece em

forma de um relato de flagrante. Há também casos de *cherry picking*, em que apenas uma parte da informação é passada para enganar e distorções da realidade com o intuito de causar dúvida ou engano.

A lista de estratégias de convencimento ficou dessa forma: 1- Aconteceu um erro; 2- Apelo à autoridade; 3- *Cherry picking*; 4-Distorção da realidade; 5- Saiu na mídia; 6- Invenção descabida; 7- Manipulação de imagem/áudio/vídeo; 8- Possível ignorância; 9- Relato de flagrante.

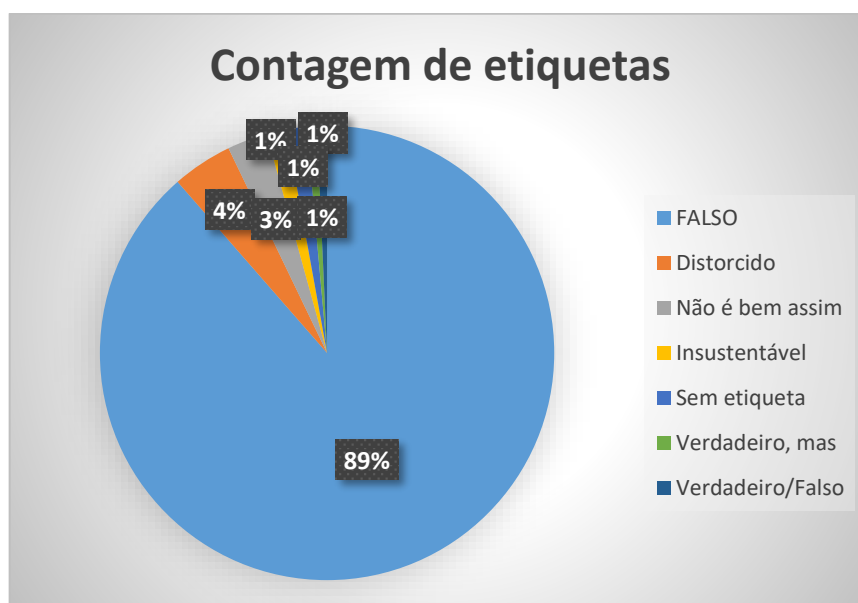
Para chamar a atenção do público ou se mostrarem credíveis, as informações falsas precisam ter algum apelo. Existem casos em que utilizam um conteúdo jornalístico que pode ser real com o contexto alterado, manipulado para desinformar ou inventado. O estilo pode ser sensacionalista ou usar *clickbait*s e gatilhos mentais, pois o intuito é chamar a atenção para que a pessoa tenha acesso àquela informação. O humor pode funcionar como forma de atração. Denúncias também são convidativas e existem também casos em que pessoas se colocam como autoridades e usam argumentações que não são verdadeiras ou não provam nada.

Ficamos então com as seguintes opções de classificação: 1- Jornalístico; 2- Denúncia; 3- Vídeo falso; 4- Imagem falsa; 5- Sensacionalismo; 6- Argumentações inverídicas; 7- Humor.

4.5 Resultados

Analisando as etiquetas que as agências de checagem deram aos conteúdos selecionados, 124, ou 89%, eram falsas e 4% distorcidas. Em duas ocasiões, não havia etiqueta.

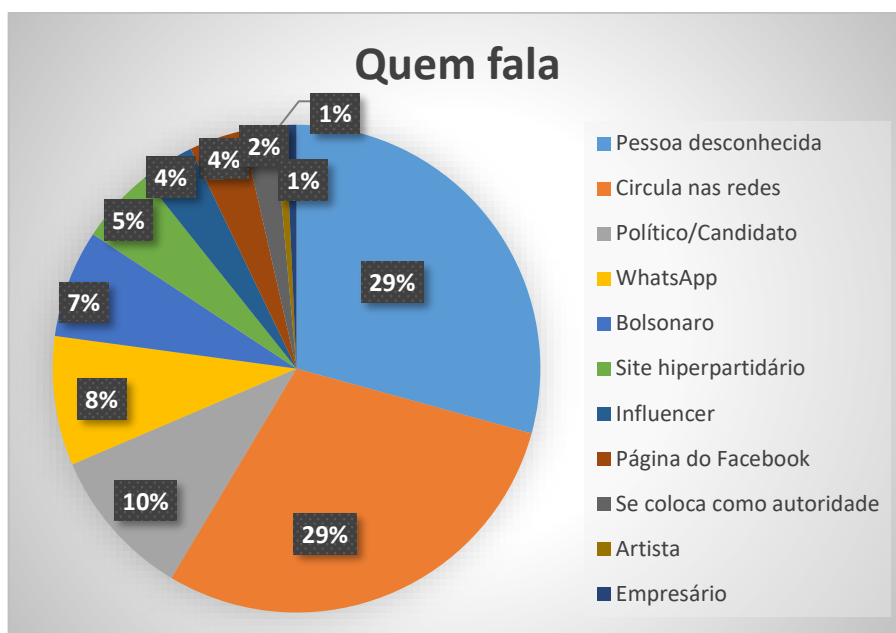
Gráfico 1 – Contagem de etiquetas



Fonte: Elaborado pela autora

Sobre quem são os divulgadores de informações checadas, Circula nas redes e Pessoa desconhecida ficaram empatados em primeiro lugar, com 41 checagens cada. Políticos e candidatos tiveram 14 informações checadas e o Bolsonaro teve 10.

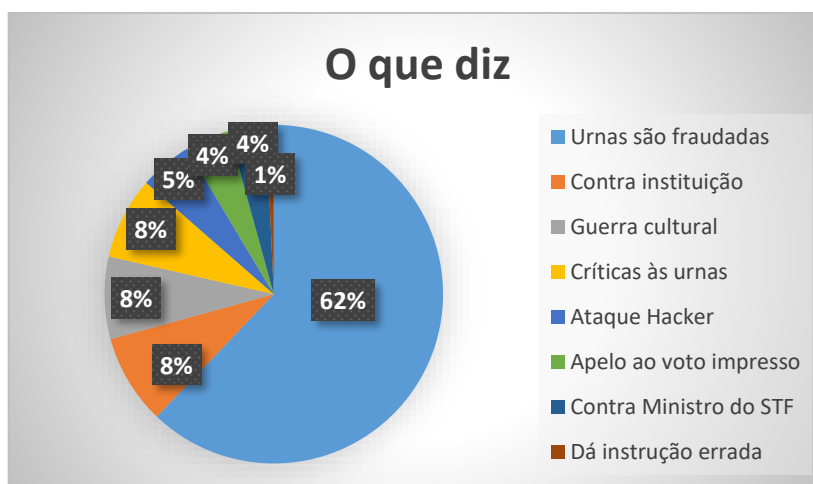
Gráfico 2 – Quem fala



Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar sobre o que dizem os conteúdos checados, 62% são para afirmar, tentar provar ou sugerir algum tipo de fraude nas urnas, com 87 ocorrências, seguido de textos com ataques à instituição, que, em geral, é o TSE ou STF, com 8% e 12 ocorrências, 8% de informações que possuem elementos de guerra cultural e 8% possuem críticas às urnas, ambas com 11 ocorrências.

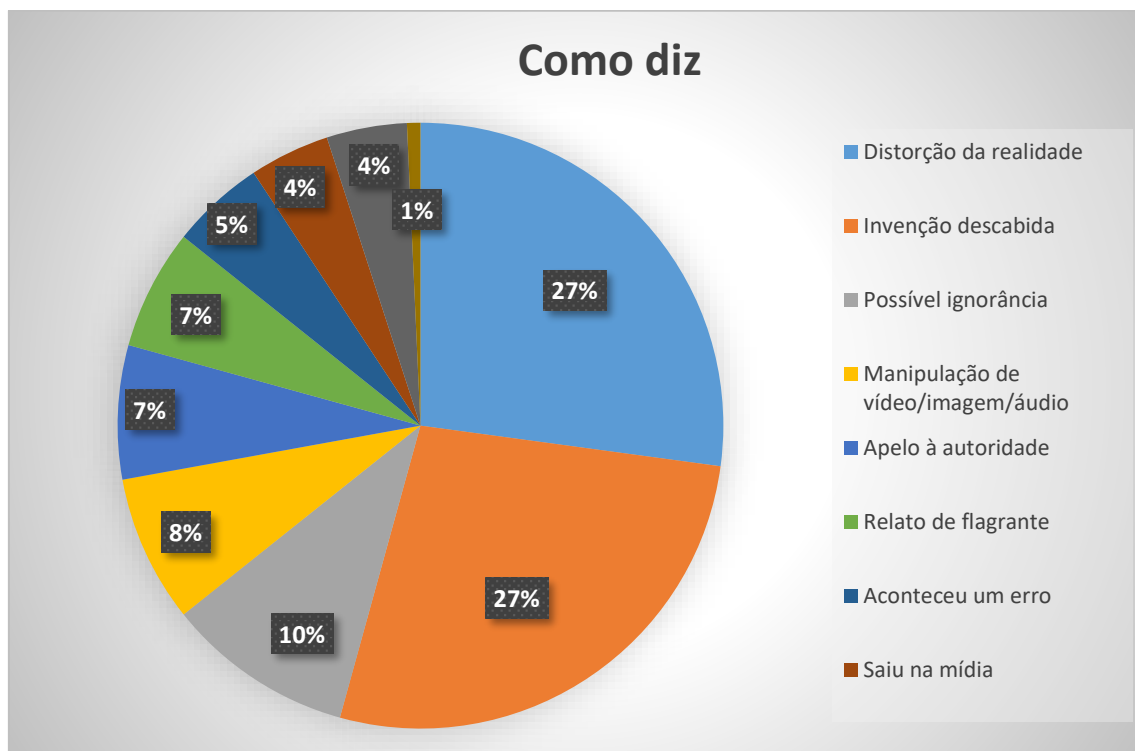
Gráfico 3 – O que diz



Fonte: Elaborado pela autora

Sobre as estratégias de convencimento analisadas, o uso de distorção da realidade e invenção descabida foram os mais comuns, com 38 ocorrências cada um e 27% dos casos.

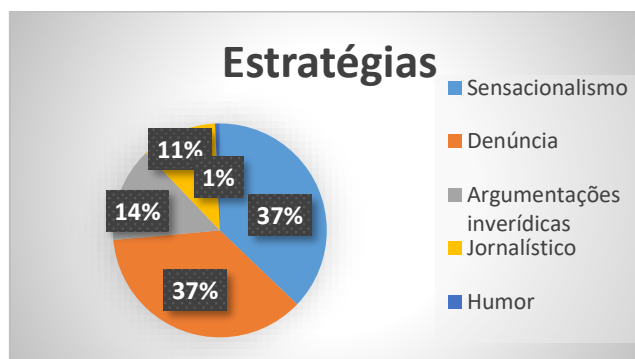
Gráfico 4 – Como diz



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto ao estilo usado para chamar a atenção ou gerar credibilidade, o sensacionalismo é o mais utilizado, com 52 ocorrências, seguido de denúncia, com 51, ambos com 37% das ocorrências.

Gráfico 5 – Estratégias



Fonte: Elaborado pela autora

4.6 Análise dos resultados

O universo de notícias falsas que circularam pela internet sobre as urnas eletrônicas é bem maior que as informações checadas, mas é possível, com o material coletado, entender como essas informações são divulgadas e por quem. No caso, somente 14 checagens vieram de políticos e 10 de Bolsonaro, mas há inúmeros casos de políticos que espalharam notícias falsas e não constam nas checagens analisadas. Um exemplo é o Deputado Fernando Destito Francischini, que chegou a ser cassado por espalhar notícias falsas sobre o sistema eleitoral e outro é Carla Zambelli, que foi multada pela mesma razão. Além disso, muitas informações circulam apenas nos grupos de WhatsApp e Facebook, que não chegam às agências de checagem. Logo, o que temos é uma amostra que pode ser pequena, mas dá uma dimensão do problema.

O mesmo se repete com influenciadores, que tiveram um número pequeno de checagens, mas participaram ativamente desta teoria conspiratória. E se pessoas com muitos seguidores, que possuem ampla repercussão de suas falas, foram pouco checadas, fica difícil dimensionar quantas informações falsas que partiram de pessoas comuns não deixaram de ser analisadas pelas agências, mas atingiram um público que pode ter se contaminado com essa narrativa.

A participação popular na desinformação sobre as urnas foi muito grande, mas ainda assim, é difícil ter certeza de que todas aquelas pessoas eram apenas cidadãos com dúvidas ou se participavam de alguma forma de milícias digitais. Separei as checagens que poderiam ser *misinformation* e apenas 21, ou 15% do total, foram classificadas dessa forma. Eram casos de pessoas que erraram na hora de votar, encontraram boletins de urna na rua, tiveram suas seções eleitorais agregadas a outras e não conseguiram encontrar a sua seção ou encontraram informações sobre voto em trânsito, o que fazia com que o número de eleitores para Presidente fosse maior que para outros cargos, e desconfiaram. Mas, partindo do princípio de que podem ser pessoas mal-intencionadas que usam da ignorância alheia para gerar desconfiança e fingem indignação, o número pode ser ainda menor.

A maioria das informações checadas são para sugerir, dizer ou induzir que as urnas são fraudadas, no caso, 62% foram classificadas desta forma. No entanto, muitas das que estão em outras categorias indicam a mesma ideia de fraude. Quando há ataques ao TSE ou STF ou aos seus ministros, em muitos dos casos há relação com a urna. Nessa categoria, há informações sobre urnas que já possuíam votos adicionados em Haddad ou em Lula ou que afirmam que as urnas teriam sido violadas, além de informações de que quando apertava o número um já autocompletava o 13. Boletins de urna e votos agregados em outras seções eleitorais também

foram muito usados como suposta prova de fraude, assim como o transporte de urna em Uber ou táxi.

A guerra cultural aparece, na maioria dos casos, em informações sobre a Smartmatic, empresa acusada de ter recebido o código-fonte das urnas após disputar uma licitação para fabricação dos aparelhos. A empresa não atendeu às necessidades e, por isso, não venceu a licitação, porém, por ter venezuelanos entre seus sócios era tratada como empresa venezuelana, mesmo sendo americana. Países como Venezuela, Cuba e Argentina foram muito usados para colocar a urna eletrônica como “coisa de comunista”. A ideia de que um hacker poderia fraudar as urnas também aparece, inclusive de hackers russos.

Distorcer a realidade e inventar informações foram as formas mais usadas de criar informações falsas. Entre as distorções, há manipulações para fingir que notícias saíram na imprensa, pessoas que trazem inúmeros argumentos falsos ou que não provam nada e até o absurdo de dizer que o painel de um mesário com informações como hora e número de pessoas que votaram ou estavam aptas a votar naquele local eram prova de fraude.

Absurdos classificados como invenções descabidas oferecem informações como a de que os votos nulos não seriam possíveis em urnas eletrônicas, que mesários podem transferir os votos abrindo a urna ou que um dispositivo ‘chupa-cabra’ conseguiria transferir os votos de um candidato a outro, entre outras informações que não fazem sentido. A possível ignorância também levou eleitores a acreditar que as urnas eram fraudadas, como nos casos já citados dos boletins de urna ou dos votos agregados.

Para alcançar um número grande de pessoas, os agentes da desinformação buscam chamar a atenção com sensacionalismo e denúncias. O apelo a argumentações falsas que podem fazer sentido quando não se tem conhecimento do assunto, além do uso de linguagem jornalística e montagens ou falas que dizem que algo saiu na mídia são meios de gerar credibilidade. Cidadãos comuns fazendo denúncias de flagrantes também podem fazer com que o receptor da mensagem acredite nela, já que se trata do testemunho de um eleitor que percebeu algo errado. Há também informações que podem confundir como a de que as urnas deveriam ser verificadas pelo Inmetro, quando o órgão não tem essa competência, ou de que IME e ITA ofereceram opção de urna mais segura e o TSE não quis, quando os órgãos militares negam terem feito a oferta.

No WhatsApp, algumas informações falsas são em formato de áudio. Em um deles, uma pessoa se faz passar pela atriz Luana Piovani, em que ela criticava as urnas e defendia Bolsonaro. A manipulação também foi utilizada em vídeos e imagens. Em um dos conteúdos, várias revistas diziam que o diretor da OEA confessou negociação para fraudar as urnas. A

OEA é usada com frequência como parte da Guerra Cultural sendo vista como uma instituição comunista. Há também um vídeo em que a legenda dizia que o Presidente do Catar dava depoimento na abertura da Copa do Mundo de que as eleições do Brasil foram roubadas, quando ele não disse nada disso, apenas aplicaram uma legenda falsa.

Metade das informações falsas divulgadas por políticos e candidatos eram afirmando fraude nas urnas. As informações sobre os problemas encontrados por peritos e já resolvidos são passadas em duas ocasiões, há também a informação de que a urna autocompleta o número do PT e distorção de fala do Ministro Barroso sobre o voto impresso, pois o vídeo foi disponibilizado incompleto para passar uma ideia diferente da que ele realmente falou, como se defendesse o modelo antigo de votação.

Bolsonaro também teve metade das informações checadas com acusações de fraude nas urnas, pois falou que foi eleito no primeiro turno e que possuía provas, que havia urnas com votos preenchidos para Haddad e fala sobre alternâncias entre Aécio e Dilma na liderança 240 vezes nas eleições de 2014, o que não é verdade. Além disso, ele levanta a questão sobre o hacker que fez o acesso indevido ao site do TSE e usa de guerra cultural ao afirmar que a Dilma criou uma Unidade Técnica Eleitoral Sul-Americana e que o PT viu no voto eletrônico o caminho para o poder.

Algumas informações são requentadas e reaparecem em outros anos iguais ou de forma similar, como a da Smartmatic que foi checada algumas vezes em anos diferentes com informações adicionais. Essa repetição pode gerar familiaridade na mente das pessoas, que se lembram de terem lido o nome da empresa ou alguma informação parecida e podem, por isso, acreditar mais facilmente na informação falsa.

4.7 Análise dos textos das postagens

Para conferir credibilidade à narrativa da fraude eleitoral, foi elaborada uma campanha de desinformação que tinha como alvo o processo eleitoral e como objetivo disseminar a ideia de que Bolsonaro foi prejudicado nas eleições presidenciais que participou por um complô que visava tomar o poder de maneira ilegítima. Esse tipo de campanha possui características de uma grande campanha de marketing, porém, sem a intenção de promover um produto, serviço ou ideia, mas de desacreditar e depreciar o sistema eleitoral brasileiro, as instituições relacionadas e os ministros do STF, especialmente os que foram Presidentes do TSE durante o governo Bolsonaro (Edson Fachin, Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes). Para isso, foram utilizadas estratégias psicológicas e comunicativas, como gatilhos mentais e vieses cognitivos para gerar engajamento e dar credibilidade a informações falsas.

Para compreender essas estratégias usadas nas informações checadas sobre as urnas eletrônicas, é necessário analisar os textos, os conteúdos e a forma que esses conteúdos se comunicam com o público-alvo. A coleta se deu a partir do texto principal disponibilizado pelas agências de checagem, pois não foi possível pegar todo o texto, visto que em alguns casos se tratava de vídeos ou postagens que não estão mais disponíveis. Logo, apenas as chamadas principais disponibilizadas em forma de texto pelas agências de checagem foram utilizadas na análise.

Neste estudo, já falamos sobre o amplo uso de sensacionalismo e denúncia nas mensagens coletadas. O sensacionalismo exagera eventos e gera emoções, enquanto as denúncias visam passar a ideia de que se trata de um eleitor encontrando algo que deveria ser oculto, logo, gera o sentimento de que existe muito mais a ser desvendado, além de despertar sentimento de urgência e exclusividade, dois gatilhos mentais utilizados em propagandas.

Muitas denúncias checadas eram de pessoas comuns, em forma de testemunho, com relatos de flagrantes, de buscas por seções eleitorais ou da comparação de número de votantes em Presidente com o de outros cargos em algumas seções eleitorais, apontando número maior para Presidente, em casos de voto em trânsito. Argemí (2019), citando os mecanismos clássicos da propaganda enumerados por Clyde Miller (1939), explica que o testemunho é usado na propaganda para conferir credibilidade:

O quarto mecanismo clássico de propaganda é o testemunho: fornecer alguém que possa atestar em primeira mão o que está sendo afirmado. É propaganda quando a pessoa não está qualificada para fazer um julgamento sobre o assunto em questão, seja porque não tem noção, seja porque não vivenciou o que está contando, seja porque é arte e faz parte. O depoimento tem a credibilidade de uma informação nova, sem acréscimos ou interpretações. E, apesar de ser uma ferramenta de manipulação bastante usada, ela ainda funciona. Nas redes sociais, o depoimento tende a assumir a forma de um vídeo caseiro, gravado por alguém que estava no local (Argemí, 2019, p. 124).

Outras estratégias também já foram apontadas como o uso de argumentos falaciosos que simulam conhecimento técnico, mas não condizem com a realidade, geralmente usados por falsas autoridades cognitivas, distorções da realidade e manipulação de mídias. No entanto, ainda podemos identificar outras maneiras de distribuição e convencimento das mensagens falsas.

A estratégia de contágio informacional é utilizada para propagar a desinformação como se fosse um vírus, utilizando-se das emoções como medo, indignação e revolta para gerar o compartilhamento e o engajamento. A estratégia é apoiada em outra conhecida como *firehose of falsehood* (mangueira de incêndio da falsidade): "altos números de canais e mensagens e uma disposição descarada para disseminar verdades parciais ou ficções completas" (Paul e

Matthews, 2016). *Clickbait*s também servem como apoio na viralização dos conteúdos falsos, uma vez que chamam a atenção com apelo à curiosidade ou a emoções. Ao colocar grande quantidade de informações falsas, distorcidas, meias-verdades e verdades manipuladas, os que recebem essas mensagens podem ter dificuldade de diferenciar o conteúdo verdadeiro do falso.

Muitos desses conteúdos sobre as urnas foram enviados aos grupos de WhatsApp e Facebook e compartilhados amplamente por simpatizantes do bolsonarismo e alguns viralizaram. A postagem “Acabei de digitar 17 e apareceu voto nulo”, por exemplo, teve 100 mil compartilhamentos até o momento da checagem, segundo o Aos Fatos²⁴⁴. Essas ações visavam gerar a chamada prova social, um gatilho mental usado como estratégia de marketing que compreende que as pessoas tendem a confiar no que tem aceitação coletiva. É como quando vemos um produto sendo muito usado e assumimos que deve ser bom ou quando nos baseamos nas avaliações da internet para uma decisão de compra.

Outra forma de prova social é o uso de números muito exatos em títulos sensacionalistas como o que diz que “Só o Haddad teve 9909 votos em uma seção com 777 eleitores”, que passam ideia de precisão da informação. É também um exemplo de prova social quando dizem que alguma informação deu na mídia ou quando tentam forjar um conteúdo como jornalístico, assim como quando uma falsa autoridade cognitiva fornece argumentações inverídicas.

Há também a prova social ao avesso, quando se pretende colocar o Brasil como um dos poucos países a usar as urnas eletrônicas, como nos exemplos “Brasil é o único país que utiliza urnas eletrônicas sem voto impresso” e “Você sabia que no mundo tem 193 países? Mas apenas 3 usam urnas eletrônicas? Brasil, Cuba, Venezuela!”. Existem informações que se contradizem, com países diferentes, como “Vale lembrar que o nosso sistema eleitoral só existe no Butão, Bangladesh e Brasil”. Nesses casos, a ideia é mostrar que estamos isolados no modelo de votação e, por isso, esse modelo é ruim, pois, se fosse bom, outros países adotariam. Além disso, Cuba e Venezuela são demonizados como comunistas, enquanto Butão e Bangladesh são países subdesenvolvidos.

Outro artifício usado é o da repetição. Ao ter acesso às mesmas informações passadas por pessoas diferentes, às vezes em épocas e até formas distintas (pois algumas são requeentadas e outras recriadas com algumas diferenças), é ativado o gatilho de familiaridade, fazendo com que a pessoa se lembre que já ouviu aquilo, podendo assumir que pode ser verdade. As informações falsas sobre a empresa Smartimatic é um bom exemplo, pois foram disseminadas

²⁴⁴ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/posts-usam-videos-ja-desmentidos-ao-sustentar-que-eleicoes-sao-fraudadas/>. Acesso em: 06/04/2025.

com títulos distintos em períodos diferentes alegando que uma empresa venezuelana tinha acesso ao código-fonte das urnas, o que se relacionava a vários outros conteúdos que mencionavam o código das urnas. Outro exemplo é o discurso muito usado de que hackers conseguem invadir as urnas eletrônicas para alterar os votos, logo, essa familiaridade gerada por essa ideia pode levar também à credibilidade na informação. Nesta pesquisa, já falamos também sobre o fenômeno do “efeito da verdade ilusória” que diz que uma informação repetida tem mais chances de ser percebida como verdadeira porque se tornou familiar (Lewandowsky et al., 2020).

Apesar do uso de mensagens sutis ser uma estratégia de indução de ideias, não foram encontrados no material coletado exemplos de sutileza nas palavras ou nas acusações. Pelo contrário, há o uso de caixa alta em algumas mensagens e as acusações são claras e colocadas como irrefutáveis, como “Ficou provado no autoteste do TRE-SP que os teclados das urnas (Diebold) adulteraram os votos que eram digitados”. Nota-se também o uso de caixa alta, exclamação e de palavras como “Urgente!” e “BOMBA!!!”, que chamam a atenção e passam a ideia de importância da mensagem. Há também o uso de perguntas, como “Você confia?”, “Qual teria sido o acordo selado entre OEA e PT que não foi selado com a campanha de Jair Bolsonaro?”, “E ainda querem que acreditemos que a urna eletrônica é segura?”, entre outros exemplos. As perguntas podem induzir ideias, mas também servem para convidar o interlocutor a participar do debate e a buscar uma resposta que, na maioria das vezes, não possui, abrindo espaço para a dúvida.

As mensagens apresentadas trazem diversas alegações, muitas se repetem, como boletins de urna encontrados na rua, urnas sendo transportadas por táxi ou Uber ou seções eleitorais agregadas. A apresentação de números para aparentar precisão ou legitimidade em questionamentos ou afirmações é feita em inúmeras postagens. Também há afirmações em forma de denúncia de que as urnas já chegavam ‘pré-carregadas’ com votos nos candidatos do PT, que os votos para Bolsonaro e seus aliados eram anulados ou apareciam com fotos diferentes ou mensagens de candidato inexistente. Também há casos de afirmações em que os votos de Bolsonaro foram computados para os dois candidatos. Quando observamos as checagens dessas mensagens, vemos que essas informações partem de erros dos próprios eleitores, alegações sem provas ou situações normais que as pessoas não possuem conhecimento e pensam que há algo errado.

O viés cognitivo conhecido como efeito chifre, que distorce negativamente a percepção sobre uma pessoa, foi usado com ministros do STF, com as instituições TSE e STF e com o PT. Pelas postagens, esses grupos se uniram contra Bolsonaro e cometem inúmeras irregularidades

e crimes eleitorais, sempre na intenção de ajudar a esquerda. A suposta intenção nefasta dos grupos é exposta em conteúdos como “TSE entregou códigos de segurança das urnas eletrônicas para a Venezuela e negou acesso para auditores brasileiros” e “Nós trouxemos doutor, as urnas eletrônicas para o Brasil. Com objetivo de fraudar as eleições em benefício, de todos os partidos de esquerda”. Nessa narrativa, há a vitimização de Bolsonaro: “Documento releva que Bolsonaro venceu as eleições de 2018 no primeiro turno; Ação foi rejeitada pelo TSE”.

Outros detalhes encontrados no conteúdo são: erros de digitação, de português ou de pontuação; ironia; a ideia de gravidade das descobertas com informações de que Polícia Federal está envolvida nas investigações sobre a fraude nas urnas ou em um caso envolvendo o Superior Tribunal Militar; senso comum quando afirmam que as urnas deveriam ter sido validadas pelo Immetro, quando não é a função do órgão; pedidos de compartilhamentos dos conteúdos; valorização da experiência pessoal e, em muitos casos, fazem suas denúncias como se estivessem contando uma história, com detalhes dos acontecimentos, por exemplo: “2 caba de amarelo (cor da campanha do poste dos Gomes) pegaram um monte de urna e já iam saindo de finim. Prestou não! A negada voou foi em cima. Barraco armado, chamaram a polícia e o diabo a quatro. Aí os caba amarelaram, mas foi de vez. Dentro do caminhão uma bandeira de campanha: advinha de quem?”.

A mobilização das emoções do público-alvo é feita de diversas maneiras. Os que optam por usar o artifício da denúncia usam da revolta e da indignação própria para gerar os mesmos sentimentos no outro. A curiosidade também é acionada, uma vez que essas denúncias visam comprovar que tem muita coisa errada acontecendo e que todos precisam ficar atentos. O medo é acionado em postagens como “Um dos oficiais das F. A. responsável pela auditoria das Urnas Eletrônica[s] foi morto a caminho do aeroporto Viracopos”. Nesse caso, também passa a ideia de que as pessoas que fraudam as urnas são muito perigosas. A sensação de injustiça também é comum: “Olha isso gente, é injusta essa apuração, era para ser no primeiro turno”.

Além do uso da guerra cultural e do medo do comunismo, as associações das urnas eletrônicas com países pobres instigam também a aversão à perda: “Venezuela exportava Petróleo. Hoje passam 3 dias na fila para abastecer. O argentino comia a melhor picanha do mundo. Hoje comem frango podre para sobreviver. Em comum? As mesmas urnas eletrônicas!”. Além de associar as urnas eletrônicas à esquerda e à pobreza, há a associação à insignificância, já que, nas mensagens coletadas, países ricos ou importantes no cenário global não aparecem como usuários de urnas eletrônicas. O antipetismo também é usado para elevar sentimentos negativos nos eleitores que não suportam o PT: “As mesmas pessoas que tiraram o Lula da cadeia vão contar os votos”.

A teoria conspiratória assume o tom em postagens como: “É inacreditável, mas as coisas começam a se encaixar. O presidente Jair Bolsonaro declara nos Estados Unidos que houve fraude na eleição presidencial de 2018. Na sequência, a Venezuela comunica que um ‘misterioso’ incêndio destruiu urnas eletrônicas no país”, ou “Essa daqui é a página da Ural, União das Repúblicas Socialistas da América Latina. Vocês podem pesquisar aqui. Eu tô no Facebook. Olha o que acabou de sair, 53 minutos atrás. Pode entrar aí no seu Facebook. Entra aqui nessa página para você ver, dar uma olhadinha nesse post deles aqui (...)” e também na ideia de que existe uma sala secreta, levando a ideia de algo oculto que querem esconder da população: “O TSE respondeu ao Ministério da Defesa que não existe sala secreta de apuração. Mas não é o que diz essa reportagem do Jornal Nacional”.

É importante apontar nesta análise a presença da militância, paga ou não, na participação ativa da propagação de informações falsas, mas também, na confiança depositada nelas. O ativismo digital, assim como a participação em grupos partidários e o consumo de informações de forma polarizada eleva as convicções políticas, à medida que as informações recebidas reforçam essas convicções.

As estratégias psicológicas e comunicativas foram importantes para alcançar o público e gerar engajamento, no entanto, a participação popular vista na coleta demonstra que, em alguns casos, essas estratégias psicológicas ou comunicativas podem ter sido usadas sem planejamento ou compreensão de seu uso. É difícil precisar quais são esses casos, visto que não temos como diferenciar ativistas pagos de voluntários entre pessoas desconhecidas, nem saber a origem real de muitas mensagens checadas.

4.8 Discussão sobre os resultados encontrados

Para desenvolver esta pesquisa, foi necessário, antes mesmo de fazer o estudo de caso sobre as urnas eletrônicas, buscar um entendimento de todo o cenário que envolve a desinformação política, pois, sem isso, não haveria como compreender como as informações falsas sobre as urnas conseguiram encontrar espaço para gerar desconfiança no processo eleitoral brasileiro. Para isso, foi necessário compreender tanto o momento atual, como as novas tecnologias, os atores e recursos da desinformação política, e como tudo isso nos afeta psicologicamente, assim como compreender o poder das emoções de nos guiar e a capacidade que a informação tem de influenciar nossos pensamentos e opiniões.

Primeiro, é preciso entender por que a desinformação sobre as urnas pode ser vista como uma teoria conspiratória, que elementos existem para tal afirmação. No caso, a ideia passada é de que há um complô da esquerda para fraudar eleições e impedir que a direita chegue ao poder.

Esse complô não é exclusivo do Brasil e é reforçado com informações falsas de fraudes nas urnas americanas em 2020, quando Donald Trump perdeu para Joe Biden, e é usado até em momentos de vitória, pois Bolsonaro e Javier Milei, da Argentina, falaram em fraudes mesmo vencendo. Na verdade, há inúmeros políticos de direita e extrema direita sendo eleitos pelo mundo, o que poderia desmentir a teoria da fraude, mas, como ela é usada em qualquer situação, vencendo ou perdendo, ela é reforçada independente do resultado.

Esse complô envolve países com governos de esquerda como Venezuela, Cuba e Portugal, que foram usados em informações falsas sobre as urnas encontradas na coleta, principalmente os dois primeiros, além da Argentina, no período em que era governada pela esquerda. Há também entidades participantes da conspiração como a Organização dos Estados Americanos (OEA), o TSE e o STF. O partido beneficiado no Brasil é sempre o PT e aí entra o sentimento antipetista que é cada vez mais fortalecido na sociedade. Como esse grupo é poderoso e está sempre conspirando para vencer eleições, cabe ao bolsonarismo desmascará-los e buscar as evidências em todo lugar, além de sempre compartilhar cada desconfiança, dúvida ou informação com os demais.

As narrativas nem sempre são alimentadas de forma direta. É necessário criar formas de induzir frases ou informações que reforcem as teorias conspiratórias. Trazer dúvidas sobre o processo eleitoral de outros países ou sobre os institutos de pesquisa, atacar os órgãos ou pessoas que são vistos como os conspiradores, interpretar excessivamente tudo o que eles dizem ou assumir erros ou acontecimentos estranhos como prova de fraude fazem parte da busca de validação da teoria, pois nada é por acaso e tudo está conectado.

Um dos ataques ao TSE dizia que o órgão aumentou o número de urnas em presídios e reduziu no exterior, o que conversa com outra informação que circulou muito em grupos bolsonaristas de que criminosos votaram no PT e comemoraram a vitória de Lula. Sempre escondendo o fato de que presos condenados não têm direito ao voto e que, mesmo entre os presos provisórios, que têm o direito, a maioria não tem acesso ao voto.²⁴⁵

Os resultados encontrados na coleta demonstram que boa parte das postagens checadas foram feitas por pessoas desconhecidas. Podemos compreender essa tendência de o público participar mais ativamente, analisando boletins, verificando suas zonas eleitorais e agindo como fiscalizadores das eleições, através de alguns fatores já analisados nesta pesquisa:

²⁴⁵ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/eleicoes-quem-sao-os-presos-que-podem-e-nao-podem-votar-no-brasil/612687245>. Acesso em: 20/01/2025.

- 1- O fato de Bolsonaro ser um populista que conquistou grande adesão de eleitores às suas ideias e que passaram a participar ativamente de temas políticos em canais e grupos favoráveis ao seu líder, formando uma militância ativa;
- 2- A polarização, tanto ideológica quanto afetiva, que faz com que esses eleitores entendam as eleições como uma ameaça a valores e a tudo o que é importante para eles, pois muitos entendiam que sua religião ou família estavam sob ameaça. Além disso, a polarização também direciona o eleitor bolsonarista para grupos e mídias que vão colaborar com a teoria conspiratória;
- 3- O fato de o líder e outros adeptos do bolsonarismo atacarem constantemente as urnas eletrônicas, inclusive com uso de *bots*, e usando todo contingente disponível como jornalistas, influenciadores, artistas, empresários e sites bolsonaristas, aumentando o número e o alcance de publicações nas mídias sociais contrárias ao processo eleitoral;
- 4- O reforço informacional sobre a teoria conspiratória em bolhas de informação e nas câmaras de eco formadas por grupos de Facebook e WhatsApp, locais onde essas informações são lançadas com frequência. No caso, como muitos usuários utilizam o celular para se informar e podem não ter dados móveis para checar as informações, há menos acesso ao contraditório;
- 5- A busca por uma identidade e pelo reforço dessa identidade, pois o bolsonarismo sempre se coloca como os cidadãos de bem que estão à disposição para combater o mal, que seria a esquerda;
- 6- A guerra cultural, reforçando a necessidade de lutar contra o inimigo;
- 7- A busca de evidências para validar a teoria conspiratória com uma caça ao tesouro e a pressa em divulgar tudo o que vissem ou ouvissem falar que pudesse soar estranho. Essa necessidade de participação ativa na construção e validação de uma teoria conspiratória tende a ser gratificante para seus adeptos.

A partir desses fatores já analisados podemos compreender a forma como a desinformação pode moldar nossa realidade. A polarização colabora no sentido de não permitir ouvir o ‘outro lado’, criando barreiras ao contraditório quando se tem acesso a ele. E aí entram nossos vieses cognitivos, colaborando para a ideia que pode nos trazer maior conforto psíquico. No caso, ter razão, estar do lado certo, combater o mal, participar de uma luta santa, proteger a família e o sagrado e proteger as crianças são algumas dessas ideias que trazem aos participantes desta teoria conspiratória um sentido que vai muito além da ideia que sem tem de eleitorado.

O sensacionalismo e os *clickbait*s chamam a atenção de possíveis novos adeptos ou tentam pelo menos furar a bolha para que todos tenham acesso às dúvidas lançadas contra o

processo eleitoral. As informações compartilhadas no WhatsApp por pessoas comuns ajudam a dar credibilidade para as informações falsas que circulam nas mídias sociais e sites. A credibilidade também é gerada a partir de notícias fabricadas por sites hiperpartidários, muitas delas com informações incompletas e tendenciosas, além de notícias da imprensa que foram manipuladas com cortes, ou até mesmo forjadas.

Uma contradição encontrada é que os agentes da desinformação ou as pessoas que participam da teoria conspiratória contra as urnas é que muitas criticam as mídias tradicionais, porém, compartilham informações manipuladas ou distorcidas de empresas como a Globonews, por exemplo. Outros pontos que dão credibilidade são o compartilhamento desses conteúdos por bolsonaristas famosos e a quantidade de acessos e compartilhamentos desses posts.

Uso constante de conteúdos de vídeos, que hoje, segundo pesquisa da Reuters citada na seção 2, possuem mais apelo, principalmente entre os jovens, que tendem a se informar mais em vídeos do Youtube ou em vídeos curtos de plataformas como TikTok, Reels do Instagram e Kwai. Esses vídeos costumam ter, em muitos dos casos, caráter opinativo, podem ser feitos por pessoas mal-intencionadas ou leigos, o que torna a informação pouco confiável.

Além de todas essas questões, é preciso ressaltar as vantagens recebidas pelos participantes desse ambiente desinformativo sobre as urnas eletrônicas. No caso dos políticos envolvidos, essa teoria conspiratória se uniu a outras para gerar a participação popular na conspiração contra a vitória do PT nas eleições e no descrédito de que Lula venceu o pleito. Além dos políticos, sites hiperpartidários lucram com as visualizações de suas informações. Um levantamento do Aos Fatos no primeiro mês do período eleitoral em 2022 em grupos de WhatsApp e Telegram revelou que os links desses sites têm alto compartilhamento e que o público dos sites pode chegar a 30 milhões de usuários.²⁴⁶ Influenciadores e as plataformas de mídias digitais também se beneficiam financeiramente com a desinformação sobre as urnas.

²⁴⁶ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/desinformacao-eleitoral-alcanca-30-milhoes-impulsionada-por-telegram-whatsapp-e-anuncios-do-google/>. Acesso em: 20/01/2025.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou compreender como a desinformação política funciona na sociedade atual e como as informações falsas se tornam críveis, mesmo com possibilidades de checagem e com a apresentação do contraditório. Podemos observar, a partir da base teórica e empírica consultada, que as mudanças no modo em que nos comunicamos e nos informamos hoje colaboram com a desinformação. Essa colaboração se dá de diversas formas: o modelo de negócios das plataformas, que prioriza a quantidade de interações em vez da qualidade das informações e que dá ressonância constantemente a conteúdos falsos, além de estratégias adotadas por pessoas mal-intencionadas com *bots*, fazendas de conteúdos ou de cliques, *clickbaits* e *deepfakes*. Além disso, as mídias sociais podem colaborar na criação de bolhas informacionais ou câmaras de eco.

A internet também barateou o acesso à produção da informação, o que fez com que pessoas sem compromisso com a ética e profissionalismo pudessem produzir notícias sem qualidade, as chamadas *junk news*, ou falsas, conhecidas como *fake news*, e ganhar dinheiro com a desinformação. O lucro com a desinformação também é tratado como um grande atrativo para novos entrantes, que podem ser políticos, influenciadores, jornalistas, entre outros. O *marketing* político sempre movimentou muito dinheiro, pois campanhas são caras. Hoje, parte desse dinheiro é direcionado à produção de meios de enganar a população. Esse engano pode ser realizado em escala massiva, já que os custos são menores que os modelos tradicionais de propaganda, e pode atingir número igual ou até maior que um comercial de TV custando absurdamente menos.

A participação da população na desinformação também aumenta seu alcance, pois, como as interações dão relevância a um conteúdo nos modelos de comunicação atual, as curtidas, comentários e compartilhamentos ajudam a espalhar informação ruim e a disseminar narrativas que criam um caos informacional na sociedade. O apelo às emoções que as informações falsas trazem, especialmente em seus títulos chamativos, consegue encontrar espaço em uma sociedade cheia de questões como as dificuldades de compreender as mudanças atuais, solidão, ansiedade, indignação, sensação de impotência e descrença dos modelos políticos que a democracia liberal proporciona. Dessa forma, pessoas vulneráveis podem ser mais facilmente direcionadas a aceitar sugestões autoritárias, soluções fáceis para problemas difíceis e a personificação de um inimigo que deve ser combatido.

Nas mídias sociais, estamos mais suscetíveis a nos deixar levar por conteúdos emocionais. Primeiro porque muitas pessoas as usam como local de entretenimento e, conforme rolam a *timeline*, vão passando por diversos *posts* e por uma diversidade enorme de

sentimentos: *post* de gatinhos ou bebês (ternura), da blogueira rica ou sarada (inveja ou desejo), dos amigos curtindo a noite (exclusão ou saudades), relatos da vida das pessoas (empatia), notícias sobre crimes (medo) ou sobre corrupção política (indignação), etc. Segundo, porque conhecedores do marketing digital, programadores, engenheiros e designers das plataformas sabem que uma forma de gerar engajamento é trabalhando essas emoções nas pessoas. Mas o pior é que entenderam também que sentimentos ruins podem gerar mais engajamento e, na política, sentimentos negativos já eram utilizados para manipulação da opinião pública ou para ganhar voto e essa estratégia foi amplificada para as mídias sociais com sucesso.

Estratégias como a guerra cultural e teorias conspiratórias possuem um forte apelo emocional e, devido aos sintomas de uma sociedade cheia de problemas, disputas e de pessoas desiludidas, essas narrativas que dividem a sociedade em bons e maus conseguem penetrar nas mentes e crescer como fúria e como apoio incondicional. Essa participação popular na disseminação de informações falsas também ajuda a conferir credibilidade, pois pessoas recebem de pastores, patrões, amigos, artistas, empresários, influenciadores e familiares informações falsas e acreditam serem verdadeiras por causa da boa-fé que colocam nessas pessoas. Muitas veem uma pessoa com ar arrogante que parece saber do que fala e pensam se tratar de um especialista quando se trata de uma falsa autoridade cognitiva, uma pessoa que se propõe a falar de temas que não domina ou que simplesmente tem consciência de que está mentindo, mas vai ter alguma vantagem em enganar as pessoas.

Através da amostra coletada com informações falsas disseminadas nas mídias sociais sobre as urnas eletrônicas, a pesquisa entende que se trata de uma teoria conspiratória, pois idealiza um complô da esquerda para vencer eleições pelo mundo. Também cria inimigos fortes, para manter a base sempre em alerta e atizar as emoções mais negativas e viscerais, que possam levar à ação. Essa ação pode ser buscar mais elementos que comprovem a teoria, usar interpretações erradas e tentar convencer outros a acreditar nessa teoria, compartilhar tudo o que corrobora com as ideias em que acredita e participar ativamente de grupos de Facebook, WhatsApp e Telegram que vão trazer cada vez mais informações que geram indignação. Mas pode levar também à ação fora das redes, seja de forma democrática como em uma manifestação, seja em modos antidemocráticos, como exigindo das Forças Armadas um golpe de estado ou participando ativamente de uma tentativa de golpe, além de modos mais agressivos ainda, como o uso da violência física, como vimos em muitos exemplos nesta pesquisa.

Na amostra, vimos que há políticos que são ativos em disseminar informações falsas, mas a mobilização das bases e dos afetos das pessoas é fundamental para que haja a participação popular na disseminação das mentiras. É preciso haver uma base mobilizada o tempo inteiro

para a manutenção dessas narrativas que favorecem políticos mal-intencionados e essa base utiliza de todos os meios existentes, sejam tecnológicos, psicológicos ou informacionais, para bombardear as mídias sociais o tempo inteiro com suas falsidades de forma ativa e agressiva, sem dar tempo para o contraditório e sem abrir espaço para a discussão. Assim, o ataque às instituições de conhecimento funciona como estratégia para desacreditar o contraditório.

Com tantas pessoas disseminando informações falsas e participando ativamente da produção e disseminação da desinformação política, além das inúmeras técnicas e estratégias utilizadas, somente um combate igualmente agressivo à desinformação poderá conter seu avanço. Como estratégia de controle, a regulamentação das plataformas de mídias digitais é de suma importância para responsabilizar os atores da desinformação por seus atos, reduzir seus lucros o máximo possível e desestimular novos entrantes, já que o crime compensaria menos. A população também deve receber adequada educação midiática, digital, emocional e política, mas com a construção de competências críticas em informação. O jornalismo, a ciência, as instituições, a academia e a política precisam ser fortalecidos na sociedade para que seus atores possam participar ativamente da construção do conhecimento que poderá auxiliar os cidadãos a compreenderem o mundo e os meios informacionais de maneira correta.

As soluções podem parecer utópicas, pois acabar com a desinformação parece impossível quando vemos o quanto ela é poderosa na nossa sociedade hoje. No entanto, essas ações são necessárias para que mudanças significativas ocorram na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2024 Trust Barometer. **Edelman Trust Barometer**, 2024. Disponível em: <https://www.edelman.com/trust/2023/trust-barometer>. Acesso em: 12 fev. 2024.

A guerra das plataformas contra o PL 2630. **NetLab**, 1 maio 2023. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/a-guerra-das-plataformas-contr-o-pl-2630>. Acesso em: 9 out. 2024.

A teoria racista que alega 'substituição' de populações locais e influencia eleições no mundo. **BBC News Brasil**, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y-kOX2dyk_g. Acesso em: 10 nov. 2024.

ABEL, Victoria. Polarização política é principal barreira para cooperação e crescimento de IDH no mundo, afirma órgão da ONU. **O Globo**, Brasília. 13 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2024/03/13/polarizacao-politica-e-principal-barreira-para-cooperacao-e-crescimento-de-idh-no-mundo-afirma-orgao-da-onu.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2024.

Alexandre de Moraes desautoriza Planalto em relação a medidas de isolamento. **Correio Braziliense**, 2 abr. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/09/interna_politica,843318/alexandre-de-moraes-desautoriza-planalto-em-relacao-a-medidas-de-isola.shtml#google_vignette. Acesso em: 12 abr. 2025.

ALFANO, Bruno. Depois de aula com material do MBL, rede estadual de SP usa Brasil Paralelo como material pedagógico. **O Globo**. 6 maio 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/05/06/depois-de-aula-com-material-do-mbl-rede-estadual-de-sp-usa-brasil-paralelo-como-material-pedagogico.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2024.

ALTINO, Lucas. **Meta decide desativar ferramenta de monitoramento para Facebook e Instagram, e especialistas temem 'apagão' nas eleições**. 15 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2024/03/meta-decide-desativar-ferramenta-de-monitoramento-para-facebook-e-instagram-e-especialistas-temem-apagao-nas-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 9 jul. 2024.

ALVES, Marcelo. **Estudo exploratório do financiamento da desinformação na web: fraudes, apostas, trading e clickbaits**. Contracampo, Niterói, v. 43, n. 1, p. 01-18, jan./abr. 2024.

AMADO, Guilherme. Biroliro, bolovo e bonossauro: as palavras bloqueadas pelo Facebook do Planalto. **O Globo**, 24 fev. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/biroliro-bolovo-bonossauro-as-palavras-bloqueadas-pelo-facebook-do-planalto-24264901>. Acesso em: 11 jan. 2025.

AMADO, Guilherme; GHIROTTI, Edoardo. Bolsonaro envia mensagem no WhatsApp sobre “provável e necessário contragolpe” e chama para ato. **Metrópoles**, 15 ago. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/bolsonaro-envia->

mensagem-no-whatsapp-sobre-provavel-e-necessario-contragolpe-e-chama-para-ato. Acesso em: 13 abr. 2025.

AMARAL, Luciana. Campanha de Bolsonaro diz que rádios deixaram de passar propagandas do presidente. **CNN**, 24 out. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/campanha-de-bolsonaro-diz-que-radios-deixaram-de-passar-propagandas-do-presidente/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Após anos engavetado, PL Escola Sem Partido tem sua admissibilidade aprovada em comissão da Câmara. **Andes**. 18 out. 2024. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/apos-anos-engavetado-pL-escola-sem-partido-tem-sua-admissibilidade-aprovada-em-comissao-da-camara1>. Acesso em: 13 nov. 2024.

Após três anos falando em ‘fraudes eleitorais’, Bolsonaro faz live com notícias falsas e admite não ter provas das acusações. **G1**, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/29/apos-tres-anos-falando-em-fraudes-eleitorais-bolsonaro-faz-live-com-noticias-falsas-e-admite-nao-ter-provas-das-acusacoes.gh.html>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ARAÚJO, C. A. Ávila. **Dinâmicas da desinformação**. 29 mar. 2024a. Páginas a&b: Arquivos E Bibliotecas, 31–52. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/14005>. Acesso em: 17 out. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Desinformação, fake news e pós-verdade: os desafios informacionais e comunicacionais da sociedade contemporânea**. **Portal de e-Books da UEM**, p. 139-156, 11 out. 2024b. Disponível em: <https://ebooks.uem.mz/index.php/eduem/catalog/book/5>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ARAÚJO, C. A. Ávila. (2021). **Pós-verdade: novo objeto de estudo para a ciência da informação**. *Informação & Informação*, 26(1), 94–111. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n1p94>. Acesso em: 16 nov. 2024.

ARBEX, Thais. Em resposta à Defesa, Fachin diz que TSE não se opõe a divulgar questões de militares. **CNN**, 6 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-diz-que-nao-se-opoe-a-divulgacao-de-documentos/>. Acesso em: 22 dez. 2024.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. 1. ed. de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENDT, Hannah. **Verdade e Política**. The New Yorker. Tradução: Manuel Alberto, fev. 1967.

ARGEMÍ, Marc. **Los 7 hábitos de la gente desinformada**. 1. ed.: Conecta, 2019.

ASSIS, Jamil. Polarização não se restringe às urnas. **Le Monde Diplomatique**. 30 set. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/polarizacao-nao-se-restringe-as-urnas/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

ASSIS, Jamil; COOPER, Sara. **Análise: só a valorização do diálogo pode reduzir a hostilidade política na sociedade**. 5 ago. 2024. Disponível em:

<https://theconversation.com/analise-so-a-valorizacao-do-dialogo-pode-reduzir-a-hostilidade-politica-na-sociedade-235752>. Acesso em: 9 ago. 2024.

BAIMA, Cesar. No voto eletrônico, risco está no elemento humano. **Questão de Ciência**, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://revistaquestaoodeciencia.com.br/index.php/artigo/2020/12/03/seguranca-e-vulnerabilidade-das-urnas-eletronicas>. Acesso em: 26 dez. 2024.

BAPTISTA, Rodrigo. **Redes sociais influenciam voto de 45% da população, indica pesquisa do DataSenado**. 12 dez. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEHNKE, Emilly. “Só Deus me tira daqui”, diz Bolsonaro ao falar de voto impresso. **Poder 360**, 12 maio 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/so-deus-me-tira-daqui-diz-bolsonaro-ao-falar-de-voto-impresso/>. Acesso em: 13 maio 2025.

BEZERRA, Arthur Coelho. **Miséria da Informação: dilemas éticos da era digital**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2024.

BHANDARI, Bibek. **Fotógrafo registra raras imagens das sombrias “fazendas de cliques” do Vietnã**. 11 mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/fotografo-registra-raras-imagens-das-sombrias-fazendas-de-cliques-do-vietna/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

Bolsonaro ameaça acionar Forças Armadas se caos for instaurado por causa da fome. **Valor Econômico**, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/04/23/bolsonaro-ameaca-acionar-forcas-armadas-se-caos-for-instaurado-por-cao-da-fome.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Bolsonaro ameaça o STF de golpe, exorta a desobediência à Justiça e diz que só sai morto. **Folha de São Paulo**, 7 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/na-paulista-bolsonaro-repete-ameacas-golpistas-ao-stf-e-diz-que-canalhas-nunca-irao-prende-lo.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Bolsonaro anda a cavalo na Esplanada, chama Lula de canalha e volta a fazer ameaças. **Folha de São Paulo**, 15 maio 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/em-encontro-com-ruralistas-bolsonaro-sem-mascara-volta-a-causar-aglomeracao.shtml>. Acesso em: 13 maio 2025.

Bolsonaro assina MP que dificulta remoção de conteúdo das redes sociais. **Jornal Nacional**, 6 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/09/06/bolsonaro-assina-mp-que-dificulta-remocao-de-conteudo-das-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Bolsonaro chama Barroso de “criminoso” e critica Moraes por “perseguição implacável”. **CNN**, 2 ago. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-chama-barroso-de-criminoso-e-critica-moraes-por-perseguido-implacavel/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Bolsonaro cogita desistir da eleição de 2022 se não tiver voto impresso. **R7**, 19 jul. 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-cogita-desistir-da-eleicao-de-2022-se-nao-tiver-voto-impresso-29062022/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Bolsonaro diz que só passará faixa presidencial se eleições forem ‘limpas’. **Veja**, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-so-passara-faixa-presidencial-se-eleicoes-forem-limpas>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Bolsonaro é fortemente criticado após divulgar vídeo com chamado para manifestação. **G1**, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/26/bolsonaro-e-fortemente-criticado-apos-divulgar-video-com-chamado-para-manifestacao.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2025.

Bolsonaro faz ameaça golpista a STF e Fux em ato com milhares em Brasília. **Folha de São Paulo**, 7 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-ameaca-stf-em-ato-com-pautas-golpistas-que-reuniu-milhares-em-brasilia.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BOLSONARO, Jair. Live semanal de toda quinta-feira / PR Jair Bolsonaro (05/05/2022). YouTube, 05 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fV3TDNkPikY&t=636s>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BOLSONARO, Jair. Pronunciamento à Nação - 02/06/2022 - PR Jair Bolsonaro. YouTube, 02 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHTMYmvwxEO&t=180s>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BOLSONARO, Jair Messias. Transmissão ao vivo. Facebook, 15 abr. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/1523731714688980/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Bolsonaro pede desculpas ao STF e diz que vídeo com leão e hienas foi um ‘erro’. **G1**, 29 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/29/bolsonaro-pede-desculpas-ao-stf-e-diz-que-video-com-leao-e-hienas-foi-um-erro.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2025.

Bolsonaro: "Sem voto impresso em 2022, vamos ter problema pior que dos EUA". **Exame**, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-sem-voto-impresso-em-2022-vamos-ter-problema-pior-que-dos-eua/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Bolsonaro usa 7 de Setembro para fazer campanha, puxa coro machista e reúne multidões em atos com faixas antidemocráticas. **G1**, 7 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/09/07/bolsonaro-usa-7-de-setembro-para-fazer-campanha-puxa-coro-machista-e-reune-multidoes-em-atos-com-faixas-antidemocraticas.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Bolsonaro viaja aos EUA para não passar faixa a Lula. **DW**, 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-viaja-aos-eua-para-n%C3%A3o-passar-faixa-a-lula/a-64229906>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BONFANTI, Lígia. Eleições: quem são os presos que podem e não podem votar no Brasil. **Justificando**, Sem data. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/eleicoes-quem-sao-os-presos-que-podem-e-nao-podem-votar-no-brasil/612687245>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BORGES, Beatriz; GOMES, Pedro Henrique. Bolsonaro repete em evento oficial ‘fake news’ que levaram à cassação de deputado aliado. **G1**, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/07/bolsonaro-repete-em-evento-oficial-fake-news-que-levaram-a-cassacao-de-deputado-aliado.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BORGES, Rebeca. Bolsonaro sobre 2022: “Se não tiver voto impresso, pode esquecer eleição”. **Metrópoles**, 23 dez. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/bolsonaro-sobre-2022-se-nao-tiver-voto-impresso-pode-esquecer-eleicao>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BOTSMAN, Rachel. **Who can you trust?:** How technology brought us together and why it might drive us apart. 1. ed. New York: PublicAffairs, 2017.

BRADSHAW, Samantha; BAILEY, Hannah, HOWARD, Philip N. **Industrialized Disinformation: 2020 Global Inventory of Organized Social Media Manipulation**. (2021) Oxford, UK: Programme on Democracy & Technology. Disponível em: <https://demtech.oii.ox.ac.uk/research/posts/industrialized-disinformation/>

BRADSHAW, S., & HOWARD, P. (2017). **Troops, Trolls and Troublemakers: A Global Inventory of Organized Social Media Manipulation**. In Computational Propaganda Research Project (pp. 1–37). Oxford Internet Institute.

Brasil fica em 1º lugar entre 28 países, em ranking dos que mais sentem solidão. **Ipsos**. 8 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/brasil-fica-em-1o-lugar-entre-28-paises-em-ranking-dos-que-mais-sentem-solidao>. Acesso em: 2 nov. 2024.

BRASIL, Luana Melody. Bolsonaro sugere que Edson Fachin já sabe o resultado das eleições. **O Tempo**, 7 jul. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/governo/bolsonaro-sugere-que-edson-fachin-ja-sabe-o-resultado-das-eleicoes-1.2695901>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BRESCIANI, Eduardo. **Filho de Bolsonaro diz que marqueteiro de Trump vai ajudar seu pai**. 9 ago. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/filho-de-bolsonaro-diz-que-marqueteiro-de-trump-vai-ajudar-seu-pai-22963441>. Acesso em: 18 fev. 2024.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. **Desinformação e circulação de “fake news”**: distinções, diagnóstico e reação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. Anais eletrônicos [...]. Londrina: ANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>.

BRITES, Ramiro. Bolsonaristas comemoram falsa prisão de Moraes em Porto Alegre. **Veja**, 2 nov. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonaristas-comemoram-falsa-prisao-de-moraes-em-porto-alegre>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BRITO, Ricardo. **WhatsApp banuiu 400 mil contas do Brasil durante eleições de 2018**. 19 nov. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/reuters/2019/11/19/whatsapp-baniu-400-mil-contas-do-brasil-durante-eleicoes-de-2018.htm>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BRITO, Sabrina. OCDE: 67% dos estudantes brasileiros de 15 anos confundem fato e opinião. Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/ocde-67-dos-estudantes-brasileiros-de-15-anos-confundem-fato-e-opinioao>. **Veja**. 17 maio 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/ocde-67-dos-estudantes-brasileiros-de-15-anos-confundem-fato-e-opinioao>. Acesso em: 24 nov. 2024.

CADWALLADR, Carole. Facebook's role in Brexit and the threat to democracy. **Ted Talks**, 2019. Disponível em: https://www.ted.com/talks/carole_cadwalladr_facebook_s_role_in_brexit_and_the_threat_to_democracy?subtitle=en&lng=pt-br&geo=pt-br. Acesso em: 22 set. 2024.

CALDAS, C. O. L.; CALDAS, P. N. L. **Estado, democracia e tecnologia**: conflitos políticos no contexto do big-data, das fake news e das shitstorms. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 24, n. 2, 2019.

CAMILLO, Mateus. **Folha publica palavras ‘bolso’ e ‘bolovo’ no Twitter e respostas sugerem ação de robôs pró-Bolsonaro**. 24 out. 2018. Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2018/10/24/folha-publica-palavras-bolso-e-bolovo-no-twitter-e-respostas-sugerem-acao-de-robos-pro-bolsonaro/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

CAMPOREZ, Patrik; BRONZATTO, Thiago. **‘Abin paralela’ monitorou pesquisadora que ajudou a banir contas nas redes sociais ligadas a aliados de Bolsonaro**. Brasília, 1 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/03/01/abin-paralela-monitorou-pesquisadora-que-ajudou-a-banir-contas-nas-redes-sociais-ligadas-a-aliados-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2024.

CAPURRO, R. **A Liberdade na Era Digital**. In.: Ética da Informação: Perspectivas e Desafios. Maria Nelida Gonzalez de Gomez; Regina de Barros Cianconi (Orgs.). Niterói: Garamond, 2017. Disponível em: <http://www.capurro.de/gonzalezdegomez.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CARNEIRO, Taymã. Damares e o Marajó: cronologia da relação da ex-ministra e o arquipélago com piores IDH do Brasil. **G1**. 17 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/10/17/damares-e-o-marajo-cronologia-da-relacao-da-ex-ministra-e-o-arquipelago-com-piores-idh-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CARVALHO, Bruna; FREITAS, Adriana. TSE cria comissão para ampliar transparência do processo eleitoral. **CNN**, 12 set. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-cria-comissao-para-ampliar-transparencia-do-processo-eleitoral/>. Acesso em: 22 dez. 2024.

CARVALHO, Daniel. Eu sou a Constituição, diz Bolsonaro ao defender democracia e liberdade um dia após ato pró-golpe militar. **Folha de São Paulo**, 20 abr. 2025. Disponível

em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: A crise da democracia liberal. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

CAUNUR, L., & Regis, C. G. (2022). **Ofensiva burguesa em tempos de golpe**: O “Marxismo Cultural” na educação brasileira. *Temporalis*, 22(43), 109–122. <https://doi.org/10.22422/temporalis.2022v22n43p109-122>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CAZES, Leonardo; SACONI, João Paulo; PIVA, Juliana Dal. **Facebook derruba rede de páginas coordenada por funcionários da Presidência e dos gabinetes de Flávio e Eduardo Bolsonaro**. 8 jul. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/facebook-derruba-rede-de-paginas-coordenada-por-funcionarios-da-presidencia-e-dos-gabinetes-de-flavio-e-eduardo-bolsonaro.html>. Acesso em: 7 maio 2024.

CERIONI, Clara. Giuseppe Janino: 'eleição com urna eletrônica tem 94 sistemas de segurança'. **Jota**, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.jota.info/casa-jota/eleicao-urna-eletronica-94-sistemas-seguranca>. Acesso em: 27 dez. 2024.

CHAIB, Julia; HOLANDA, Marianna; TEIXEIRA, Matheus. STF e centrão avisam Planalto que 7 de Setembro golpista irá afetar Bolsonaro para 2022. **Folha de São Paulo**, 5 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/stf-e-centrao-avisam-planalto-que-7-de-setembro-golpista-ira-afetar-bolsonaro-para-2022.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade**: Do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. São Paulo: Contexto, 2022.

CHRISTOPHER, Paul; MATTHEWS, Miriam. **The Rússia “Firehosing of Falsehood” Propaganda Model**. Why It Might Work and Options to Counter It. RAND Corporation, 2016. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>. Acesso: 15 abr. 2025.

COELHO, Gabriela. TSE responde a questionamentos da Defesa sobre o sistema eleitoral. **CNN**, 9 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-responde-a-questionamentos-da-defesa-sobre-o-sistema-eleitoral/>. Acesso em: 22 dez. 2024.

Comissão Parlamentar Mista de Inquérito – Fake News. **Senado Federal**. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Como as teorias da conspiração surgiram e viraram instrumento de poder. **BBC**. 18 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgr4g3m39nlo>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CORSINI, Camila. **'Ligam e começam a xingar': lista contra 'petistas' surpreende comerciantes**. UOL, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/20/reserva-fantasma-e-ameaca-de-morte-comercios-sofrem-boicote-por-politica.htm>. Acesso em: 11 fev. 2024.

COSTA, Sylvio. **Boicote a empresas ligadas a Bolsonaro ganha as redes**. 8 mar. 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/boicote-a-empresas-ligadas-a-bolsonaro-ganha-as-redes/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

COUTO, Marlen; CAETANO, Guilherme. Mensagem de Bolsonaro com conteúdos falsos foi replicada por aliados e abasteceu canais extremistas. **O Globo**, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/08/24/mensagem-de-bolsonaro-com-conteudos-falsos-foi-replicada-por-aliados-e-abasteceu-canais-extremistas.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2024.

Criador do ChatGPT e executivos comparam riscos da inteligência artificial a pandemias e guerra nuclear. **Reuters**, 30 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/05/30/criador-do-chatgpt-e-outros-lideres-de-tecnologia-alertam-para-risco-de-extincao-da-humanidade-pela-ia.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2024.

CRISTALDO, Heloisa. Câmara dos Deputados rejeita PEC do Voto Impresso. **Agência Brasil**, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-08/camara-dos-deputados-rejeita-pec-do-voto-impresso>. Acesso em: 13 abr. 2025.

CRUZ, Bruna Souza; GOMES, Helton Simões. **Cambridge Analytica no Brasil? Emails vazados contam história de fracasso**. 3 jan. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/01/03/cambridge-analytica-no-brasil-emails-vazados-contam-historia-de-fracasso.htm>. Acesso em: 18 fev. 2024.

CRUZ, Márcia Maria. Fundador do Gays com Bolsonaro: ‘Acabou a história que gay é de esquerda’. **Estado de Minas**. 15 set. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/15/noticia-diversidade,1391357/fundador-do-gays-com-bolsonaro-acabou-a-historia-que-gay-e-de-esquerda.shtml>. Acesso em: 25 out. 2024.

CUPANI, Gabriela. Uso em excesso de redes sociais aumenta a sensação de solidão. **UOL**. 13 ago. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/08/13/uso-em-excesso-de-redes-sociais-aumenta-a-sensacao-de-solidao.htm>. Acesso em: 2 nov. 2024.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DALL'AGNOL, Laísa. ‘Se precisar, iremos à guerra’, diz Bolsonaro a apoiadores em discurso. **Veja**, 3 jun. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/se-precisar-iremos-a-guerra-diz-bolsonaro-a-apoiadores-em-discurso>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DANTAS, Dimitrius. Em nova ameaça, Bolsonaro diz que manifestações serão ultimato a ministros do STF. **O Globo**, 3 set. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/em-nova-ameaca-bolsonaro-diz-que-manifestacoes-serao-ultimato-ministros-do-stf-1-25183582>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DANTAS, Dimitrius. Olavo de Carvalho está errado e não entendeu Kant, dizem três nomes de destaque da academia brasileira. **O Globo**. 10 fev. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-dizem-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Datafolha de 25 de outubro para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e orientação sexual. **G1**. 26 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2024.

DEFESA, Ministério da. Nota Oficial. **X**, 10 nov. 2022. Disponível em: <https://x.com/DefesaGovBr/status/1590708866395693057>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Depoente detalha na CPI envio de mensagens em massa nas eleições. **Agência Senado**. 11 fev. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/02/11/depoente-detalha-na-cpi-envio-de-mensagens-em-massa-nas-eleicoes>. Acesso em: 3 mar. 2024.

DIAS, Tatiana; MOTORYN, Paulo. Escolas paralelas: Brasil Paralelo: programa que capta ‘mecenas’ para combater a esquerda já chegou a 284 escolas e ONGs. **Intercept Brasil**, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/11/27/brasil-paralelo-mecenas-escolas-ongs/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

DOMINGOS, Roney. É #FAKE que imagem em que aparece Lady Gaga mostre conversa entre Bolsonaro e ministra sobre eleições. **G1**. 4 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/11/04/e-fake-que-imagem-em-que-appearece-lady-gaga-mostre-conversa-entre-bolsonaro-e-ministra-sobre-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2024.

DONOVAN, Joan; DREYFUSS, Emily; FRIEDBERG, Brian. **Meme Wars: The Untold Story of the Online Battles Upending Democracy in America**. 1. ed.: Bloomsbury Publishing, 2022.

DUCHIADE, André. Suposto abuso sexual contra crianças citado por Damares circula como ficção na internet desde 2010. **O Globo**. 11 out. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/noticia/2022/10/suposta-violencia-infantil-citada-por-damares-circula-como-ficcao-na-internet-desde-2010.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2024.

Durante solenidade militar no Rio, Bolsonaro fala em ‘entregar’ país para um presidente ‘bem lá na frente’. **G1**, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2022/noticia/2022/07/08/durante-solenidade-militar-no-rio-bolsonaro-fala-em-entregar-pais-para-um-presidente-bem-la-na-frente.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

É #fake que Haddad criou ‘kit gay’ para crianças de seis anos. **G1**. 16 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2024.

Eleições: Aécio Neves afirma não acreditar em ‘fraudes nas urnas em 2014’. **Estado de Minas**, 9 jul. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/07/09/interna_politica,1284983/eleicoes-aecio-neves-afirma-nao-acreditar-em-fraudes-nas-urnas-em-2014.shtml. Acesso em: 27 dez. 2024.

Eleições 2022: conheça as entidades que podem fiscalizar e auditar o processo eleitoral. **TSE**, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-conheca-as-entidades-que-podem-fiscalizar-e-auditar-o-processo-eleitoral-911834>.

Acesso em: 25 dez. 2025.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os Engenheiros do caos**. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2021.

FALCÃO, Márcio. Moraes arquiva investigação contra seis empresários que discutiram golpe de Estado em mensagens de WhatsApp. **G1**, 21 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/21/moraes-arquiva-investigacao-contra-seis-empresarios-que-discutiram-golpe-de-estado-em-mensagens-de-whatsapp.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2025.

FALCÃO, Márcio; NETO, Pedro Alves. Bolsonaro que montou explosivo em Brasília foi autuado por terrorismo; em depoimento, disse que queria ‘dar início ao caos’. **G1**, 25 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/25/bolsonara-que-montou-explosivo-em-brasilia-foi-autuado-por-terrorismo-em-depoimento-disse-que-queria-dar-inicio-ao-caos.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

FALCÃO, Márcio; VIVAS, Fernanda. Fachin anula condenações de Lula relacionadas à Lava Jato; ex-presidente volta a ser elegível. **G1**, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/08/fachin-anula-condenacoes-de-lula-relacionadas-a-operacao-lava-jato.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Fato ou boato. **Justiça Eleitoral**. Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/fato-ou-boato/#>. Acesso em: 25 dez. 2025.

FEINGOLD, R. et al. **Fake News and Misinformation: The Roles of the Nation’s Digital Newsstands, Facebook, Google, Twitter, and Reddit. Fake News/Misinformation: The Challenge and the Most Effective Solutions**. Stanford Law School, Law and Policy Lab, out. 2018. Disponível em: <https://law.stanford.edu/wp-content/uploads/2017/10/Fake-News-Misinformation-FINAL-PDF.pdf>.

FELIPE, Mathias. Câmaras de eco, filtro bolha e polarização: do que estamos falando? **Desinformante**. 10 fev. 2022. Disponível em: <https://desinformante.com.br/camaras-de-eco-filtro-bolha-e-polarizacao-do-que-estamos-falando-e-como-se-relacionam/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FERRÃO, I.G., Chervinski, J.O., da Silva, S.A., Kreutz, D., Immich, R., Kepler, F. e Righi, R. da R. 2019. **Urnas Eletrônicas no Brasil: linha do tempo, evolução e falhas e desafios de segurança**. *Revista Brasileira de Computação Aplicada*. 11, 2 maio 2019, 1-12. DOI: <https://doi.org/10.5335/rbca.v11i2.9056>.

FERRARA, E.; ONUR, V.; DAVIS, C.; MENCZER, F.; FLAMMINI, A. **The Rise of Social Bots**. *Communications of the ACM*, v. 59, n. 7, jul. 2016. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/pdf/10.1145/2818717>. Acesso em: 09 abr. 2024.

FERNANDES, Augusto. Desfile de tanques provoca constrangimento na Esplanada. **Correio Braziliense**, 11 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4942946-desfile-de-tanques-provoca-constrangimento-na-esplanada.html>. Acesso em: 13 abr. 2025.

FIGUEIREDO, Janaína. **Campanha presidencial na Argentina usa inteligência artificial em grande escala**. 14 nov. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/14/campanha-presidencial-na-argentina-usa-ia-em-grande-escala.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FILHO, Antonio Euzébio; SIQUEIRA, Gabriel. **O “Gabinete do Ódio” em foco: Governo Bolsonaro sob uma ótica psicossocial**. Revista Psicologia Política, v. 23, p. 660-675, 29 jan. 2024.

FISHER, Max. **A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

FITZGERALD, James. **Conspiracy, anxiety, ontology: Theorising QAnon**. First Monday, Chicago, v. 27, n. 5, 2 maio 2022. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/12618/11113>. Acesso em: 11 nov. 2024.

FORTUNA, Deborah. Bolsonaro é mesmo o Trump brasileiro nas eleições? Especialistas respondem. **Correio Braziliense**, 6 set. 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/09/06/interna_politica,704385/bolsonaro-e-o-trump-brasileiro.shtml. Acesso em: 11 jan. 2025.

França prende dono do Telegram. **UOL**, 26 ago. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/08/26/franca-prende-dono-do-telegram.htm>. Acesso em: 1 out. 2024.

FRASER, Nancy. The End of Progressive Neoliberalism. **Dissent**. 2 jan. 2017. Disponível em: https://www.dissentmagazine.org/online_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser/. Acesso em: 22 set. 2024.

‘FRAUDE havia com voto impresso’, diz Barroso sobre segurança da urna eletrônica. **CNN**, São Paulo, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/fraude-havia-com-voto-impresso-diz-barroso-sobre-seguranca-em-urna-eletronica/>. Acesso em: 27 dez. 2024.

FRAUDES na eleição de 1994 mostram caos na apuração antes da urna eletrônica. **O Globo**, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2022/07/fraudes-na-eleicao-de-1994-mostrar-como-era-apuracao-antes-da-urna-eletronica.ghtml>. Acesso em: 27 dez. 2024.

FROEHLICH, Thomas J. Froehlich. **The role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of fake news**. Open Information Science 2019; 3: 115–136.

FROEHLICH, Thomas. **10 Lessons for the age of disinformation**. 2020. (under revision) for a book, Navigating Fake News, Alternative Facts and Misinformation in a Post-Truth World, edited by Professor Kamiz Dalkir, University of Montreal. Disponível em: <http://personal.kent.edu/~tfroehli/froehlich.final.book.chapter.draft.rev3.pdf>.

FTC Staff Report Finds Large Social Media and Video Streaming Companies Have Engaged in Vast Surveillance of Users with Lax Privacy Controls and Inadequate Safeguards for Kids and Teens. **Federal Trade Commission**, 19 set. 2024. Disponível em: <https://www.ftc.gov/news-events/news/press-releases/2024/09/ftc-staff-report-finds-large-social-media-video-streaming-companies-have-engaged-vast-surveillance>. Acesso em: 7 out. 2024.

GALVANI, Giovanna. **Justiça condena homem que mentiu sobre Patrícia Campos Mello a pagar indenização**, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/justica-condena-homem-que-mentiu-sobre-patricia-campos-mello-a-pagar-indenizacao/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

GEHL, Robert W.; LAWSON, Sean T. **Social Engineering: How Crowdmasters, Phreaks, Hackers, and Trolls Created a New Form of Manipulative Communication**. 1. ed. Cambridge: MIT Press, 2022.

GHEDIN, Rodrigo. **Cinco dos dez canais que explodiram no ranking do Youtube durante as eleições são de extrema direita**. 28 ago. 2019. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>. Acesso em: 4 maio 2024.

GIELOW, Igor; FERNANDES, Talita; RANGEL, Sérgio. **Bolsonaro diz que foi alvo de fraude e pede mobilização a eleitores**. São Paulo e Rio de Janeiro, 8 out. 2028. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-diz-que-foi-alvo-de-fraude-e-pede-mobilizacao-a-eleitores.shtml>. Acesso em: 30 jun. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBAL Risks Report 2024. **World Economic Forum**, Suíça, ed. 19, 19 jan. 2024. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_The_Global_Risks_Report_2024.pdf.

GOMES, Pedro Henrique. Forças Armadas é que decidem se ‘povo vai viver numa democracia ou numa ditadura’, diz Bolsonaro. **G1**, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/18/quem-decide-se-um-povo-vai-viver-numa-democracia-ou-numa-ditadura-sao-as-suas-forcas-armadas-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GOULART, A. H.; MUÑOZ, I. K. **O sujeito informacional e as redes sociais online: reflexos da polarização política nas práticas informacionais relacionadas à pandemia de Covid-19**. Liinc em Revista, v. 18, n. 2, p. e6081, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i2.6081. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6081>. Acesso em: 11 fev. 2024.

GROHMANN, Rafael; AQUINO, Maria Clara; RODRIGUES, Alison; MATOS, Évilin; GOVARI, Caroline; AMARAL, Adriana. **Plataformas de fazendas de cliques: condições de trabalho, materialidades e formas de organização**. Galáxia, São Paulo, v. 47, 19 dez. 2022.

GHEDIN, Rodrigo. **Nos EUA, nova opção restringe conteúdo político no Instagram e Threads**. 26 mar. 2024. Disponível em: https://nucleo.jor.br/curtas/2024-03-26-threads-opcao-restringe-politica/?utm_source=substack&utm_medium=email. Acesso em: 3 jul. 2024.

Grupo de apoiadores de Bolsonaro lança fogos de artifício contra o prédio do STF. **G1**, 14 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/14/grupo-de-apoiadores-de-bolsonaro-lanca-fogos-de-artificio-contra-o-predio-do-stf.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2025.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

JACCAUD, Mylene; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JARDIM, Lauro. **Perfis de Lula e Bolsonaro no Instagram têm percentual similar de seguidores fake e ‘bots’**. 3 abr. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2024/04/perfis-de-lula-e-bolsonaro-no-instagram-tem-percentual-similar-de-seguidores-fake-e-bots.ghtml>. Acesso em: 5 abr. 2024.

KALIL, I. & SANTINI, R. M. **Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política**. Relatório de pesquisa. 1 abril 2020. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP / UFRJ. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

KEMP, Simon. **Digital 2024: Global Overview Report**. Data Reportal. 31 jan. 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em: 18 fev. 2024.

KLEINA, Nilton. **Twitter culpa bots e IA por restrições, mas pede paciência a usuários**. 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/265990-twitter-culpa-bots-ia-restricoes-pede-paciencia-usuarios.htm>. Acesso em: 9 abr. 2024.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEÃO, Danuza. Ser especial. **Folha de São Paulo**. 25 set. 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/80046-ser-especial.shtml>. Acesso em: 26 set. 2024.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEWANDOWSKY, Stephan; ECKER, Ullrich K. H.; COOK, John. Misinformation and Its Correction: Continued Influence and Successful Debiasing. **Sage Journals**. 17 set. 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1529100612451018>. Acesso em: 12 nov. 2024.

LEWANDOWSKY, S., Cook, J., Ecker, U. K. H., Albarracín, D., Amazeen, M. A., Kendeou, P., Lombardi, D., Newman, E. J., Pennycook, G., Porter, E. Rand, D. G., Rapp, D. N., Reifler, J., Roozenbeek, J., Schmid, P., Seifert, C. M., Sinatra, G. M., Swire-Thompson, B., van der

Linden, S., Vraga, E. K., Wood, T. J., Zaragoza, M. S. (2020). **The Debunking Handbook 2020**. Disponível em: <https://sks.to/db2020>. Acesso em: 12 nov. 2024.

LEWANDOWSKY, Stephan; COOK, John. O Manual das Teorias da Conspiração. **Skeptical Science**. 7 maio 2020. Disponível em: <https://skepticalscience.com/conspiracy-theory-handbook-downloads-translations.html>. Acesso em: 12 nov. 2024.

Liderado por alvo do STF, grupo faz ato com tochas e máscaras contra Moraes. **UOL**, 31 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/grupo-300-protesto-supremo.htm>. Acesso em: 12 abr. 2025.

Linha do Tempo de Ameaças à Democracia no Governo Bolsonaro. **Instituto Democracia em Xequê**, 2024. Disponível em: <https://8-de-janeiro.institutodx.org/>. Acesso em: 22 dez. 2024.

LIPPELT, Vanessa. **Aliados de Bolsonaro têm suas contas no Twitter infladas por robôs**. 22 abr. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/aliados-de-bolsonaro-tem-suas-contas-no-twitter-infladas-por-bots/>. Acesso em: 5 abr. 2024.

LISBOA, S., & BENETTI, M. (2015). **O jornalismo como crença verdadeira justificada**. *Brazilian Journalism Research*, 11(2), 10–29. <https://doi.org/10.25200/BJR.v11n2.2015.664>

LONGO, Ivan. **BBB24: internautas já descobrem qual participante "fez o L" e quem votou Bolsonaro**. 5 jan. 2024. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/popnoticias/2024/1/5/bbb24-internautas-ja-descobrem-qual-participante-fez-l-quem-votou-bolsonaro-151706.html>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MACHADO, Renato. Bolsonaro usa fake news para dizer que Forças Armadas podem fechar seção eleitoral. **Estado de Minas**, 29 set. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/29/interna_politica,1399630/bolsonaro-usa-fake-news-para-dizer-que-forcas-armadas-podem-fechar-secao-el.shtml#google_vignette. Acesso em: 15 abr. 2025.

MAGENTA, Matheus. Eleições: o que tem levado cada vez mais políticos a alegar fraude nas urnas pelo mundo. **BBC**, 14 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57466366>. Acesso em: 27 dez. 2024.

MANDELLI, Mariana. Brasil, onde o ódio corrói a democracia. **Folha de São Paulo**. 14 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/07/brasil-onde-o-odio-corroi-a-democracia.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2024.

MARINATTO, Luã; MELLO, Bernardo. No Jornal Nacional, Bolsonaro diz que respeitará eleições ‘desde que’ sejam limpas e mente sobre urnas, STF e pandemia. **O Globo**, 31 jul. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/bolsonaro-no-jornal-nacional-moraes-vai-chegar-a-bom-termo-teremos-eleicoes-limpas-diz-presidente-em-entrevista.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MARQUES, Hugo. “Chegamos ao limite. Não tem mais conversa”, diz Bolsonaro em manifestação. **Veja**, 3 maio 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/chegamos-ao-limite-nao-tem-mais-conversa-diz-bolsonaro-em-manifestacao>. Acesso em: 12 abr. 2025.

MARZULLO, Luísa. Assim como Bolsonaro, ao menos 44 deputados federais fizeram ataque às urnas. **O Globo**, 27 ago. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/08/27/assim-como-bolsonaro-ao-menos-44-deputados-federais-fizeram-ataque-as-urnas.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2024.

MARZULLO, Luísa. **Bolsonaristas, Jorginho Mello e Zema contrariam Lula e não exigem carteira de vacinação para matrícula escolar**. Rio de Janeiro, 5 fev. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/02/05/bolsonaristas-jorginho-mello-e-zema-contrariam-lula-e-nao-exigem-carteira-de-vacinacao-para-matricula-escolar.ghtml>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MEIO E MENSAGEM: **Público reage à parceria de Bis e Felipe Neto**. 13 out. 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/bis-felipeneto>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MELLO, Felipe C. O. de; SCHNEIDER, Marco. Desinformação Digital em Rede e Competência Crítica em Informação. **International Review For Information Ethics (IRIE)**, Edmonton, Canadá, v. 30, ed. 1, 31 ago. 2021.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MELLO, Patrícia Campos. **Com um ano de atraso, TSE finalmente proíbe disparo em massa pelo WhastApp**. 20 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/patriciacamposmello/2019/12/com-um-ano-de-atraso-tse-finalmente-proibe-disparo-em-massa-pelo-whastapp.shtml>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MELLO, Patrícia Campos. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp**. 18 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MELLO, Patrícia Campos. **Site campeão de compartilhamentos no WhatsApp e no Telegram lidera comunicação bolsonarista**. São Paulo, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/site-campeao-de-compartilhamentos-no-whatsapp-e-no-telegram-lidera-comunicacao-bolsonarista.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MENEZES, Luiz Fernando. Posts usam vídeos já desmentidos ao sustentar que eleições são fraudadas. **Aos Fatos**, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/posts-usam-videos-ja-desmentidos-ao-sustentar-que-eleicoes-sao-fraudadas/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

MESQUITA, Allan. **Tumulto e polêmicas marcam 1º ano de Abílio na Câmara**. 28 dez. 2023. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/politica-de-mt/tumulto-e-polmicas-marcam-1-ano-de-ablio-na-cmara/756619>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MESQUITA, Rachel Mestre. OMS cria comissão para lidar com epidemia de solidão no mundo. **Agência Brasil**. 16 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-11/oms-lanca-comissao-sobre-conexao-social-para-lutar-contr-solidao>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MIGUEL, Luiz Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGOS, Esther Solano. **O ódio como política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-26.

MIGUEL, Luiz Felipe. Jornalismo, polarização política e a querela das fake news. **EJM**, v. 16, ed. 2, 11 nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p46>. Acesso em: 28 nov. 2024.

MILITÃO, Eduardo; REBELLO, Aiuri. **Rede de fake news com robôs pró-Bolsonaro mantém 80% das contas ativas**. 19 set. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/19/fake-news-pro-bolsonaro-whatsapp-eleicoes-robos-disparo-em-massa.htm>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MILMO, Dan. Social media owners top global survey of misinformation concerns. **The Guardian**, 24 set. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2024/sep/24/social-media-owners-survey-misinformation-online-news>. Acesso em: 1 out. 2024.

MIT, Technology Review. **Relatório mostra que fazendas de trolls alcançavam 140 milhões de americanos por mês no Facebook antes da eleição de 2020**. 1 nov. 2021. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/relatorio-mostra-que-fazendas-de-trolls-alcancavam-140-milhoes-de-americanos-por-mes-no-facebook-antes-da-eleicao-de-2020/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORATELLI, Valmir. **Ivete Sangalo faz bolsonaristas boicotarem laticínios da marca Piracanjuba**. 1 nov. 2023. Disponível em: Ivete Sangalo faz bolsonaristas boicotarem laticínios da marca Piracanjuba Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/ivete-sangalo-faz-bolsonaristas-boicotarem-laticinios-da-marca-piracanjuba>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O joio, o trigo, os filtros e as bolhas: uma discussão sobre fake news, jornalismo, credibilidade e afetos no tempo das redes. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 3, p. 574-597, dez. 2019. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1188/pdf_1. Acesso em: 28 nov. 2024.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia**: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MURARO, Cauê. Só mais 72 horas. **G1**. Sem data de publicação. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/politica/2023/so-mais-72-horas-acampamento-bolsonaristas-radicaes/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Musk, cofundador da Apple e mais: quem apoia pausa nos avanços em inteligência artificial. **G1**, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/03/30/musk-cofundador-da-apple-e-mais-quem-apoia-pausa-nos-avancos-em-inteligencia-artificial.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Na companhia de Temer, Bolsonaro fala por telefone com Alexandre de Moraes. **CNN**, 9 set. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/na-companhia-de-temer-bolsonaro-fala-por-telefone-com-alexandre-de-moraes/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

NALIN, Carolina. **Facebook 20 anos: Caso Cambridge Analytica fomentou leis para garantir privacidade e combater desinformação**. Rio de Janeiro, 2 fev. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/02/02/facebook-20-anos-caso-cambridge-analytica-fomentou-leis-para-garantir-privacidade-e-combater-desinformacao.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2024.

NASCIMENTO, Camila. Em ofensiva por voto impresso, Bia Kicis retuita post sobre ‘máfia do TSE’. **Veja**, 8 abr. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/em-ofensiva-por-voto-impresso-bia-kicis-retuita-post-sobre-mafia-do-tse>. Acesso em: 13 abr. 2025.

NETTO, Paulo Roberto; ALEIXO, Isabela. Bolsonaro volta a atacar TSE e diz que complica se Lula ganhar na ‘dúvida’. **UOL**, 12 jun. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/06/12/se-ganhar-na-suspeicao-da-duvida-ai-complica-diz-bolsonaro-sobre-lula.htm>. Acesso em: 15 abr. 2025.

NEU, Claudia; KÜPPER, Beate; LUHMANN, Maike. Extrem einsam?: Die demokratische Relevanz von Einsamkeitserfahrungen unter Jugendlichen in Deutschland. **Demokratie Leben**. Fev. 2023. Disponível em: <https://www.demokratie-leben.de/magazin/magazin-details/studie-extrem-einsam-166>. Acesso em: 2 nov. 2024.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard, EDDY, Kirsten, ROBERTSON, Craig T., NIELSEN, Rasmus Keiss Nielsen. **Reuters Institute Digital News Report 2023**. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023>. Acesso em: 31 jan 2024.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; ROBERTSON, Craig T.; ARGUEDAS, Amy Ross; NIELSEN, Rasmus Kleis. **Digital News Report 2024**. 28 jun. 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024>. Acesso em: 3 jul. 2024.

NÓBREGA, Liz. **Meta derruba rede de bots chineses no que chamou de “maior operação conhecida de influência secreta multiplataforma”**. 30 ago. 2023. Disponível em: <https://desinformante.com.br/meta-bots-chineses/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

NOGUEIRA, Italo. Bolsonaro faz nova ameaça de ruptura e fala em enquadrar ministros do STF no 7 de Setembro. **Folha de São Paulo**, 4 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-faz-nova-ameaca-de-ruptura-e-fala-em-enquadrar-ministros-do-stf-no-7-de-setembro.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

NUNES, Felipe. **Pesquisa Genial/Quaest: brasileiros que se informam pelas redes têm visão mais negativa sobre o governo Lula**. Nicolas Iory. O Globo. São Paulo, 28 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2023/10/pesquisa-genialquaest-brasileiros-que-se-informam-pelas-redes-tem-visao-mais-negativa-sobre-o-governo-lula.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2024.

NUNES, Felipe. **Quaest Pesquisa e Consultoria**. Twitter. 15 dez. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/quaestpesquisa/status/1735670848927752360>. Acesso em: 12 fev. 2024.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. **Biografia do abismo**: Como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023.

O GLOBO, Com Agências Internacionais. **Dados de 87 milhões foram usados pela Cambridge Analytica, diz Facebook**. 4 abr. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/dados-de-87-milhoes-foram-usados-pela-cambridge-analytica-diz-facebook-22556605>. Acesso em: 11 mar. 2024.

O GLOBO. **Empresas de tecnologia firmam acordo para detecção e combate a fake news geradas por IA nas eleições**. 17 fev. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/02/17/empresas-de-tecnologia-firmam-acordo-para-deteccao-e-combate-a-fake-news-geradas-por-ia-nas-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2024.

O GLOBO. **Fazendas de cliques: Instagram remove anúncio de Arthur Aguiar para serviço de compra de seguidores**. 10 ago. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/08/arthur-aguiar-faz-propaganda-de-servico-de-compra-de-seguidores-as-chamadas-fazendas-de-cliques.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2024.

O que aconteceu com os protagonistas dos protestos de junho de 2013? **BBC**. 25 jun. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-65994351>. Acesso em: 27 set. 2024.

O que é a ‘teoria da substituição’, tese racista que teria motivado atentado nos EUA. **BBC**. 16 maio 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61473291>. Acesso em: 10 nov. 2024.

OLIVEIRA, Thaísa. **Abin afirma à CPI que influenciadores digitais incitaram e lucraram com 8/1**. 10 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/abin-afirma-a-cpi-que-influenciadores-digitais-incitaram-e-lucraram-com-81.shtml>. Acesso em: 4 maio 2024.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de Destruição em Massa**: Como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. 1. ed. São Paulo: Rua do Sabão, 2020. *E-book*.

ONG, J. C., & CABAÑES, J. V. A., 2018. **Architects of networked disinformation**: Behind the scenes of troll accounts and fake news production in the Philippines. *Architects of Networked Disinformation: Behind the Scenes of Troll Accounts and Fake News Production in the Philippines*, 74, 1–74.

O que se sabe sobre a derrubada de páginas ligadas a bolsonaristas no Facebook. **Reuters**, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53343107>. Acesso em: 7 maio 2024.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik. **Merchants of Doubt**: How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming. 1. ed. New York: Bloomsbury Press, 2010.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio Moretto. **Polarização e desinformação online no Brasil**. Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil, São Paulo, ed. ANÁLISE Nº 44/2018, ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.fes.de/publicacoes/12?cHash=106a09455196485c5db9abff3dec0d9f>

PACETE, Luiz Gustavo. **Entenda o que é uma fazenda de cliques, alvo da Meta no Brasil**. 15 ago. 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/08/entenda-o-que-e-uma-fazenda-de-cliques-alvo-da-meta-no-brasil/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. São Paulo: Zahar, 2012. (*E-book*).

PASSARINHO, Nathalia. STF se prepara para risco de ataques ao prédio e ‘todos os cenários possíveis’ no 7 de setembro. **BBC**, 3 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58430586>. Acesso em: 22 dez. 2024.

PETERS, Jay. **Threads isn’t for news and politics, says Instagram’s boss**. 7 jul. 2023. Disponível em: <https://www.theverge.com/2023/7/7/23787334/instagram-threads-news-politics-adam-mosseri-meta-facebook>. Acesso em: 3 jul. 2024.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana e SCALCO, Lucia Mury. Da Esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política: A reinvenção da direita no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 53-59.

PIVA, Juliana Dal. Eduardo Bolsonaro fez 125 reuniões com ultradireita na América Latina e EUA. **UOL**. 7 ago. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/juliana-dal-piva/2023/08/07/eduardo-bolsonaro-fez-125-reunioes-com-ultradireita-na-america-latina-e-eua.htm>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PIVA, Juliana Dal. **Quem são os jovens recrutados por Carlos Bolsonaro para erguer o aparelho digital do governo**. 14 jun. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/quem-sao-os-jovens-recrutados-por-carlos-bolsonaro-para-erguer-o-aparelho-digital-do-governo.html>. Acesso em: 7 maio 2024.

PODER 360. **Zapgate: saiba tudo o que já foi publicado sobre o assunto**. 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/zapgate-saiba-tudo-o-que-ja-foi-publicado-sobre-o-assunto/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

PODER 360. **Folha mostra mensagens e afirma que Hans River mentiu à CPMI das fake news**. 12 fev. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/folha-mostra-mensagens-e-afirma-que-hans-river-mentiu-a-cpmi-das-fake-news/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

Por que gesto de ‘OK’ levou ex-assessor de Bolsonaro à condenação?. **UOL**, 18 dez. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/12/18/filipe-martins-condenado-por-que-gesto-de-ok-pode-representar-racismo.htm>. Acesso em: 13 jan. 2024.

Por que o Foro de São Paulo é mais importante para a direita do que para a esquerda? **UOL**. 24 jul. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/07/24/por-que>

o-foro-de-sao-paulo-e-mais-importante-para-a-direita-do-que-para-a-esquerda.htm. Acesso em: 15 nov. 2024.

PORTINARI, Natália. **Canais na internet ganharam dinheiro com fake news sobre Covid, informa Google à CPI**. 11 jun. 2021. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/canais-na-internet-ganharam-dinheiro-com-fake-news-sobre-covid-informa-google-cpi.html>. Acesso em: 4 maio 2024.

PRAZERES, Leandro. Pedido focado em Bolsonaro e falha técnica: especialistas questionam contestação de eleição pelo PL. **BBC**, 22 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63724600>. Acesso em: 26 dez. 2024.

Presidente do TSE inaugura Centro Integrado de Combate à Desinformação. **TSE**, 12 mar. 2024. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2024/Marco/presidente-do-tse-inaugura-centro-integrado-de-combate-a-desinformacao>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Professor critica Kicis por usar “frustração de cientista” politicamente. **Poder 360**, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/professor-critica-kicis-por-usar-frustracao-de-cientista-politicamente/>. Acesso em: 26 dez. 2024.

RASPER, Anke. "Narrativa populista evoca nostalgia, medo e herói salvador". **DW**. 30 out. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/narrativa-populista-evoca-nostalgia-medo-e-her%C3%B3i-salvador/a-46080324>. Acesso em: 12 nov. 2024.

RÊGO, Ana Regina. Agnotologia e a produção da ignorância. **Acesse Piauí**. 12 dez. 2019. Disponível em: https://www.acessepiaui.com.br/ver_coluna2/2767-agnotologia-e-a-producao-da-ignorancia. Acesso em: 29 nov. 2024.

RÊGO, Ana Regina; BARBOSA, Marialva. **A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

REIS, Daniel; CERQUEIRA, Carolina. **Confira os principais nomes do bolsonarismo eleitos ao Congresso**. 30 out. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/confira-os-principais-nomes-do-bolsonarismo-eleitos-ao-congresso/>. Acesso em: 4 maio 2024.

Resolução Nº 23.732, de 27 de fevereiro de 2024. **TSE**, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2024/resolucao-no-23-732-de-27-de-fevereiro-de-2024>. Acesso em: 14 mar. 2024.

RIBEIRO, André; LOBATO, Isabela. **Brasileiros viram 'bots humanos' em fazendas de clique por menos de 1 centavo**. 21 maio 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/05/brasileiros-viram-bots-humanos-em-fazendas-de-clique-por-menos-de-1-centavo.shtm>. Acesso em: 15 abr. 2024.

RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luiz Fernando. **Jornal da Cidade Online usa perfis apócrifos para atacar políticos e magistrados**. 4 jul. 2019. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/jornal-da-cidade-online-usa-perfis-apocrifos-para-atacar-politicos-e-magistrados/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

RIEH, Soo Young (2010). **Credibility and Cognitive Authority of Information**, Encyclopedia of Library and Information Sciences, Third Edition, 1: 1, 1337 — 1344.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento coletivo ou militância? In: GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 47-52.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: Da guerra cultural o terrorismo doméstico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

ROCHA, Marcelo. PL ignora Moraes e insiste em contestar resultado apenas do 2º turno. **Folha de São Paulo**, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/pl-ignora-moraes-e-insiste-em-contestar-resultado-apenas-do-2o-turno.shtml>. Acesso em: 26 dez. 2024.

RODRIGUES, Douglas. **Redes de Bolsonaro crescem 43% em 2019 e somam 731,4 milhões de interações**. 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/redes-de-bolsonaro-crescem-43-em-2019-e-somam-7314-milhoes-de-interacoes/>. Acesso em: 4 maio 2024.

RODRIGUES, Mateus; GOMES, Pedro Henrique; BARBIÉRI, Luiz Felipe. Bolsonaro reúne embaixadores para repetir sem provas suspeitas já esclarecidas sobre urnas. **G1**, 18 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/18/bolsonaro-reune-embaixadores-para-repetir-sem-provas-suspeitas-ja-esclarecidas-sobre-urnas.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

RODRIGUES, Paloma; GOMES, Pedro Henrique. **Sócio da Yacows diz que empresa fez disparos em massa para Bolsonaro, Haddad e Meirelles**. [S. l.], 19 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/19/socio-da-yacows-diz-que-empresa-fez-disparos-em-massa-para-bolsonaro-haddad-e-meirelles.ghtml>. Acesso em: 3 mar. 2024.

ROSANVALLON, Pierre. **A contrademocracia: a política na era da desconfiança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2022.

ROSASCO, Vitor; TEIXEIRA, Pedro S. **Google amplia uso de IA em buscas e preocupa produtores de conteúdo**. 14 maio 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2024/05/google-integra-ia-generativa-as-buscas-com-promessa-de-acabar-com-trabalho-bracal.shtml>. Acesso em: 5 jul. 2024.

RUDNITZKI, Ethel; BARBOSA, João; NALON, Tai. **Desinformação eleitoral alcança 30 milhões impulsionada por Telegram, WhatsApp e anúncios do Google**. 19 set. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/desinformacao-eleitoral-alcanca-30-milhoes-impulsionada-por-telegram-whatsapp-e-anuncios-do-google/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SADEGHI, McKenzie; ARVANITIS, Lorenzo. **Rise of the Newsbots: AI-Generated News Websites Proliferating Online**. 1 maio 2023. Disponível em: <https://www.newsguardtech.com/special-reports/newsbots-ai-generated-news-websites-proliferating/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SAID, Flávia. **Ex-aliados de Bolsonaro mostram como funciona o Gabinete do Ódio**. 28 maio 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 7 maio 2024.

SAKAMOTO, Leonardo. STF julga inconstitucional impressão de voto, antiga bandeira de Bolsonaro. **UOL**, 15 set. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/09/15/stf-julga-inconstitucional-o-voto-impresso-bandeira-historica-de-bolsonaro.htm>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SALAS, Javier. **Robôs e ‘trolls’, as armas que Governos usam para envenenar a política nas redes**. 24 nov. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/22/tecnologia/1511352685_648584.html. Acesso em: 22 abr. 2024.

SALVIANO, Murilo; ZANCHETTA, Diego; FERREIRA, Alan Graça; DUTRA, Nancy. **Exclusivo: detalhes inéditos da investigação do Facebook que derrubou perfis bolsonaristas**. 2 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/02/exclusivo-detalhes-ineditos-da-investigacao-do-facebook-que-derrubou-perfis-bolsonaristas.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2024.

SANCHES, Mariana. Nos EUA, Bolsonaro diz que coronavírus é ‘superdimensionado’ e fala em fraude na eleição de 2018 sem mostrar provas. **BBC**, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51810489>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SANCHES, Neuza. Exclusivo: **WhatsApp é líder e está em 99% dos celulares no Brasil**. 22 mar. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/neuza-sanches/exclusivo-whatsapp-e-lider-e-esta-em-240-milhoes-de-celulares-no-brasil>. Acesso em: 5 mar. 2024.

SANTINI, Rose Marie; MARTINS, Bruno Mauricio Mattos; COSTA, Giulia Vitória Araújo. **Terra Brasil Notícias: Os donos por trás do portal de junk news**. Rio de Janeiro, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/terra-brasil-not%C3%ADcias-os-donos-por-tr%C3%AAs-do-portal-de-junk-news>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTINI, Rose Marie; SALLES, Débora Gomes; ESTRELLA, Charbelly; BARROS, Carlos Eduardo e OROFINO, Daniela: **Bots as online impersonators: automated manipulators and their different roles on social media**. International Review of Information Ethics (IRIE). Edmonton, Canadá, v.30, ed.1, 31 ago. 2021.

SANTINI, ROSE MARIE; TUCCI, GIULIA ; SALLES, D. ; ALMEIDA, A. R. D.. **Do You Believe in Fake after All? WhatsApp Disinformation Campaign during the Brazilian 2018 Presidential Elections**. In: Guillermo López-García; Bella Palomo; Dolors Palau-Sampió; Eva Campos-Domínguez; Pere Masip Masip. (Org.). Politics of Disinformation: The Influence of Fake News on the Public Sphere. 1ed.Nova Jersey, EUA: Wiley, 2021, v., p. 1-22.

SCHNEIDER, Marco. **A Era da Desinformação: pós-verdade, fake news e outras armadilhas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SCHNEIDER, Marco. Pós-verdade no Brasil: o irrealismo alucinado das redes digitais. **Latinoamérica21**. 17 out. 2021. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/pt-br/pos-verdade-no-brasil-o-irrealismo-alucinado-das-redes-digitais/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SCHNEIDER, Marco André Feldman. **In(com)formação**. Youtube. 13 nov. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WDYX-gLM2mE>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SCHUCH, Matheus. Não há diferença entre ditadura feita por armas e por canetas, diz Bolsonaro. **Valor Econômico**, 10 fev. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/02/10/no-h-diferena-entre-ditadura-feita-por-armas-e-por-canetas-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

‘Se tudo depender de mim, não seria este regime’, diz Bolsonaro. **O Globo**, 20 fev. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/se-tudo-depender-de-mim-nao-seria-este-regime-diz-bolsonaro-24891463>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Senadores querem esclarecimentos sobre suposto plano de golpe por parte de Bolsonaro. **Agência Senado**, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/30/senadores-querem-esclarecimentos-sobre-suposto-plano-de-golpe-por-parte-de-bolsonaro>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SHORES, Nicholas; LAGUNA, Eduardo; GALVÃO, Daniel. "Como é fácil impor uma ditadura no Brasil", diz Bolsonaro. **Terra**, 11 mar. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/como-e-facil-impor-uma-ditadura-no-brasil-diz-bolsonaro,f3e050c4c116cab263fecadd2e758128v7bl5tad.html>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SHURIG, Sofia. **Meta vai rotular imagens criadas por Inteligência Artificial**. 7 fev. 2024. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/curtas/2024-02-07-meta-rotulos-ia-checagem/?ref=prensadao-newsletter>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SILVA, Ergon Cugler de Moraes. Desinformação sobre urnas eletrônicas persiste fora dos períodos eleitorais. **Monitor do debate político no meio digital**, 22 mar. 2023. Disponível em: <https://www.monitordigital.org/2023/05/18/nota-tecnica-16-desinformacao-sobre-urnas-eletronicas-persiste-fora-dos-periodos-eleitorais/>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SILVERMAN, Craig; ALEXANDER, Lawrence. **How Teens In The Balkans Are Duping Trump Supporters With Fake News**. 3 nov. 2016. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/craigsilverman/how-macedonia-became-a-global-hub-for-pro-trump-misinfo>. Acesso em: 28 abr. 2024.

Só mais 72 horas: A história dos bolsonaristas radicais em Brasília, a espera por uma decisão que não veio e o que acontecia enquanto isso fora do movimento golpista. **G1**. 2023. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/politica/2023/so-mais-72-horas-acampamento-bolsonaristas-radicais/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

SOARES, Ingrid. Aos gritos, Bolsonaro ataca Moraes e diz que ministro cometeu "crime". **Correio Braziliense**, 7 out. 2022. Disponível em: <https://www.correiobrasilense.com.br/politica/2022/10/5042824-aos-gritos-bolsonaro-ataca-moraes-e-diz-que-ministro-cometeu-crime.html>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro afirma que "voto impresso deve ser uma realidade em 2022". **Correio Braziliense**, nov. 2020. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/11/4890280-bolsonaro-afirma-que-voto-impresso-deve-ser-uma-realidade-em-2022.html>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro: Forças Armadas devem "apoio total às decisões do presidente". **Correio Braziliense**, 12 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4943305-bolsonaro-forcas-armadas-devem-apoio-total-as-decisoes-do-presidente.html>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro sobre voto impresso e STF: "Promulgando, não vai ser derrubado, não". **Correio Braziliense**, 11 maio 2025. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4923798-bolsonaro-sobre-voto-impresso-promulgando-nao-vai-ser-derrubado-nao.html>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SOARES, Ingrid. Em live, Bolsonaro faz ataques a Moraes: "Seja homem uma vez na vida". **Correio Braziliense**, 29 set. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/09/5040565-seja-homem-uma-vez-na-vida-diz-bolsonaro-a-alexandre-de-moraes.html>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SOARES, Matheus. **Threads é invadido por bots e lança estratégia parecida com a do Twitter**. 18 jul. 2023. Disponível em: <https://desinformante.com.br/linha-do-tempo/threads-ataque-bots/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SOPRANA, Paula. **Facebook reduz conteúdo político no Brasil a 3 meses da eleição**. São Paulo, 7 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/07/facebook-reduz-conteudo-politico-no-brasil-a-3-meses-da-eleicao.shtml>. Acesso em: 3 jul. 2024.

STABILE, Arthur. **André Janones usa perfil 'troll' para engajar Lula nas redes sociais**. 28 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/28/de-presidencia-avel-a-cabo-eleitoral-andre-janones-usa-perfil-troll-para-engajar-lula-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2024.

STF autoriza retorno imediato do X e determina que Anatel adote providências para retomada do serviço. **STF**, 8 out. 2024. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-autoriza-o-retorno-imediato-do-x-e-determina-que-anatel-adote-providencias-para-a-retomada-do-servico/>. Acesso em: 9 out. 2024.

STF proíbe que Bolsonaro faça campanha para população furar isolamento. **Exame**, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/stf-proibe-que-bolsonaro-faca-campanha-para-populacao-furar-isolamento/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

TAVARES, Clarice; BORGES, Ester. **Falando sobre ataques online e trolls**. InternetLab / Redes Cordiais, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://internetlab.org.br/pt/noticias/como-lidar-com-ataques-online-e-trolls/>.

TELES, Nayra. **Instagram terá novos recursos anti-spam para evitar conteúdos indesejados**. 15 dez. 2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/12/15/internet-e-redes-sociais/instagram-tera-novos-recursos-anti-spam-para-evitar-conteudos-indesejados/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

TORO Investimentos. **Custo de oportunidade:** o que é e como calcular? 2 abr. 2024. Disponível em: <https://blog.toroinvestimentos.com.br/investimentos/custo-de-oportunidade/>. Acesso em: 5 jul. 2024.

TSE autoriza repetição de testes de segurança nas urnas eletrônicas. **TSE**, 26 fev. 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Fevereiro/tse-autoriza-repeticao-de-testes-de-seguranca-nas-urnas-eletronicas>. Acesso em: 26 dez. 2024.

TSE e Anatel assinam acordo para reforçar o combate à desinformação com uso de IA. **TSE**, 5 dez. 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Dezembro/tse-e-anatel-assinam-acordo-para-reforcar-o-combate-a-desinformacao-com-uso-de-inteligencia-artificial>. Acesso em: 13 mar. 2024.

TSE proíbe envio em massa de propaganda por aplicativos nas eleições de 2022. **G1**, 15 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/12/15/tse-proibe-envio-em-massa-de-propaganda-por-aplicativos-nas-eleicoes-de-2022.ghtml>. Acesso em: 3 mar. 2024.

TSE responde 20 declarações de Bolsonaro a embaixadores; leia. **Poder 360**, 18 jul. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/tse-responde-20-declaracoes-de-bolsonaro-a-embaixadores-leia/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

Teste feito por equipe da Unicamp revelou falhas de segurança nas urnas eletrônicas. **Senado Notícias**, 6 mar. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/03/06/teste-feito-por-equipe-da-unicamp-revelou-falhas-de-seguranca-nas-urnas-eletronica>. Acesso em: 26 dez. 2024.

TUROLLO JR, Reynaldo. Sob comando de Bolsonaro, um terço das blitzes da PRF no segundo turno ocorreu no Nordeste. **O Globo**, 3 jul. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/07/sob-comando-de-bolsonaro-um-terco-das-blitzes-da-prf-no-segundo-turno-ocorreu-no-nordeste.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2025.

TYNAN, Dan. **How Facebook powers money machines for obscure political 'news' sites.** San Francisco, 24 ago. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/aug/24/facebook-clickbait-political-news-sites-us-election-trump>. Acesso em: 28 abr. 2024.

Urna eletrônica 25 anos: lançado em 1996, equipamento é o protagonista da maior eleição informatizada do mundo. **TSE**, 7 maio 2021. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Maio/urna-eletronica-25-anos-lancado-em-1996-equipamento-e-o-protagonista-da-maior-eleicao-informatizada-do-mundo>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VALENÇA, George. **Vamos ter de conviver com deepfakes nas eleições, como disse o ministro Barroso?** Matheus Soares. Desinformante. 7 mar. 2024. Disponível em: <https://desinformante.com.br/deepfakes-eleicoes/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

VALLONE, Giuliana. **Inspirado nos EUA, Bolsonaro adota tática de troll:** testar limites para ganhar visibilidade, diz filósofo. 22 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51511316>. Acesso em: 29 abr. 2024.

VALOR ECONÔMICO. **Janones briga com Adrilles e Nikolas durante debate e Band mobiliza seguranças**. 28 ago. 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/janones-briga-com-adrilles-e-nikolas-durante-debate-e-band-mobiliza-seguranças/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

VARGAS, Mateus; GARCIA, Larissa. Não desejo provocar rupturas, mas tudo tem limite, diz Bolsonaro em nova ameaça golpista. **Folha de São Paulo**, 28 ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/nao-desejo-provocar-rupturas-mas-tudo-tem-limite-diz-bolsonaro-em-nova-ameaca-golpista.shtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VASCONCELLOS, Jorge. Bolsonaro ameaça agir fora das "quatro linhas da Constituição". **Correio Braziliense**, 4 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4941803-investigado-pelo-stf-bolsonaro-volta-a-ameacar-as-eleicoes-de-2022.html>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VELLOSO, Ministro Carlos Mário da Silva. Prefácio do Livro “O voto informatizado: Legitimidade democrática”. In: ALVIM, Frederico Franco; NETO, Jaime Barreiros; SANTIAGO, Marta Cristina Jesus. **25 anos da urna eletrônica: tecnologia e integridade nas eleições brasileiras**. 1. ed. Salvador: Tribunal Regional Eleitoral da Bahia, 2021. p. 23-28.

VITAL, Danilo. Sem usar inquérito das fake news, TSE absolve Bolsonaro por disparos em massa. **Consultor Jurídico**, 3 fev. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-fev-09/nao-provas-disparos-massa-favor-bolsonaro/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

VITAL, Danilo. TSE instaura inquérito e pede investigação contra Bolsonaro por ataque eleitoral. **Consultor Jurídico**, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-ago-02/tse-instaura-inquerito-envia-noticia-crime-stf-bolsonaro/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. **The spread of true and false news online**. Revista Science, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 9 mar. 2018.

WALLACE, Arturo. QAnon: como e por que grupos ligados a teoria da conspiração estão se multiplicando na América Latina. **BBC**. 1 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53980307>. Acesso em: 12 nov. 2024.

WhatsApp admite envio ilegal de mensagens nas eleições 2018. **Agência Ansa**, 8 out. 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/10/whatsapp-admite-envio-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-2018.html>. Acesso em: 3 mar. 2024.

WHITTLE, Helen. Solidão ameaça a democracia, afirma estudo. **DW**. 18 mar. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/solid%C3%A3o-amea%C3%A7a-a-democracia-afirma-estudo/a-68605596>. Acesso em: 9 nov. 2024.

ZARUR, Camila; VIDON, Filipe; COUTO, Marlen. Teorias conspiratórias mobilizam o bolsonarismo com explicações simplórias da realidade. **O Globo**. 23 jun. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/teorias-conspiratorias-mobilizam-bolsonarismo-com-explicacoes-simplorias-da-realidade-1-25072853>. Acesso em: 11 nov. 2024.

ANEXOS

ANEXO A – Publicações analisadas

Chegador	Título	Quem falou	O que diz a mensagem	Estratégia de convencimento	Estilo usado
Lupa	TSE não ‘entregou códigos das urnas eletrônicas à Venezuela’	Site hiperpartidário	Guerra cultural	Cherry picking	Jornalístico
Lupa	São falsas capas de revistas com diretor da OEA reconhecendo fraude nas urnas	Página do Facebook	Urnas são fraudadas	Saiu na mídia	Jornalístico
Lupa	É falsa notícia de que PF apreendeu van com 152 urnas manipuladas	Página do Facebook	Urnas são fraudadas	Saiu na mídia	Jornalístico
Lupa	Vídeo de urna que se ‘autocompleta’ é montagem, diz Justiça Eleitoral	Político/Candidato	Urnas são fraudadas	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Denúncia
Lupa	Boletim de urna que mostra Haddad com 9 mil votos é montagem	Bolsonaro	Urnas são fraudadas	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Denúncia
Lupa	Eleitor que denunciou ‘urna falsificada’ ao tentar votar em Bolsonaro errou ordem de votação	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Relato de flagrante	Denúncia
Lupa	‘Fraude’ em urna de Suzano (SP) era, na verdade, erro de eleitora	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Relato de flagrante	Denúncia
Lupa	São falsas ‘notícias’ sobre urnas apreendidas com votos para Haddad no RS e AM	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Saiu na mídia	Jornalístico
Aos Fatos	Site publica informações falsas e distorcidas sobre ataque hacker à urna eletrônica	Site hiperpartidário	Ataque Hacker	Cherry picking	Jornalístico
Aos Fatos	Não podemos esquecer que em 2014, Dilma (...), em Quito, entre outras medidas, decidiu criar uma Unidade Técnica Eleitoral Sul-Americana. O PT descobriu o caminho para o poder: o voto eletrônico	Bolsonaro	Guerra cultural	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Aos Fatos	É falso que 7,2 milhões de votos foram anulados pelas urnas na eleição de 2018	WhatsApp	Contra instituição	Invenção descabida	Sensacionalismo
Aos Fatos	OEA não fez reunião secreta com PT, não é comandada por venezuelanos nem fiscalizará eleições	Página do Facebook	Guerra cultural	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Aos Fatos	Não é verdade que o TRE-SP identificou urnas que ‘adulteraram os votos digitados’	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Aconteceu um erro	Sensacionalismo

Lupa	Incêndio em galpão com urnas na Venezuela aconteceu antes, e não depois, de acusação de Bolsonaro contra o TSE	Site hiperpartidário	Guerra cultural	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	É falso que somente Brasil, Cuba e Venezuela usam urnas eletrônicas	Circula nas redes	Guerra cultural	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	É falso que software de urnas brasileiras foi entregue para ‘três venezuelanos e um português’	Pessoa desconhecida	Guerra cultural	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	É falso que urnas eletrônicas do DF foram violadas nas eleições de 2018	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Relato de flagrante	Denúncia
Lupa	É falso que mesários podem transferir votos abrindo sistema da urna eletrônica	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	É falso que TSE pode incluir justificativas como votos registrados na urna	Influencer	Contra instituição	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	É falso que urnas indicaram mensagem de ‘candidato inexistente’ para filho de Bolsonaro	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Relato de flagrante	Denúncia
Lupa	É falso que ‘ataque hacker’ ao TSE revelou insegurança ou fraude nas urnas	Circula nas redes	Ataque Hacker	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Jornalístico
Lupa	É falso que estabilidade em percentual de votos na eleição em São Paulo é indício de fraude	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	Urnas eletrônicas do Brasil podem ser auditadas e é possível recontar votos	Pessoa desconhecida	Contra instituição	Não foi possível identificar	Sensacionalismo
Lupa	É falso que vereadora de Palmas (TO) teve votos ‘roubados’ depois da apuração	Político/Candidato	Urnas são fraudadas	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Denúncia
Lupa	Sem provas, denúncia de ‘fraude’ nas eleições de 2018 foi analisada e rechaçada pelo TSE	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Aconteceu um erro	Sensacionalismo
Lupa	É falso que urna em Macaé (RJ) não registrou voto em candidato a vereador	Página do Facebook	Urnas são fraudadas	Aconteceu um erro	Denúncia
Lupa	Vídeo que simula funcionamento da urna eletrônica não comprova que o equipamento pode ser fraudado	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Apelo à autoridade	Argumentações inverídicas
Lupa	Boletim de urna mostrado em vídeo não tem resultado diferente de aplicativo do TSE	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Denúncia

Lupa	É falso que urnas eletrônicas foram furtadas por partidários de candidato à prefeitura de Fortaleza	Circula nas redes	Guerra cultural	Relato de flagrante	Denúncia
Lupa	Seções eleitorais que não aparecem no menu de resultados do TSE foram agregadas, e votos foram contabilizados normalmente	Político/Candidato	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	Denúncia
Lupa	É falso que partidários de candidato à prefeitura de Fortaleza foram ‘pegos com urnas em carro particular’	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Relato de flagrante	Denúncia
Lupa	Palocci não disse que urnas eletrônicas foram trazidas para o Brasil para favorecer partidos de esquerda	Circula nas redes	Guerra cultural	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Sensacionalismo
Lupa	É falso que Argentina e Venezuela utilizam as mesmas urnas eletrônicas em eleições	Circula nas redes	Guerra cultural	Invenção descabida	Sensacionalismo
Aos Fatos	É falso que todas as zonas eleitorais de São Paulo tiveram o mesmo resultado	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Cherry picking	Denúncia
Lupa	Vídeo da GloboNews é tirado de contexto para atacar urnas eletrônicas brasileiras	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Jornalístico
Lupa	É falso que Brasil é o único país que utiliza urnas eletrônicas sem voto impresso	Site hiperpartidário	Críticas às urnas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	Vídeo que fala sobre suposta fraude de urnas eletrônicas traz informações erradas sobre processo eleitoral	WhatsApp	Guerra cultural	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	Vídeo de documentos eleitorais descartados é de 2014 e não mostra insegurança de urna eletrônica	Pessoa desconhecida	Críticas às urnas	Aconteceu um erro	Sensacionalismo
Lupa	Em culto transmitido em TV pública, Bolsonaro insiste em mentiras sobre ‘fraude’ em eleições e óbitos por Covid-19	Bolsonaro	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	Vídeo exibido em live de Bolsonaro não prova que código-fonte da urna eletrônica pode ser fraudado	Bolsonaro	Urnas são fraudadas	Apelo à autoridade	Argumentações inverídicas
Lupa	Post usa informações falsas ao afirmar que houve fraude nas eleições de 2014 e 2018	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Apelo à autoridade	Argumentações inverídicas

Lupa	Relatório do TSE não admite adulteração do código-fonte das urnas eletrônicas	Político/Candidato	Ataque Hacker	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas
Lupa	É falso que inquérito da PF de 2018 investiga servidor do TSE que auxiliou na criação da urna eletrônica	Circula nas redes	Ataque Hacker	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	É falso que IME e ITA ofereceram protótipo de urna eletrônica com voto impresso para o TSE	Pessoa desconhecida	Apelo ao voto impresso	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	Em live, Bolsonaro erra sobre apurações de votos em 2014 e 2018 - Aécio e Dilma alternaram na liderança 240 vezes na apuração	Bolsonaro	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Argumentações inverídicas
Lupa	Em live, Bolsonaro erra sobre apurações de votos em 2014 e 2018 - Quem tirou o Lula da cadeia vai contar os votos	Bolsonaro	Contra instituição	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	Em live, Bolsonaro erra sobre apurações de votos em 2014 e 2018 - Modelo usado somente no Butão, Bangladesh e Brasil	Bolsonaro	Críticas às urnas	Cherry picking	Sensacionalismo
Lupa	Em live, Bolsonaro erra sobre apurações de votos em 2014 e 2018 - A maioria da população é favorável à mudança do modelo de voto	Bolsonaro	Apelo ao voto impresso	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	Bolsonaro mente ao apresentar 'provas de fraude' nas eleições de 2014 e 2018 - 80% do Nordeste e 20% do Sudeste apurado	Bolsonaro	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Argumentações inverídicas
Lupa	Bolsonaro mente ao apresentar 'provas de fraude' nas eleições de 2014 e 2018 - Por que mantém hacker preso	Bolsonaro	Ataque Hacker	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	Quantidade de votos brancos, nulos e abstenções não foi igual nas eleições de 2004 em Guarulhos	Político/Candidato	Urnas são fraudadas	Apelo à autoridade	Argumentações inverídicas
Lupa	É falso que 80% das urnas eletrônicas do Brasil 'estão fraudadas'	Artista	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	Luana Piovani não gravou áudio defendendo Bolsonaro e criticando urnas eletrônicas	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Sensacionalismo
Lupa	É falso que Globo admitiu, antes de Bolsonaro, que urnas podem ser fraudadas	Político/Candidato	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Jornalístico

Aos Fatos	Roberto Jefferson distorce informações ao lançar acusações ao STF no Twitter	Político/Candidato	Contra instituição	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas
Aos Fatos	Voto impresso foi aprovado na CCJ em 2019, não recentemente	Circula nas redes	Contra Ministro do STF	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Aos Fatos	É falso que Moraes declarou que não haverá voto impresso nem Bolsonaro em 2022	Página do Facebook	Contra Ministro do STF	Invenção descabida	Sensacionalismo
Aos Fatos	Trecho de lei de 2002 que determinava impressão do voto não está mais em vigor	Circula nas redes	Apelo ao voto impresso	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Aos Fatos	Youtuber distorce falas de Barroso ao alegar mudança de opinião sobre voto impresso	Político/Candidato	Contra Ministro do STF	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Aos Fatos	Não é verdade que urnas eletrônicas do TSE podem ser invadidas pela internet	Político/Candidato	Urnas são fraudadas	Apelo à autoridade	Argumentações inverídicas
Aos Fatos	Denúncia de fraude em urna eletrônica no MA é antiga e não foi comprovada pela PF	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Jornalístico
Aos Fatos	Foto mostra manifestação pelo impeachment de Dilma, não ato pelo voto impresso no RJ	Circula nas redes	Apelo ao voto impresso	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Sensacionalismo
Aos Fatos	Imagem de protesto contra Dilma em 2015 é atribuída em posts a ato por voto impresso	Político/Candidato	Apelo ao voto impresso	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Sensacionalismo
Aos Fatos	Asilo político de Protógenes Queiroz na Suíça não tem a ver com acusação de fraude em urna	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Jornalístico
Aos Fatos	Denúncia sobre boletim de urna no lixo não prova que houve fraude na eleição de 2018	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Denúncia
Aos Fatos	É falso que TSE entregou código-fonte das urnas eletrônicas à Smartmatic	Pessoa desconhecida	Guerra cultural	Cherry picking	sensacionalismo
Aos Fatos	Acabei de digitar 17 e apareceu voto nulo	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Relato de flagrante	Denúncia
Aos Fatos	A gente viu até vídeo que você clica no número um e já aparece a foto do capiroto, do Haddad”. Então, assim, é bem complicado, né?	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Aos Fatos	Olha o que achamos aqui na rua jogado. Todo material do mesário aqui na Vila Rosa	pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Aconteceu um erro	Denúncia

Aos Fatos	Luís Roberto Barroso: 'Há risco de fraude no sistema eleitoral brasileiro'	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Sensacionalismo
Lupa	É falso que Bolsonaro exigiu do TSE cumprimento de lei sobre voto impresso	Circula nas redes	Apelo ao voto impresso	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	Aplicativo que simula votação em Lula não tem relação com urnas eletrônicas oficiais	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	É falso que dispositivo 'chupa cabra' consegue transferir votos de um candidato para outro	Se coloca como autoridade	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Denúncia
Lupa	Trecho de vídeo de 2018, que cita erros já corrigidos nas urnas, viraliza fora de contexto	Se coloca como autoridade	Críticas às urnas	Cherry picking	Sensacionalismo
Lupa	É falso que peritos da PF demonstraram que urnas eletrônicas não são confiáveis	Político/Candidato	Críticas às urnas	Distorção da realidade	sensacionalismo
Lupa	É falso que as urnas eletrônicas não mudaram desde 1996	Circula nas redes	Críticas às urnas	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	Mulher em vídeo viral não é funcionária do TSE e falhas apontadas foram corrigidas	Se coloca como autoridade	Críticas às urnas	Apelo à autoridade	Denúncia
Lupa	É falso que QR Code no título de eleitor vem com fraude e vira voto para Lula	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Denúncia
Lupa	É falso que urna eletrônica realiza contagem secreta dos votos e registra 'o que quer' durante votação	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Argumentações inverídicas
Lupa	É falso vídeo que alerta sobre risco de o voto não ser computado na urna	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Denúncia
Lupa	É falso que urnas no interior do Rio estão carregadas com votos para Lula	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Relato de flagrante	Denúncia
Lupa	É falso que eleitores serão presos se denunciarem erro nas urnas	Circula nas redes	Contra Ministro do STF	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	É falso que STM determinou que Alexandre de Moraes explique 'manipulações jurídicas' do TSE	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	É falso que seção sem voto para Bolsonaro no MT comprova fraude eleitoral	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Denúncia
Lupa	É falso que eleição é 'teatro' e urnas eletrônicas estão conectadas a	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Denúncia

	sistemas Starlink e quântico				
Lupa	É falso vídeo sobre voto de eleitor ter sido computado para Lula e Bolsonaro	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Denúncia
Lupa	É falso que houve fraude no primeiro turno porque não havia tempo suficiente para votação	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas
Lupa	Voto em trânsito explica discrepância entre votos para presidente e outros cargos em seções eleitorais	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	Denúncia
Lupa	É falso que seção eleitoral em Macapá registrou número irregular de votos para presidente	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	Denúncia
Lupa	É falso que boletim de urna achado na rua em Curitiba não teve votos computados	Pessoa desconhecida	Críticas às urnas	Possível ignorância	Denúncia
Lupa	Smartmatic não fornece urnas eletrônicas e nem tem acesso a softwares utilizados nas eleições 2022	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Denúncia
Lupa	Não há irregularidade em vídeo que mostra urna transportada por táxi	Pessoa desconhecida	Críticas às urnas	Relato de flagrante	Denúncia
Lupa	Vídeo sobre falhas nos procedimentos da urna é falso	Pessoa desconhecida	Contra Ministro do STF	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	É falso que a Polícia Federal encontrou votos computados ao conferir urnas	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	denúncia
Lupa	Ex-vereador do PT não é dono de transportadora que levava urnas em SP	Site hiperpartidário	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	denúncia
Lupa	É antigo vídeo sobre acesso das Forças Armadas ao código-fonte das urnas	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Lupa	É falso que site revela voto nas eleições de 2022	Circula nas redes	Críticas às urnas	Invenção descabida	denúncia
Lupa	É falso que modelos de urnas usados na eleição não foram auditados	Influencer	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas
Lupa	Seções não encontradas no site do TSE foram agregadas, e votos foram contabilizados	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	denúncia
Lupa	É falso que relatório das Forças Armadas aponta insegurança das urnas	Influencer	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas
Lupa	São falsas alegações de fraude no processo eleitoral que circulam em mensagem viral no WhatsApp	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas

Lupa	Hackers não quebraram o código-fonte e descobriram vitória de Bolsonaro	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Lupa	É falso que Exército declarou Bolsonaro 'verdadeiro presidente' do Brasil	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Aos Fatos	Postagens enganam ao alegar que urna eletrônica deveria ser certificada pelo Inmetro	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas
Aos Fatos	Carregamento de cartão de memória usado em urna eletrônica não favorece ação de hackers	Pessoa desconhecida	Ataque Hacker	Apelo à autoridade	Argumentações inverídicas
Aos Fatos	Bolsonaristas usam reportagem do JN fora de contexto para reforçar desinformação sobre 'sala secreta' do TSE	Político/Candidato	Contra instituição	Distorção da realidade	Jornalístico
Aos Fatos	Vídeo sobre falhas já resolvidas em urnas viraliza em semana de testes de segurança no TSE	Político/Candidato	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas
Aos Fatos	STF derrubou lei sancionada por Lula para urna imprimir voto	Circula nas redes	Contra instituição	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Aos Fatos	Hacker foi preso por vazamento de milhões de brasileiros, não por invadir TSE	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Humor
Aos Fatos	Posts reciclam denúncia arquivada por falta de provas sobre vitória de Bolsonaro no 1º turno	Site hiperpartidário	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Jornalístico
Aos Fatos	Vídeo mostra simulação de fraude em urna diferente da usada no Brasil	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Apelo à autoridade	Denúncia
Aos Fatos	É falso que urnas de Cordeiro (RJ) tinham votos pré-registrados para Lula	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Denúncia
Aos Fatos	É falso que urnas estão sendo modificadas no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Saiu na mídia	Jornalístico
Aos Fatos	Vídeo de urna em portamalas de Uber em Campo Grande não mostra irregularidade	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	denúncia
Aos Fatos	Vulnerabilidades em urnas citadas em vídeo de 2014 já foram corrigidas	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Apelo à autoridade	Sensacionalismo
Aos Fatos	É falso que urnas tinham votos pré-registrados para Lula em Serafina Corrêa (RS)	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Saiu na mídia	Jornalístico
Aos Fatos	É falso que Polícia Federal identificou urnas com	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	denúncia

	votos já registrados em Brasília				
Aos Fatos	Queixas sobre urnas não serão feitas pelo app Pandal, do TSE, em 2022	Político/Candidato	Dá instrução errada	Distorção da realidade	Sensacionalismo
Aos Fatos	Vídeo engana ao afirmar que fotos de candidatos foram trocadas em Sapiranga (RS)	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	denúncia
Aos Fatos	Vídeo não mostra fraude, mas defeito em urna que foi substituída em Petrópolis (RJ)	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Aconteceu um erro	denúncia
Aos Fatos	É mentira que seção em Sete Lagoas (MG) registrou mais votos do que eleitores	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Aconteceu um erro	denúncia
Aos Fatos	Voto em trânsito explica número maior de eleitores em Macapá e Uberaba (MG), não fraude	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	Denúncia
Aos Fatos	Boletins de urna mostrados em vídeo não são de MG nem provam fraude	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	denúncia
Aos Fatos	Vídeo dissemina teoria conspiratória sobre hackers russos no TSE e manipulação na apuração	Circula nas redes	Ataque Hacker	Invenção descabida	Denúncia
Aos Fatos	É falso que Bolsonaro perdeu votos na totalização após aplicativo do TSE travar	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Argumentações inverídicas
Aos Fatos	É falso que foto de candidato não apareceu em urna de Taguatinga	Pessoa desconhecida	Críticas às urnas	Invenção descabida	Denúncia
Aos Fatos	Painel de mesário mostra número de eleitores com biometria, não votos para Lula e Bolsonaro	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	denúncia
Aos Fatos	Urna em Mato Grosso com 100% dos votos para Lula não é prova de fraude eleitoral	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Possível ignorância	denúncia
Aos Fatos	É falso que 5,1 milhões de votos foram 'roubados' de Bolsonaro	Empresário	Urnas são fraudadas	Apelo à autoridade	Argumentações inverídicas
Aos Fatos	Mulher em vídeo mente ao dizer que Bolsonaro não teve votos contados em Manicoré	Pessoa desconhecida	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	denúncia
Aos Fatos	As mentiras sobre a urna eletrônica divulgadas por site argentino a partir de texto apócrifo	Site hiperpartidário	Urnas são fraudadas	Distorção da realidade	Argumentações inverídicas
Aos Fatos	É falso que seção de Petrópolis não teve votos contabilizados	Pessoa desconhecida	Contra instituição	Possível ignorância	denúncia
Aos Fatos	É falso que voto de eleitor de Miami não foi	Pessoa desconhecida	Contra instituição	Possível ignorância	denúncia

	computado pelo TSE pois seção sumiu				
Aos Fatos	Eleitor brasileiro no Canadá engana ao sugerir em vídeo que seu voto não foi contabilizado	Pessoa desconhecida	Contra instituição	Possível ignorância	denúncia
Aos Fatos	É falso que TSE não contabilizou votos de São Pedro da Aldeia e isso indicaria fraude	Pessoa desconhecida	Contra instituição	Possível ignorância	denúncia
Aos Fatos	Militar assassinado em Campinas não integrava grupo de fiscalização das eleições	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Saiu na mídia	Jornalístico
Aos Fatos	Logs das urnas não identificam nomes e votos dos eleitores	Influencer	Contra instituição	Invenção descabida	Sensacionalismo
Aos Fatos	Vejam o depoimento do presidente do Catar na abertura da copa. O mundo já está sabendo que fomos roubados.	Circula nas redes	Urnas são fraudadas	Manipulação de vídeo/imagem/áudio	Sensacionalismo
Aos Fatos	É falso que um único mesário ‘ativou’ 5.000 urnas em cidades paulistas	Influencer	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Sensacionalismo
Aos Fatos	É falso que urnas foram substituídas no Japão por mostrar número 13 em vez de 22	WhatsApp	Urnas são fraudadas	Invenção descabida	Jornalístico

ANEXO 2 – Textos das postagens analisados

1. TSE entregou códigos de segurança das urnas eletrônicas para a Venezuela e negou acesso para auditores brasileiros
2. “Gerardo de Icaza, diretor da OEA, admitiu negociação para fraudar urna eletrônica e colaborar com o PT”, “Gerardo de Icaza abre a boca e assume fraude nas urnas em favor do PT”, “Gerardo de Icaza causa polêmica após assumir fraude em urnas nas Eleições 2018”
3. Acabou de dar na Record, PF prende uma van com 152 urnas eletrônicas, dessas 121 estavam preenchidas com voto para o Haddad com pelo menos 72% dos votos
4. Basta colocar o número 1 na urna e ela escolhe o candidato pra você
5. Só o Haddad teve 9909 votos em uma seção com 777 eleitores. Como assim?
6. Eu, Paulo Roberto Duarte Pereira, apertei no 17, Bolsonaro, está aparecendo ‘nulo’ aqui. (...) Vocês estão falsificando as urnas. Dezesete está aparecendo nulo
7. Denúncia de possível fraude na urna em Suzano São Paulo
8. Acabou de dar agora na Odisseia FM 104.9 que a Brigada Militar de Serafina Corrêa aprendeu 4 urnas eletrônicas (...), dessas 3 urnas estavam preenchida com voto para o Haddad com pelo menos 81%
9. Hackers invadem urnas eletrônicas, mas TSE insiste que são seguras. Você confia?
10. Não podemos esquecer que em 2014, Dilma (...), em Quito, entre outras medidas, decidiu criar uma Unidade Técnica Eleitoral Sul-Americana. O PT descobriu o caminho para o poder: o voto eletrônico
11. TSE informa: 7,2 milhões de votos anulados pelas urnas! A diferença de votos que levaria à vitória de Bolsonaro no primeiro turno foi de menos de 2 milhões. O TSE tem obrigação de esclarecer os motivos que levaram à anulação de mais de 7,2 milhões de votos que representam 6,2% do total. A anulação só pode acontecer em voto de papel, porque permite rasuras ou ambiguidade.
12. Qual teria sido o acordo selado entre OEA e PT que não foi selado com a campanha de Jair Bolsonaro?
13. Ficou provado no autoteste do TRE-SP que os teclados das urnas (Diebold) adulteraram os votos que eram digitados.

14. É inacreditável, mas as coisas começam a se encaixar. O presidente Jair Bolsonaro declara nos Estados Unidos que houve fraude na eleição presidencial de 2018. Na sequência, a Venezuela comunica que um ‘misterioso’ incêndio destruiu urnas eletrônicas no país
15. Você sabia que no mundo tem 193 países? Mas apenas 3 usam urnas eletrônicas? Brasil, Cuba, Venezuela
16. Urgente. Sistema eleitoral está violado. Urnas estão com software alterado (...). O software, que é o que está na urna, que é manipulável porque você tem a chave da urna. E quem tem a chave da urna para poder manipular o software: três venezuelanos e um português (...) que não residem no Brasil
17. Estou aqui na sede da Polícia Federal, fui acionado por um representante do TSE, responsável pela verificação das urnas, coleta de dados e envio. Ele informou que quando foi confirmar a chave dele, deu erro, a urna que deveria estar zerada já veio com suspeita de votos impressos. Informou ao responsável do TRE, e esse responsável passou para ele que ele deveria fazer da forma que tava e enviar. Ele se negou, fez contato com outros colegas do TI, esse problema é no DF, segundo informações que ele repassou é no Brasil inteiro
18. Já ouviu falar na fraude do mesário? Consiste no mesário abrir o sistema com sua senha e descarregar os votos nos candidatos deles
19. URGENTE: A invasão hacker do TSE revela a fraude nas urnas com a chancela da justiça eleitoral. A @crisbrasilreal descobriu que os votos válidos e os de quem justifica estão em banco de dados diferentes. Eles podem descarregar os votos de quem vai justificar na esquerda
20. Bom dia @CarlosBolsonaro votei agora no Colégio Santos Anjos. Zona 007, seção 435 e 443. Ao digitar seu número a urna informou que era candidato INEXISTENTE. Tivemos que chamar mesário e somente na quarta digitação do seu número apareceu a sua foto e a opção de confirmar o voto
21. Após negar ataque, TSE tem bancos de dados expostos por hackers em dia de eleição. TSE acaba de ser hackeado. O Tribunal negou o ataque e aí os hackers expuseram o banco de dados em dia de eleição. Pode confiar nas urnas eletrônicas, viu amiguinho. Voto impresso já!
22. ALGO ERRADO NÃO ESTÁ CERTO! DE 24 MIL VOTOS, 5 HORAS DE PARALIZAÇÃO SE QUALQUER EXPLICAÇÃO, PRA 2 MILHÕES E 400 MIL VOTOS APURADOS E AS PORCENTAGENS NÃO MUDARAM?
23. A nossa eleição é uma fraude pela urna ser secreta e não poder ter recontagem
24. A candidata a vereadora Rose Ribeiro afirma ter 1111 às 17:39 e após o apagão caiu para 58. Alguém pode me dar uma explicação plausível para isso que aconteceu em Palmas? Abaixo segue vídeo da reclamação de alguns candidatos a vereadores
25. Fraude nas urnas! Advogado e engenheiro protocolaram denúncias de fraude nas eleições de 2018. Análises matemáticas tiradas de dados oficiais do TSE indicam vitória de Bolsonaro no 1º turno. Os dados são robustos e ainda não foram contestados
26. CIDADÃO MACAENSE REGISTRA B.O. NA POLÍCIA FEDERAL DE POSSÍVEL FRAUDE EM URNA. Nesta terça-feira (17) um cidadão foi até a Polícia Federal e registrou uma possível fraude nas eleições em Macaé de 2020. O cidadão conta no B.O. no dia 15/11/2020 por volta 11 horas da manhã foi até a escola Almir Francisco Lapa, localizado no Parque Aeroporto (atrás do Brisolão) afim de votar na seção 0197, da 0254ª zona. Ao chegar neste local se identificou devidamente, e fora até a cabine de votação. Após digitar a numeração 28321, a máquina não mostrou os dados, nem a foto do correspondente candidato a vereador, e logo em seguida finalizou a votação, o impedido a votar para prefeito e não demonstrando que o voto teria ido para o candidato a vereador dele. Ao questionar a mesária a respeito do ocorrido, esta lhe teria dito que estaria tudo correto
27. Olha aí como funciona a fraude nas urnas eletrônicas
28. Naquela urna o candidato Pang Rocha teve apenas um voto e aqui [no boletim impresso] ele aparece com quatro [votos]. O Alex Souza nem aparece
29. ROUBO DE URNAS EM FORTALEZA/CE – 2 caba de amarelo (cor da campanha do poste dos Gomes) pegaram um monte de urna e já iam saindo de finim. Prestou não! A negada voou foi em cima. Barraco armado, chamaram a polícia e o diabo a quatro. Aí os caba amarelaram, mas foi de vez. Dentro do caminhão uma bandeira de campanha: advinha de quem?
30. Fraude nas eleições 2020? Amigos, atentos a essa postagem : Olhe só que coisa, nessa seção 0499 da segunda zona era pra ter pelo menos 1 voto para minha pessoa, voto do amigo Antônio Lucio Da Silva, conhecido no Canal NMP como Toni. Estava eu conferindo os meus votos por seção, quando chega a vez do Toni que vota na citada seção e zona acima. Como vocês podem conferir no comprovante de votação abaixo, E para a minha surpresa a seção 499 da segunda zona desapareceu do sistema do TSE como vocês também podem conferir na imagem abaixo, da seção 498 pula para seção 500. Compartilhem essa

- postagem para que todos possam conferir as suas seções e ver se achamos mas situações como está. Amanhã estou indo ao TRE para eles darem conta da seção 499 da segunda zona. Vou deixar aqui o link para consulta no site do TSE
31. GRAVE DESCOBERTA A MÁFIA DAS URNAS ADULTERADAS, CABOS ELEITORAIS DO SARTO PEGO COM AS URNAS EM CARRO PARTICULAR - JA NÃO BASTASSE OS CRIMES DE CORROMPER TODOS OS MESÁRIOS E FISCAIS DO TRE PRA ATUAR DENTRO DAS ESCOLAS E COMPRANDO VOTOS FORA, AGORA A CASA CAIU
 32. Nós trouxemos doutor, as urnas eletrônicas para o Brasil. Com objetivo de fraudar as eleições em benefício, de todos os partidos de esquerda
 33. Venezuela exportava Petróleo. Hoje passam 3 dias na fila para abastecer. O argentino comia a melhor picanha do mundo. Hoje comem frango podre para sobreviver. Em comum? As mesmas urnas eletrônicas!
 34. São Paulo é tudo igual, cara, tudo igual. Tudo a mesma composição
 35. Todas as urnas rackeadas (sic) em menos de duas horas
 36. Brasil é o único país que utiliza urnas eletrônicas sem voto impresso
 37. Essa daqui é a página da Ural, União das Repúblicas Socialistas da América Latina. Vocês podem pesquisar aqui. Eu tô no Facebook. Olha o que acabou de sair, 53 minutos atrás. Pode entrar aí no seu Facebook. Entra aqui nessa página para você ver, dar uma olhadinha nesse post deles aqui (...)
 38. Vejam o que foi encontrado em Goiânia. E ainda querem que acreditemos que a urna eletrônica é segura?
 39. Eu fui eleito no primeiro turno. Eu tenho provas materiais disso
 40. Primeiramente eu vou passar um vídeo que simula problemas que podem acontecer. É um programador que edita algumas linhas e altera o resultado da eleição
 41. Ainda que de conhecimento público, os vídeos que foram extraídos de populares foram meramente demonstrativos, pois há centenas de casos parecidos e remetem a casos de manipulação das urnas
 42. Um hacker ficou vários meses dentro do sistema do TSE conseguindo senhas, conseguindo informações confidenciais [...] inclusive tendo acesso ao código-fonte
 43. Esse é o Janino, conhecido como ‘pai das urnas eletrônicas’. Comandou as urnas no TSE por 15 anos. Qdo a PF ficou na cola dele, ele foi exonerado no TSE e virou ASSESSOR DO BARROSO boca de veludo!
 44. O Instituto Tecnológico da Aeronáutica se ofereceu para fazer um protótipo das urnas eletrônicas com voto impresso. O Instituto de engenharia militar também se ofereceu ao TSE para que produzissem esse protótipo de voto impresso nas urnas eletrônicas. Eles não aceitaram, eles recusaram ajuda dos institutos. Sem motivo aparente
 45. As curvas de Aécio e Dilma, quando se cruzaram, se estabeleceu um padrão dali pra frente (...) Isso é a mesma coisa que 240 vezes você jogar uma moeda para cima e, daí pra frente, uma hora da cara, outra da coroa
 46. As mesmas pessoas que tiraram o Lula da cadeia vão contar os votos
 47. Vale lembrar que o nosso sistema eleitoral só existe no Butão, Bangladesh e Brasil
 48. Hoje a maioria da população já é favorável à mudança do processo eleitoral.
 49. [Em 2018] Foi projetada uma imagem na televisão. (...). Mostrava lá, números aproximados, 80% do Nordeste apurado, 20% do Sudeste. As demais regiões, Sul, Centro-Oeste e Norte, em torno de 50% apurado. Me dava 49%
 50. Por que que mantém preso o hacker lá em Minas Gerais que teria invadido o sistema eleitoral do Supremo?
 51. Dia 7 de outubro de 2004, 79.927 eleitores não foram votar. 79.927 eleitores votaram brancos e nulos. E mais 79.927 apresentaram justificativa. Então essa coincidência improvável, impossível... Com esses 79.927, eles conseguiram inverter o resultado da eleição e fazer com que um candidato [a prefeito] da época ganhasse no primeiro turno.
 52. 80% das urnas no Brasil estão fraudadas.
 53. Se Bolsonaro não ganhar em primeiro turno eu acredito até nas urnas serem burladas, porque eu lembro quando Aécio tava ganhando, do nada, a Dilma virou
 54. Antes de Bolsonaro, a Globo admitiu a chance de fraude nas urnas
 55. O supremo sempre erra. Quem inventou 33 partidos? O STF. Quem inventou o financiamento público das eleições? O STF. Quem amarrou as mãos do Bolsonaro na pandemia? O STF. Quem está impondo a vacina chinesa ao povo? O STF. Quem proibiu o voto impresso contra a fraude? O STF
 56. Toma Barroso!!! Enfim uma notícia boa: voto impresso aprovado na CCJ. 33x5

57. Ministro Alexandre de Moraes do STF sobre o tom sobre ameaças de Bolsonaro. “Não terá voto impresso em 2022. Nem, talvez, Bolsonaro em 2022. O recado está dado”
58. Ai, Cardoso corrupto. E agora, José? A festa acabou o vinho secou e agora, José.
59. Veja ali [no vídeo], em 2017, quatro anos, nós temos ministros defendendo [o voto impresso], dizendo que seria bom, que viria somar ao sistema de apuração, o próprio Barroso dizendo isso. O que mudou de lá pra cá?
60. Geralmente, na hora da votação, ela [a urna eletrônica] é desligada [da internet]. Mas no automático, quando eles vão contar o voto, ela já é, sim, ligada e conectada à internet.
61. Confia nas urnas? Assista!
62. Copacabana 01/08/2021
63. 1984 brasileiros nas ruas pedindo o direito de votar. 2021 brasileiros nas ruas exigindo uma apuração confiável dos votos.
64. Mariana Godoy, ex-Globo, agora está na RedeTV!. Ela foi até a Suíça só para entrevistar o ex-delegado da polícia federal e deputado federal Protógenes Queiroz. E saber pq ele fugiu do Brasil. Motivo: Ele foi investigar as urnas eletrônicas, e acabou descobrindo que o PT nunca venceu uma eleição às claras no Brasil!! Ele teve que abandonar tudo, e fugir para a Suíça
65. Olha isso gente, é injusta essa apuração, era para ser no primeiro turno
66. BOMBA!!! O TSE entregou o código-fonte das urnas eletrônicas para a Smartmatic.
67. Acabei de digitar 17 e apareceu voto nulo
68. A gente viu até vídeo que você clica no número um e já aparece a foto do capiroto, do Haddad”. Então, assim, é bem complicado, né?
69. Olha o que achamos aqui na rua jogado. Todo material do mesário aqui na Vila Rosa
70. Luís Roberto Barroso: 'Há risco de fraude no sistema eleitoral brasileiro'
71. O Presidente exigiu o cumprimento dessa lei junto ao TSE. O Barroso ignorou e disse que as urnas foram atualizadas, são seguras e portanto não precisam de conferência externa
72. Vejam só o que esse esquerdopata está declarando, isso tem que chegar no MPF, OU NA POLÍCIA FEDERAL!
73. Eu vou mostrar um chupa cabra de urna eletrônica. (...) Aqui se transfere os votos do Celso Russomanno para Haddad
74. A verdade mais crua sobre o que vinha ocorrendo com as urnas eletrônicas usadas no nosso Sistema Eleitoral. Não adianta blá blá blá nem mi mi mi dos esquerdinhas. Tá! VOTO IMPRESSO AUDITÁVEL PUBLICAMENTE.
75. A informação que nós recebemos dos próprios peritos é que, ao serem convidados e ao examinarem a confiança das urnas eleitorais, espante-se, eu fiz questão de anotar. Os peritos criminais da Polícia Federal encontraram, primeiro, eles conseguiram fazer ataque no processo de inicialização das urnas, ou seja, já no processo que elas são inicializadas, eles conseguiram hackear isso. Segundo, esses técnicos conseguiram, olha que absurdo, gerar um boletim falso de urna. Eu estou falando de técnicos, peritos criminais da Polícia Federal. Também, eles conseguiram obter a chave criptográfica da urna, o que é um absurdo. É a alma da urna eletrônica e eles conseguiram. E por último, conseguiram o que talvez seja o mais absurdo de tudo: recuperar a ordem digital do registro do voto, que é o que garante o nosso sigilo de voto. Ou seja, eles conseguiram mostrar que a urna eletrônica não é confiável
76. As urnas eletrônicas começaram em 96 e são exatamente iguais às de hoje, só mudou um pouco seu layout (...)
77. Funcionária do TSE relata a vulnerabilidade do sistema eleitoral brasileiro, há código fonte frágil e não há como auditar. Nada pode provar se o voto que aparece na tela é o mesmo que foi registrado!!!
78. Todos os [títulos] novos já saem no QR Code L13, Lula 13 (...) Na hora que for passar lá na hora da votação, já sai o número do Lula
79. você vai digitar lá o número do seu candidato e vai apertar a tecla ‘confirma’, ok? O que foi que ela registrou aqui dentro, você viu? O que ela registrou? Não você não viu, ela registra o que ela quer
80. Não aperte confirmar antes do aviso no rodapé
81. Chegaram duas urnas aqui em Cordeiro, por volta do meio-dia. (...) A urna de uma sessão de Cordeiro, aqui do Rodolfo, que tem 327 eleitores, a urna chegou com 139 votos já de Lula, registrado na urna
82. E se aparecer número de outro candidato. NAO PODE RECLAMAR hein galerinha. Senão titio Alexandre de Moraes já mandou prender se fizer isso. Aceite fraudes calados

83. CHEQUE-MATE - Com provas de fraude eleitoral em mãos pela auditoria do exército, STM dá ao ministro Alexandre de Moraes 72 horas para explicar manipulações jurídicas do TSE nas eleições de 2022. Ministro saiu em silêncio e não quis dar entrevista após se reunir com Bolsonaro.
84. Fraude nas urnas também. Hoje tudo começou com esse vídeo. Onde a fraude em uma pequena cidade ficou provada
85. Essa eleição é um teatro. É um show (...)
86. Voto computado duas vezes - O eleitor foi votar na urna e foi votado para dois presidentes: Lula e Bolsonaro. [O voto] foi computado para os dois
87. Na melhor e na maior velocidade, apenas 180 pessoas conseguiriam votar em uma única urna (...) Maior fraude do primeiro turno foi o cronômetro. Se 300 pessoas conseguiram votar até as 20h, como tinha urna com 740 votos, 500 votos só para o Lula?
88. MUITO ESTRANHO Vamos ver no que vai dar tudo isso né? Se for verdade o que foi demonstrado a coisa pode desandar
89. Essa urna, ela tem a quantidade de eleitores aptos, como diz o boletim de urna, de 125, não esse total de 458. Eu acredito que não estou fazendo a leitura errada desse boletim de urna. A gente precisa de uma explicação porque isso aqui tá errado
90. boletins de urnas não computadas encontrados na rua
91. Smartmatic está trocando os votos. Nos 50% das urnas, dá a virada pro Lula (...) A Smartmatic tem o software das urnas
92. As urnas chegando de táxi, nem polícia é
93. O que fazer se a urna eletrônica tiver algum defeito?
94. Já tinha voto inserido nas urnas eletrônicas
95. Algum ministro poderia explicar pq em pleno domingo um vereador do PT com sua empresa, estaria transportando as urnas eletrônicas? Logo em meio à denúncias. Estranho
96. TSE ATENDE PEDIDO DE MINISTRO DA DEFESA - FORÇAS ARMADAS AGORA TEM ACESSO AOS CÓDIGOS FONTES
97. É possível verificar o voto de cada CPF
98. Isso é muito grave. Provando que sim houve fraude.
99. A seção 3345 não existe [na busca do site do TSE]. Eu votei duas vezes no primeiro e segundo turno, me deslocuei para Orlando (...) e meu voto não aparece na contagem do TSE
100. O sistema eleitoral, as urnas eletrônicas, permitem a execução de códigos maliciosos que alteram o resultado
101. Usaram urnas fabricadas em 2020 e urnas de antes de 2020. As novas podem ser auditadas. As antigas não (...) As antigas foram mandadas principalmente para cidades do interior do nordeste. Essas urnas velhas aparecem em sua maioria com ZERO voto para Bolsonaro em sessões. Na nova urna isso não acontece"
102. Resultado real das Urnas Eletrônicas após análise dos hackers quebrarem os código fonte
103. Os militares brasileiros declararam Bolsonaro o verdadeiro presidente do Brasil após evidências de uma eleição fraudada
104. Se não é reconhecido pelo Immetro não tem validade. Será que querem fraudes?
105. Então, a urna não é conectada à internet, mas o programa que carrega a urna vem de um computador que estava conectado à internet. (...) Se nós tivermos uma vulnerabilidade utilizada na geração de mídia, que seria o momento de carregar o flash que vai para a urna, esse programa vai fraudado para a urna e altera, sim, o resultado da eleição. Então, há conexão com a internet anterior a isso.
106. O TSE respondeu ao Ministério da Defesa que não existe sala secreta de apuração. Mas não é o que diz essa reportagem do Jornal Nacional
107. A verdade mais crua sobre o que vinha ocorrendo com as urnas eletrônicas usadas no nosso Sistema Eleitoral
108. Cobrem o TSE. #APLICAALeiTSE. EM 2014 9 dedos sancionou LEI para que houvesse o voto eletrônico com impressão desse voto para que votos fossem auditáveis ... Perguntinha: POR QUE o TSE se nega a cumprir a LEI???
109. Esse é o famoso 'Hacker de Schrödinger': Ele hackeou e não hackeou o sistema do TSE ao mesmo tempo. E foi preso por ter hackeado um sistema que nunca foi hackeado.
110. Documento releva que Bolsonaro venceu as eleições de 2018 no primeiro turno; Ação foi rejeitada pelo TSE

111. Atenção! Professor americano faz demonstração de possíveis fraudes nas urna ! A urna brasileira eh a única inviolável é inquestionável !
112. EM CORDEIRO(RJ). J Á TEM 2 URNAS COM 300 E POUCOS VOTOS, MAS, ADIVINHA, A URNA JÁ VEIO RECHEADADA COM 150 VOTOS DE LULA
113. Segundo jornalista do ABCD, que não quis se identificar, cerca de 2.000 urnas eletrônicas estariam sendo modificadas por funcionários militantes, em uma sala no segundo andar do sindicato dos metalúrgicos em São Bernardo do Campo, o próprio relatou que um cerco de seguranças do MST estaria fazendo a segurança da sala, para que pessoas não autorizadas tivesse acesso às urnas.
114. Campo Grande, dia 29 de setembro de 2022. Uma urna já tá aqui, ó. Tá vendo, ó? Como que pode uma hora dessas uma urna estar num porta-mala de um Uber para fazer a correria? Me fala se tem ou não tem as mãos dos vagabundos na fita?
115. Agora sim ! Com esse vídeo viralizando até sábado às 00:00/h . Duvido o TSE Fraudar as urnas. Mas o vídeo tem que viralizar. Senta o dedo rapaziada!!!! COMO VISCALIZAR AS URNAS
116. Acabou de dar agora na Odisseia FM 104.9 que a Brigada Militar de Serafina Corrêa aprendeu 4 urnas eletrônicas no carro de Thiago Feronato, dessas 3 urnas estavam preenchida com voto para o Lula PT com pelo menos 81%. Repassem urgente, é um golpe contra o Bolsonaro e um crime contra seus seguidores
117. Na polícia federal, em Brasília, foram conferir as urnas que estão sendo mandadas para os municípios. Quando foram conferir, o código não fechava e as urnas não zeravam. Já tinha voto inserido nas urnas eletrônicas. Chamaram o sargento Volmar e o sargento Hércules para ver o que que acontecia. Ligaram no TSE. No TSE falaram: pode mandar as urnas desse jeito mesmo.
118. Você, cidadão, que tentar votar e a urna não funcionar de alguma maneira, não finalizar o voto ou não fazer aquele trillili no final, você vai chamar o mesário. E qual a orientação do mesário? O mesário vai registrar de imediato em um aplicativo chamado Pardal, né? O aplicativo da urna, ali dos mesários, vai selecionar a opção 'Nova denúncia', em seguida 'Outros' e 'Denúncia'.
119. Denúncia urgente: Esses três jovens da minha cidade, SAPIRANGA RS, tiveram problemas na hora de votar. No momento de digitar o número do seu candidato aparecia na urna a foto de outro candidato, confundindo assim completamente os eleitores. Zona 131, sessão 127. Lamentável.
120. (...) não estava funcionando a urna votamos em um candidato e não confirmava a votação.
121. Havia 240 pessoas que fizeram o voto, só que na apuração deu 280. Apresentou mais 40 pessoas invisível. Sério. Aqui em Sete Lagoas.
122. E a gente vem para presidente. Eleitores aptos nessa urna, que era 125, ela foi pra 458 e o comparecimento que era 116 foi 414. O Lula, nessa eleição, teve 200 votos e o Bolsonaro 186. (...) A gente precisa de uma explicação porque isso aqui tá errado.
123. Olha as fraudes em MG. Olhem os números reais da vitória de Bolsonaro, fraude comprovada.
124. Hackers da esquerda globalista invadiram o sistema durante toda a eleição, porque eles iam se concentrar no Lula. Então, eles foram mexendo nos votos, todos os votos do Bolsonaro foram passando para o Lula.
125. A partir do momento que esse aplicativo começou a não funcionar como estava funcionando até os 10% mais ou menos, todas as vezes que atualizava o Bolsonaro estava com 0,10% a menos. Aí demorava 2, 3 minutos, aí as urnas andavam mais um pouquinho. Aí voltava o aplicativo, a funcionar, aí eles atualizavam. Aí era menos 0,10%. Aí começou, foi frequente (...) Não tem como em uma apuração de milhões de votos, com a quantidade de eleitores que temos no Brasil, um único candidato passar uma hora perdendo 0,10%, 0,15%.
126. Taguatinga Sul, aqui em Brasília. O rapaz foi votar e não apareceu a foto do candidato dele. O presidente da mesa não tomou providências.
127. Como vocês puderam ver aqui, ó, o eleitor foi votar na urna, tá, não tô violando o sigilo de ninguém, e foi votado para duas pessoas, dois presidentes, ó. No Lula e Bolsonaro. Foi computado pros dois.
128. Eu quero que o TSE explique isso aqui. Coisa que eles não vão fazer. Lula, 383 aptos, 384 . Lula 383, Bolsonaro não recebeu um voto sequer, no Mato Grosso, coração do agro do Brasil, cês tão de brincadeira com a cara da gente? Cês acham que a gente é otário? Cês acham que a gente é idiota? Votos nulos: um voto. Total apurado: 384. Votos nominais: 383. Todos os votos pro Lula. Que porra é essa? Que palhaçada é essa?
129. Mike Lindell acabou de dizer que 5,1 milhões de votos foram roubados do presidente brasileiro Bolsonaro por meio das urnas. Como Mike sabe disso?
130. Votos 22 não apareceram nas urnas em Manicoré-AM.
131. As eleições de 2022 usaram modelos de urna antigos que não são passíveis de auditoria.

- 132.Descobri que a minha seção também NÃO existe no site do TSE. RESUMO DA ÓPERA, tanto no primeiro turno, como no segundo turno, meu voto não existiu. Tenho comprovantes de votação de enfeite
- 133.(...) meu voto não aparece na contagem do TSE
- 134.Urgente! Não para de aparecer.
- 135.Mais uma denúncia de fraude. TSE tá ficando feio viu.
- 136.Um dos oficiais das F. A. responsável pela auditoria das Urnas Eletrônica[s] foi morto a caminho do aeroporto Viracopos
- 137.Abriram a caixa preta do TSE, conseguiram decodificar o sistema intransponível. Agora temos em mãos os nomes e votos de 100% dos eleitores.
- 138.Vejam o depoimento do presidente do Catar na abertura da copa. O mundo já está sabendo que fomos roubados.
- 139.1 pessoa ativou 5.000 urnas em 4 dias
- 140.No Japão, eleitores apertam 22 e aparece 13